

O EVANGELHO DE CRISTO SEGUNDO SÃO PAULO

Análise biohistórica da Carta aos Romanos



CRISTO RAÚL DE YAVÉ E SIÃO

PRÓLOGO

***Livro Primeiro* PARTE DOGMÁTICA 36**

***Livro Segundo* O CRISTÃO UNIDO A CRISTO 65**

***Livro Terceiro* OS JUDEUS E A FÉ CRISTÃ 123**

***Livro Quarto:* MORAL 154**

EPÍLOGO 185

Um Deus, um Rei, uma Religião Universal: esses são os três pilares da Civilização sobre os quais o Criador do Universo edificou seu Mundo. Quem possui inteligência compreende que aquele que se ergue como dono de uma casa na ausência de seu legítimo e único dono o faz em estado de guerra aberta: contra o Retorno de seu Verdadeiro e Único Dono.

O Criador e Deus, sendo a mesma Pessoa, estabelece a Paz Mundial em seu Reino Universal Eterno por meio da Lei do Exílio contra todo cidadão, independentemente de sua origem no Espaço e no Tempo, que desvie a adoração devida ao Criador para uma criatura. Essa demência absoluta e incurável se revela em toda a sua magnitude nas palavras daquele que ousou querer implantar na Casa de Deus a adoração à sua própria pessoa, dizendo: “Adora-me e eu te darei todos os reinos do mundo”.

A origem de tal demência encontra-se na Morte. Ao deparar-se com o amor do Criador por sua Criação — amor de pai —, a Morte sentiu a necessidade de consumir sua natureza, declarando contra Deus uma Guerra Final. Durante as guerras entre os filhos de Deus e os deuses daquele mundo de onde veio o Filho de Deus e para o qual Ele retornou após sua Ressurreição, a Morte escondeu seu braço dos olhos do Criador. O efeito dessa terceira guerra contra o Espírito Santo de Deus Pai arrancaria do Criador do Universo o véu que cobria seus olhos; a existência de seu inimigo, a Morte, como a Força Não Criada na origem da Ciência do Bem e do Mal, seria revelada pela Sabedoria à sua Mente. A visão foi definitiva, perfeita: “Eis que faço novos céus e uma nova Terra”. Deus estabelece seu Mundo sobre Três Pilares Eternos. Um Deus Eterno, um Rei Eterno, uma Religião Universal.

O Deus Eterno é Deus Pai: YAVÉ; o Rei Eterno é Deus Filho: JESUS CRISTO. A Religião Universal é a Igreja Católica, Corpo do Espírito Santo, cuja Cabeça é CRISTO.

Todo cidadão do Reino do Criador do Novo Universo que se levantar para viver fora dos Muros erguidos sobre esses Três Pilares condena-se ao exílio. É essa Lei que confere indestrutibilidade aos Muros de sua Casa, à qual Ele diz: “As forças do inferno não prevalecerão contra os teus muros”.

Essa Lei é a Água Sagrada que, ao alimentar as raízes da Árvore da Vida da Plenitude das nações, dos Céus e da Terra, nos imuniza para a Eternidade contra uma infecção por uma doença maligna que tornaria necessário “cortar o galho podre e lançá-lo ao fogo”.

Será que o pai e a mãe perguntam à criança se ela quer ser concebida, ou é a

força do amor entre ambos que responde na alegria do leito nupcial? Que força mortal leva um homem a lamentar-se da vida na qual encontrou sua felicidade plena? O Amor vencido pela tragédia da existência em um mundo para o qual a vida do futuro não vale absolutamente nada; apenas a vida no Presente é que conta. Ao Criador de um Cosmos, oceano de galáxias em constante expansão, em cujo Coração Deus ergueu seu Universo, o campo onde ELE cultivava o Jardim da Árvore da Vida: como isso deve afetá-lo ao ver seu Campo devastado pela Morte?

A quem, senão a YAVÉ, DEUS PAI, Deus Incriado, Senhor da Sabedoria, Criador da Luz e das Trevas, sobre cujas margens o oceano das galáxias se expande até o Infinito, seu Braço é a Força da qual se alimentam pela Eternidade essas águas selvagens e avassaladoras, um tsunami que devora em seu seio os restos do Velho Cosmos... a quem, senão ao Único e Verdadeiro Deus da Não-Criação, cabe enfrentar a Morte e bani-la de sua Criação, aprisionando-a nas profundezas sem fundo do Abismo coberto pelas Trevas?

Deus Pai arrancou a flecha lançada contra seu calcanhar de Aquiles, o amor por seu Filho, e, armando-se para a guerra, lançou-se contra a Morte, a inimiga da Vida Imortal sobre a qual o Criador ergueu o Novo Universo, estabelecendo no Espírito da Lei: “NÃO comas, pois morrerás” — os Três Pilares sobre os quais seu Reino se torna o Paraíso da Vida eterna. Em Deus vive a Verdade, no Rei vive a Justiça, na Igreja a Paz. E todas elas — Verdade, Justiça e Paz — têm uma mesma Alma: o Ser Universal.

É assim que se cumpre a Palavra revelada: A Cabeça do Homem é Cristo, a cabeça de Cristo é Deus. Em Jesus Cristo, Deus e o Homem se unem. Por meio dessa União, Deus estabeleceu com o Homem uma Aliança de vida eterna cujo Futuro não poderia ser destruído por nenhuma força. “Haverá terremotos e maremotos, dilúvios e guerras”, mas a Casa edificada por Deus e seu Filho permanecerá para sempre. Ou será que deixou de existir a Religião Universal de sua Esposa, a Igreja Católica Romana e Apostólica, Mãe da Descendência de seu Senhor, o Rei: Jesus Cristo?

E, no entanto, são muitos os homens que continuam cegos; uns, escravos da ignorância de seus antepassados; e outros, acorrentados aos interesses de seus líderes religiosos, preferem continuar vivendo com os olhos fechados ao Testemunho da História Universal sobre a Natureza Divina da Igreja Católica. Contra ela, a Morte lançou todas as suas forças, uma vez após outra, império após império, nação após nação, traidores fraticidas internos, todo tipo de vida à imagem e semelhança de Satanás, com um único objetivo: derrubar os muros da Casa que o Filho de Deus fundou na Terra. Nem guerras fraticidas internas, nem guerras entre impérios, nem guerras religiosas, nem guerras mundiais: a Morte não encontrou a Força capaz de dobrar o Braço do Filho de Deus. Não conheciam os Apóstolos, investidos do espírito de profecia e sabedoria de seu Senhor, essa e indestrutibilidade da Igreja, para a cuja edificação foram chamados ao reino da

Vida eterna? Não foi para eles a Palavra de Jesus Cristo, seu Irmão em Deus, o Livro no qual viram esse Futuro cujo Primeiro Capítulo se encerraria com a morte deles: à imagem e semelhança da de seu Senhor?

A questão que o Espírito despertou em sua Alma veio acompanhada da Resposta: o objetivo almejado pela Morte seria destruir, no seio, a Descendência pela qual Houve Boda e Testador, a quem o Esposo e Testador legou sua Invencibilidade, dizendo: “Tua Descendência se apoderará das portas de teus inimigos”. A Mãe resiste; na Casa nasce e se fortalece a Descendência de seu Esposo, e os filhos do Rei saem para o campo aberto, investidos do espírito de inteligência de seu Pai, para travar a Batalha Final contra o último inimigo: a Morte.

Essa visão é a que repousa na Carta de São Paulo aos Romanos, que abro no espírito de seu autor para alegria de todos os que amam a Deus, e para convidar à reflexão vital todos aqueles que, manipulados por quem a colocou nas mãos dos servos daquele Satanás — que, ao dar à luz um servo entre quatro paredes sombrias, ocultou seu rosto ao infeliz que nem teve forças para resistir nem para sair do convento onde, por causa de uma tempestade, envolveu sua alma aos pés do Diabo.

Prólogo biohistórico

A necessidade de aplicar à Epístola aos Romanos, de São Paulo, o método biohistórico que apliquei anteriormente às famosas 95 Teses de Lutero surge da relação entre esta Carta e a confissão por excelência da Reforma, sua lei fundamental: “A Fé Somente”, aparentemente extraída desta Epístola. Digamos que não me cabe a mim julgar ninguém, mas, como filho de Deus, considero-me capacitado a colocar sobre a mesa o julgamento de Deus sobre quem manipula a Sagrada Escritura, por quaisquer razões subjetivas que sejam, seja acrescentando ou retirando parte do Texto, seja desfigurando o todo por meio da parte.

Se bem me lembro, creio que é o próprio Deus, pela boca de seu Filho, quem, no final de seu Livro, por meio de São João, revelou seu julgamento contra todo aquele que ousasse retirar ou acrescentar uma palavra ao Texto da Sagrada Escritura, dizendo:

“Eu testifico a todo aquele que ouve as minhas palavras da profecia deste Livro que, se alguém acrescentar algo a estas coisas, Deus acrescentará sobre ele as pragas descritas neste Livro; e se alguém retirar algo das palavras do Livro desta profecia, Deus retirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa, que estão escritas neste Livro”.

Pessoalmente, entendo por “este livro” o Livro de Deus, em sua totalidade, do início ao fim, de Gênesis ao Apocalipse, de modo que, ao concluí-lo, o Autor revela sua sentença contra todo aquele que ousasse ou se atrevesse a manipular seu Livro — todo ele, entenda-se, uma profecia do início ao fim. Sobre isso há muito a dizer, mas não nos deteremos mais do que o necessário nesse assunto; se o fizéssemos, seria apenas na medida exigida por esta Análise da Carta aos Romanos, em cujas páginas o Apóstolo dos Gentios deixou escritas as linhas-gerais de seu Evangelho, que homens ignorantes perverteram contra o conselho de São Pedro, o profeta, que, prevendo o que viria a acontecer com o fruto da inteligência de Paulo, já havia anunciado, dizendo:

“Por isso, amados, enquanto aguardais essas coisas, esforçai-vos diligentemente para serdes encontrados em paz, puros e irrepreensíveis diante Dele, e considerai a longanimidade de nosso Senhor como salvação, conforme nosso amado irmão Paulo vos escreveu, de acordo com a sabedoria que lhe foi concedida. É exatamente isso que, ao falar sobre isso, ele ensina em suas epístolas,

nas quais há alguns pontos de difícil compreensão, que homens ignorantes e inconstantes distorcem, assim como fazem com as demais Escrituras, para sua própria perdição”.

Ao falar sobre pontos de difícil compreensão, São Pedro se referia a pontos de difícil interpretação, entendendo essa dificuldade a partir do abismo que separa a inteligência do Criador da da criatura, abismo que “pessoas ignorantes” — incluindo São Pedro nessa categoria os sábios segundo os títulos acadêmicos pelos quais o mundo reconhece seus homens eruditos — deturpam; ou seja, manipulam para, por meio da perversão do sentido divino da Escritura, reivindicar para si a santidade do espírito do Autor do Livro. Manipuladores que não faltaram naquela época nem deixariam de faltar até os dias de hoje, o que fica demonstrado ao percorrer a memória histórica do Gênero Humano, mas que deixaremos para outra ocasião, tendo em vista o acesso público que todos têm às memórias da Humanidade em geral e do Cristianismo em especial.

A ação pervertidora à qual São Pedro se refere devemos entendê-la como a manipulação que ocorre quando se retira um texto de seu contexto, transfere-se esse texto para um contexto estranho e interpreta-se o texto original a partir desse contexto estranho ao texto original. Na verdade, qualquer pessoa pode realizar uma operação viral desse tipo. É uma operação que, na vida cotidiana, é pão com manteiga. Infelizmente, não deveria ser assim, como se entende, mas é o que acontece. Certos políticos e certos jornalistas são mestres nessa arte de distorcer um texto, o que demonstra que qualquer um é capaz de levar adiante com sucesso uma operação de transplante de contexto.

De qualquer forma, para não me perder em retórica e demagogia destinadas a enrolar e chamar a atenção do leitor por meio de imagens inconscientes inatas, é bom esclarecer bem as coisas. Quero dizer, o sucesso de uma operação de manipulação de um texto, de uma frase ou de qualquer mensagem depende de um fator-chave, sem o qual todas as tentativas, mesmo as do mais brilhante dos gênios, não passariam de um aborto mal-sucedido. Essa condição é a ignorância do destinatário da operação manipuladora. Para enganar, distorcer ou manipular alguém, é preciso contar com a ignorância dessa pessoa. Não é possível enganar, perverter ou manipular alguém que conheça perfeitamente o texto da mensagem e a identidade do mensageiro. Tomemos o caso de Adão e da Serpente.

Em toda a história da Criação, não encontraremos um caso de manipulação tão básico. Talvez por isso, independentemente de “aquele touro já ter chifrado antes”, as consequências daquela manipulação tenham alterado de forma tão revolucionária a estrutura da relação entre Deus e sua Criação. Vamos nos aprofundar nos meandros do caso. Adão aguardava o retorno de Deus. Deus estava colocando à prova a obediência e a fidelidade de Adão. Não abrir a Caixa de Pandora, em termos clássicos, era a prova. Com total confiança depositada em sua criação, Deus descansou de todas as suas obras no sétimo dia da criação do

Universo.

De acordo com a teologia dos reformadores, especialmente a calvinista, Deus virou as costas para seu filho para que acontecesse o que, em sua presciência e onisciência, Ele havia predeterminado: a Queda de Adão. De acordo com a teologia da Reforma, sendo Deus onisciente e presciente, as duas partes em conflito, Satanás e Adão, estavam predestinadas a encenar em carne e osso o roteiro previamente escrito pelo Criador de ambos: Adão, a Queda; e Satanás, a Traição.

A partir da Teologia que Jesus Cristo inaugurou, Deus é onisciente e presciente, e a possibilidade da Traição e da Queda fazia parte do contexto do futuro do Éden. Mas se Deus não nos concedesse, a nós, seus filhos, a liberdade de decidir por nós mesmos qual porta do futuro queremos abrir, nesse caso não haveria liberdade nem criação à imagem e semelhança de Deus; e a filiação divina do homem seria uma farsa gigantesca.

As portas da Vida e da Morte estavam diante de Satanás e de Adão. Sim, a caixa de Pandora estava ali. Mas entre o tentador e o tentado havia uma diferença fatal. O primeiro conhecia por experiência própria a natureza do que a caixa guardava; o segundo sabia apenas o que Deus lhe havia dito: que, no dia em que a abrisse, morreria. Amando, conhecendo e acreditando em Deus, Adão limitou-se a escolher, entre a vida e a morte, a vida. Quanto à caixa, Adão não conhecia a natureza do que ela escondia. Nem se preocupava com isso. O fruto matava quem o comesse. Com que tipo de veneno matava não era problema dele; para o morto, a forma de morrer, uma vez morto, o que lhe importava?

Essa era a prova que Adão precisava superar: permanecer sozinho no Éden por um determinado período. Ao retornar, receberia a coroa do mundo e, sob seu reinado, a Sabedoria desabrocharia, expandindo seu governo até os confins da Terra. Mais simples, impossível. E para que o tempo lhe parecesse mais leve, Deus lhe deu uma mulher como companheira.

Assim estavam as coisas quando entrou em cena, com pleno conhecimento de causa, na posse de todas as suas faculdades mentais e intelectuais, um dos filhos de Deus, um daqueles filhos a quem Deus confiara o processo de civilização das raças humanas, aquele que se chamava Satanás.

“Quando o Altíssimo distribuiu sua herança entre os povos, quando dividiu os filhos dos homens, estabeleceu os limites das nações de acordo com o número dos filhos de Deus” — disse Moisés em seu cântico (Deuteronômio).

Satanás sabia muito bem o que havia por trás da porta da Ciência do bem e do mal. Abri-la e empurrar Adão para o inferno que havia do outro lado era uma decisão exclusivamente pessoal. Deus, conhecendo Satanás — conhecimento que mais tarde deixou transparecer na relação entre Jesus e Judas —, sabia que a possibilidade da Traição estava ali. “Aquele touro já havia chifrado antes”. A

possibilidade existia. E, por existir, para afastar Satanás da tentação, Deus impôs a pena de exílio eterno de Seu Reino a qualquer um que ousasse interferir nos acontecimentos do Éden. Aqui, nesse aspecto da Lei, residia a ignorância de Adão. Adão acreditava que a Lei se referia apenas a ele e desconhecia esse aspecto da Lei. Satanás, que conhecia esse calcanhar de Aquiles de Adão, desprezando o Céu em favor do Inferno e sabendo que Adão nunca desconfiaria de um filho de Deus, só precisou se passar pelo mensageiro que vinha anunciar-lhe a boa nova. Não era sutil Deus recompensar com aquilo que havia proibido?

Assim, houve ignorância, e por ter havido, Deus ergueu o punho para o Céu, jurando por Sua Cabeça que se vingaria de Seus inimigos, tendo Satanás como o principal deles. A questão, voltando agora ao tema, é a seguinte: houve ignorância nos tempos da Reforma? Todos os atores da Reforma — Lutero, Calvino, Henrique VIII, a Igreja Romana — estavam a par da natureza de todas as forças que estavam em movimento no universo? Os povos alemão, inglês, suíço, holandês, espanhol, francês e italiano nadavam na abundância de sabedoria?

“A fé por si só salva?!” E isso foi dito por São Paulo? Todas as ramificações das igrejas protestantes que se separaram da árvore da Igreja Católica têm certeza de que São Paulo disse alguma vez que “a fé por si só salva”? Sem as obras da Sabedoria, sem a Igreja de Deus? E isso foi dito por São Paulo? Então é verdade que foi Deus quem enviou Satanás para apunhalar Adão pelas costas?

Que coisa mais curiosa, a Teologia da Reforma! Pois, claro, se Deus é Onisciente e Presciente e nada acontece sem o seu conhecimento, por lógica Ele tinha que saber o que iria acontecer; e se, sabendo disso, não fez nada, é porque não quis fazer nada; e se não quis fazer nada, talvez tenha sido porque criou os dois protagonistas do Éden para protagonizar o espetáculo da Queda. Ou estou errado? E se estou errado, em que estou errado?

Deus é onisciente?

Sim.

Deus é presciente?

Sim.

Isso significa que Deus pode ver tudo o que vai acontecer?

Sim.

Então, por que Ele não fez nada para impedir Satanás?

Obviamente — respondeu a Teologia da Reforma — porque Ele cria uns, desde o nascimento, para o Inferno, e outros para a Glória. Assim, sem que tenham feito nada de errado, os maus já estão condenados ao Inferno em virtude do conhecimento de Deus, que de antemão já conhece os delitos que os tornarão merecedores do castigo do Inferno. E, ao contrário, os predestinados ao Céu, os

bons, não têm com o que se preocupar na vida, pois já estão salvos em virtude de Aquele que, antes mesmo de cometê-los, vê seus atos e, ponderados na balança de Sua justiça, já têm como recompensa a Glória. “A fê por si só, portanto” — conclui a Reforma — é a medida do julgamento de Deus, pois, por mais que o homem queira, nenhuma ação que ele realize por sua própria vontade poderá inclinar a balança do julgamento final a seu favor ou contra ele. Daí que Lutero aconselhasse a não ter medo de ser um pecador maior do que o próprio Judas, pois, mesmo que um protestante violasse a própria Virgem, seria absolvido de seu crime *“pelo precioso sangue de Cristo”*.

Esse tipo de teologia — se é que se pode chamar de teologia uma tal “Apologia do Diabo” — peca pelo absolutismo racional. Ao querer glorificar a Deus até o infinito, ela esquece um detalhe crucial: não o glorifica, mas o demoniza; não o exalta, mas o bestializa. Para afirmar Deus, nega o princípio básico com o qual a Sagrada Escritura dá início à sua narrativa: no princípio, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança.

Tendo apresentado essas considerações prévias sobre Jesus Cristo, é hora de devolver o texto que Lutero retirou de seu contexto paulino ao seu verdadeiro contexto sagrado. E negar ao protestantismo — sem, por isso, endossar o vaticанизmo — o direito de manipular a Sagrada Escritura em nome da necessidade de combater a Ideia da Igreja Romana contra Cristo, imposta por alguns de seus servos. Perversão da Ideia de Jesus Cristo estabelecida por um episcopado medieval, que, contra a vontade de Deus, ressuscitou o que Deus condenou: o Império. Vontade Divina contra cujo Julgamento se rebelaram o Patriarca de Bizâncio, escondendo o imperador de Constantinopla sob seu manto, e o Patriarca de Roma, ressuscitando o que Deus já havia enterrado.

Apesar desses crimes de rebelião contra Deus, e como já foi demonstrado em “Lutero, o Papa e o Diabo”, é um crime ainda mais grave o de quem, em sua cegueira, confunde um bispado metropolitano — seja romano ou moscovita — com a Igreja Católica. A Igreja Católica existia antes do nascimento do bispado romano e continuará existindo depois, eternamente, independentemente da existência ou do desaparecimento da cidade de Roma, de Moscou e de todas as outras cidades da Terra.

Saudações aos fiéis de Roma

Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado ao apostolado, escolhido para pregar o evangelho de Deus, que por meio de seus profetas havia prometido nas Sagradas Escrituras

E vamos ao que interessa. O primeiro ponto a ser considerado será a natureza e a abrangência das Sagradas Escrituras às quais o Apóstolo se refere. Quando o Apóstolo fala de Sagradas Escrituras, ele se refere a algumas em particular. Mas sabemos que a história do mundo já viu circular escrituras sagradas de muitos tipos e classes. O mundo inteiro está repleto de escrituras sagradas. O número e os nomes não vêm ao caso. O importante é que se deduz do que se vê que, aqui, cada um é livre para inventar as que quiser. Não é nada de novo nem revolucionário, mas é algo que funciona. Sempre funcionou e continua funcionando. Basta saber escrever, ter imaginação, conhecer as pessoas para quem se escreve, publicá-las, e sempre surgirá alguém disposto a morrer pelo novo profeta. É um assunto que se leva na brincadeira, sobretudo ao ver as escrituras sagradas que alguns inventam e colocam alegremente em circulação. Mas se a gente refletir sobre isso e parar para pensar, o riso se extingue diante da crua realidade dos fatos. Quantos rios de sangue as escrituras sagradas dos diversos povos e civilizações, que preencheram a face da Terra desde a Queda de Adão até os dias de hoje, já fizeram correr! É melhor nem contar as atrocidades que, enganados pelos demônios que um dia foram nossos deuses, nós, os povos humanos, cometemos ao longo desses últimos seis mil anos. O fato é que a causa remota para inventar novas escrituras sagradas mudou ao longo dos milênios.

Da ambição pelo poder absoluto dos Antigos à paixão pelo dinheiro dos tempos modernos, muita água já correu. Se um adorador de Marduk ou de Zeus se levantasse do túmulo e visse como está hoje o panorama religioso... Mas não sejamos pessimistas por diversão nem fatalistas por hobby. As escrituras sagradas dos outros não nos interessam agora, nem as que foram nem as que são; apenas e exclusivamente aquelas que, para o autor desta Carta, eram sagradas. A saber: o Antigo Testamento, o Novo Testamento, e pronto.

Dito isso, digamos que, da perspectiva em que São Paulo escreveu esta Epístola, era possível ver duas realidades convergindo para um ponto no horizonte do Século de Cristo. Uma coisa iniciava sua trajetória e a outra a concluía. Aquela que a iniciava fazia-o no ponto em que a outra concluía a sua. Uma era a Igreja e a outra era a Bíblia. A Igreja iniciava sua jornada e a Bíblia concluía a sua. O fim de uma coisa era o início da outra. Jesus Cristo havia arrancado a Sagrada Escritura das mãos do povo que a havia escrito com seu sangue, seu suor e suas lágrimas, e a entregava a outro povo que a herdava ao preço de mais suor, mais sangue e mais lágrimas. Independentemente de o povo deserdado se rebelar matando o povo que a herdava — algo natural, dada a lógica da ignorância que o

levara a pedir a morte do Filho de Deus —, o fato é que os discípulos de Jesus Cristo, todos judeus de nascimento, estavam cientes da origem da violência do judaísmo contra o cristianismo, enfrentaram a questão com a mesma firmeza com que seu Mestre o fizera e perceberam — na sequência da expulsão dos cristãos de Roma, em 48 ou 49 — o confronto mortal que se aproximava entre o Império e o cristianismo. Mais cedo ou mais tarde, mas logo ali na esquina, o Império lançaria todo o seu poder contra a Nova Religião. E quem seriam os primeiros a cair? Os cristãos da capital, é claro. A esses mártires de uma crônica anticristã anunciada, o menor de todos os apóstolos dirigia esta Carta. São Paulo não dirigia esta Carta aos alemães do século XVI nem aos ingleses do século 3.000.

O “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado ao apostolado, escolhido para pregar o evangelho de Deus, que por meio de seus profetas havia prometido nas Sagradas Escrituras”, tinha em mente, ao escrever esta Carta aos Romanos, apenas os romanos da geração dos anos 60. Naquele momento, a poucos passos do Incêndio de Roma e da Primeira Grande Perseguição, o servo de Cristo contemplava os primeiros mártires em massa do mundo cristão. Assim como se contempla a neve do inverno desde o alvorecer do verão, e se sente o cheiro da chuva da primavera desde o final do outono, aquele que foi escolhido para pregar o evangelho de Deus dirigia a uma multidão de criaturas à beira do massacre suas palavras de fé e esperança. Como cordeiros levados ao matadouro, enquanto trotavam alegres pelas ruas às quais haviam retornado acreditando que a tempestade já havia passado, os romanos eram os destinatários desta Carta, não os ferozes protestantes nem seus terríveis inquisidores. Os destinatários desta Carta eram a multidão de cidadãos romanos nascidos para serem em breve conduzidos ao matadouro dos circos do Império. E como nada nem ninguém podia impedir que aquela orgia fosse celebrada (que mais tarde os bispos romanos, herdeiros daquele Império, quiseram simplificar para salvar o que Deus havia condenado: o Império Romano), vendo e sofrendo em carne própria o massacre, São Paulo se abriu e lhes legou as linhas-gerais de seu evangelho.

Sobre seu Filho, nascido da descendência de Davi, segundo a carne, constituído Filho de Deus, poderoso segundo o Espírito de Santidade a partir da ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor.

Se todos os homens fossem ignorantes, não haveria um único sábio. Se todos fossemos sábios, não haveria nenhum ignorante. Se não houvesse nenhum ignorante, não caberia a possibilidade de manipulação de uns pelos outros. O objetivo da Sabedoria, portanto, é a extinção da ignorância.

Nesse campo, a ignorância de Adão era a inocência da criança que ignora o passado do mundo que a rodeia e encara seu futuro a partir da filosofia do sonhador que vê o mundo a partir de seu romantismo infantil. O fato de renascer significa resgatar a inocência original sem a ignorância que permite que o outro manipule nossa inteligência. Renascer é recomeçar com a experiência de quem já

foi aniquilado interiormente pelo mundo. Renascimento é herdar a possibilidade de recomeçar a jornada da vida, mas não nu como na primeira vez, e sim revestido das armas que o conhecimento nos proporciona. Renascimento na verdadeira Realidade que preenche o cosmos é ver o próprio rosto em um novo espelho, vivo, cujo reflexo nos mostra o filho de Deus que está em nós e contra quem o mundo se levantou para crucificá-lo. Melhor do que ninguém, Paulo, que havia vivido em carne e osso a experiência vivificante sem a qual não há criação à imagem e semelhança de Deus — aquele Saulo de Tarso sabia, por experiência própria, o que significa renascer.

Renascemos, portanto, para o conhecimento de Deus, que era o conhecimento para o qual estávamos mortos. A partir desse conhecimento, aquele que antes perseguia o Filho de Davi passou a servi-lo sem qualquer complexo, sabendo melhor do que ninguém que só por isso merecia a mesma pena de morte que ele pedia para aqueles que eram o que ele era agora. Se antes eu disse que esse criminoso, aos olhos daqueles que antes eram os seus, falava aos romanos para fortalecer seu ânimo e sua fé na véspera do Grande Massacre dos inocentes, agora digo que quem escreveu esta Carta foi alguém que nasceu em virtude do Poder herdado daquele que ressuscitou.

Saulo de Tarso NÃO renasceu como resultado da pregação de nenhum homem, independentemente de sua filiação eclesíastica; Saulo de Tarso NÃO chegou à Justiça de Deus partindo de uma cadeia de raciocínios teológicos ou filosóficos; Saulo de Tarso NÃO nasceu para a Filiação Divina como resultado do terror às chamas do Inferno, nem fruto daquele que morre de medo por se ter perdido no meio de uma tempestade e faz um voto suicida de se trancar em um convento; Saulo de Tarso chegou ao Apostolado NÃO por remorso de consciência, nem mesmo; Saulo de Tarso tornou-se filho de Deus em virtude do Poder d'Aquele que havia Ressuscitado. De modo que, se já antes de nascer Ele era poderoso por ser quem era, após Sua Ressurreição Seu Poder se multiplicou. Por esse Poder realizou-se o que era impossível aos homens fazer: que Saulo se tornasse cristão. Um Poder de tornar santos os criminosos que, como diz o próprio Paulo, o Filho de Deus herdou após a ressurreição:

Poderoso no espírito de santidade a partir da ressurreição dos mortos. Por meio dele recebemos a graça e o apostolado para promover a obediência à fé, para glória do seu nome em todas as nações.

Mas se, como dizem alguns, especialmente os ortodoxos, o Espírito Santo não procede do Filho, naturalmente São Paulo está mentindo neste versículo. Mas se o Espírito Santo realmente procede do Pai e do Filho, nesse caso São Paulo não é nenhum mentiroso. Portanto, ou os ortodoxos mentem ao chamar São Paulo de “”, ou os católicos mentem ao dizer que o Espírito Santo do apostolado foi concedido aos apóstolos por Jesus Cristo. Quero dizer, quem não tem algo não pode conceder o que não possui. E, certamente, a ninguém jamais ocorreu chamar

Jesus de santo. Nunca. Nem existe um “São Cristo” da mesma forma que existem milhares de santos: São Pancômio, São Leonardo, São Boaventura, São Pancrácio... São Pedro e São Paulo... O fato de não se atribuir ao Senhor a santidade que se atribui aos seus servos é compreendido pelo mundo ortodoxo à luz do Filocé. Mas, sob essa mesma luz, o fato de os servos serem santos e o Senhor não ser — mesmo que isso não choque ninguém —, a mim, pessoalmente, parece uma manipulação letal da verdade.

O Paulo que assinou esta Epístola não tem dúvidas: “Poderoso no espírito de santidade, pelo qual recebemos o apostolado”. Ele está falando do mesmo que ressuscitou? Se estiver, então aquele que escolheu é aquele que santificou. Jesus disse de si mesmo que seu Pai o santificou, revelando-lhe a sua Palavra. Daí se entende que, ao fazer com seus apóstolos o mesmo que seu Pai fez com Ele, não há como continuar sustentando a negação do Filioque, ou seja, que o Espírito Santo procede do Pai e, pela graça do Filho — que se tornou poderoso no espírito de santidade após sua Ressurreição —, se comunica a todos os homens.

Entre os quais também vocês se incluem, os chamados por Jesus Cristo

E, mais uma vez, aquele que chama e aquele que santifica são o mesmo, para a glória do seu nome em todas as nações. Ora, se alguém não é *chamado por Jesus Cristo*, mas diretamente pelo Pai, sem a mediação do Filho, nesse caso, para que Deus enviou seu Filho? Para exibir uma crueldade desumana ao ver como o crucificavam? Ao retirar o Filho do meio e afastá-lo da relação direta entre o Altíssimo e o homem, o patriarcado ortodoxo pecou por orgulho ao não acreditar que a escolha do Filho fosse necessária para acessar o sacerdócio. E, no entanto, é o Filho quem chama e quem concede a graça do apostolado, quem derrama seu Espírito Santo sobre os escolhidos. A menos que alguém não tenha o espírito de Cristo. Negar que quem pertence a Cristo recebe dele o seu espírito é recusar-se a aceitar a glória que o Pai concedeu ao Filho. Então, por que não escolheu um grego para ser crucificado, em vez de dar a glória àquele que, somando-a à que já possuía, só poderia ser igualada à do Deus que o enviou? Sendo Jesus o Cristo, e Cristo a Encarnação viva do Espírito Santo do Pai, que estava no Filho, pelo qual, pela Obra e Graça do Espírito Santo do Pai, foi gerado, como é que o Espírito Santo, concedido aos chamados de Jesus Cristo para promover a fé em todas as nações, não proviria do Filho? Mas se alguém é chamado ao sacerdócio pelo imperador, ou por tal ou tal rei, ou comprou o cargo, esse não é dos chamados por Jesus Cristo. A menos, é claro, que o Espírito Santo seja comprado e vendido ao melhor lance, caso em que o amor daquele que ama o homem que há de nascer das cinzas daquele que há de morrer não tenha parte nem seja levado em consideração.

A todos os amados de Deus, chamados santos, que estais em Roma, a graça e a paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Mas Deus ama apenas aqueles que vivem na fé em Cristo. E não se pode viver

na fé em Cristo se não se tiver o Espírito de Cristo. E como se terá o Espírito de Cristo se não for o próprio Cristo a fonte eterna? Mas, se não se tem o Espírito de Cristo, não se pertence a Cristo. Então, o Espírito Santo que se encarnou em Cristo, como poderia proceder somente do Pai e não do Filho? É óbvio que quem alcança o apostolado comprando o cargo ou vendendo sua alma ao diabo, é lógico que afirme que o espírito de Cristo e o Espírito Santo do Pai não têm nada a ver com o Espírito do Filho. Nesse caso, quem se manifesta assim não pode afirmar ser cristão e sê-lo negando que o Espírito de Cristo proceda do Filho, que é Cristo. Quem, senão Ele, chamou Saulo de Tarso para o apostolado? E aquele que chama não é quem dá? Para que, então, o Filho morreu?

Os romanos a quem Paulo dirigia esta Carta tinham isso tão claro quanto aquele que a enviava. Como nenhuma criatura pode permanecer de pé diante da presença de Deus, Deus nos enviou seu Filho para realizar o impossível: que o Amor não apenas nos levante, mas nos faça correr para seus braços clamando, nas palavras do Apóstolo: Abba, Pai. Ao que parece, os gregos, herdeiros da Hélade, pais da Filosofia e da Cultura Clássica, não precisavam desse milagre; os gregos se bastavam a si mesmos para permanecerem de pé diante de Deus e olharem-nos nos olhos sem qualquer tipo de complexo. Embora, é claro, se o Espírito Santo e o espírito de Cristo são a mesma e única coisa e, no entanto, eles não recebiam o Espírito Santo do Filho, de quem a Ortodoxia recebe o espírito?

Os romanos a quem Paulo dirigiu esta carta sabiam apenas uma coisa: que o espírito de Cristo e o Espírito Santo são uma única e mesma coisa. E, sendo uma única coisa, têm apenas uma única vontade.

Paulo desejava muito vir a Roma

Antes de tudo, dou graças ao meu Deus por meio de Jesus Cristo, por todos vocês, pois a fê de vocês é celebrada em todo o mundo.

No final da década de 50, data aproximada da composição e da primeira leitura desta Carta, a comunidade cristã romana era conhecida em todo o mundo e sua fê era celebrada por todos os demais cristãos. Temos uma confirmação da existência de uma comunidade cristã no decreto do final da década de 40, pelo qual os cristãos da capital foram obrigados a abandoná-la ou a perder seus bens. Em outra Carta, Paulo fala de alguns que seguiram o decreto e, entre dar aos irmãos o que lhes pertencia ou a César, preferiram a primeira opção. Essa outra Carta é importante porque nos traz notícias sobre o contexto social em que o cristianismo começou a se estabelecer na capital, razão pela qual os romanos ganhavam fama. Se aqueles que tinham pouco vasculhavam os bolsos para ajudar os irmãos que tinham menos, aqueles que tinham muito — os romanos da capital —, quando colocavam as mãos nos bolsos, tiravam em abundância para suprir as

necessidades dos irmãos que os cercavam e até mesmo para socorrer as necessidades de outras comunidades cristãs mais distantes. De onde mais poderia vir a fama dos cristãos romanos, essa fama reconhecida em todo o mundo? Fama que eles tornariam excelente ao demonstrar, com o martírio, o que já haviam demonstrado amplamente com atos de generosidade admirados e celebrados por todas as comunidades cristãs da época.

Deus, a quem sirvo em meu espírito por meio da pregação do Evangelho de seu Filho, é minha testemunha de que, sem cessar, me lembro de vocês

Há muitas maneiras, como vemos, de servir a Deus. Sobre isso, há um episódio maravilhoso que diz tudo. Refiro-me à história das duas irmãs, Marta e Maria, na casa das quais Jesus parou certo dia; e, enquanto a pobre Marta não parava de se movimentar e atender a todos, vendo que Maria não se afastava dos pés de Jesus, Marta reclamou, pedindo a Jesus que ordenasse a Maria que se levantasse e a ajudasse a fazer alguma coisa.

“Marta, Marta, você se preocupa e se agita com muitas coisas — respondeu Jesus —; mas poucas coisas são necessárias, ou melhor, apenas uma. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada”.

Entre as maneiras de servir a Deus, como Maria, os romanos haviam escolhido a melhor. E Paulo, a mais difícil. Qual de todos os apóstolos foi, então, o primeiro a pisar em Roma e a semear na capital a semente da fé? Como se formou a primeira comunidade cristã romana? Não nos resta senão montar a imagem do quebra-cabeça a partir das fotos avulsas. A combinação das perseguições judaicas anticristãs e do decreto de expulsão da capital romana de judeus e cristãos — especialmente destes últimos — não nos permite ver o nascimento da comunidade cristã romana como a consequência final da emigração dos primeiros cristãos para a capital do Império? Perseguidos até a morte pelo fundamentalismo judaico, de cujas fileiras surgiu o Saulo que foi enviado a Damasco para adquirir o decreto de extermínio de todos os cristãos, para onde melhor do que para a própria capital eles poderiam ir e em que outra cidade melhor do que na própria Roma poderiam encontrar refúgio contra a tempestade das perseguições judaicas? Com a lei de tolerância religiosa que os Césares exerciam sobre o império quebrada pelo fundamentalismo judaico integrista, o destino natural dos cristãos não poderia ser outro senão Roma.

Essas migrações de cristãos fugindo do terror fundamentalista judaico estiveram, sem dúvida alguma, na origem dessa “fé celebrada em todo o mundo”. Fama essa que nos dá conta da importância numérica que a comunidade cristã havia alcançado na capital e explica a natureza dos distúrbios que estiveram na origem do decreto de expulsão do César contra todos os judeus e cristãos da capital.

Sempre suplicando a Deus em minhas orações para que, finalmente, algum

dia, pela vontade de Deus, o caminho se abra para que eu possa ir até vocês.

Há um episódio na Vida de Jesus, “a mãe dos filhos de Zebedeu”, absolutamente revelador do que Jesus entendia e entende sobre a Primazia e o Primado. O maior é aquele que serve aos outros; o primeiro é aquele que é o último. Mas não apenas de palavras, não se contentando em monopolizar o título de servo dos servos, para depois levantar a voz e dizer: “Um de seus legados, mesmo de grau inferior, em um Concílio está acima de todos os bispos e pode proferir contra eles a sentença de destituição”. São essas as palavras de alguém que serve ou de alguém que oprime? E se oprime, como pode ser aquele que serve? Dificilmente o Paulo que suplicava a Deus em suas orações para chegar a tempo a Roma, a fim de estar com os romanos quando a Hora da Verdade chegasse para eles, poderia imaginar que a Igreja Romana pudesse, no futuro, cair em tais abismos de demência.

Pois, na verdade, desejo ver-vos, para transmitir-vos algum dom espiritual, para vos fortalecer,

As perseguições judaicas ocorridas até então tinham sido brincadeira de criança. A destruição de Jerusalém, uma crônica anunciada; o testemunho do anticristianismo só poderia ser assumido pelo César. A loucura dos últimos Césares — um escândalo incessante, em constante escalada de violência — não era preciso ser profeta para adivinhar de que mar surgiria o monstro que devoraria uma geração inteira de cristãos, as primícias europeias, o que havia de mais requintado na Vinha do Senhor no Novo Mundo daquela época.

Para ele, Paulo, menos do que para qualquer outro, a capacidade humana de se lançar contra seus semelhantes — e, antepondo o amor à pátria ao amor à Humanidade, devorar mulheres e crianças, pais e filhos, jovens e idosos — não poderia ser uma surpresa. Para outros, poderia parecer impossível que a tolerância religiosa clássica dos romanos pudesse dar uma guinada tão brusca contra as leis do Direito Imperial. Para Paulo, não. A expulsão dos cristãos de Roma lhe dava razão. Desta vez, tinha sido apenas isso. Da próxima vez, não seria apenas isso. Quem iria a Roma para fortalecer na fé o rebanho que caminhava rumo ao matadouro?

Ou seja, para me consolar com vocês na partilha mútua de nossa fé.

Em breve, a loucura de César libertaria a Besta e, convocando as forças do Inferno, as lançaria contra as forças do Céu na Terra. A aparência de tranquilidade política, resultado do retorno dos cristãos do exílio a Roma, não podia confundir o espírito profético que se movia na comunidade romana. Muito em breve os romanos precisariam da força dos Apóstolos, aquela força inata à alma hebraica que tantas vezes se expôs ao martírio antes de negar a Deus, seu Senhor. Assim como quem cultiva uma propriedade e nela planta a árvore — a Árvore da Vida, neste caso —, o que há de mais belo na alma hebraica, sua fidelidade a Deus, pela

obra e graça desse mesmo Deus, havia sido transplantado para a natureza humana, que se tornara cristã para glória de Abraão e maravilha de todas as nações.

Não quero que ignorem, irmãos, que muitas vezes me propus ir até vocês, mas fui impedido até o momento, a fim de colher algum fruto também entre vocês, assim como entre os outros povos.

A apostolicidade de um corpo sacerdotal implica, como se vê, movimento. Infelizmente, com o passar do tempo, que não perdoa a ninguém, os hierarcas proibiram qualquer movimento do corpo eclesiástico movido pelo Espírito Santo, anatematizando e excomungando qualquer um que antepusesse a obediência a Deus à obediência aos patriarcas... de Roma, Constantinopla, Jerusalém, Alexandria ou... Tirania contra a liberdade sacerdotal que o papado, como ninguém, legitimou por meio dos cânones que os cardeais romanos tiraram da manga. Felizmente, os Apóstolos viveram antes do surgimento do colégio supremo dos bispos e puderam obedecer ao Espírito Santo, que os movia para a glória de seu Senhor e nosso Rei, sem incorrer na desgraça da hierarquia. Dir-se-á que a proibição de movimento surgiu como reação à vacância das sedes. A justificativa não nos interessa. As medidas que, aproveitando-se dessas falhas, foram tomadas, erguendo sobre essas fraquezas um monumento à opressão, sim, nos interessam. Desde quando São Pedro proibiu os bispos de se deslocarem? Ou os colocou sob excomunhão por obedecerem primeiro a Deus do que à sua santa palavra? Como semearão para colher frutos se os semeadores não se movimentam livremente pelo campo?

Tenho o mesmo compromisso tanto com os gregos quanto com os bárbaros, tanto com os sábios quanto com os ignorantes.

Eu estava falando do ponto de vista humano. Ou talvez de forma insensata. São Paulo propõe a fé como um campo que se semeia, se ara, se lavra novamente e no qual se está sempre presente, para evitar que o joio se espalhe, para impedir que as ervas daninhas cresçam, cortar os galhos secos, curar, enxertar. Enfim, o trabalho que Deus confiou a Adão: cultivar o Éden. Trabalho que Ele voltou a confiar aos Apóstolos e, visto que os bispos são seus sucessores, aos bispos.

Quando os sucessores dos Apóstolos proibiram os demais bispos de se dedicarem ao apostolado e lhes ordenaram que se dedicassem a arrecadar dinheiro em nome de Cristo, transformando o cultivo da fé em um negócio e os palácios episcopais em escritórios de arrecadação do dinheiro extraído das nações cristãs, esse momento é um mistério.

Portanto, no que a mim diz respeito, estou pronto para evangelizar também a vocês, os de Roma.

Primeiro, o Apóstolo diz que vai ao encontro dos cristãos para se consolar na fé mútua. Cristãos cuja fé é celebrada em todo o mundo, e agora ele diz que está pronto para evangelizá-los também. Que inteligência tão sutil e refinada a do

Apóstolo número treze! Ele confessa sem preconceitos, declara sem complexos: vai evangelizar cristãos já nascidos. Oh, que vergonha, oh, céus cruéis, a cristianização não termina no batismo, ela começa no dia seguinte ao das águas. A fé é o fruto da Palavra, gera para formar, dá vida e a mantém. Onde está o malvado que transformou o batismo no início de um negócio? Quanto mais batizados, mais dinheiro se arrecada. Pregam-se as palavras, a pessoa se converte, e o batizado paga pela fé em dinheiro vivo. Há muitas maneiras de tirar-lhes as notas. Afinal, a fé é fruto da Palavra, de modo que quem a administra tem o direito de cobrar taxas. Ó céus, ó rubor cruel, por que meus ossos se coram? Converter-se a Deus para transformar o homem em uma mina de prata. Por que te escandalizas, minha alma? É o que a Humanidade tem feito desde o dia em que Adão caiu. O que há de errado em as igrejas serem construídas à imagem e semelhança do modelo pagão em uso em todas as épocas? Havia alguma proibição contra isso?

Argumento da Epístola

Somente os tolos escrevem por escrever. Apenas os loucos se aventuram na caverna do leão faminto para domar a fera com uma canção de ninar. São Paulo não era nem uma coisa nem outra. Ele sabia, com a mesma certeza com que eu sei, que o homem é uma árvore, uma árvore viva, cuja seiva é a fé e cuja água, da qual depende para viver, é o Conhecimento de Deus. Mas é claro, cada um acredita conhecer Deus melhor do que ninguém. E, na verdade, não estão errados. Os adoradores de Marduk conheciam Marduk melhor do que ninguém. Aqueles que adoram Alá o conhecerão melhor do que nós. Cada um conhece seu deus. Nós, adoradores do Pai de Jesus Cristo, conhecemos o verdadeiro Deus e falamos Dele; e, sendo nossas mãos a boca com a qual a Sabedoria glorifica seu Senhor, o Filho a seu Pai, sem esse Conhecimento a árvore da fé se corrompe, seca e acaba sendo cortada e queimada para dar lugar a outra. “O Filho do Homem encontrará fé na Terra quando vier?”, perguntou Jesus Cristo. “A fé, que se corrompe”, disse Pedro, seu discípulo. Palavras das quais se percebe que o Éden era uma figura do jardim da vida, no qual cada criatura é uma árvore do paraíso de Deus.

Deus não cultiva laranjeiras e amendoeiras, cultiva árvores vivas, que O adoram e têm, em Seu Amor pelo Seu Paraíso, Sua chuva, a fonte de água que dá vida à terra, o vapor que flutua no ar e vivifica folhas e galhos, tronco e raízes. Bendito seja Deus, Pai de Jesus Cristo, e bendito seja seu Filho, o Jesus que nos amou e não hesitou em compartilhar nossa natureza, mesmo sendo Aquele que, com sua Palavra Onipotente, fez brilhar a Luz nas Trevas!

Pois não me envergonho do Evangelho, que é poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu, mas também do grego

Quem mais do que o cristão romano, cidadão de uma Babilônia entre cujas muralhas todas as religiões do mundo se reuniam e conviviam em harmonia sincrética, que cristão, com mais urgência e força, precisava de um trabalho constante de reevangelização? Não era entre os deuses do universo imperial romano, vindos de todas as partes do mundo, que a Verdade, a Ideia do Filho de Deus feito homem, encontrava como resposta a risada mais ofensiva, aquela que encerra o assunto por considerar loucura quem assim vê o Universo? Como ter vergonha da Divindade do Filho! Abaixar a cabeça porque Deus é Pai!? Então, Deus tem que ser o que nós quisermos que Ele seja e, se não for assim, nos recusamos a ser criaturas surgidas do jogo das Mãos de Seu Filho com o Barro Primordial da Vida? Quem é o louco: aquele que inventa uma realidade à medida de seu desejo ou aquele que olha para a Realidade com os olhos da Realidade? A tolerância transformada em espada. “Deixe-o acreditar no que quiser, ele é louco; é inofensivo, mas é louco”. Como os romanos não precisariam da força vivificante e invencível do espírito de um filho de Deus! Será que Deus havia plantado a árvore da fé para abandoná-la à intempérie, sem um jardineiro que cuidasse de cultivar seu Jardim na Terra? Quem melhor do que um filho para trabalhar no que pertence ao seu Pai? Quem trabalhará com mais dedicação e carinho? O servo limita-se a cumprir e faz tudo de acordo com o salário. O filho levanta-se ao amanhecer e, antes mesmo que os servos acordem, ele já está pronto para “evangelizar também a vocês, os de Roma”.

Pois nele se revela a justiça de Deus, passando de uma fé para outra, conforme está escrito: “O justo vive da fé”.

Declaração fundamental que será o substrato ideológico no qual Lutero encontrou a espada com a qual separou a cristandade em norte e sul, erguendo entre os dois o muro da inimizade. Havia uma fé, é verdade, entre cujos princípios não figurava a existência de Deus Filho Unigênito, nosso Amado Rei, Senhor e Pai Nosso. Com Ele veio a Nova fé, na qual sua existência no Pai transfigura a Ideia da Criação e abre o futuro de todas as coisas à luminosidade de um Amor eterno e infinito. No Pai, Deus se completou; no Filho, Deus encontrou sua vida. Deus e o Pai tornaram-se uma única realidade, indivisível, indestrutível, maravilhosa, perfeita, alegre, jovem, cheia de força, sonhadora, amante de todas as coisas, louca por viver e continuar vivendo. Em seu Filho Primogênito, Deus encontrou a vontade de viver que havia perdido em algum lugar do Infinito e da Eternidade. Como separar o Pai do Filho! Pai e Filho são a mesma coisa, uma única coisa: Deus. Esta é a Nova Fé. Fé eterna. Fé indestrutível. Fé perfeita. Quem a ama vive nela e dela recebe como herança a vida eterna. Morremos para ressuscitar. Amém.

As nações desconhecera a Deus

Pois a ira de Deus se manifesta do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens, daqueles que, em sua justiça, aprisionam a verdade com a injustiça.

Entramos no templo vivo da sabedoria divina, derramada sobre os homens, exatamente como foi determinado no Princípio da Criação dos Céus e da Terra, antes da Queda de Adão, e devido às circunstâncias da Traição de uma parte da Casa de Yavé, adiada até a Plenitude dos Tempos. É verdade, ninguém poderia imaginar que uma criatura ousasse se levantar em guerra contra seu Criador. Mas assim foi. A Palavra é, no entanto, a Rocha sobre cuja indestrutibilidade Deus forjou seu Reino, de modo que, ao dizer: “Façamos o Homem à nossa imagem e semelhança”, ou seja, filho de Deus, e sendo Adão a cabeça desse Homem, até que o Universo inteiro alcançasse essa Forma, nada nem ninguém poderia impedir que a Vontade de Deus se realizasse, mesmo que o próprio Filho Unigênito de Deus tivesse que descer ao Inferno para resgatar o Homem de seu Castigo por ter aderido aos planos malignos do Diabo. Ora, essa adesão pela qual o Homem mereceu a condenação e sua expulsão do Paraíso não foi realizada com pleno conhecimento de causa, conforme veio a demonstrar nosso Pai, Cristo, mas sim porque o Diabo se valeu da ignorância de Adão em relação aos seus planos malignos para nos afastar a todos da Obediência ao Espírito Santo. Ou seja, desde o Princípio, Deus manifestou à Humanidade, de muitas formas e em muitas línguas, a posição de Sua Justiça sobre aquele que, ao negar Sua existência, anula a Lei Universal para impor a sua própria, abrindo assim um buraco negro no seio do Universo — porta que leva diretamente à sua destruição e conduz os transgressores ao suicídio eterno. Obviamente, a posição a partir da qual nós, filhos de Deus da Plenitude das Nações, observamos e vivemos a Justiça Divina diante da injustiça humana, baseia-se na experiência. No espírito e na experiência. Pelo Espírito, sabemos, sem precisar vivê-lo, que o fim de todo Reino dividido em si mesmo é a destruição. Pela Experiência, sabemos disso porque já vivemos e continuamos vivendo isso na carne do nosso mundo: a injustiça daqueles que odeiam a Justiça de Deus se disfarça de ciência para, ao negar a existência de Deus, impor sua lei de opressão e escravidão dos povos. A sentença divina contra aqueles que negam a existência de Deus, permitindo no Universo a instauração de um regime infernal, é, certamente, conhecida. Seu fim, como se viu nos últimos tempos, é a queda; o que não significa que, enlouquecidas pela negação de Deus, outras nações continuem persistindo no caminho que as conduz à ruína. Não há, de fato, Justiça Divina mais eterna e perfeita do que a de Deus, pela qual todos somos irmãos e tudo pertence a todos. A partir desse Princípio de Igualdade, todas as coisas estão sujeitas à satisfação das necessidades de toda a Família Humana, sendo um crime contra a Humanidade a Propriedade sobre o que pertence a Deus, Único Senhor de todos os bens da Terra.

De fato, o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus lhes revelou;

Todas as religiões de todos os tempos e lugares conheceram o que é cognoscível de Deus: seu todo-poder e onipotência. Os registros das civilizações, perdidas ou extintas, e daquelas que ainda persistem, seja em seus sistemas idólatras, seja em seus monoteísmos à la carte, dão testemunho do que é cognoscível de Deus: seu Poder eterno e sua Sabedoria infinita. Até mesmo a religião da Ciência, o ateísmo científico, declara com sua Razão que tais são os atributos naturais cognoscíveis de Deus. É, portanto, universal o conhecimento do que é cognoscível de Deus, que se manifesta na Natureza da mesma forma que a seiva faz parte da árvore e a alimenta. E é que a Ideia de Deus, enquanto Ser Supremo, Grande Espírito, Deus dos deuses, Criador do Céu e da Terra, é inata a todos os povos desde as origens do ser humano. Negar isso é negar a História do Homem. Entrar na polêmica sobre a relação entre essa Ideia e o comportamento do Gênero Humano após a Queda da Primeira Civilização é um debate que se insere na Teologia do Cristianismo; fazê-lo a partir de uma Antropologia da Sociedade é falsificar a Natureza do Universo. O efeito dessa manipulação esquizofrênica das Origens do Mundo — colocar onde antes havia um Paraíso... um Inferno — já se espalhou alegremente pelo século XX. Não é que isso não acontecesse antes; o que ocorreu é que, no século XX, a árvore do conhecimento do bem e do mal estendeu seus galhos à totalidade das nações da Terra. Todas conheciam o que se pode conhecer de Deus; no entanto, todas caminharam em direção ao campo de batalha de Gog e Magog.

Pois, desde a criação do mundo, o invisível de Deus, seu poder eterno e sua divindade, são conhecidos por meio das obras. De modo que são inexcusáveis...

A História das Civilizações fala por si mesma sobre a relação entre a Ideia de Deus e as Origens do Mundo. A falsificação esquizoide do ateísmo científico — ao abordar o tema da natureza religiosa dos primeiros povos do Gênero Humano — já é um clássico a esta altura. Nada mais contrário à verdadeira linha do tempo evolutivo das sociedades humanas do que essa serpente venenosa que, para explicar o comportamento criminoso das nações, a ciência colocou como útero e placenta nos quais o ser humano se desenvolveu. Deslocar a linha filogenética humana do Homo sapiens para o macaco e, deste, para o anfíbio, só poderia agradar à Serpente do Éden, mas em nenhum caso refletir a verdadeira linha que a Vida na Terra seguiu, desde o barro até aquele filho de Deus chamado Adão.

Pois, embora conhecessem a Deus, não o glorificaram como a Deus nem lhe deram graças; pelo contrário, tornaram-se insensatos em seus raciocínios, e seu coração insensato se obscureceu; e, vangloriando-se de serem sábios, tornaram-se tolos.

O “inexcusável” no final do parágrafo anterior decorre da relação entre o homem e sua conduta. É por direito e por lei que o Apóstolo se refere àquele que

, conhecendo a Deus, se levanta contra o Seu Reino. Pois, se não fosse assim, São Paulo estaria condenando a Cristo por desculpar, com base na ignorância de Adão, os crimes de todos aqueles que em Seu Sangue encontraram o Perdão, ou seja, todos nós. No restante, sua afirmação é tão verdadeira e certa quanto o fato de que o sol nasce todos os dias. Conhecendo a existência de um Deus dos deuses, Criador do Céu e da Terra, todos os povos se entregaram aos raciocínios tortuosos que provêm apenas da experiência. Mas se a experiência é a mãe da ciência, a ciência não é a mãe do homem; é a religião. Mas, assim como o homem deixa seus pais por causa de sua mulher, assim também a ciência deixa a religião, com a variação errônea de colocar no horizonte do homem uma besta onde a Natureza colocou um filho de Deus. A sabedoria dessa besta, portanto, é a consagração da insensatez como cabeça diretora da Academia das Ciências.

E trocaram a glória do Deus incorruptível pela semelhança da imagem do homem corruptível, e de aves, quadrúpedes e répteis.

Ontem, há muito tempo... Ontem, na virada do milênio que acabara de nascer, os sábios trocaram a imagem do Homem que o Deus incorruptível concebera no Princípio da Criação pela de um Super-homem... Eles — os sábios do século XX — são de fato inexcusáveis, pois, conhecendo a Deus pelas obras de Cristo, trocaram a semelhança de Deus pela besta que escolheram como modelo de conduta.

O castigo das nações

Por isso, Deus os entregou aos desejos de seu coração, à impureza com a qual desonram seus próprios corpos

As precisões levam aos extremos. O extremismo desencadeia a violência. E a violência é o recurso da ignorância na hora de impor sua loucura assassina. Há, de fato, muitos graus de ignorância. E muitas formas de disfarçá-la. O evangelho da justificativa da violência como consequência natural da evolução das espécies, segundo o ateísmo científico, demonstra — a menos que o que foi dito anteriormente seja mentira — que a violência é fruto da ignorância; demonstra — dizia eu — que o ateísmo científico é uma loucura. Ao contrário das patologias da mente, a da inteligência é a mais sutil, na medida em que sabe se disfarçar de onisciência, e a mais letal, pois arrasta em sua queda toda a espécie. E, no entanto, o direito à liberdade é inerente à Criação; ou seja, a Criação à imagem e semelhança do Criador implica o direito à liberdade pelo qual a Criatura pode rejeitar seu Criador. E, inversamente, o direito implica o dever pelo qual o Criador aceita as consequências da liberdade de sua Criação. Deus não obriga, mas também não pode ser obrigado. Se o desejo do coração da Criatura, conhecendo o desejo do coração de seu Criador, é voltar- mente o rosto para ele e comportar-

se de acordo com o modelo de conduta oposto que a Criação, por si e para si, considera natural...

Pois trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram a criatura em vez do Criador, que é bendito pelos séculos. Amém

A Verdade de Deus é a verdade Universal e Eterna, em cujo solo as galáxias e os mundos têm suas raízes bem alimentadas. É o reflexo puro de uma Realidade Cósmica que desdobra sua Sabedoria pelo Infinito e estabelece um Modelo de Pensamento imperecível e indestrutível. E voltamos ao mesmo ponto. A Criação da vida inteligente à imagem e semelhança dessa Verdade implica a liberdade de escolha que provém de uma Vontade, reflexo da Vontade do Criador. O homem, como qualquer criatura inteligente, é livre para virar as costas à Verdade de Deus e criar para si mesmo, mesmo que essa verdade afunde suas raízes no inferno de uma loucura autodestrutiva, uma verdade própria. Mas o que nem o homem nem qualquer criatura podem fazer é apagar do Infinito e da Eternidade a sua Verdade, que é a Verdade de Deus. E é que a inteligência, enquanto órgão, está sujeita à sua patologia característica, da mesma forma que qualquer outro órgão do corpo humano. A Ciência, por outro lado, mesmo estudando o cérebro humano e tendo localizado o suporte material da inteligência no cérebro, jamais submeteu o cérebro intelectual à natureza geral. Nunca se ouviu falar de uma submissão do cérebro intelectual a qualquer patologia. Muito pelo contrário, a Ciência divinizou o cérebro intelectual; por meio dessa loucura, divinizou seu pensamento, pelo qual a loucura da violência, proveniente da ignorância do ateísmo científico, impôs seu evangelho criminoso às nações da Terra. A mente adoece, o cérebro físico adoece, o cérebro genético adoece, mas quem, em toda a história, já ouviu os sábios da Academia Nobel falarem de uma patologia do cérebro intelectual? E, apesar de tudo e apesar deles, a inteligência cerebral existe.

Por isso, Deus os entregou a paixões vergonhosas, pois as mulheres trocaram o uso natural por um uso contrário à natureza

O cérebro intelectual implica, portanto, uma estrutura orgânica e, como tal, está sujeito às leis gerais às quais se submete o restante do corpo humano. A negação dessa realidade universal é o berço onde o ateísmo científico teve seus primórdios. A questão é: de quem era a mão que balançava o berço? Mas nos contentaremos em determinar que a negação desse princípio implica a degeneração do sistema natural e sua transformação em um vírus maligno, capaz de destruir a estrutura lógica do cérebro intelectual, por meio dessa negação da Realidade, estabelecendo um sistema de comportamento contrário ao estabelecido pela própria Natureza. Fenomenologia patológica que exerce seus efeitos nefastos em todo espaço e tempo onde a reação tenha desencadeado seus sintomas. Aqui, então, na doença do cérebro intelectual, devemos ver a gênese da tendência suicida de uma espécie e, que, querendo viver, apenas provoca a si mesma a morte.

E da mesma forma os homens, abandonando o uso natural da mulher, se consumiram na concupiscência uns pelos outros, os homens pelos homens, cometendo atos de torpeza e recebendo em si mesmos o castigo devido ao seu desvio

A Natureza reconhece apenas uma Verdade e possui apenas uma Lei. A saber: um organismo sujeito à Morte o está em todas as suas partes. Aquela teoria patológica do nascimento das ideias em um mundo exterior ao ser humano é a afirmação de uma loucura pela qual o cérebro intelectual não existe e o pensamento humano provém, como dizia Descartes, do Ser enquanto ser, e não do cérebro. Alucinada pela Ciência com tal Método de loucura, graças ao qual a Razão tornou-se infalível e o ateísmo se transformou em uma religião onisciente, os sábios da Academia elevaram-se à condição de deuses, todos além do bem e do mal, e, conseqüentemente, como os loucos, alheios à responsabilidade que decorre e convém aos pensamentos, às palavras e aos atos de todos os seres, na medida em que são seres. É certo, como não poderia deixar de ser, que não se pode exigir responsabilidade de um louco por seus atos, e é natural que esse benefício seja concedido a todo doente mental; mas que uma pessoa sã queira tornar esse direito da loucura exclusivo e extensivo ao seu ser é um crime contra a natureza que, obviamente, deve fazer com que a sociedade sofra seus efeitos, obrigada a viver sob o pensamento e as obras de tais sábios enlouquecidos por seus próprios pensamentos, embotados por seus raciocínios, da mesma forma que um macaco que falasse e se surpreendesse diante do espelho, admirando-se do milagre: “sou um macaco que fala”. E, ao falar, se acreditasse todo-poderoso e onipotente para impor à Natureza novas leis.

E como não procuraram conhecer a Deus, Deus os entregou aos seus sentimentos depravados. O que os leva a cometer tolices

A lógica da Natureza fala com uma sabedoria que, para um cérebro intelectual em plena efervescência patológica, não pode parecer lógica. Querendo conhecer a si mesma como inteligência divina escravizada em um corpo mortal, em seu ateísmo insano, a Ciência abandonou a busca pela Verdade em benefício do conhecimento de sua própria estrutura ontológica. Mas, como seu princípio era a negação dessas duas realidades, a única saída que lhe restava era a Dúvida. E é que, depois de se maravilhar ao se contemplar no espelho, impôs a si mesma o objetivo de obrigar todas as outras feras de sua selva a admirar o objeto de sua admiração, ou seja, ela mesma, empregando, para alcançar essa meta, qualquer que fosse o sistema de manipulação da verdade universal.

E a se encher de toda injustiça, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, propensos ao homicídio, às contendas, aos enganos, à malignidade; fofoqueiros.

A manipulação da Verdade da qual se alimenta o cérebro intelectual afeta, como é de se compreender, o Ser que depende dessa informação para estabelecer seu comportamento na e dentro da Natureza, cuja obediência à Lei determina a

extinção ou a evolução de sua espécie. Uma vez que a existência do Pensamento, fruto do cérebro humano, foi rompida — pois, em virtude da religião da Ciência, ele foi transformado em um corpo imune à Morte —, a Ciência tornou-se a Lei. E, como a Ciência não existe independentemente da realidade criada, sendo a Ciência escrava da Lei, a Ciência transformada em Lei implica a escolha pela qual a Criatura determina a escolha da Natureza quanto à sua evolução ou extinção. Ou seja, negando Deus, ignorando sua Existência, a Ciência se estabeleceu como Lei para abençoar a extinção da espécie humana em nome de sua vitória sobre Deus. Se judeus e romanos mataram o Filho, por que a Ciência não mataria o Pai?!

...caluniadores de Deus, ultrajadores, orgulhosos, fanfarrões, inventores de maldades, rebeldes contra os pais...

As consequências da rebelião estão escritas, assim como sua gênese; o que nos interessa determinar aqui é até que ponto existe o cérebro intelectual e até que ponto aquela ciência divina — cujas ideias provinham de um lugar desconhecido chamado Dúvida — era afetada pela natureza material desse cérebro, sem cuja existência a ciência não poderia existir no ser humano. Obviamente, esse discurso tem sua razão de ser na necessidade de estabelecer um diálogo com um doente, cujas particularidades da doença o tornam o demente mais perigoso que existe, como se vê em seus exemplares do século XX. Entre essas particularidades da doença conhecida como ateísmo científico, a mais temível e perigosa é aquela pela qual o sábio ateu se considerava infalível e a salvo de qualquer pensamento objetivo externo que pudesse ativar os recursos da natureza para vencer a doença que o afetava; o louco no gênio estava tão bem enraizado em sua patologia que o sábio não via por que deveria renunciar ao louco que carregava dentro de si.

Insensatos, desleais, sem amor, impiedosos

Nenhum desses sintomas, efeito de sua doença sobre a sociedade e sobre si mesmo, conseguia convencer os bispos da Academia dos Nobel da necessidade de se livrarem do louco inerente ao gênio...

Os quais, conhecendo o veredicto de Deus, de que aqueles que praticam tais coisas são dignos de morte, não apenas as praticam, mas também aplaudem aqueles que as praticam.

Determinar o grau da doença é sempre o primeiro passo para a recuperação da saúde. Rumo a esse ponto caminharemos sem nos desviar nem para a esquerda nem para a direita.

Os judeus estão a caminho da salvação

Por isso, és inexcusável, ó homem, quem quer que sejas, tu que julgas; pois,

ao julgar o outro, condenas a ti mesmo, já que fazes exatamente o que condenas.

A Sabedoria é a conselheira dos valentes; e as leis, a daqueles que se escudam em suas funções para cometer impunemente os crimes que condenam nos outros. Pois todos sabemos que, desde a Queda de Adão, ou seja, desde o início deste mundo, os maiores criminosos se refugiam nos palácios da justiça e os maiores sacrílegos no templo de Deus. A natureza infernal deste mundo decorre dessa relação entre o crime e a lei, na qual a lei serve ao crime e é sua melhor protetora. Pois ninguém ignora que a religião é o refúgio dos maiores criminosos de todos os tempos, como se vê nos tempos atuais.

A força que anima o braço e a mente de tais criminosos provém de seu desprezo natural pela existência de Deus, cujo nome eles utilizam para levar outros a se mancharem de sangue até o pescoço, enquanto eles exibem ao sol a camisa branca de seus crimes secretos. Assim, se nós, os corajosos, temos na sabedoria nossa força, os covardes e seus gêmeos no inferno têm na lei sua melhor arma de defesa. Ignorar essa realidade, independentemente da nação e da crença, é abrir as portas do inferno e permitir que o terror seja o mestre dos filhotes dos aspirantes a tiranos, ditadores, assassinos, criminosos, vigaristas, genocidas; em suma, criaturas à imagem e semelhança dos demônios.

Pois sabemos que o julgamento de Deus é, conforme a verdade, contra todos aqueles que cometem tais coisas.

A Justiça Divina permanece imaculada e inabalável diante de toda criatura, do Céu ou da Terra, que pretenda fundamentar seu crime na filiação ou amizade com Deus, como se Deus perdoasse a alguns o crime em razão de seu parentesco e condenasse outros ao inferno por esse mesmo crime, em função da distância de parentesco entre o criminoso e o Juiz eterno. Quem age assim acusa Deus de ser o Pai do Maligno, em virtude da cuja paternidade os demônios no inferno se vangloriam de seus crimes. Obviamente, Deus não pode ser enganado, mas os homens sim; por isso, o homem que fecha os olhos e perdoa em sua raça e em seu povo o que condena em seus vizinhos torna-se cúmplice dos crimes cometidos por seu povo. Não há, portanto, maior covarde e suicida do que aquele que abençoa em seu povo e parentes o que condena naqueles contra quem se levanta o braço criminoso de seus irmãos. E isso vale tanto para o judeu quanto para o cristão, tanto para o muçulmano quanto para o ateu: quem abençoa em seus irmãos o que condena nos estranhos é um criminoso e está sujeito à Justiça de Deus, quer se sinta no trono de São Pedro, quer na Casa Branca, no Kremlin ou no próprio trono do inferno.

Ó homem! E você, que condena aqueles que fazem isso, mas, no fim das contas, faz o mesmo, acha que escapará do julgamento de Deus?

A sabedoria de todo criminoso, como se vê, tem um rumo e um objetivo. Para conseguir impor sua própria lei e transformar a sociedade em uma selva maligna,

a necessidade exige que ele se revista de sacralidade, se cerque de impunidade, se equipare aos deuses do inferno, se eleve acima dos demais homens e ataque sem medo todos aqueles que ousarem contrariar sua vontade. Mas essa necessidade, com base na qual os santos criminosos justificam seus crimes infernais, encontra seu fim na Justiça Divina, e perante Deus eles responderão pela Fé que pisotearam no interior de Seu Templo, diante dos olhos de toda a Humanidade. Quem peca não tem fé, mesmo que se sente no próprio trono de Deus — o que, como se compreenderá, é impossível, embora o próprio Satanás tenha tentado com todas as suas forças. O Pecado e a Fé unidos a um mesmo tronco, como os braços ao corpo humano? Permanecendo na disputa entre protestantismo e catolicismo, Lutero verá que não minto no dia em que Deus o julgar por abençoar nos seus o que condenou ao inferno nos outros. E vice-versa.

Ou será que você despreza as riquezas de sua bondade, paciência e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus o leva à penitência?

De onde provém essa paciência e longanimidade com que Deus, misericordiosamente, distribui seus dons entre nós, senão da justiça que provém da Fé? Não fomos todas as famílias do mundo condenadas e entregues ao fogo por causa da ignorância do príncipe que o próprio Deus escolheu para ser nosso Rei eterno? Acaso Deus não sabia que, ao nos condenar a todos pelo pecado do Primeiro Homem, nossos crimes clamariam ao Céu pedindo o Inferno para todos? Por causa da ignorância, a Sabedoria teve piedade de nós e, mesmo nos dando as costas por um tempo, com lágrimas nos olhos, caminhou ao nosso encontro. E se éramos ignorantes, tanto judeus quanto gentios — sempre falando antes de Cristo —, como alguém poderia ter compreendido o Pensamento daquele que tinha na Sabedoria sua Esposa Onisciente!

Pois, de acordo com a tua dureza e a impenitência do teu coração, vais acumulando ira para o dia da ira e da revelação do justo julgamento de Deus

Daí que, tendo estado todos sujeitos à escravidão da Morte, todos nós tenhamos encontrado em Cristo quem nos defendesse e, separando o crime do criminoso, lançando a ofensa ao fogo eterno, dobrasse os joelhos diante do Juiz Eterno, implorando por nós a clemência e a misericórdia reservadas àquele que foi levado ao pecado sem saber o que fazia. O pedido daquele que se levantou em nossa defesa perante o Tribunal de Deus e sua Corte foi ouvido por toda a Criação, quando, antes de morrer, abriu pela última vez a boca, dizendo: “Perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”.

Que dará a cada um segundo suas obras

Pois, se nós, homens, tivéssemos sabido desde sempre todas as coisas, jamais a mão de Eva teria se estendido para arrancar da árvore da maldição seu fruto da morte.

Aqueles que, com perseverança nas boas obras, buscam a glória, a honra e a

imortalidade, a vida eterna

Mas o Maligno, sabendo que, sem comer, o homem descobriria as leis dessa Ciência, serviu-nos seu veneno dantesco envolto no frasco do leite materno, enganando-nos com a branca doçura da aparência do líquido mortal que nos fecharia o caminho para a glória da liberdade dos filhos de Deus.

Mas aos obstinados, rebeldes à verdade, que obedecem à injustiça, ira e indignação.

Sobre sua cabeça, seu crime; sobre sua alma, seus infinitos delitos; sobre seus ossos, a condenação que ele buscou para uma criatura inocente que mal havia saído da infância. O julgamento de Deus contra o assassino de seu filho Adão permanece firme: banimento de seu Reino pela eternidade das eternidades.

Tribulação e angústia sobre todo aquele que pratica o mal, primeiro sobre o judeu, depois sobre o gentio

Sabendo nós que tal é o Julgamento de Deus contra quem odeia a Lei, uma vez conhecida a Ciência que, desde o Princípio, deveríamos ter conhecido não pela experiência em nossa própria pele, mas pelo poder da teoria que é natural à inteligência, o Julgamento recai sobre todo homem, cristão ou judeu, muçulmano ou ateu, idólatra ou não, que, conhecendo a Justiça Divina, persista em seus crimes, visto que, uma vez que o Conhecimento de todas as coisas já existe, a Ignorância não mais opera.

Mas glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, primeiro para o judeu, depois para o gentio

cristão ou judeu, muçulmano ou ateu; a Justiça Divina recolhe em suas cestas as obras daqueles que amam seus frutos, pois, como bem diz o Apóstolo:

Pois em Deus não há aceção de pessoas.

A lei dos gentios

Quantos pecaram sem a Lei, sem a Lei também perecerão; e os que pecaram sob a Lei, pela Lei serão julgados

Vamos nos aprofundando no Pensamento de Cristo, pois quem não tem o Pensamento de Cristo não é de Cristo, conforme confessa o próprio Paulo em outra passagem. E digo que nos aprofundamos no pensamento de Paulo porque, finalmente, tocamos na ferida que a Reforma soube escavar, abrindo, entre as águas da ignorância, um caminho para o outro lado da corrupção romana e de seu corpo cardinalício: “a Lei”. Em outra passagem, São Paulo também disse que a Lei serviu apenas para nos revelar a natureza do Pecado, ou seja, o que é o pecado.

Certamente, se a Lei não tivesse dito: “Não roubarás”, não saberíamos que roubar é pecado. Saberíamos que é um delito, mas não que é Pecado. Ponto que nos leva a investigar a natureza do Pecado. Ou, o que dá no mesmo, o que diferencia o Pecado do delito? Dirigir sem carteira de motorista é um pecado? Dizemos que não, mas é um delito. Daí se vê que o delito e o pecado são duas coisas diferentes. Por um lado, e por outro, ao contrário do delito — que, se hoje existe e amanhã não existe, não retira nem acrescenta nada à estrutura social —, o pecado mantém sua maldade eternamente, em todos os tempos e lugares. Assim, roubar um pão por fome pode ser um delito, mas não um pecado, porque o que define o pecado é a vontade de cometê-lo, tendo em vista o dano implícito no ato. Ou seja, roubo para causar dano, não para saciar uma necessidade que me é negada por uma sociedade criminosa em sua estrutura e que me empurra a delinquir para encobrir seus crimes com a minha necessidade. Peço se for obrigado a roubar o que preciso; o que roubo é imputado àquele que estabelece meu roubo como necessidade invencível. Assim, não roubei por maldade, mas por necessidade. E, existindo a necessidade nascida do crime maligno que determina minha obrigação, meu ato não é pecado.

Temos, portanto, um crime que é maligno e um crime que é benigno. Crime benigno é, como vimos, aquele que nasce da necessidade; e crime maligno, aquele que nasce de uma mente perversa e assassina que abençoa seu crime em razão do Poder que exerce e, por meio dele, causa a obrigação invencível. O delito benigno não implica correlação sequencial, mas o maligno opera em reação em cadeia e seu crescimento tem como fim a destruição da sociedade na qual se aloja como um vírus. Portanto, na existência da Lei, existe o Conhecimento do crime maligno, ou seja, do Pecado. E daí que uns, conhecendo sua existência, e outros em sua ignorância, mas todos cometendo esses atos, todos sejamos réus perante o Tribunal Divino.

Pois não são justos diante de Deus aqueles que ouvem a Lei, mas sim aqueles que a cumprem; esses serão declarados justos.

Dito isso, se o Pecado existia antes da Lei — Conhecimento pelo qual nos é dito o que é bom e mau aos olhos de Deus —, existia também o bem; e, existindo o bem, existia a justiça. E, existindo a consciência humana antes do nascimento de Moisés, era natural que São Paulo dissesse que, por suas obras, cada um será declarado justo. Pois a Lei não podia tornar os homens melhores a não ser pelo temor de Deus, que nos revelou o pecado por meio da Lei. Deus, de fato, deu a Lei, mas não imunizou o homem contra o pecado. O judeu, neste capítulo, estava mais adiantado do que o resto do mundo, na medida em que sabia o que era o pecado, mas agia da mesma forma diante do delito que o resto de seus vizinhos, pois Deus ainda não havia dotado sua Criação do espírito de Cristo; a necessidade que impelia o resto do mundo impelia o judeu a fazer em particular aquilo pelo qual, em público, ele denegria o gentio. A diferença estava na ignorância, pois, se o gentio ignorava a natureza do Pecado e agia de acordo com o crime, o judeu

conhecia a existência do Pecado e a Lei era seu Código de Justiça.

Na verdade, quando os gentios, guiados pela razão natural, sem Lei, cumprem os preceitos da Lei, eles próprios, sem possuí-la, são Lei para si mesmos.

A relação entre a Genética e a Estética do Universo é algo comprovado desde os primórdios do mundo. Sua existência implica uma Razão Natural. Forjada a Razão Natural em um Universo sujeito a uma Origem Divina, a Vida carrega em seus genes a estrutura que imprime a Ordem ao seu Corpo. Graças a ela, a estrutura mental dos povos da Humanidade, desde suas origens remotas no Tempo, tem manifestado uma tendência universal em direção a um conceito de crime e de Justiça semelhante em todos os lugares.

Essa tendência geneticamente inata coloca em evidência uma estrutura-protótipo, de acordo com cuja natureza se desenvolveu a mente das civilizações, até finalmente convergir para a Estrutura do Mundo Atual. Nem é preciso dizer que o caminho percorrido por cada uma das partes do nosso mundo é uma epopeia digna de um livro. O fato é que, superando as diferenças, observamos em todas as partes do mundo uma Razão Universal a partir da qual foram articulados, contra ventos e marés, seus códigos de justiça, que, se não forem alterados pelas influências psicóticas dos fundamentalismos religiosos, coincidem no geral e no essencial com os códigos dos demais povos e nações vizinhas.

E com isso demonstram que os preceitos da Lei estão escritos em seus corações, sendo testemunhas disso sua consciência e as sentenças com as quais uns aos outros se acusam ou se desculpam.

Sem a existência dessa Razão Universal operando tanto no comunismo quanto no capitalismo, tanto na democracia cristã quanto na socialista, a ideia de um Juízo Divino seria infernal. Outra coisa é que, em seu demonismo, o Pecado pretenda negar essa Razão Natural. Ora, sendo o Pecado um ato consciente contra Deus e a Natureza do Universo, que, ao não poder derramar sua maldade sobre a Criação e seu Criador, derrama seu veneno sobre a Criatura, a quem surpreende que, em sua maldade, o Pecado negue a existência de uma Razão Natural pela qual a criatura, sem Deus, reconhece o Bem e o Mal?

Assim se verá no dia em que Deus, por meio de Jesus Cristo, segundo o meu evangelho, julgará as ações secretas dos homens.

Mas por que um Julgamento Divino, se o crime tem, neste mundo, sua punição? Ou será que não tem? Dependendo da resposta, o Juízo Final será um ato de demonismo ou um ato de Santidade. O evangelho de São Paulo não admite dúvidas nem divagações e o declara Santo, Justo, Bom e Necessário, afirmando assim que a justiça dos homens e o crime são as duas faces de uma mesma moeda; daí que o juiz coloque a venda nos olhos e que a espada da injustiça do Poder recaia sobre quem ousar levantar a voz para gritar: Assassinos!

O judeu que viola a Lei é mais culpado

Mas se você, que se orgulha de se chamar judeu, se apóia na Lei e se gloria em Deus

Distinguímos dois conceitos: delito e pecado. O delito refere-se às normas de cada época e evolui de acordo com a inteligência dos povos. O pecado refere-se a uma conduta eterna, cujo afastamento conduz à morte. Existem, portanto, dois tipos de leis. Uma é a circunstancial e a outra é a Divina. A lei circunstancial tem por objetivo a convivência social entre indivíduos de um mesmo gênero. A Lei Divina abrange a relação social entre o Criador e sua Criação. Ambas são vitais para as nações do Reino de Deus. Por meio da lei circunstancial, articulamos o sistema de relações dentro do nosso mundo; por meio da Lei Divina, articula-se a relação do nosso mundo com os demais elementos da Criação. O que o Apóstolo diz sobre o judeu, podemos agora aplicar ao cristão:

Você conhece a vontade de Deus e, instruído na Lei, sabe distinguir o que é melhor

E onde está escrito “Lei”, colocamos Evangelho, ou seja, a Lei de Cristo, a Nova Lei pela qual o espírito da Justiça, de quem provém a Lei, abre o peito e revela seu Coração aos olhos de toda a sua Criação, para que todos os povos do universo vejam com os olhos e compreendam que não é a Lei que provém da Força, mas a Justiça que provém da Sabedoria que é a alma da qual o Criador extrai o material com o qual articula seu Reino e o dota de vida eterna...

O judeu, de fato, apenas se relaciona com a Lei e se prostra diante dela como quem é ameaçado por um criminoso armado até os dentes com o machado do terrorismo; mas o cristão vai além, penetra no âmago dessa Lei e vê a fonte da qual ela jorra, bebe dessa Água e descobre em seu próprio ser a bondade, a misericórdia, a magnificência, a inteligência; em uma palavra, que Deus é Amor, e esse Amor é a Rocha da qual Cristo Jesus, nosso Rei e Salvador, extraiu a fonte que nos salvou quando já estávamos sendo devorados pelo deserto. Deus, em suma, não cria para se vangloriar, exibindo seu Poder diante de suas próprias criaturas; Deus é Criador, ou seja, ama a Criação, ama a Vida com a força e a paixão com que o artista ama sua arte e o fruto de seu espírito criativo.

O judeu, ignorante do espírito de Deus, em quem via apenas o Poder e a Força, relacionava-se com a Lei com base no terror que esse Poder e essa Força lhe inspiravam, mas o cristão, adorador desse Deus Criador, lança-se correndo em seus braços, com os lábios clamando “Pai Nosso”, porque não é o terror, mas o Amor que é a fonte dessa Lei contra a qual o judeu se chocou. E, no entanto, a Lei é a mesma: Não roubarás, não matarás, não cometerás adultério... De modo que não é porque Deus se declara Pai e estende Seus Braços sobre toda a Sua Criação que temos Sua bênção para cometer todo tipo de crimes contra a Terra e pecados

contra o Céu. Quem, então, ousará se vangloriar de ser o que o Apóstolo diz do judeu:

E você se vangloria de ser guia dos cegos, luz daqueles que vivem nas trevas

Quem e onde está o homem livre de todo pecado e delito? Quem, senão somente Deus, pode erguer-se como luz em nossas trevas e guiar a nós, que estamos cegos? E, no entanto, primeiro os judeus e depois os cristãos, esquecendo-se de que somente Deus tem a Primeira e a Última Palavra, declararam infalíveis suas palavras e seus pensamentos. Então, o que diremos? De que poderão se vangloriar aqueles que, tendo o exemplo daqueles cuja presunção os levou à ruína, se vangloriam de ser a luz dos cegos? As obras dos cristãos correspondem ao conhecimento de Deus daqueles que fizeram da Teologia um circo e da Verdade um campo de batalha? Se o fruto do Conhecimento são as obras, será que a luminosidade desse Conhecimento pode ser medida pela qualidade das obras? O protestantismo, a ortodoxia, o papado... quem estiver isento de pecado que atire a primeira pedra... Se a natureza da doutrina se conhece pelas obras e o mestre pelo fruto, como pode a luz imaculada do Verdadeiro Conhecimento de Deus gerar o fruto da Morte, que é o Pecado? Mas se o protestantismo, a ortodoxia e o papado estão livres de pecado... então...

Mestre dos ignorantes, instrutor das crianças, e tens na Lei a norma da ciência e da verdade

Esse era, na verdade, o judeu a quem o Apóstolo se referia, e era precisamente disso que o judeu se vangloriava e se gabava diante dos seus e diante dos gentios. Obviamente, o judeu de nossos dias não é nem preceptor dos ignorantes, nem mestre das crianças, nem tem na Lei a norma da ciência e da verdade. A história lhe ensinou qual é o seu lugar no mundo, e ele já tem bastante trabalho em defendê-lo. É ao cristão, mais do que ao judeu, que devemos aplicar a seguinte reflexão:

Tu, enfim, que ensinas aos outros, como é que não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve roubar, roubas?

O espelho foi feito para refletir a imagem verdadeira do original. O cristão se olha no espelho da Verdade ou, em sua presunção, mantém-se distante para não ver qual é a imagem que se reflete em seu rosto: a de Cristo ou a do mundo e ? Pode ser cristão quem faz o contrário do que prega? Ser cristão não consiste em agradar a Deus, conforme está escrito: “*Em Ti tenho o meu prazer*”? Por que Deus desmantelou a carruagem da Antiga Aliança: por capricho ou porque entre a doutrina e os atos dos judeus havia se aberto um abismo? Se o cristão agir da mesma forma, Deus renunciará ao seu espírito por amor àqueles que um dia amou? Mas Satanás não era filho Dele antes de se aliar ao Inferno e preferir a coroa do Império da Morte à de um Príncipe sem coroa no Reino de Deus? Os judeus não caíram nessa armadilha: acreditar que, por amor a Abraão, Ele lhes

perdoaria o que Deus não perdoaria a um filho? Será que, por ser de Deus, o cristão tem carta branca para transformar Seu Reino em um inferno por meio de obras realizadas no espírito do Diabo?

Você, que diz que não se deve cometer adultério, comete adultério? Você, que abomina os ídolos, se apropria dos despojos dos templos?

Portanto, a lei humana se volta para o delito, e a Divina, para o Pecado. Pelo delito não nos tornamos odiosos aos olhos de Deus; caso contrário, seu Filho não teria abençoado aqueles que são perseguidos pela justiça. Mas, pelo pecado, sim, nos tornamos odiosos ao nosso Criador. O delito decorre da necessidade causada pela injustiça humana; mas o Pecado é uma violação consciente de um sistema social contra o qual se semeia a semente maligna da guerra. O delito é uma rebelião instintiva contra um sistema social fundado na injustiça de poucos contra a vontade da maioria; o Pecado é a rebelião contra um sistema social que defende a maioria contra esses poucos. Por isso, Deus condena o Pecado e abençoa o delito que decorre da luta contra a injustiça. Por isso, Ele condenou o judeu e abençoou Cristo. E, enfim

você, que se gloria na Lei, desonra a Deus transgredindo a Lei?

Boa pergunta. Devemos perguntar isso ao Papado? Devemos perguntar ao Conselho Mundial das Igrejas Reformadas? Devemos encaminhá-la ao Patriarcado Ortodoxo? Quando, com suas obras, negaram o Senhor a quem juravam servir, desonraram a Deus? Mas pode ser que a glória de Deus e a magnitude do pecado de seus servos não estejam sujeitas a nenhuma lei de relação... Nesse caso, os pecados do catolicismo, do protestantismo e da ortodoxia não precisam necessariamente ser imputados à conta e responsabilidade daqueles que desprezaram o Senhor por meio de seus servos e, seguindo o exemplo desses servos, nada mais fizeram senão imitar o Senhor que viram em seus servos. Também pode ser que o Apóstolo, em seu zelo, tenha exagerado infinitamente e condenado a honra de Deus e o pecado do cristão a manter uma relação de correspondência, relação sem vigor perante o tribunal Divino. Cada um com sua consciência! E, no entanto, Deus não perdoou o povo judeu por causa do pecado de seus preceptores e mestres; e, mais ainda, imputou com infinita severidade eterna aos seus príncipes os pecados do povo, como se vê pelos fatos, já que o povo sobreviveu uma vez pago seu crime, mas de seus príncipes aaronitas não se sabe que exista sequer um.

Pois está escrito: “Por causa de vocês, o nome de Deus é blasfemado entre as nações”

Deus não pode mentir. Nem pode permitir que Sua glória seja pisoteada por aqueles que se dizem Seus servos. Aos pecados das igrejas devem ser imputados os pecados daqueles que foram afastados da Salvação por causa desses pecados cometidos por quem vestiu as vestes dos servos de Deus para cometer seus crimes

e evitar pagá-los perante a justiça. Assim se verá no Dia do Juízo. Ai daquela igreja que não se apresse em cumprir a Vontade Presente de seu Senhor, acrescentando aos seus pecados o Pecado dos pecados: a rebelião contra a Vontade de Deus.

LIVRO PRIMEIRO

PARTE DOGMÁTICA

A Verdadeira Circuncisão

Vimos até aqui duas coisas. Primeiro, que a comunidade romana à qual Paulo dirigia esta Carta se encontrava às vésperas de seu martírio, e o Apóstolo, na qualidade de profeta — segundo a Escritura: “O espírito de Jesus é o espírito da profecia” — dirigia-se à comunidade cristã romana para lembrá-la do que era, é e será eternamente natural à doutrina apostólica do Reino de Deus, a saber: que se é de Cristo antes de ser de Paulo ou de Pedro, e cristão antes de ser romano, ortodoxo ou protestante. E, em segundo lugar: como existem duas justiças, a humana e a Divina, há dois atos contrários aos seus mandamentos, que são o delito circunstancial e o pecado. Pelo pecado, rompemos com os valores eternos nos quais se baseia a Sociedade entre o Criador e sua Criação; e pelo delito circunstancial, rompemos com a injustiça daqueles que aboliriam o pecado, desprezando seu Criador para se erguerem como fonte de legislação. Na luta entre essas duas justiças, encontramos o campo de batalha sobre o qual nosso mundo vem se movendo no inferno de suas guerras e desgraças, desde a Queda de Adão até os dias de hoje. Neste Capítulo II, o Apóstolo dá um passo adiante e reflete sobre a Queda do Muro entre judeus e cristãos, que Deus derrubou por amor ao seu Filho. Pois está claro que a não aceitação divina da aliança entre o Céu e o Inferno — ou seja, dar luz verde à transformação de Seu Reino em um Olimpo de deuses além da Lei, objetivo da Rebelião de uma parte de Sua Casa contra Sua Justiça — teve e tem em Seu Filho a razão eterna desse “Não”. Como Pai, Ele não queria criar Seu Filho em um mundo sujeito às leis do Bem e do Mal; não estava disposto a fazê-lo e não o fez. As circunstâncias impostas pela Traição, que outros chamam de Rebelião, encontraram em Seu próprio Filho o “Não” de Seu Pai; daí que Jesus Cristo tenha dito, com toda a razão: “O Pai e eu somos uma só coisa”. E continuamos

É verdade que a circuncisão é proveitosa se você guardar a Lei; mas, se você a transgredir, sua circuncisão se torna prepúcio

A origem desta análise era, é e continua sendo descobrir a conexão luterana.

Vamos focar o problema com a intenção de situar o texto em seu contexto e evitar qualquer manipulação. Já sabemos que a manipulação é a arte de retirar o texto de seu contexto com o objetivo de distorcer o espírito do autor. Foi isso que Lutero fez? É isso que vamos descobrir. Assim, se a princípio o autor se dirige aos cristãos de Roma, logo em seguida ele se volta para os cristãos de origem judaica, como ele próprio, em cuja comunidade específica havia surgido o debate sobre o judaico-cristianismo, que causou tantas dores de cabeça ao próprio Pedro e, ao cristianismo em geral, uma crise profunda cujas consequências foram a violência que esteve na origem do Incêndio de Jerusalém em 64, segundo uns, em 66, segundo outros, mas, de qualquer forma, sempre anterior ao Incêndio de Roma. Pensemos que a acusação de Nero contra os cristãos encontrou terreno fértil devido à propaganda da comunidade judaica romana que, absolvendo a rebelião dos seus, culpou os cristãos de terem se rebelado contra o Império, ao qual professavam um ódio tão grande a ponto de atear fogo até mesmo à cidade santa. A fumaça do incêndio de Jerusalém ainda pairava no ar quando a faísca que saltou do Mediterrâneo arrasou Roma. Nero só precisou apontar o dedo contra os inocentes que a comunidade judaico-romana acusava de serem os incendiários de Jerusalém para fazer ferver o ódio e desencadear o furacão das perseguições.

Será a essa comunidade cristã ameaçada de morte que, ao testemunhar seu martírio, o Apóstolo dedicará sua melhor Carta, seu Evangelho. E quem melhor do que um assassino de cristãos e perseguidor dos filhos de Deus para ver, nas profundezas do terror, a mão do homem a serviço do Diabo! “A circuncisão define a raça?”, ele se pergunta. É-se judeu pela extirpação de um pedaço de pele ou pela adesão do ser humano à Lei da qual provém toda a Justiça? Se o Diabo arrancasse esse pedaço de pele, seria judeu? Não seria a obediência e o amor à Justiça Divina, mas sim um prepúcio abandonado aos cães após sua extirpação, o que diferencia o homem de Deus dos demônios amaldiçoados que semearam o terror na Terra e o cultivam com tanto esmero desde a Queda até os dias de hoje?

São Paulo dá um passo adiante neste capítulo, separa a raça do homem de Deus e submete tanto o judeu quanto o cristão à obediência à Justiça Eterna, de modo que, se o prepúcio por si só não faz o judeu, tampouco a fé por si só, como se verá, faz o cristão. Pois se o prepúcio era o sinal do judeu e a fé é o do cristão, e, no entanto, sem as obras da Lei não havia judeu, tampouco sem as obras da fé há cristão — ponto ao qual chegaremos percorrendo as letras de um texto que, em seu contexto, se abre ao pensamento de Cristo, origem e raiz do Evangelho de São Paulo.

Ora, se o incircunciso guarda os preceitos da Lei, não será considerado circuncidado?

A reflexão é extremamente importante, mais do que se tivesse sido feita por um Orígenes ou um Santo Agostinho. Quem a faz e a expressa é um judeu de nascimento que não renega suas origens hebraicas, mas se submete à lei da vida:

transformar-se ou morrer, evoluir ou perecer. O judeu, ontem como hoje, prega um estado humano final no qual a inteligência e a mente se impõem e se nega ao Homem qualquer participação na Vida Divina, exceto a de viver com o corpo prostrado no chão, como se estivesse diante de um criminoso chamado Deus. A materialização perfeita desse judaísmo é o islamismo. Os judeus, obrigados a viver entre as nações, tiveram que se adaptar contra sua própria lei racial, que prega o imobilismo e o conservadorismo social. Os muçulmanos, por terem sua própria terra, puderam concretizar essa sociedade sem futuro da qual foram arrancados pelo dinamismo natural do cristianismo. A pergunta, portanto, não é gratuita: se o incircunciso guarda os preceitos da Lei, não será considerado circuncidado?

Portanto, o incircunciso natural que cumpre a Lei julgará a você, que, apesar de possuir a letra e a circuncisão, transgride a Lei

E a resposta não é menos exata e justa. Resposta que se enquadra na palavra de Jesus Cristo ao se referir ao castigo das cidades de seu tempo e de Sodoma e Gomorra. E nas palavras do próprio Moisés, quando disse que, no princípio, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Se Deus o criou, o poder de ser se tornou ato, de modo que, mesmo que ele caísse, como de fato caiu, a marca daquela Imagem permaneceria viva e se tornaria a fonte de onde provém a razão natural, a partir da qual o gentio, sem conhecer Moisés, era para si mesmo o Decálogo, pois o Decálogo tornou-se Lei da Natureza. E, da mesma forma, o que se aplica ao judeu aplica-se ao cristão. São Paulo, valendo-se dos acontecimentos, tira uma lição e, por meio do exemplo, prega a sabedoria. Se isso aconteceu ao judeu por ter transformado o prepúcio em sinal de salvação e não a Lei, o que acontecerá àquele que transforma a Fé em sinal de salvação e nega sua obediência à Lei da liberdade de Cristo? Se o fruto da Lei é uma sociedade justa e boa por causa das obras dos crentes, o da Fé é esse mesmo objetivo e fim. O prepúcio e as obras da Lei são o que define o judeu; a fé e as obras da Lei são o que define o cristão. Jesus não veio para abolir a Lei, mas para aperfeiçoá-la, gerando no homem o espírito divino, sem o qual a Lei não pode ser cumprida. Renunciar a esse cumprimento e desistir, agarrando-se “apenas ao prepúcio”, foi o que fez o judeu ao definir sua relação com seu Deus por meio da lei do prepúcio, oferecendo a Deus, como única adoração, um pedaço de pele que se joga aos cães. Foi o que Lutero fez com a fé ao definir o cristão não pelos frutos de Cristo no homem, mas pelo “prepúcio da fé por si só”.

Pois não é judeu quem o é exteriormente, nem é circuncisão a circuncisão exterior da carne

A doutrina divina dos apóstolos, representados neste momento por São Paulo, não admitia dúvidas nem admite desvios em função dos tempos. O homem “ ” que Deus criou à sua imagem e semelhança é uma realidade interior. Ou será que a matéria pode gerar Deus? Mas se tudo o que diferencia o Homem dos animais é

um pedaço de pele arrancado de seu corpo, por que Deus respondeu à sua Queda de acordo com a reação que um semelhante merece? (Isso se refere aos judeus de origem cristã, para que não olhem para trás e transformem a fé em prepúcio). A Lei é a mesma para cristãos e judeus: Não matarás, não cometerás adultério... etc... E, por essa mesma Lei, é antijudaico quem a desrespeita e se agarra ao prepúcio para revogar o Julgamento de Deus contra os transgressores de Sua Justiça, assim como é anticristão quem transforma a fé em fogo contra a sentença do Tribunal Divino sobre quem faz o que a Lei ordena não fazer: cometer pecado! A partir dessa Doutrina Evangélica, Lutero foi um mau conselheiro ao pregar aos seus fiéis — se eram de Lutero, não eram de Cristo — que pecassem à vontade: “porque todos os pecados são lavados pelo precioso sangue de Cristo”, ou seja, pela fé. Veremos que tal sabedoria não poderia vir de Deus. Deus não pode legislar e, ao mesmo tempo, decretar imunidade para todos os transgressores pelo simples fato de serem cristãos.

Mas é judeu aquele que o é interiormente, e a circuncisão é a do coração, segundo o espírito, não segundo a letra. O louvor deste não vem dos homens, mas de Deus

De fato, não procedem todas as coisas do coração? Quem será mais perfeito: aquele que coloca seu coração nas mãos de Deus ou aquele que coloca um pedaço de pele nas mãos de Deus? Então, o judeu que assassina é menos criminoso do que o palestino que mata? E o cristão que destrói é menos assassino do que o ateu que destrói? Quantas justiças e varas Deus possui? Uma para todos, judeus e cristãos, ou uma lei de acordo com quem se aproxima de Seu Tribunal? Por quantas dracmas Deus se deixará subornar? Quanto Ele quer para fechar os olhos àquele que — nas palavras de Lutero — viola sua própria Mãe? Os judeus da época de São Paulo entregaram os cristãos a Nero como bodes expiatórios — e são santos? Os alemães fizeram o mesmo com eles — e são demônios? Que “somente o prepúcio” é desprezo à Lei, e “somente a fé” é desprezo a Deus, isso está ficando claro e ficará ainda mais nos capítulos que se seguem.

Os judeus réus perante o tribunal de Deus

Em que, então, o judeu tem vantagem, ou de que adianta a circuncisão?

Vamos transferir a questão para o nosso mundo: em que o batismo beneficia o cristão? Pois sabemos que o batismo é concedido sem distinção de pessoas, com base na tradição e não na fé. Da mesma forma, o judeu circuncida seus semelhantes em virtude do rito que se tornou uma questão nacional. De que vale a tradição e em que melhorará o homem um rito que não se baseia na fé daqueles que o praticam? Ao se tornar tradição, o rito transformou a Lei em papel molhado, sem outra propriedade além de ser um título nacional de referência. O mesmo

ocorre com a fé, razão pela qual São Pedro declarou — antes mesmo de a tradição surgir — que a fé se corrompe. E não é que a fé se corrompa, mas, ao unir-se ao rito, a fé se transforma em tradição, e a tradição faz com o Evangelho o que fez com a Lei de Moisés: transformá-lo em papel molhado pela água do batismo administrado àqueles que, sem fé, aderem ao batismo por tradição. A tradição, portanto, ergue-se como uma muralha entre o homem e o Evangelho, não superando em nada seus vizinhos que, não pela fé, mas pela tradição, colocam a glória de Deus em suas mãos. E, no entanto, a fé deve, de alguma forma, ser proveitosa para aqueles que foram batizados.

Muito, em todos os aspectos, pois, em primeiro lugar, lhes foi confiada a palavra de Deus

Certamente, os primeiros cristãos eram todos judeus de nascimento, de modo que os judeus superavam todos os pagãos de sua época. Vantagem essa que permanece e nos revela onde esses filhos de Deus, “tão ansiosamente esperados por toda a criação”, iriam inaugurar sua Era. Pois, embora corrompível pela Tradição, a fé é indestrutível por sua Natureza.

E daí? Se alguns foram incrédulos, será que a infidelidade deles anulará a fidelidade de Deus?

Claro que não, pois a Palavra de Deus é eterna, expressão de sua Glória, manifestação de seu Poder. Ou será que Adão e todo o seu mundo não lhe foram infiéis e, ignorando essa infidelidade, Deus permaneceu fiel à Sua Promessa: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”? Não voltaram a ser infiéis à Sua Glória e ao Seu Poder os filhos de Abraão segundo a carne e, mesmo assim, Deus permaneceu firme na Sua Promessa: “Em tua descendência serão abençoadas todas as famílias da Terra”? Será que, por causa de nossos pecados, Ele vai renegar Seu Espírito e banir Sua propriedade — o Ser Santo —, a fim de justificar nossos delitos e, por meio da condenação de Seu Ser, nos absolver no Dia do Juízo? Como, então, os pecados das igrejas e de seus pastores poderiam anular a Fidelidade Divina à Sua promessa de suscitar Descendência para Seu Filho? Afinal, quem é aquele que recebe uma Esposa sem esperança de trazer Descendência ao mundo? Cristo não recebeu a Igreja em matrimônio? Quem os uniu, senão Deus? E, tendo Deus unido os dois, como poderia ser eliminado do futuro desse Matrimônio o nascimento de uma Descendência? Ou será que Deus pode mentir?

Certamente que não. Fique registrado que Deus é verdadeiro, e todo homem é falacioso, conforme está escrito: “Para que sejas reconhecido como justo em tuas palavras e triunfes quando fores julgado”

A veracidade divina demonstrou sua natureza infinita quando opôs sua fidelidade à montanha de delitos e crimes, em contraste com a devida fidelidade do judeu ao seu Salvador, aquele Deus Yavé que os salvou da escravidão e lhes

concedeu uma pátria e e entre as demais nações da Terra. O que é toda a História Sagrada senão o relato da criação dessa montanha de infidelidades contra uma Promessa que abrangia toda a Humanidade, contra a qual se levantavam os judeus com seus crimes, desprezando nossa condição de irmãos no mesmo Criador? Teria sido injusto que, pelo pecado dos filhos do pecador, todos nós fôssemos entregues ao inferno para o qual os judeus nos enviavam por meio do fruto de suas constantes infidelidades contra seu Deus. A ignorância mediava, conforme está escrito: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”. Mas esses pecados, pelos quais, tornando-se abomináveis aos olhos de seu Deus, eles nos valeram a condenação em cujo abismo nos lançou seu pai carnal, Adão, esses pecados existiam. Era uma injustiça contra o restante da humanidade que o judeu cometia ao acumular pecado sobre pecado, transformando seu Deus, em razão desses pecados, em um deus desprezível aos olhos de todas as outras nações.

Mas se nossa injustiça faz ressaltar a justiça de Deus, o que diremos? Deus não é injusto ao descarregar sua ira? (falando à maneira humana)

Deus seria injusto se incitasse ao pecado e fundamentasse Seu Poder e Sua Glória nos delitos de Suas criaturas. Criadas à Sua imagem e semelhança, com vontade própria, livre arbítrio e julgamento próprio, todas as criaturas estamos sujeitas à lei da liberdade. Judeus e cristãos, anjos e demônios, todos temos a faculdade de escolher entre o Céu e o Inferno, entre a justiça e a corrupção, entre o bem e o mal, entre a verdade e a mentira. Esta é a lei da liberdade do Evangelho. Deus seria mentiroso e sua justiça uma farsa se, uma vez feita a escolha, Ele permitisse que crescesse aquilo que Ele odeia e que é causa de ódio entre todas as suas criaturas. Ou será que a lei se torna injustiça quando levanta o braço contra o criminoso?

De forma alguma. Se assim fosse, como Deus poderia julgar o mundo?

Nem Deus nem qualquer juiz. A verdadeira glória da justiça não está na abundância do crime, mas na sua ausência. Que juiz busca a reprodução em série do crime com o objetivo de glorificar sua justiça, perseguindo e punindo o criminoso? Ora, se Deus gerou a Fé para anular seu julgamento, da mesma forma que o prepúcio foi transformado na abolição de seu tribunal de justiça... nesse caso, sim, teria razão quem diz que a fé por si só... “e peçamos, pois o precioso sangue de Cristo lava todos os nossos delitos”. Não foi isso que o Diabo fez no Éden: pecar com base no fato de ser um filho de Deus? Deus foi, portanto, um mau pai ao punir um de seus filhos, aplicando ao seu delito uma lei escrita para ser obedecida por toda a sua criação? Como poderia ser juiz aquele que absolve seu filho e condena à morte um estranho pelo mesmo delito pelo qual absolveu seu filho? Batizados, seja pelo prepúcio ou pela água, ficamos imunes ao julgamento devido aos nossos delitos?

Mas se a veracidade de Deus se destaca ainda mais por causa da minha falsidade, para sua glória, por que eu, pecador, serei julgado?

Se Deus buscasse Sua Glória por meio de uma criação transformada em um teatro de justiça, com certeza. Mas Aquele que, antes de abrir o caminho, revela a Lei, a livra de armadilhas. A armadilha da Lei está na ignorância. Como o mundo ignorava essa Lei, não poderíamos ser julgados por ela. Ao não fazê-lo e justificar nossa conduta criminoso sob o pretexto da fé — falando em termos humanos —, Deus demonstrou que sua glória não reside em seu Poder, mas em seu Espírito, que ama a justiça e defende a verdade, mãe da paz, mãe de todo o bem.

E por que não dizer o que alguns nos atribuem caluniosamente: “Façamos o mal para que venha o bem?” A condenação desses é justa

E a perversão de todos os valores básicos do espírito social da criação, também. Quem pratica o mal com pleno conhecimento de causa, seja judeu ou cristão, esteja sujeito à Lei ou ao Evangelho, torna-se réu perante o Tribunal daquele que chamou judeus e cristãos a serem santos à sua imagem e semelhança. Ser cristão para cometer, sem medo, o mal contra o qual o Juiz da Criação ergue seu Trono de Justiça e diante do qual tremem aqueles que conhecem seu Julgamento é imitar aqueles que tremem diante do Espírito Santo que anima o Tribunal de Deus. Sacerdote ou pastor, Papa ou teólogo, todo homem sujeito ao prepúcio, da carne ou do espírito, responde perante Deus em virtude da Lei à qual aderiu, seja a de Moisés ou a de Cristo. A condenação daqueles que usam o sinal da Fé para cometer dez vezes mais crimes do que aqueles que, sem a Lei e o Evangelho, vivem como bestas, era justa ontem e continua sendo justa hoje, e para toda a eternidade.

O que, então, diremos? Somos superiores a eles? Não em tudo. Pois já provamos que judeus e gentios, todos nós nos encontramos sob o pecado

Judeus, gentios e cristãos, todos nós, de fato, estamos sob o domínio do pecado. Vivemos em um mundo criado pelo pecado e, em plena batalha de libertação, trilhamos nosso caminho até a vitória final contra a lei do pecado. Caminhamos no dia a dia contra o pecado, que nos espreita e nos tenta, vencendo sempre, mas sem nunca baixar completamente a guarda, como quem finalmente vive no Reino de Deus. A diferença entre uns e outros, sendo todos irmãos, é que alguns desistiram da luta e acreditam que, mesmo pecando, seguem seu caminho, “porque o precioso sangue de Cristo os lava”, transformando assim o cristianismo em uma lavadora de consciências e as igrejas no secadouro onde a roupa “que estava vermelha como a garança sai branca como a lã”. Aquele que vence permanece de pé, armado até os dentes com as armas da Fé; aquele que desiste e fica apenas com a “fé” arrasta-se de pecado em pecado, atribuindo a Cristo seus crimes e delitos.

conforme está escrito: “Não há justo, nem mesmo um

Se houvesse, de fato, que necessidade teria havido de escolher seu Unigênito como Cordeiro de expiação em favor de nossa ignorância? Em que e por que

Abraão foi declarado justo aos olhos de seu Deus, senão porque ergueu seu braço, alegando sua sabedoria em defesa de nossa ignorância como origem e causa de nossas injustiças e delitos? Que judeu estava disposto a nos justificar, a nós, das demais nações, pelo pecado de seu pai carnal, Adão? Para afastar essa cruz de seus ombros, não preferiram a loucura de acreditar que todos os homens, brancos e negros, asiáticos e europeus, americanos e australianos, procedemos da união de Adão e Eva? Pode vir justiça da loucura?

Não há ninguém sábio, não há quem busque a Deus

Pode haver sabedoria fora de Deus? Pode a sabedoria humana, revestida de sacralidade hermenêutica e ornamentos de teologias sagradas, substituir a Sabedoria que emana de Deus e, com ela, elevar seus filhos da ignorância ao conhecimento de todas as coisas? Deus não se deixa encontrar por quem O busca? Não afasta de quem vai ao Seu encontro aquele que tranca a porta com a chave dos dogmas e da infalibilidade, que provém do medo de dar à luz na idade avançada de Sara e Isabel?

Todos se desviaram, todos estão corrompidos...

E qual é o fim da corrupção? Deus não fez da desgraça do povo judeu um exemplo para nos ensinar, por meio de sua ruína, o fim a que a corrupção conduz toda sociedade e todo mundo que se entrega à sua lei, que é a do pecado? E qual é a lei do pecado senão: pecar, pecar e pecar... “que o precioso sangue de Cristo os lave a todos, amém”, traduzido para o caminho cristão. “Pague e lave sua culpa com o brilho do seu ouro” — não era a lei dos judeus o alvo dessa sentença?

“Não há quem faça o bem, nem mesmo um”

O futuro do mundo, abandonado nas mãos do judeu, conduziu sua nação à destruição. Acreditar que, por ser cristão, a submissão à mesma lei — disfarçada de fé pura onde antes se colocava ouro puro — cala a boca de Deus e arranca de seus lábios a sentença que Ele proferiu contra os filhos de Abraão é um ato de loucura. A corrupção, irremediavelmente, engendra o mal e afasta do bem, por imitação, todos aqueles que veem como o mau prospera e o bom se extingue lentamente, mas sem pausa. A condenação daqueles que renunciam à vitória sobre o pecado é justa.

Sua garganta é um túmulo aberto; com suas línguas, eles tecem enganos; há veneno de víboras sob seus lábios

Será que se poderia dizer com palavras melhores? Não se percebe, na forma, o conteúdo, e, pelo conteúdo, a profundidade e a vastidão do compromisso de Deus contra a corrupção e a mentira que lhe serve de propaganda?

Sua boca transborda maldição e amargura; rápidos são seus pés para derramar sangue; calamidade e miséria abundam em seus caminhos, e o caminho da paz eles não conheceram; não há temor de Deus diante de seus olhos”.

Isso se refere ao mundo destinado a desaparecer no túmulo daquele que saiu por seus próprios meios do império da Morte.

Ora, sabemos que tudo o que a Lei diz, ela o diz  aqueles que vivem sob a Lei, para calar toda boca e para que todo mundo se confesse culpado diante de Deus.

De fato. A Lei de Moisés só podia ter jurisdio sobre os filhos carnis de Abraão, e foi a eles que ela aprisionou no pecado, buscando o arrependimento que provm do conhecimento da ofensa cometida por Adão, pai carnal de Abraão, antepassado de Israel, pai dos judeus.

Daí que, pelas obras da Lei, ninguém será reconhecido como justo diante Dele, pois da Lei só nos vem o conhecimento do pecado.

Verdade que se baseia nos Atos dos Apóstolos, onde vemos como o conhecimento por si só não foi suficiente para impedir que o pecado se consumasse e gerasse a morte. Sendo verdade e nunca mentira que, pela Lei de Moisés, os judeus tinham pleno conhecimento do pecado e de sua natureza, não  mentira, mas sim uma verdade eterna, que a história antiga dos judeus  uma repetio — ou, se preferirem, a continuidade — de uma Queda da qual a Casa de Adão jamais se levantou completamente. Devemos concluir, a partir do que vemos porque lemos, que o mero Conhecimento do Pecado não conduz  justiça que gera a santidade, mas  corrupo geradora de destruio.

O objetivo desta análise biohistórica da Carta aos Romanos , recordemos, demonstrar que a fé por si só está sujeita  mesma Lei de reao. Pois, se pela Lei de Moisés nos foi dado a todos o conhecimento do pecado — uma vez aberta a porta a todas as famílias da Terra —, pela fé em Cristo nos  revelado o conhecimento de Deus. Mas, assim como na relao entre a Lei e o judasimo o Conhecimento por si só foi incapaz de afastar o judeu do pecado, o Conhecimento que provm da Fé por si só  ineficaz para afastar o cristão da morte.

Deus concedeu  humanidade a salvao por meio de Cristo

Chegamos ao ponto em que centramos a discussão na identificao da Lei objeto desta análise. O Apóstolo está se referindo  Lei de Moisés, e jamais  Lei do Evangelho. A Lei de Moisés, pela qual a justificao da humanidade era impossível, em primeiro lugar porque a excluía e estendia sua salvao exclusivamente ao povo carnal de Abraão, e apenas sob condies de escravidão para o convertido. E, em segundo lugar, porque, como vimos, o mero conhecimento do pecado não impede o homem de cometer esses mesmos delitos que, graças  Lei, nos são apresentados em sua natureza destrutiva universal, em oposio frontal  Natureza do Espírito de Deus. O fato de a Lei dizer: “Não roubarás”, não implica que o homem não roube; a Lei  apenas o anúncio de das

consequências de um ato cuja natureza delictiva nos é revelada. Seja humana ou divina, toda lei é ineficaz por si só para imunizar o indivíduo e a sociedade contra o ato em relação ao qual ela se ergue, revelando seus efeitos. Daí que, pela lei, nos venha o conhecimento do delito, mas não o do delinquente, por assim dizer.

Mas agora, sem a Lei, manifestou-se a justiça de Deus, atestada pela Lei e pelos Profetas;

A Lei, na verdade, determinou um julgamento de condenação universal como resposta à transgressão do Mandamento Original. “Tu és pó e ao pó retornarás”, e impôs sua Lei no mundo dos homens desde a Queda até o Fim decretado: a destruição da humanidade, seu desaparecimento da face do Cosmos. Mas Deus, não podendo esquecer a ignorância do transgressor, nem podendo absolver o delinquente com base em seu parentesco, determinou que, em razão da imperfeição no estado de conhecimento do ser humano, além da Lei — sem revogá-la, mas sem eternizá-la —, a humanidade encontrasse na ignorância do transgressor a porta para sua salvação. Moisés e seus sucessores no espírito da profecia — linhagem que culminaria em Jesus, o Último Profeta —, ao perceberem a natureza do Delito e a ignorância do Transgressor, penetraram no Santuário da Justiça Divina e, a partir de seus princípios Incorrupíveis e Indestrutíveis, saudaram a Salvação que estenderia sua Nova Lei sobre todas as famílias da Terra em Nome da Sabedoria de Jesus Cristo, Aquele que, com sua Voz Todo-Poderosa, fez brilhar a Luz em meio às Trevas, a própria Porta da Salvação feita carne...

a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo, para todos os que crêem, sem distinção;

fé em Jesus Cristo, na qual observamos o cerne do problema na origem da Queda.

Na Terceira Parte da História Divina, afirmei que o tema fundamental na raiz do confronto entre o Paraíso e o Inferno concentrava sua força na natureza do Filho Unigênito de Deus. As forças do Inferno, tendo Satanás como seu campeão, negaram que esse Filho fosse gerado e não criado. Foi a arbitrariedade Divina que elevou esse Filho ao trono de seu Pai, mas não sua Igualdade na Natureza Eterna, segundo o critério maligno do Príncipe das Trevas. Consequentemente, sendo o Rei dos reis uma criatura como qualquer outra, embora proveniente de uma criação particular, sua Coroa poderia ser usurpada mediante a conquista prévia de seu Reino. É óbvio o caráter demoníaco desse argumento; sendo a negação da crença na Natureza Divina de seu Unigênito, Deus quis que a superação dessa negação — impossível de aceitar por Ele — fosse a Chave que abre a todos os que crêem, sem distinção, a Porta do Paraíso. Fato que Ele determinou fazendo com que seu próprio Filho fosse essa Porta.

pois todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus;

Entendamos que, tendo a humanidade ficado presa no meio do fogo cruzado entre dois exércitos que vinham se enfrentando desde antes da Criação do nosso Mundo, uma vez que, pelo pecado de um único homem, todos os homens, sem distinção, foram privados da glória da liberdade dos filhos de Deus, privados da Sabedoria todos, como se vê pelos Fatos da História Universal, todos iniciaram uma descida rumo aos abismos do Pecado, em todas as suas formas, formas que se regeneravam ao longo dos séculos, tornando-se, por meio dessa regeneração, o Pecado mais maligno.

sendo justificados gratuitamente por Sua graça por meio da Redenção que se realizou em Cristo Jesus,

e, se privados, toda a humanidade foi entregue à Cruz de seu destino e abandonada por seu Criador nas mãos daquele que buscava o nosso mal, a fim de, por meio da nossa destruição, alcançar a sua própria salvação. Lembremos que, sendo a Palavra de Deus e seu Verbo uma única e mesma coisa, a salvação da Serpente e de seu Corpo Maligno consistia em matar o Filho da promessa, Aquele que havia de nascer para esmagar a cabeça do Traidor de Deus, quando, fazendo-se passar por seu Enviado, ofereceu a Eva a Guerra como meio de levar o Reino de Deus à plenitude das nações da Terra. Tendo sido profetizado o duelo entre o Filho de Eva e o Príncipe do Inferno, este esperava destruir a Natureza Divina do Verbo — da qual a Palavra de Deus recebe seu caráter de Lei — na Cruz do Escolhido para enfrentar o maligno no Dia de Yavé. Pois, se Cristo não esmagasse a cabeça da Serpente, a Onipotência e o Todo-Poder de Deus para cumprir sua palavra o obrigariam a abolir a relação entre sua Palavra e a Lei, por meio dessa renúncia, o Maligno obteria para si a abolição da condenação ao exílio eterno da Criação, que o Eixo do Mal conquistou com sua traição ao plano de formação do gênero humano à imagem e semelhança do Filho de Deus.

a quem Deus designou como sacrifício de expiação, por meio da fé em seu sangue, para manifestação de sua justiça, em virtude da tolerância dos pecados passados,

A natureza do dilema em que Deus ficou preso durante o Dia da Queda, creio ter exposto na História Divina. Resumindo, Deus ergueu a estrutura da inteligência humana sobre os alicerces da fé. A Palavra de Deus é Lei, e o homem acredita em sua natureza sem precisar submeter sua Verdade à experiência. Deus diz e assim se faz. Sendo o Amor à Verdade acima de todas as coisas a fonte da qual emana esta Declaração: “Eu sou a verdade”, a criatura e a Criação em geral se entregam nas mãos de seu Criador, conscientes de que a Bondade e somente a Sabedoria são a causa primária na origem de todas as Ações Criadoras. Com base nessas premissas eternas, a astúcia do Maligno consistiu em erguer, entre o homem e a fé, o muro da dúvida.

na paciência de Deus para manifestar sua justiça no tempo presente e para provar que Ele é justo e que justifica todo aquele que crê em Jesus.

Muro que foi derrubado por Aquele contra cuja fé, em cuja Natureza Divina foram direcionadas todas as armas do Inferno desde os Princípios da Criação, conforme relatei na História Divina. Muro que, assim como o próprio Pecado, se regenera ao longo dos séculos para conduzir o curso das nações ao cemitério de sua autodestruição. A dúvida dos últimos tempos sobre a bondade da Sabedoria Criadora nada mais é do que a mutação maligna daquela cepa viral homicida no âmago do desastre que, ao iniciar sua trajetória, soterrou sob as águas de um Dilúvio o mundo que acolheu dentro de suas fronteiras o Dilema de Deus.

Toda a glória humana fica excluída

Onde está, então, a tua vanglória? Ela foi excluída. Por qual lei? Pela das obras? Não, mas pela lei da fé.

E como poderia ser de outra forma, se todos concordam que a Ignorância — à imagem daquela Mãe que ignorava a Cruz que o Filho trazia consigo da sua Virgindade — é a Mãe do Cordeiro? E mesmo na Lei não havia expiação, ou seja, perdão dos delitos cometidos, sem o reconhecimento prévio de que a causa havia sido a ignorância. A Lei diz: “Se alguém pecar por ignorância, fazendo algo contra qualquer um dos mandamentos proibitivos de Yavé...” E novamente: “Se alguém, por ignorância, transgredir, pecando contra as coisas sagradas que pertencem a Yavé”. Estabelecendo Deus, dessa forma, o perdão na ignorância quanto à natureza do delito cometido. Razão totalmente natural, se levarmos em conta que quem comete um delito com pleno conhecimento de causa sobre a natureza e as consequências do ato cometido só pode reivindicar para si a graça ao perverter a essência e a marca da Justiça. Isso do lado humano. Do lado divino, a fé no Deus que condenou Adão por seu delito, cometido na ignorância — sem a qual não teria sido possível a Redenção —, essa fé estabeleceu como lei, antes mesmo da Lei, que Deus acolheria, em sua infinita Justiça, o clamor dessa ignorância e, em sua misericórdia, estenderia sua Graça sobre todas as nações da Terra. Nessa Esperança viveram Abraão e seus antepassados e, lutando por ela, desprezaram coroas e glórias humanas. O grito dilacerante de seu pai Adão, implorando de joelhos por justiça para seu povo, a humanidade, ainda ressoava em suas almas, e, transformando-se de som em lâmina, materializou-se em Abraão como uma espada afiada, pronta a sacrificar seu próprio filho para manter viva essa Esperança. Glória, pois, a Abraão para toda a eternidade entre os povos da Humanidade! Seu nome será uma bênção entre os filhos dos homens para toda a eternidade, e o povo nascido de sua coxa, ó Israel, nossa alegria, pois se seu pai carnal, no tempo, Ai, Adão, nos mergulhou a todos na tragédia, o Filho de sua dor nos elevou a todos até os pináculos da glória mais sublime, onde, com a força dos deuses, respondemos a aquela Serpente assassina o que o Filho de Deus colocou de seus lábios em nossa boca: “Vai para o Inferno, Satanás, tua glória é pó e tua

esperança, ruína. A Maza está pronta e o Braço é Todo-Poderoso para separar a cabeça do tronco, e lá vai o pescoço para os cães”.

Pois sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei

E como poderia ser de outra forma? Ou que tipo de obras ele poderia ter realizado para que o Juiz do Universo acolhesse o clamor de misericórdia por Adão, proferido no dia de sua desgraça? Não foi por acaso a fé na Justiça Divina que Adão e seus filhos, os chamados Patriarcas, abrigaram em suas mentes e protegeram como se fosse o maior tesouro do mundo — o clamor de Adão clamando por Vingança e Piedade perante o tribunal do Eterno, em lágrimas ardentes — a fé que nos conquistou, a todos, a Graça de Cristo? Que judeu ou gentio pode levantar a cabeça dentre os mortos e, com voz orgulhosa, dizer: “Eu, com minhas obras de caridade e minhas migalhas de pão, comovi o coração do Eterno”? Ninguém, nem vivo nem morto, pode reivindicar para si qualquer mérito ou participação naquela “fé pura” que, sem as obras da Lei, existia em seus corações. Moisés ainda não havia nascido quando o Altíssimo selou dois juramentos todo-poderosos, entre cujos extremos o Homem tem sua glória, sua felicidade e sua Esperança: “Levanto minha mão para o Céu...” contra Satanás e seu inferno foi um deles; “Juro pelo meu nome...” abençoando a todos nós, foi o outro. Não foram pronunciados e escritos antes do nascimento de Moisés? Portanto, sem a Lei, a fé já existia no Homem.

Ou será que Deus é apenas o Deus dos judeus? Não é também o Deus dos gentios? Sim, é também o Deus dos gentios.

Certamente Deus criou toda a humanidade e a fez a partir de um único homem, cujo Chefe foi Adão, a quem Ele constituiu como rei do mundo que havia nascido nas terras do Éden. A arqueologia está aí, contra os arqueólogos, para dar testemunho da localização original da civilização. Contra os arqueólogos, a arqueologia se ajoelha e se coloca a serviço daquele que criou a Primeira Civilização para vir e se unir ao testemunho das Escrituras, fazendo com que se cumpra o ditado: “Pelo testemunho de dois, e somente pelo testemunho de dois, será o teu julgamento”. A arqueologia, libertando-se de seus escravos, veio em socorro da Bíblia para dar testemunho, contra aqueles que silenciavam a voz da Bíblia, para afirmar que o Primeiro Homem e a Primeira Civilização eram uma única coisa. Homem e sociedade unidos em um Todo Universal Perfeito, uma civilização gerada por Deus entre todos, por todos e para todos os homens. Esse foi o Éden, tal foi o princípio, isso foi o que perdemos, todos nós, judeus e gentios. Se Deus já não fosse, naquela época, o Deus de Todos, a extensão da Sentença a Todos pelo Pecado de Um teria sido um ato de injustiça infinita, explicável apenas a partir da lógica de quem não rege seu Julgamento pela verdade, mas por seu Poder. Como a extensão ocorreu, Deus se manifestou como o Deus de Todos antes, durante e depois daqueles dias; em virtude dessa extensão, todos os homens ficamos sujeitos à Justiça da Fé de Abraão, na qual todos estávamos

compreendidos na Graça que, pela Vitória do Filho de Eva, seu Deus derramaria sobre todas as famílias da Terra.

visto que não há senão um único Deus, que justifica os circuncidados pela fé e os incircuncisos pela fé.

E essa Justiça na ignorância do primeiro homem quanto aos fundamentos da declaração de guerra do Maligno contra o Deus de todos os homens. Ignorância manifesta aos olhos de todos, recriada no episódio do sacrifício expiatório de Cristo, quando, sem saber o que faziam, os filhos carnis daquele cujo corpo foi condenado por seu delito, todos nós — esses filhos — nos tornamos objeto de maldição para a bênção de todos aqueles que fomos privados de Deus por seu pai, sem que tivéssemos conhecimento da causa.

Anulamos, então, a Lei com a fé? Certamente que não; pelo contrário, a confirmamos

E como poderia ser de outra forma? O conhecimento do pecado não nos vem pela Lei, de tal forma que, se a Lei não dissesse “não matarás”, eu não saberia que matar é um crime aos olhos de Deus? E o que é mais profundo e eterno: desde quando a Palavra de Deus deixou de ser Lei?

A justificação de Abraão

O que diremos, então, tendo herdado de Abraão, nosso pai segundo a carne?

Eis uma boa pergunta. Depois de nos dedicarmos a buscar onde poderia estar uma conexão entre a famosa proclamação luterana: “A salvação somente pela fé, sem as obras da fé”, nos deparamos com a porta que dá acesso à mente do homem que é o culpado por tudo. Sem Abraão, nem o judaísmo, nem o cristianismo, nem o islamismo teriam visto a luz da história. Vemos, no entanto, que, sendo Abraão a pedra de referência milenar mais universal que existe, todos se referem ao homem sem se importarem com sua cabeça; ao que parece, a importância daquele Abraão de Ur, filho e herdeiro de uma das principais casas de Ur da Terceira Dinastia, reside no espaço que vai do umbigo até o chão, pára acima dos joelhos e fica pendurado no prepúcio. A pergunta de São Paulo não é ociosa: será que a isso, e somente a isso, se reduz o fruto da relação entre o Deus Criador de um Cosmos de dimensões e beleza indescritíveis e uma criatura de barro vivo vagando pelas planícies do Antigo Oriente Médio? Será essa a profundidade de referência, além da qual os pulmões do pensamento de cristãos e judeus estouram e precisam emergir ou perecer? Historicamente falando, o que os cristãos sabiam era pouco, mas o que os filhos carnis do homem sabiam era ainda menos. E menos a m saberiam se os povos cristãos e seus cientistas empreendedores, sem buscar glorificar o Deus daquele Abraão, não tivessem desenterrado de sua fossa

de barro diluviano a Ur da III dinastia e seu mundo. Nem a História do Homem, nem o Homem, mas apenas o Nome. É um prazer comunicar-se com três bilhões de mentes que afirmam ter como ponto de referência histórico um homem sobre o qual nada sabem, exceto seu Nome. E não é que não saibam, é que não querem saber. Por que, então, preocupar-se com o fruto alcançado por aquele Homem para todos? Pois, claro, sendo Deus onisciente e onipotente, é Ele quem age e determina todos os movimentos de suas criaturas, de modo que, privado de liberdade, o homem é apenas uma marionete sem vontade entre os fios divinos dessas mãos onipotentes, diante dos dedos das quais só resta se jogar no chão e morrer de medo. O dia em que o teólogo, cristão ou judeu, banuiu o historiador do círculo da fé, esse dia foi um marco suicida crucial na história de ambas as religiões.

Pois se Abraão foi justificado pelas obras, ele tem motivos para se gloriar, mas não diante de Deus.

Quem faz o que deve não faz nada de excepcional. Nada de novo. Se eu me limitar às coisas que a própria estrutura de um relacionamento sugere, não faço nada de extraordinário que me faça merecer mais do que o conjunto dos meus semelhantes que fazem exatamente o mesmo todos os dias, desde que acordam até voltarem a acordar no dia seguinte. Fazer o que se deve em virtude da estrutura de qualquer relacionamento em que se envolve é o comum, não o excepcional. Ninguém pode apresentar uma reclamação de reconhecimento ao Estado, por exemplo, por cumprir suas obrigações e não ser recompensado para sua glória diante de todo mundo por fazer o que deve. Para que o Deus Criador do Gênesis tivesse glorificado aquele homem diante de seus olhos, aquele homem teria de ter superado a estrutura normal de comunicação típica entre o crente e o deus de sua crença. A estrutura de um novo relacionamento — único, especial, extraordinário e livremente adotado por aquele homem — deveria ser a base de sua glória aos olhos de seu Deus. Ou seja, não no Nome, mas no Homem está o Mistério

Mas o que diz a Escritura? “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça”

No que Abraão deveria acreditar: que Deus existe ou na inocência divina no que diz respeito à Queda? Lembremo-nos de que, naquela época, a Divindade era considerada a causa de todos os males da humanidade, já que, com sua existência onipotente, foi ela quem decidiu criar o mundo exatamente como ele é. Essa atitude era uma condenação a Deus, a quem se atribuía a culpa de ser o pai de todos os males do mundo, assim como dos bens. Abraão rompe essa estrutura e justifica Deus diante de toda a sua Criação, proclamando sua inocência diante do pescoço de seu filho unigênito. Ao proclamar sua inocência, ele defende Deus na esperança de que Deus seja o Pai amoroso daqueles filhos contra cuja vontade se havia entrado em Sua Casa e se havia dado morte ao seu filho mais novo, Adão; e, desde então, rugia como um leão à espera do Dia da caçada ao assassino, Dia

da Vingança, Dia da satisfação, “o Dia de Yavé”. Louco de alegria porque, em um homem, Deus havia encontrado um Amigo, cujos braços da Amizade amenizariam as dores do Coração, o Pai de Adão estendeu os braços, abriu os lábios e, em nome da doçura dessa esperança de Abraão, seu Amigo, jurou que, como Campeão, nos daria seu próprio Filho Unigênito, seu Isaac Divino, nosso Rei, Jesus Cristo. Ei, cara, Aleluia.

Ora bem, ao que trabalha, o salário não é considerado uma graça, mas uma dívida

De fato. Se eu faço o que devo em virtude da natureza da minha relação com alguém, não posso pedir mais do que o contrato estipula. Os hebreus tinham direito a uma vida feliz e longa, desde que seus deveres justificassem suas obras perante a Lei. Mas isso era tudo o que podiam pedir Àquele com quem a Lei os relacionava. Se no bem, para o bem; se no mal, para o mal. Pois o mesmo contrato que garantia o pagamento da dívida pelo poder absoluto da parte divina, por esse mesmo poder, a renúncia a esses deveres tornava Israel merecedor de sua destruição. O que se viu muitas vezes. E isso sem que a parte humana pudesse encontrar qualquer tipo de satisfação, nem houvesse espaço para reclamações e queixas. Deus, portanto, não cometeu nenhum delito ao romper o Contrato da Lei, pelo qual os hebreus e os judeus recebiam a vida pelas obrigações cumpridas e a morte pelas infrações acumuladas contra o Contrato assinado. De qualquer forma, eles deveriam ter lido bem seus termos no dia em que o assinaram e não ter colocado a assinatura ao pé de um Contrato cujas obrigações, por não serem santos, acabariam esmagando qualquer um que, por natureza, não fosse santo à Imagem e Semelhança daquele que colocou a Sua à cabeceira do Contrato entre Deus e os descendentes de Abraão. Moisés, ao contrário de Abraão, o Amigo de Deus, era Servo desse Amigo de Abraão e, como Servo, limitou-se a apresentar o Contrato da lei aos hebreus. O Servo tinha a obrigação de levar esse Contrato ao seu povo e, como Profeta, a de alertá-los sobre as consequências em caso de descumprimento. Mas o Servo cumpre a vontade de seu Senhor e Mestre, e falar quando lhe fosse ordenado e calar-se no restante do tempo fazia parte de seu trabalho. De qualquer forma, o Servo era tão homem quanto o signatário hebreu para compreender que o cumprimento daquela Aliança implicava ser santo, e o “ser” não é algo que se compra e se venda no mercado das vaidades humanas.

Mas àquele que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, a fé lhe é imputada como justiça.

Palavras difíceis de compreender quando sopram tantos ventos de opressão e fanatismo. Faremos o que alguns dizem que fazemos: o mal para que venha o bem? Na dificuldade, apesar do lamento, está a graça. O que é a História senão o registro de um lamento ininterrupto que encontrou consolo nas entranhas de Cristo? O que é o nosso mundo senão o campo de batalha onde o Inferno e a Morte travam sua última Guerra contra o Céu e a Vida? Quem tem olhos é livre para não

ver. O cego não pode se dar a esse luxo. Não se trata de imitar o sábio, mas sim de arrancar a venda que cegou a inteligência humana por tantos milênios e, por mais que a primeira luz doa, mesmo que ela se abata como um raio, ver a estrutura da Realidade tal como ela é. Somos testemunhas da Reestruturação Cósmica que se realizou após a necessária reconfiguração da relação entre Deus e sua Criação. Não poderia haver Futuro para ninguém se a própria Realidade Universal Divina não se submetesse a um processo de evolução revolucionária. Embora o campo de batalha entre as forças opostas tenha encontrado na Terra seu cenário, os atores principais não eram filhos dos homens. Todos nós, portanto, fomos apanhados na Guerra de outros e todos, sem exceção, sofremos as consequências. Tanto judeus quanto índios, africanos e europeus, cristãos e muçulmanos — todos os habitantes da Terra fomos expulsos do Templo da Inteligência Divina e entregues à Ignorância daquele que não sabe o que está acontecendo e, por sua ignorância, sem saber o que faz, não importa o que faça, tudo o que faz está sujeito à lei da ciência do bem e do mal, tão perfeitamente descrita por este Paulo: “Quero fazer o bem, mas é o mal que se apegou a mim”.

É assim que Davi proclama bem-aventurado o homem a quem Deus imputa a justiça sem as obras:

A diferença entre o sábio e o ignorante se esclarece e acaba se resumindo neste campo do conhecimento da Verdadeira Realidade Universal Divina, entre cujas fronteiras nossa História tem avançado em contra-ataque, verso a verso, passo a passo pela estrada dos séculos. No século XX da Primeira Era de Cristo, a Civilização já estava consumida. O fogo de suas guerras mundiais foi a projeção para o exterior do estado em que se encontrava sua alma. Quem melhor do que um guerreiro nato, com braços feitos para despedaçar e destruir, para compreender o grito de desespero de uma Humanidade vendida por trinta moedas de prata à paixão de criaturas nascidas em outros mundos e entregues *ad infinitum et ad eternum* a impor à Criação sua concepção do Universo? O Deus dos deuses que deveria legitimar tal revolução infernal e abençoar a transformação de seu reino em um Olimpo de Príncipes além da Lei, aquele Amigo de Abraão, Senhor de Moisés e Pai deste guerreiro nascido para ser ele próprio rei e carregar sobre os ombros o fardo da Soberania, Esse Deus recusou-se a abençoar tal loucura e encontrou entre o nosso Povo, o dos Homens, aqueles que se uniram à sua Guerra contra o inferno, colocando suas vidas a seus pés, sem condições e sem esperar recompensa. Glória a eles, carne da nossa carne, sangue do nosso sangue.

Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram encobertos.

Glória a eles. Suas falhas e defeitos, assim como um Amigo esconde os de seu melhor amigo, um Pai os de seu filho amado e um Senhor os de seu servo fiel, foram silenciados por Aquele ao lado de quem se colocaram, embora fossem barro e Ele seja o Deus Eterno.

Feliz o homem a quem o Senhor não levou em conta o pecado.

Não foram eles homens entre os homens? Não foram suas vidas tanto mais difíceis e árduas quanto excepcionais foram suas existências, e tiveram de trilhar seus caminhos na solidão daqueles que não têm igual entre seus semelhantes? O Juiz do Universo soube avaliar seus erros em função da natureza das circunstâncias e, perdoadando pela solidão que deviam ao Seu Silêncio, absolver os pecadores de suas faltas, com tanto mais direito à graça quanto, por causa de seu silêncio, a solidão que o Inferno aproveitava para tentar destruí-los os tornava alvo de forças desconhecidas para os demais mortais.

Ora bem, essa bem-aventurança é apenas dos circuncidados ou também dos incircuncisos? Pois dizemos que a fé de Abraão lhe foi imputada como justiça.

E como sua fé na inocência de Deus poderia ter-lhe sido imputada como justiça, senão porque nela se resolvia a ignorância pela qual o mundo inteiro se tornava merecedor da redenção? Já vimos que da ignorância provinha a graça, gratuita da parte de Deus para com o pecador, seja príncipe ou povo, operada pelo sumo sacerdote em pessoa. A bênção, dessa forma, tornava-se universal em benefício de todos aqueles que justificam a Deus não no Poder, mas no Amor; não pelo Terror, mas pela Verdade; independentemente de quem seja, pois Deus nos criou a todos para nos tornar participantes da vida eterna.

Mas quando isso lhe foi creditado? Quando ele já havia sido circuncidado ou antes? Não depois da circuncisão, mas antes.

Caso contrário, como vimos, teria sido creditada como salário. E se fosse por salário, não por justiça, e a justiça da fé, nesse caso, teria sido fruto das obras da Lei. Ou seja, a libertação teria vindo da servidão, ao contrário do que deveria ser e foi: o livre liberta o servo. Pois se o livre, sem obrigação, faz o que o servo, por incapacidade, não faz, sua ação não fica sujeita a salário, mas à bênção daquele que, pela falta de seu servo, sofreu a escravidão de seu povo.

E recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé, que obteve mesmo sendo incircunciso, para que fosse pai de todos os crentes incircuncisos, de modo que também a eles fosse atribuída a justiça;

Na verdade, Deus quis, em Sua Justiça, que a Liberdade fosse glorificada acima da servidão e que a ação que provém da Liberdade fosse exaltada acima daquela que emana do dever do servo. Pois, tendo criado o Homem e todo ser vivo para compartilhar sua Vida na alegria perfeita que provém de laços familiares eternos... Seu Ser ama a Liberdade acima de todas as coisas e prefere os frutos da verdade e d m nascida livre à sabedoria escrava daquele que faz as coisas não por amor, mas pela Lei. Como disse o rei sábio em seu Livro: “Que Deus não ama senão aquele que habita com a Sabedoria”, ou seja, com a Liberdade de um Abraão que, sem ter por que antepor Deus e sua Santa Esperança a seu único filho Isaque, glorificando Aquele que lho concedera, fez de sua Liberdade uma

bandeira e de seu Amor um cavalo de batalha, da Obediência sua espada e armadura... E contra as forças do Inferno, aquele que não colocar livremente sua vida à disposição do Rei dos exércitos da Criação, que se afaste ou saia do caminho.

e pai dos circuncidados, mas não daqueles que são apenas da circuncisão, e sim daqueles que também seguem os passos da fé de nosso pai Abraão antes de ser circuncidado.

Concluindo, como a Liberdade é superior à servidão e o homem livre ao servo, pois Deus não é servo de ninguém e, tendo sido criados à sua imagem e semelhança, a Liberdade é o que convém a todos os seus filhos, assim também a fé que provém do Conhecimento de Deus é superior àquela que provém do Conhecimento da Lei. Pois pela Lei nos vem o conhecimento do pecado, mas pela fé: o conhecimento de Deus

A justificação, garantia da salvação eterna

Pelo que estamos vendo, o sentido desta Carta está relacionado ao problema histórico atual que, naquela época, assolava a consciência de grande parte da comunidade cristã nascente. Em 49, os Apóstolos, em pleno, traçaram a fronteira entre o judaísmo — que julgou Cristo e o condenou à morte — e o cristianismo, surgido de seu túmulo e nascido com a Ressurreição de Jesus. Em linhas gerais, o tema dizia respeito à convivência entre a Fé em Cristo e a Lei de Moisés. Os apóstolos, cuja doutrina é ecoada por São Paulo nesta Carta, deram um NÃO sem concessões a tal convivência. É lógico que os irmãos do assassinado convivam com os assassinos do irmão que os matou? O medo da fé de cair sob a maldição da Lei trouxe à tona a possibilidade dessa convivência em razão do parentesco sanguíneo entre os primeiros cristãos e os antigos judeus. Os Apóstolos se levantaram para dizer que Não, pois a mesma Lei que havia assassinado Cristo na carne acabaria por assassiná-lo no espírito. E esse Não afirmado no Concílio de 49 ficou selado para sempre. Selo que permaneceu até hoje e continuará permanecendo eternamente. Mas o Concílio foi uma reunião secreta de particulares e sua decisão deveria se espalhar por toda a comunidade cristã do império. Portanto, seria pouco convincente da nossa parte acreditar que, uma vez adotada a decisão, sua voz se espalhou à velocidade da luz por todo o Mediterrâneo e... sem vencer a oposição consequente, simplesmente acabaria com o judaico-cristianismo, sem mais. Será para vencer essa oposição que São Paulo, com os ventos da Grande Perseguição Imperial de Nero ameaçando uma tempestade, escreveria esta Carta aos Romanos reafirmando o “Não” ao judaico-cristianismo adotado no Concílio de 49. Quando fala da Lei, refere-se à de Moisés, e quando fala das obras da Lei, exatamente a mesma.

Justificados, portanto, pela fé, temos paz com Deus por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo

De fato, realizada a Redenção da qual provém o perdão de todos os pecados cometidos pelo nosso mundo sob o jugo da Ignorância, Deus ergueu a bandeira de sua Paz sobre todas as nações da Terra, convocando todos os povos da Humanidade a viver à luz da Justiça do Reino de seu Amor, Amor personificado em seu Filho, que, tendo misericórdia de todos nós, ofereceu-se a si mesmo como mediador entre Deus e nós para, pelo Amor, nos obter a graça do perdão que precede a paz e a glória da liberdade dos filhos de Deus, que provém da fé. Em mais ninguém o homem tem essa liberdade e essa paz, senão n'Ele, Jesus Cristo.

Por meio de quem, em virtude da fé, também obtivemos o acesso a essa graça, na qual nos mantemos e nos gloriamos, na esperança e na glória de Deus.

Onde está a glória de Deus senão no amor de seus filhos, e qual é a sua esperança senão que o homem o chame de Pai? E a esperança de um pai não é que seus filhos vivam para sempre ao seu lado no amor pelo qual ele os gerou à vida? Sendo Pai, que outra esperança pode Deus ter senão que a humanidade, sua criatura, retorne à sua Casa e que a plenitude de suas nações viva em seu Reino eterno? Que Deus tenha essa esperança e, por ela, nos tenha dado como Mediador seu Filho, sabendo que lhe pagariam seu serviço com a Cruz, não é essa a nossa glória, tanto para os primeiros cristãos quanto para os últimos? Ou será que Deus muda de coração e de mente com a mesma facilidade com que a serpente muda de pele?

E não apenas isso, mas nos gloriamos até mesmo nas tribulações, sabendo que a tribulação produz paciência; a paciência, uma virtude comprovada; e a virtude comprovada, a esperança.

Do campo do olhar voltado para Deus, passamos para o do olhar voltado para o Homem; neste caso, o dos primeiros cristãos. São Paulo abre o coração e expõe a natureza da Esperança da Salvação Universal pela qual eles lutavam e pela qual estavam dispostos a sofrer e, de fato, sofriam as perseguições. Deus não ofereceu seu Cordeiro pelos pecados de um grupo de eleitos. O Sacrifício Expiatório realizado em Cristo estendeu sua Graça a todos os povos da Terra. E, uma vez que a conduta do homem se baseia na ignorância e sua origem está no pecado de um único homem, Cristo elevou ao Céu, em sua Ressurreição, uma Petição de Misericórdia que incluía, entre seus termos, todos os homens, tanto aqueles que já haviam morrido quanto aqueles que ainda estavam por nascer. Pois tanto aqueles que morreram no tempo anterior ao Nascimento quanto aqueles que nasceram no tempo posterior à Ressurreição, mas sem terem ouvido falar de Cristo, todos pecaram sob a mesma lei. De modo que, por essa lei, todos ficavam abrangidos sob a bandeira de uma esperança de salvação que, no tempo e no espaço, não conheceram. Vitória que, por não depender deles — já que uns estavam mortos e outros ainda por nascer —, ficava nas mãos daqueles cujas

obras, realizadas em Deus, pelas obras da fé, edificavam a argumentação da defesa... com as obras da fé.

E a esperança não será confundida, pois o amor de Deus se derramou em nossos corações pela virtude do Espírito Santo, que nos foi dado.

O amor, portanto, de um Deus Maravilhoso é aquele que se derrama sobre sua Criação para revesti-la de Vida eterna. Obra que foi destruída e enterrada sob as águas daquele Dilúvio Universal pelo Eixo do Dragão, cuja cabeça, a Serpente Antiga, se levantou em rebelião contra o Espírito Santo. Deus, para que julgássemos por nós mesmos contra o que a Besta se levantou em guerra, cumprindo seu juramento de vingança, por um lado, e de promessa de salvação eterna, por outro, fez de nós juízes do Diabo ao amar o que o Inferno odeia e odiar o que a Morte ama.

Pois, quando ainda éramos fracos, Cristo, no tempo certo, morreu pelos ímpios.

...na esperança de encontrar em nós, uma vez justificados e reconciliados, o julgamento proferido por Deus contra Seu inimigo e o nosso. Vitória alcançada, em primeiro lugar, em seus apóstolos e discípulos, que, ao se libertarem da ignorância e entrarem no reino da Sabedoria, conheceram a natureza desse Espírito e, por meio das obras nascidas da fé, manifestadas na paciência diante das tribulações, pelas quais davam peso à Esperança, condenando o Maligno ao imitar o exemplo de seu Mestre, demonstraram, em nome da Humanidade, que a esperança pela qual Cristo morreu estava cheia de vida e saúde e, como até mesmo um cego pode ver, não seria de forma alguma frustrada.

Na verdade, dificilmente alguém morreria por um justo; no entanto, poderia acontecer que alguém morresse por um homem bom;

Falando sempre em relação à Salvação. Pois o Justo o é porque não está sujeito à Ira e à Condenação, de modo que por ele não cabe sacrifício. Por um homem bom, porém que vive na ignorância e, por essa ignorância, sua bondade se perde, não dando mais frutos, sim. É o próprio Deus quem, falando sobre os dias de Cristo, declara que todos estão corrompidos, que todos são ímpios, como vimos anteriormente. Mas contra os delitos de nossos pais Ele não lançou Sua condenação, mas Sua graça, demonstrando, no sacrifício expiatório pelos pecados do mundo, que a ignorância era a mãe desses delitos. E se o sacrifício não foi feito por João nem por Juanito, mas por todos os pecados do mundo, a expiação revela-se obra de a Lei, de modo que, sem as obras, não poderia ter havido redenção. E o próprio Abraão, como vimos, foi justificado pelas obras; sem essas obras, sua fé não teria se tornado perfeita, nem, sem essas obras, teria conquistado para todas as famílias do mundo a bênção universal que suas obras nos trouxeram. E o próprio Cristo foi todo Obras, a ponto de declarar: “Se não credes na minha palavra, crede pelo menos pelas obras”. Daí se vê que a fé que provém das obras

gera fé naqueles que não a possuem. Pois se a fé por si só, enquanto conhecimento, bastasse para a salvação, o sacrifício dos primeiros cristãos e as tribulações sofridas pelos discípulos teriam sido atos desnecessários e, se assim fossem, declarariam Deus culpado de delito, por ser onipotente e não ter agido em defesa de seus filhos para salvá-los a todos da morte. Havia necessidade da morte de Cristo, mas, uma vez realizado o sacrifício pela redenção de todos os pecados do mundo, não havia necessidade de mais nenhuma morte... a não ser... que a vitória da fé abrisse caminho para a esperança da salvação universal; e, tendo em vista isso, a cruz tornou-se uma necessidade.

Mas Deus provou seu amor por nós pelo fato de que, sendo pecadores, Cristo morreu por nós.

Daí se vê que o objetivo da obra do Diabo era suscitar em Deus um ódio pelo ser humano, em razão de seus delitos, de modo que, diante dessa violência, Deus se esquecesse de sua Justiça e abandonasse o Homem à sua sorte. O Maligno e seu povo tiveram quatro milênios para cultivar o ódio de Deus pelo Homem. A conduta da humanidade durante esses quatro milênios está registrada nos anais da história dos povos do mundo. É certo que o fruto dessas obras era gerar ódio e, em outras circunstâncias, esse ódio teria se tornado uma árvore de ira interminável contra o homem e seu mundo. No entanto, o Coração de Deus permaneceu imune ao ódio. Conhecemos as causas. Mas aquela, dentre essas causas, que derreteria o coração de seus filhos seria a Esperança da Salvação Universal, que no centro de seu Coração havia encontrado um Santuário Perpétuo. Por ela, seu Filho dobrou os joelhos e adorou a Deus, e seus irmãos no Espírito Santo enfrentaram a morte adorando aquele Deus Maravilhoso que seu Filho lhes havia revelado no Pai.

Com ainda mais razão, pois, agora justificados pelo seu sangue, seremos por Ele salvos da ira;

Exilados da ignorância e tornados cidadãos do Reino da Sabedoria em virtude do Sacrifício Consumado, a ira divina contra os delitos cometidos com pleno conhecimento de causa — e, por esse mesmo conhecimento, não cometidos — torna justos todos aqueles que, exilados, atestam esse exílio por meio da conduta de quem é cidadão do Reino de Deus. O Conhecimento, portanto, define apenas a natureza do delito. Pois, havendo conhecimento, já não há ignorância; de modo que quem conhece não pode estar sujeito a nenhuma lei expiatória. As obras são o que definem a natureza de Cristo e do Diabo, pois pelas obras conhecemos a Cristo e pelas obras descobrimos o Diabo. Ora, quem crê, mas não age, limitando-se a crer, supera ambos, pois vive a existência de quem, ao morrer, não pode fazer nem o bem nem o mal e, portanto, não pode ser julgado por suas obras. Que espertinho!

pois, se, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, já reconciliados, seremos salvos em sua vida.

Ou seja, na vida de Cristo. Agora, se Cristo não fez nada e se limitou a conhecer Deus e a acreditar que esse conhecimento bastava para ser declarado justo... nesse caso, os apóstolos foram todos assassinos, porque, uma vez satisfeita a Necessidade, a fé por si só, sem as obras de Cristo, teria sido suficiente para que crescessem e se expandissem sem provocar, por causa das obras de Cristo realizadas neles, aquele terrível conflito que esteve na origem das Grandes Perseguições. Vou me explicar: somente um demônio veria algum sentido no argumento da FÉ SEM AS OBRAS de Cristo.

E não apenas reconciliados, mas nos gloriamos em Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem agora recebemos a reconciliação.

A Verdade se destaca por si só e não precisa das obras nem da fé de ninguém para ser gloriosa, eterna e perfeita. Impossível de ser alcançada em sua Plenitude apenas com as forças do homem, conforme demonstrado na lógica original da Filosofia, Deus, em Sua Maravilhosa Paternidade, quis que Se tornasse Carne em Sua Plenitude para que, na Pessoa de Seu Filho, não apenas vissemos as costas, mas também o rosto, e O tocássemos com nossos sentidos, a fim de, com o poder dos sentidos, admirarmos Sua beleza, Sua força, Sua saúde e Sua graça. É inútil criticar o Amor do Filho pelo Pai e do Pai pelo Filho. Nós mesmos, a quem foi revelada a Maravilhosa Essência do Espírito de Deus, somos aqueles que repetimos com o autor destas palavras eternas: Glorificamo-nos em Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Mas se alguém ainda não é capaz de compreender essa glória...

A obra de Adão e a de Jesus Cristo

Possivelmente este seja um dos capítulos mais enigmáticos de toda a Carta. Suas declarações são de uma profundidade tão intensa e suas conclusões de uma vastidão tão enorme. Em geral, tende-se a ignorá-lo. Não se procede a uma imersão e a uma exploração aprofundada. Sua profundidade e amplitude são de uma riqueza tão brilhante que seu resplendor intimida e inspira respeito por essas águas. Os judeus nunca quiseram fixar os olhos e abrir os ouvidos para este capítulo da Carta por razões evidentes. É seu pai original, Adão, quem é declarado culpado pela situação do mundo nos últimos seis milênios. Eles, que se vangloriam de ter Abraão como pai, blindam-se diante do fato de terem como pai original — e pai desse mesmo Abraão — o homem cujo crime arrastou a Humanidade para o inferno. Sua blindagem é um escudo próprio de loucos. Dizem que, quando Adão é declarado o Primeiro Homem, isso é interpretado no sentido de que aquele homem é o pai biológico tanto do homem de pele negra quanto do de pele branca, tanto do homem de pele vermelha quanto do de pele amarela e, é claro, do homem de pele morena. É desnecessário qualquer tipo de discussão com

o louco que, contra a ciência, a sabedoria e a razão, trava sua guerra santa particular em favor de tal declaração solene de loucura. É verdade, digamos tudo, que há dois milênios o conhecimento da civilização ainda não havia dado o salto revolucionário que nos afasta de seu sistema de visão da realidade. Julgar aquelas gerações deste lado do abismo é um exercício que não nos cabe. Sim, em contrapartida, perceber que o que ontem era uma alternativa sensata, hoje é um discurso de loucura. Qualquer um que defenda a origem carnal de todas as raças humanas nas coxas do homem declarado culpado pela tragédia da Humanidade nesta Carta, qualquer um que pretenda continuar a relacionar carnalmente todos os povos à carne de Adão comete um ato de demência. Infelizmente, ainda há entre os judeus aqueles que continuam defendendo tal visão do passado da humanidade para não aceitar as consequências da Bíblia.

Do ponto de vista cristão, o dilema que este capítulo suscita é górdio. Pois, em que contexto pode ser justificada a sentença de condenação contra uma multidão incontável de inocentes, responsabilizados pelo crime cometido por um único homem? Será que Deus perdeu o juízo ao condenar toda a humanidade pela desobediência de um único indivíduo? Onde está o assassino enlouquecido que, pela falta de um indivíduo, jura destruir toda a sua nação e seu mundo? É justo que, pelo crime de um indivíduo, sua família — que não teve participação alguma no crime — seja declarada culpada e condenada à morte? O que nos parece insano e próprio de uma justiça terrorista e infernal nos é oferecido nesta Carta como um manjar divino, tanto mais belo quanto mais concede a quem o saboreia a vida eterna. É compreensível, portanto, que o cristianismo tenha ignorado este capítulo. O medo de se afogar em suas profundezas e se perder em sua vastidão sempre foi maior do que o desejo de descobrir na Natureza Humana a Imagem Divina, segundo cujo Modelo seu Ser foi concebido, tecido e articulado para a glória de seu Criador e a admiração de toda a Criação.

Assim, como por um homem o pecado entrou no mundo, e pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens, visto que todos haviam pecado.

Mergulhamos de cabeça e nos preparamos para chegar ao cerne da questão. Adão viveu cerca de 4.000 e poucos anos antes de Cristo, na Mesopotâmia, segundo o cálculo bíblico. A Ciência, sem fé, situou a origem da Civilização nesse período, exatamente no mesmo local onde a Bíblia diz que outrora existiu o Éden. A Ciência tem seu próprio modelo de evolução histórica e afirma que, antes da Queda, os humanos já se devoravam vivos, realizavam banquetes com crianças suculentas e, assados lentamente no fogo, na grelha. A Bíblia diz que não, que esse tipo de coisa era impossível. Afirma que esse tipo de coisa começou a ocorrer entre os povos logo após a Queda, como consequência da Queda. E declara que esse tipo de coisa era costume entre os povos da Terra por culpa de um homem em particular. Antes desse homem, a Humanidade não conhecia a ciência do bem e do mal. Ou seja, não conhecia o conceito de propriedade privada, capital, guerra, e não era assolada por doenças. As famílias humanas viviam sem trabalhar,

cultivando a terra e alimentando-se livremente da abundância de árvores frutíferas, cereais e hortaliças. Tudo pertencia a todos, e o Templo tinha como missão distribuir gratuitamente os frutos das colheitas de acordo com as necessidades de cada família. De repente, certa manhã, todos se levantaram desejando nunca ter acordado. Qual foi aquele sonho perdido que, ao acordar, se transformou em um pesadelo? É importante levantar esse véu; caso contrário, nunca conseguiremos compreender a mente daqueles homens. Em outros tempos, esse acesso era impossível e, se não estivéssemos vivendo nestes tempos, suas visões continuariam vedadas ao nosso olhar. De nossa posição privilegiada e imersos no conhecimento da ciência do bem e do mal, podemos afirmar, sem medo de nos equivocarmos, que a origem de todos os males do mundo estava dentro daquela Caixa de Pandora na forma de um fruto pendurado em uma árvore. Aquela era a Árvore da Morte e seu fruto era a Guerra. Consequentemente, a visão de futuro que aquela primeira civilização teve foi regida por uma lei de vida e sabedoria, a partir da qual sonhou em expandir seu mundo nas asas do Conhecimento e da Paz. O terrível pecado de Adão, seu delito, foi acelerar o processo e usar a Guerra como meio de civilização. Ou seja, querer impor à força seu Mundo aos povos que ainda desfrutavam daquele Neolítico edênico foi o passo — involuntário, pois ele não sabia o que fazia — que, uma vez dado, ergueu entre Ele e seu Deus o Muro da Inimizade. E tudo bem, tudo perfeito, mas por que Deus não se limitou a tirar o poder daquele príncipe daquela União Mesopotâmica e entregar a direção do Projeto Civilizador da Humanidade a um de seus concidadãos? Os judeus nunca quiseram abordar esse assunto porque, para eles, Adão era o único homem naquela época. A arqueologia já demonstrou que, antes de seu nascimento, sua terra já era habitada por cidades-estado. Assim, é na unificação dessas duas verdades que se encontra a pérola da realidade oculta. Adão, de fato, foi filho de uma civilização nascente com vocação para um futuro universal, cujo movimento no espaço se realizava ao ritmo das asas da liberdade e da ciência, os dois braços da Sabedoria que, desde o início, guiaram a evolução criadora da vida na Terra, desde o barro até a condição humana. Sem esse cenário, qualquer tentativa de compreender a origem da tragédia da Humanidade cai naquela selva onde o homem não passa de uma fera devorando seus próprios filhos.

Pois antes da Lei já havia pecado no mundo, mas o pecado não é imputável se não houver Lei.

Aquela perversão do meio a ser empregado para levar adiante, sem Deus, o Projeto de Formação do Gênero Humano foi o gatilho para a perda de um sonho, o primeiro e mais belo que a Humanidade viveu em carne e osso. O erro de Adão se espalhou por todas as cidades de seu mundo. Os Caim se multiplicaram em uma reação em cadeia que banhou de sangue aquele paraíso criado pela união de famílias e raças vindas de todos os cantos da Europa, Ásia e África. Desconhecedores da ciência do bem e do mal, ignorantes quanto à avalanche de

paixões que a força, como meio de expansão, traz consigo, Abel foi o primeiro de seus semelhantes sobre cujos cadáveres teve início a luta pelo domínio das Quatro Regiões. Conforme se diz nesta Carta, aqueles homens não viviam sob nenhuma Lei. Eles se uniram espontaneamente, livres e pacificamente, e começaram a criar suas cidades. O amor à vida era a lei sagrada inscrita em seus genes, não escrita em códigos; sob sua estrela, suas famílias se fundiam em uma família universal cada vez maior. Todos eram filhos de todos e todos eram pais de todos. Era o mundo deles. A terra transbordava de frutas e cereais, hortaliças, água; a primavera regava seus campos, o sol amadurecia seus frutos e colheitas, o outono era para desfrutar, o inverno para fazer amor ao redor da fogueira da felicidade. Eles não tinham exércitos nem concebiam o uso de seus instrumentos de trabalho a serviço da destruição. É por isso que a Bíblia diz que estavam nus. Tanto que bastava a Caim uma simples mandíbula de burro para matar Abel. Certamente, e visto que Deus não havia estabelecido leis que não se encaixassem na natureza humana, não havendo Lei — embora, mesmo na ausência dela, o fratricídio não deixasse de ser um crime —, não existindo Lei, não se pode levar perante um tribunal quem não está sujeito à legislação. O que significa que a necessidade da Lei tornou-se inevitável para que o homem reconhecesse a natureza de seus atos e sua consciência abrigasse, em seu código interno, o conceito de culpa. Vemos na resposta de Caim a Deus que o fraticida não demonstra qualquer senso de culpa. Ele queria o Poder; seu irmão se interpunha entre ele e seu desejo de conquistar o mundo, e ele o eliminou para o bem de toda a Humanidade. Simples, direto. Com a mesma naturalidade, aqueles que, um dia antes, se dedicavam a deixar nas mãos de Deus o ritmo de crescimento da Civilização, um dia depois erguiam os braços para reivindicar para si esse Poder sobre os cadáveres de todos aqueles que se recusaram a apoiar seus delírios.

Um novo nó se destaca aqui: como pôde ocorrer uma mudança tão brusca na personalidade de Caim da noite para o dia? O Apóstolo diz: por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte. E nós nos perguntamos: será que aqueles homens haviam alcançado a imortalidade? Ou será que, ao falar da morte, o Apóstolo entende algo mais do que simplesmente deixar de respirar? Temos em mente que o primeiro a escandalizar-se e a sofrer o efeito devastador da Queda não foi Abel, nem o próprio Adão; o primeiro foi o próprio Deus. Foi Deus quem sentiu a desobediência de seu filho mais novo, nosso Adão; foi Deus quem sofreu a lança penetrando em seu flanco e atravessando seu coração. Em suma, foi isso que seu Filho Mais Velho, Jesus Cristo, nos lembrou em sua própria carne, ao permitir que a lança se cravasse até o mais profundo de seu ser. Pois, caso contrário, se não tivesse sido assim, teríamos que concordar com aqueles que afirmam, junto com os judeus — embora se digam cristãos —, que Deus faz o que quer e predestina uns para a glória e outros para o inferno, e, bem, predestinou Adão para o inferno, e o restante para segui-lo em sua Queda, entre os quais escolheu para si alguns poucos, judeus e cristãos, para a vida eterna. Em definitiva, Deus seria um monstro, um terrorista elevado à categoria máxima,

infinita. Se, para os judeus da antiga ordem mundial e para os protestantes de tendência calvinista, tal Deus é quem é, compreende-se que vivam a loucura de sua predestinação como causada pelo pecado de um homem, pai dos brancos, negros, amarelos, vermelhos e morenos. Chegamos ao ponto em que não podemos compreender a Bíblia sem a ciência, nem a Ciência pode compreender a História sem a Bíblia.

Mas a morte reinou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não haviam pecado, à semelhança da transgressão de Adão, que é o tipo daquele que havia de vir.

Foi, portanto, o peito de Deus o alvo da lança da traição. O Homem não passou de uma lança, um instrumento a serviço de uma causa que ultrapassava o próprio homem e o escravizava aos seus interesses antidivinos. Mas, além da clássica batalha entre o Diabo e Cristo, devemos ver a desobediência de Adão como a trombeta que anuncia a guerra apocalíptica. Se Adão era a lança, e o chifre era Satanás, quem soprava era a Morte. Na Terceira Parte da História Divina, apresentei a vocês as Memórias da Não-Criação. Resumindo, podemos dizer que a Vida e a Morte são realidades que existiram no corpo da Não-Criação sem causar, em seu curso, nenhum desequilíbrio antinatural. Esse desequilíbrio teve início quando Deus provocou uma revolução cósmica que implicava no banimento da Morte do corpo da Realidade Universal Não Criada. Mas Deus não estava ciente dessa implicação durante todo o Caminho da Não Criação até a Criação. Para Ele, o desafio estava em tomar em Suas Mãos a origem da Vida e conduzir sua evolução, desde o barro até a vida à Sua imagem e semelhança. A Morte, enquanto entidade não criada e, portanto, indestrutível, não entrou em Seu campo de visão até o Dia em que Adão caiu. A morte de seu filho mais novo abriu-Lhe os olhos para o verdadeiro inimigo de Sua Criação. E isso era lógico. Para Deus, era impossível compreender que uma simples criatura de barro, formada por Suas próprias mãos, que Ele poderia varrer da cena com um simples sopro, ousasse declarar-Lhe guerra. A Criação implicava o fim da Morte como parte natural do processo de evolução da vida, parte que era natural à Morte desde o Princípio sem princípio da Não-Criação. E era natural que, enquanto Força Ontológica Não Criada, ela buscasse — já que não podia destruir Deus — obrigar Deus a integrar sua existência em Sua Ideia da Criação. Certamente Deus poderia ter abaixado a cabeça em sinal de derrota e reajustado sua Ideia para integrar a Vida e a Morte no corpo da Criação, agindo Ele como um Deus dos deuses sem lei que age no mundo para salvar quem quer e abandonar os demais à própria sorte. Mas...

Mas o dom não é como foi a transgressão. Pois, se pela transgressão de um morrem muitos, quanto mais a graça de Deus e o dom gratuito, concedidos pela graça de um único homem, Jesus Cristo, abundaram em benefício de muitos.

A Batalha Final havia começado. Nem Adão nem Satanás. A Guerra era entre

o Céu e o Inferno. Adão havia sido um peão na guerra particular de Satanás e dos seus, e estes, um peão nas mãos da Morte. A Vida colocou sua Visão nos olhos de Deus, e também a Morte colocou a sua: o Inferno. Deus amou o Céu, a visão com a qual a Vida o seduziu, e abominou a Ideia do Futuro com a qual a Morte o tentara. Daqui em diante, uma vez que havia visto a Morte em sua verdadeira natureza ontológica não criada, a questão se concentrava na “morte da Morte”, para empregar uma expressão chocante. Por um lado. Por outro lado, abrir os olhos de seu Filho e de toda a sua Casa sobre o motivo de seu “Não” ao Inferno da transformação de sua Criação em um Olimpo de deuses sem lei, sujeitos exclusivamente a um Deus dos deuses, pai de todos eles, que os governa de acordo com essa paternidade e não em razão de uma Justiça superior a todos os seres. Esse “Não” Divino seria contemplado ao vivo na carne da Humanidade. De uma vez por todas. Nunca mais ocorreria outra Batalha semelhante. Assim como Cristo foi crucificado uma vez e nunca mais o será.

E não foi o dom como a transgressão de um único pecador, pois o julgamento proveniente de um único levou à condenação, mas o outro, após muitas transgressões, resultou na justificação.

De fato, se a desobediência de Adão não tivesse envolvido a realidade cósmica em sua totalidade, Deus poderia ter transmitido a Coroa reservada a ele e ter continuado seu Projeto de Formação do Gênero Humano à imagem e semelhança dos reinos que compunham seu Império. Uma vez que essa totalidade foi envolvida, com o futuro de toda a Criação pendurado por um fio, dependendo da Resposta de Deus à declaração de guerra contra seu Espírito Santo — sobre cuja Pedra se baseia todo o seu Mundo —, esse ato tão simples de destituir e nomear um rei foi adiado. Contradizendo-se diante de toda a sua criação, sujeita à lei da culpa centrada no indivíduo, Deus estendeu a condenação pelo pecado de um a todos os seus filhos. E como o mundo que nascia de seu delito seria aquele que sobreviveria à destruição de seu mundo, toda a Humanidade foi condenada pelo pecado de um homem, sem pecar à maneira desse homem. Pois para aquele homem a lei estava em vigor, mas a nenhum outro Deus disse: “Se você comer, morrerá”. E, no entanto, sendo ele o rei e, portanto, a cabeça do mundo, se a cabeça cair, não cairá todo o seu corpo? É assim que Adão era o tipo daquele que havia de vir, e nos é mostrado, por meio do que vemos, o que não vimos.

Pois, assim como pela transgressão de um, isto é, pela obra de um único, reinou a morte, muito mais aqueles que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão na vida por meio de um único, Jesus Cristo.

E aqui está todo o cerne da Salvação Universal da Humanidade. Sacrificada à Necessidade, Deus, em Sua Maravilhosa Justiça, não podia permitir que, uma vez satisfeita a Necessidade, a Humanidade ficasse sem uma Porta Aberta para o Seu Paraíso, sendo o acesso tanto mais gratuito quanto mais árduo tiver sido seu caminho. Deus não podia deixar para o futuro a Necessidade que toda a sua casa

tinha de ver com os próprios olhos o motivo do seu “Não” ao Inferno. Também não. Toda a Criação estava em jogo. Nem Deus, em Seu Amor transbordante, poderia fortalecer em Seu Coração a Esperança Universal de Salvação para se manifestar no fim dos tempos, e alicerçada sobre a Rocha na Cruz de Cristo. De modo que, se por causa da Necessidade a Morte reinou desde Adão até Cristo, seu império começou a perder limites e fronteiras à medida que as nações foram se convertendo ao cristianismo. E embora a posição da Ciência tenha implicado um contra-ataque maciço da Morte, cujo Inferno fez do século XX sua arena, a Esperança de Salvação Universal permaneceu forte e bate alegremente no coração de toda a Criação no alvorecer deste Novo Milênio e Era.

Portanto, assim como pela transgressão de um único veio a condenação para todos, assim também pela justiça de um único chega a todos a justificação da vida.

E como poderia ser de outra forma? Fomos transformados em atores inconscientes de um Capítulo da História Universal. O Dia tinha que chegar e a Hora da Liberdade tinha que soar. Ser donos de nosso próprio destino, atores conscientes de nosso próprio futuro, livres das correntes da ignorância, filhos de Deus à imagem e semelhança do Filho Unigênito, conhecedores de todas as coisas, incluindo a Ciência do Bem e do Mal.

Pois, assim como pela desobediência de um único homem muitos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um, muitos se tornaram justos.

A glória é do nosso Salvador, pois também Ele teve em suas mãos a decisão cósmica que, em seu tempo, seu Pai teve e, tal pai, tal filho, preferiu a Vida à Morte, o Céu ao Inferno, e, a partir de sua Obediência, fez ressoar os pregos com um “Sim” à Vida por todos os cantos de toda a Criação. Somos filhos desse Grito de Guerra do Filho de Deus. O que foi já não importa; o que somos é o que conta, e o que nossos filhos serão é tudo o que nos interessa.

A Lei foi introduzida para que o pecado abundasse; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, para que, assim como o pecado reinou pela morte, assim também reine a graça pela justiça para a vida eterna, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

Vocês mesmos podem encerrar este capítulo da Carta.

LIVRO SEGUNDO

O CRISTÃO UNIDO A CRISTO

Foi São Pedro quem, ao falar de São Paulo, deixou clara a dificuldade natural na hora de interpretar a inteligência sobrenatural de São Paulo. Nada de anormal. O espírito de profecia do qual participaram todos os apóstolos foi enriquecido com o espírito de inteligência que Deus derramou sobre aquele que, até pouco tempo atrás, era um perseguidor de cristãos — do ponto de vista de nossa justiça atual: autor de um grave crime contra a humanidade. É verdade que esse crime permanece vivo em certos regimes do planeta, onde o simples fato de ser cristão é motivo suficiente para perseguição, prisão e execução. A Arábia Saudita, o Sudão e a China, nesse âmbito, representam a resistência anticristã mais intensa, perseguindo, destruindo e assassinando.

Neste capítulo específico, São Paulo tem em mente a terrível perseguição anticristã que Roma em breve iria desencadear. São Paulo não podia definir a causa específica que permitiria ao Império violar sua lei de liberdade religiosa, mas o fato de que o Império estava pronto para atacar e dar uma guinada brusca em sua política religiosa — o que tornaria o cristianismo o inimigo público número um dos Césares — era para ele tão certo quanto a impossibilidade de especificar qual seria o gatilho dessa reviravolta.

Do futuro, é fácil enxergar as coisas. Todos sabemos que o Incêndio de Roma foi o gatilho que disparou a bala. Qual foi o papel do boato de Nero de que os cristãos teriam sido os autores do boato judeu espalhado em Jerusalém, na primavera daquele mesmo ano, de que os cristãos teriam sido os autores do incêndio da Cidade Santa, qual foi a relação entre um incêndio e o outro é algo em que não vamos nos aprofundar, mas que, recorrendo à biohistória, pode ser

relacionado, permitindo ver o Incêndio de Roma como a sucessão lógica do Incêndio de Jerusalém.

Se, no caso do primeiro, os judeus — ao se verem impotentes para assassinar o presente — quiseram matar o futuro, alguém acreditou poder fazer o mesmo: matar o futuro do cristianismo, aproveitando-se da loucura dos Césares. Não nos esqueçamos de que a comunidade judaica em Roma havia tido uma presença tão alarmante a ponto de levar o César da época a tomar a medida de se livrar de sua influência por meio do exílio da capital. É impossível não ver no ódio judaico contra o cristianismo na capital do Império a origem dos tumultos que deram origem ao decreto de banimento dos judeus de Roma, incluindo o legislador, em sua ignorância, cristãos e judeus no mesmo saco.

Aquele decreto tornou necessária a convocação de um Concílio dos Apóstolos, a fim de definir o futuro do reino de Deus na Terra diante do confronto mortal que estava prestes a acontecer. Nessa ocasião, os acusadores haviam sofrido eles próprios o efeito de sua maldade, mas, em uma ocasião posterior, as consequências dariam origem ao anticristianismo imperial mais virulento.

Reunidos em 49, para organizar a resistência e construir a vitória final, do Primeiro Concílio Católico, Cristão e Apostólico nasceu a estrutura hierárquica universal, com os bispos como colunas da Fortaleza Divina, contra cujas muralhas o Inferno lançaria todas as suas forças.

Quando São Paulo escreve esta Carta, o dia da transferência do poder dos judeus para os romanos estava prestes a se concretizar. Com esse futuro e sua imensa tragédia pairando no ar, o Apóstolo escreve aos Romanos esses capítulos onde, até onde vimos, toda a sua preocupação se concentrava em fortalecer a fé do povo destinado ao matadouro e acender a chama da esperança com a promessa de vida eterna que o próprio Deus e Pai de Jesus Cristo lhes havia feito.

Aqueles que, no futuro, chamassem-se Lutero ou qualquer outro nome, manipularam o espírito desta Carta para apoiar suas versões subjetivas sobre a Fé e sua natureza, a Igreja e sua sobrenaturalidade; tais homens cometeram um terrível equívoco, e aqueles que lhes deram ouvidos cometeram um terrível erro de compreensão, demonstrando, com o erro e o equívoco em sua essência, o que São Pedro disse ao falar de São Paulo: que o espírito de compreensão de São Paulo procedia do próprio Deus e que, sem esse espírito, a dificuldade de interpretação era insuperável. Nós, como aqueles que venceram o impossível, nascidos para sermos invencíveis segundo a Promessa: “Tua descendência se apoderará das portas de seus inimigos”, repetimos as palavras do Apóstolo:

O que diremos, então? Permaneceremos no pecado para que a graça abunde?

E lembramos, para vergonha e humilhação de todos aqueles que, carentes de sabedoria, confessaram com seu autor as seguintes palavras: “Sê pecador e peca

intensamente, mas confia e regozija-te com ainda mais força em Cristo, que é o vencedor do pecado, da morte e do mundo. Enquanto estivermos aqui na terra, será necessário pecar; esta vida não é a morada da justiça, mas esperamos, como diz Pedro, novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça” — Palavra de Lutero. O que dizer? Como desculpar o indesculpável? O homem que nega Paulo, com tal declaração para os seguidores do inferno, edifica sua glória sobre o próprio Paulo por meio da manipulação diabólica de sua inteligência. É o próprio São Paulo quem responde àquele que usou sua glória para edificar a própria. Quem tem ouvidos, ouça:

De jeito nenhum. Nós, que morremos para o pecado, como poderíamos ainda viver nele?

Se o pecado é cometer adultério, roubar, invejar, condenar, fazer alarde de julgamento falso, adorar a um deus ou a um mortal... e se Adão foi destruído pelo pecado, sob que conceito ou patrocínio, exceto o do próprio Diabo, pode um homem que se autodenomina cristão negar a Doutrina do Espírito Santo e afirmar, com base na negação da Sabedoria Divina, a própria loucura humana? Acaso Cristo não morreu de uma vez por todas pela remissão de todos os pecados cometidos antes do Batismo? Quem, então, perdoará os pecados cometidos após o batismo? Não é isso transformar o cristianismo no judaísmo, contra o qual Cristo se levantou por causa dessa mesma doutrina? Pois o judeu pecava, pecava e pecava, mas bastava-lhe comprar um cordeiro, sacrificá-lo e ficar absolvido. Lutero, infinitamente mais esperto, pecava, pecava e pecava, mas não precisava pagar nada, pois o precioso sangue de Cristo purificava todos os pecados. Viva, Heil Lutero! Não menos diabólica — digamos, em defesa do povo alemão — era a doutrina do Vaticano daquela época, que vivia exatamente do pecado, mas cobrando em dinheiro vivo... sem precisar do incômodo de matar animais. Era, até certo ponto, natural que o povo alemão e seus vizinhos encontrassem na doutrina da absolvição do pecado — inimigo impossível de vencer — uma teologia infinitamente mais atraente, já que lhes proporcionava o mesmo resultado sem tocar no bolso. Ora, nada disso tem a ver com a Carta aos Romanos, escrita a poucos passos da Grande Perseguição. Retirar esse texto de seu contexto histórico e manipulá-lo, inserindo-o em outro contexto — ação realizada por Lutero ao fundamentar sua teologia do pecado e da salvação nessa Carta — será a acusação contra a qual Lutero terá de defender sua alma no dia do Juízo Final. Vamos prosseguir e confessar, juntamente com o Autor, sua declaração:

Ou não sabeis que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados para participar de sua morte?

Independentemente da apologia do Mandamento: “Sede santos, porque eu sou santo”, que São Paulo assume como sua, apologia eterna, independente de tempo e lugar, apologia que reduz à miséria de uma mente fracassada a confissão luterana acima citada, porque ela joga a toalha e se entrega ao pecado que não consegue

vencer, negando assim a Deus, que colocou a santidade ao nosso alcance, e considerando loucura a Sabedoria Divina que exige a santidade daquele que deve conviver com o pecado “enquanto existirem estes céus e esta terra”, amém! Independentemente, portanto, da sobrenaturalidade herdada pelo cristão, essa mesma sobrenaturalidade que o torna vencedor do pecado — sobrenaturalidade que, a , São Paulo lembra aos romanos como alguém que viu seu próprio martírio e, de forma alguma, se intimida, foge ou se entrega a sabedorias que justificam o que teria sido injustificável: sua fuga do testemunho sagrado reservado aos santos do primeiro século. Independentemente dessa apologia, São Paulo a torna uma necessidade e lembra aos romanos que, se haviam sido predestinados a morrer a morte de Cristo, também haviam sido chamados a compartilhar de sua glória eterna. De fato:

Com Ele fomos sepultados pelo batismo para participar de sua morte, para que, assim como Ele ressuscitou dentre os mortos para a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova.

Não há maior refutação à confissão de renúncia à vitória sobre o pecado declarada por Lutero do que esta simples frase apostólica do santo de nossa devoção. Pois quem vive a fé no pecado, pelo qual o homem é rejeitado e chamado a julgamento, não apenas abomina a Cristo, mas, se em vida não soube seguir Seu exemplo, como, na hora da Verdade, O seguirá até o Testemunho Supremo do Martírio!

Pois, se fomos enxertados Nele pela semelhança de sua morte, também o seremos pela de sua ressurreição.

Nessa Sagrada Esperança, os Apóstolos viveram e caminharam rumo ao matadouro à frente dos primeiros cristãos. Assim, todo homem adormece, ao morrer, à espera da Voz que ressuscitará os mortos no Dia do Juízo, mas eles alcançaram a Glória de seu Mestre e, à medida que foram sendo sacrificados para este mundo, foram nascendo para o Mundo de onde desceu o Filho, nosso Rei eterno, Jesus Cristo.

Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado para que o corpo do pecado fosse destruído e não sirvamos mais ao pecado.

E, mais uma vez, da Esperança à Fé. A Fé e o Pecado são o fogo e o gelo, Cristo e o Diabo. Não há qualquer possibilidade de coexistência entre a Luz e as Trevas. A doutrina luterana descrita acima é uma violação da Doutrina Divina. Violação inerente ao Papado e aos Patriarcados de sua época. Não sejamos indulgentes com uns por um determinado delito e absolvamos outros pelo mesmo delito. A Justiça Divina não faz acepção de pessoas. Tanto é assim que, estando em vigor a Lei de Moisés, tendo nascido sob seu domínio, seu próprio Filho teve de sofrer por seu pecado contra a justiça da Lei de Moisés, que condenava à cruz todo filho de hebreu que ousasse anular a Aliança do Sinai e estabelecesse uma

nova. Foi isso que fez Jesus, filho de Davi, filho de Abraão, filho de Adão.

De fato, aquele que morre fica absolvido de seu pecado.

Mas, ao morrer para que a Lei fosse cumprida, a execução de Cristo foi o último ato da Justiça nascida daquela Antiga Aliança. Sua execução realizou o Sacrifício Expiatório Universal para o qual o Templo havia sido erguido. Da queda do Muro da Inimizade entre Deus e a Plenitude das Nações resultou o nascimento de uma Nova Aliança. Por essa Nova Aliança, todo homem morre para renascer a uma nova vida, criada à imagem e semelhança de Cristo. Por isso, como diz o Apóstolo em outro trecho: “Cristo, que é a nossa vida”. Seguindo seu Mestre: “O reino dos céus está em vós”. Daí se entende que Cristo vive em nós, em quem temos nossa vida. E em cujas mãos está nossa morte. E se a nossa, quanto mais a daqueles predestinados a compartilhar seu Sacrifício! Guiados para o matadouro, todos cordeiros inocentes. Portanto:

Se morremos com Cristo, acreditamos que também viveremos n'Ele;

O contrário, viver em Cristo e viver no pecado, é irracional, animalesco, próprio de doutrinas que geram monstros. Ou será que, mesmo sendo Satanás seu filho, conforme se lê no livro de Jó, Deus poderia ter admitido em sua vida tal pedido de coexistência entre o Céu e o Inferno? Nascidos de novo para a vida eterna na esperança da fé em Cristo Jesus, nosso modelo eterno, o pecado e o medo já não têm parte no cristão. Por isso, sem medo, São Paulo ousa dizer:

Pois sabemos que Cristo, ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre Ele.

Portanto, quem vive pela fé e pela esperança daquele que tem em Cristo a sua vida não pode admitir o pecado nem se intimidar diante do perigo da morte. O cristão não morre, mas ressuscita à maneira do próprio Cristo para a vida de Deus.

Pois, ao morrer, ele morreu para o pecado de uma vez por todas; mas, ao viver, vive para Deus.

Ora, São Paulo volta ao princípio: “Sede santos, porque eu sou santo”, que é o fim da fé e o princípio da ressurreição gloriosa daqueles que, em breve, seriam conduzidos ao matadouro pelo Império. Sempre enfatizando o ponto central da doutrina apostólica universal, na boca de todos os discípulos de Jesus espalhados por todas as terras do Império, São Paulo projeta sua visão da Grande Perseguição que se aproximava na mente dos romanos, preparando o espírito dos irmãos de Roma para a Hora da Verdade que se abatia sobre eles. Ele não lhes dizia nada de novo que eles já não soubessem; a mensagem que, entre suas linhas, estava secretamente gravada em seus corações era o verdadeiro tesouro pelo qual esta Carta brilharia por séculos até o fim dos tempos

Portanto, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus.

Enfim, quem quiser pecar com Lutero, que peque.

O serviço ao pecado e o serviço a Deus

Parece evidente que quem prega uma doutrina deve ser o primeiro a colocá-la em prática e que, a partir da felicidade resultante de sua prática, o fruto de sua veracidade seja o alimento daqueles a quem sua doutrina é pregada. O contrário, creio eu, é chamado de hipocrisia. Que os romanos das gerações futuras que sucederiam à geração em que o autor desta Carta tinha em mente, e especialmente seus líderes espirituais, fizessem da hipocrisia o *modus vivendi* natural da Igreja Romana — verdade atestada por séculos inteiros de crimes, roubos e perversão absoluta da natureza do sacerdócio cristão —, essa verdade não deve nos cegar na hora de ver, com os olhos da inteligência, a qualidade cristã da geração romana à qual São Paulo abriu sua mente nesta Carta. Lembremos que, tendo sido criado no judaísmo ortodoxo mais farisaico, o abismo revolucionário que o evangelho abriu entre judeus e cristãos, e entre cristãos e pagãos, não poderia encontrar sua verdadeira dimensão escatológica em ninguém melhor do que em um ex-perseguidor dos filhos de Deus. Se, para nós, a definição do que é a concupiscência é um campo com limites imprecisos, para um teólogo cristão de origem judaica essa definição não poderia ser mais precisa, exata e definitiva. Tendo estabelecido nos capítulos anteriores o que é o pecado, neste novo capítulo o autor dá um passo adiante e revela a relação de escravidão entre o pecado e o pecador, apresentando o pecado como senhor e o pecador como servo. Se a liberdade humana é um objetivo que cabe à sociedade, a liberdade cristã é uma meta deixada nas mãos do indivíduo.

Que o pecado, portanto, não reine em vosso corpo mortal, obedecendo às suas concupiscências;

Mas o pecado é, e sempre foi, um ato cometido na ignorância quanto à origem e ao efeito final causado por sua prática. Jesus Cristo disse isso na cruz: “Perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem”. E o próprio São Paulo repetiu isso mais tarde, dizendo: “Se tivessem conhecido o Senhor, não o teriam crucificado”. Da distância infinita que nos separa daqueles dias, estamos preparados para afirmar que o pecado é uma ofensa voluntária contra Deus. “Cometo adultério não pelo adultério em si, mas como forma simbólica de cuspir na cara de Deus. Mato, não por matar, mas para mostrar a Deus o ódio que sinto por sua pessoa e obra”. Obviamente, não podemos afirmar que o ser humano tenha se encontrado, até os dias de hoje, nessa disposição cognitiva. Sabemos, porém, que a rebelião dos filhos de Deus provém dessa livre vontade que tende a ofender a Deus por meio do ódio à sua criação. A concupiscência, nesse sentido, é o efeito sobre a natureza humana de milênios acorrentados a um comportamento demoníaco contra a

própria vontade do ser humano. É um comportamento que herdamos de nossos pais e contra o qual temos o dever de lutar, desintegrando essa herança em nossa própria carne, de modo que sejamos os últimos da linhagem e que, a partir de nós, comece uma descendência livre de tal legado antinatural. Na ciência, isso é chamado de comportamento herdado.

nem entreguem seus membros ao pecado como armas de iniquidade, mas, ao contrário, ofereçam-se a Deus como aqueles que, mortos, voltaram à vida, e entreguem seus membros a Deus como instrumentos de justiça.

O objetivo desse comportamento antinatural herdado das circunstâncias de escravidão às quais a Humanidade esteve sujeita é a perpetuação dessa lenda não humana. Os séculos e os milênios, atuando sobre uma mesma linhagem genealógica, imprimem um comportamento interno que se perpetua ao longo do tempo. Vemos na humanidade atual de que maneira milhões de criaturas cuja árvore genealógica esteve sujeita a religiões escravistas, mesmo quando lhes é oferecida a liberdade, permanecem nesses estados paternos que, a partir da morte, as reduzem à condição de criaturas impuras (a casta dos Intocáveis no hinduísmo, por exemplo). O culto aos mortos, sejam eles compatriotas ou estrangeiros, santos ou simplesmente considerados santos, é, a partir dessa realidade divina, uma ofensa contra aquele que fez da Vida a Origem da Liberdade. É nossa responsabilidade suprema nascer para a Liberdade da Justiça Divina, romper as correntes das tradições e ter como Estrela do Futuro a Luz da Vida. Todo homem falecido serviu a um

propósito centrado em um Plano Eterno, mas o Vivo deve trilhar seu Caminho e não se ajoelhar diante daquele que foi seguido por aqueles que trilharam o deles. Suas vidas são exemplo de vontade invencível e obediência incondicional, mas, como eles não podem viver a nossa, quem vive a vida deles renuncia à liberdade e torna-se escravo da Morte, mesmo que esta se disfarce de vida. Pois somente a Deus se pode oferecer a vida, e quem a oferece a outro torna-se escravo daquele diante de quem se ajoelha. Tanto a cabeça quanto o corpo são julgados pelo mesmo delito, pois, uma vez que Deus concedeu à Sua Criação Viva uma Cabeça eterna, Seu Filho, a renúncia a fazer parte de Seu Corpo, materializada em juramento, é rebelião contra a Sabedoria de Seu Pai Eterno. Rebelião cometida na ignorância, como dissemos no início, mas que, uma vez dissolvida a ignorância pela luz da inteligência, torna-se demoníaca pela ofensa voluntária e livremente assumida que supõe colocar como cabeça Alguém que não é o Filho de Deus.

Pois o pecado não terá mais domínio sobre vós, já que não estais sob a Lei, mas sob a graça.

Afinal, sendo a Cabeça santa, como poderia seu Corpo estar sob a lei do pecado! É obra do Pai Eterno de Jesus Cristo, para Sua glória e salvação de toda a Sua Criação. E o contrário, que um homem se proclame Cabeça da Igreja ou do Povo de Deus, é uma rebelião aberta contra a Glória do Unigênito. Rebelião

cometida na ignorância e, portanto, sujeita à graça. Pois, sob nenhuma circunstância, podemos julgar uma Humanidade que esteve sujeita à corrupção em virtude de um Plano de Salvação cuja Origem foi a Reestruturação do Reino de Deus e a Reconfiguração de toda a sua criação.

E daí? Vamos pecar porque não estamos sob a Lei, mas sob a graça? De modo algum.

E, no entanto, as obras realizadas na escuridão do momento estão condenadas à extinção à luz do dia. A Graça nos foi concedida e se derrama sobre a Humanidade para operar no homem as forças necessárias que pressupõem a conquista da própria natureza à imagem e semelhança de Deus. Sem essa Graça, o homem não pode vencer as consequências de seus pecados. Ora, a fé sem o entendimento de todas as coisas se corrompe, conforme está escrito: “Para que a vossa fé, provada, seja mais preciosa do que o ouro, que se corrompe mesmo quando refinado pelo fogo”. Verdade que não precisa de demonstração alguma, pelo menos entre aqueles que têm olhos para ler.

Não sabeis que, ao vos submeterdes a alguém para obedecê-lo, tornais-vos escravos daquele a quem vos submeteis, seja do pecado para a morte, seja da obediência para a justiça?

De fato, quem presta obediência a outro homem torna-se escravo de seus interesses, e o poder do pecado atua nele por meio da concupiscência para produzir nele obras de morte. Daí a História do Cristianismo, sem nos aprofundarmos em questões universais, estar repleta de exemplos. O Filho de Deus veio para nos libertar de toda escravidão, por meio da união ao seu Espírito, na qualidade de Cabeça e Corpo. De tal forma que, sendo Ele o espírito da Liberdade em pessoa, nem agora nem jamais alguém poderá submeter nossa vontade e obediência a outro que não seja o próprio Deus, seu Pai. Sendo membros do Corpo de seu Filho, é Deus quem nos move a todos de acordo com sua Infinita Sabedoria, buscando em todos o bem de todos. Sob que autoridade e sabedoria algum homem poderia reivindicar para si tal Poder infinito, a não ser na ignorância! Tendo sido gerados para a Sabedoria, como renunciar à nossa herança a fim de santificar a ignorância dos homens e servos de Cristo? Muito menos, é claro, dar qualquer crédito às sabedorias dos outros homens!

Mas graças sejam dadas a Deus, pois, sendo escravos do pecado, obedecestes de coração à norma de doutrina que vos propusestes e, já livres do pecado, tornastes-vos servos da justiça.

Certamente, o elogio de São Paulo aos romanos que o seguiriam para o matadouro do circo dos Césares honrou a Palavra daquele que os chamou ao martírio. “O que o Pai me deu é o melhor”, com os olhos fixos em seus discípulos, confessou Jesus em público. Nós, contemplando a colheita, ousamos dizer: Deus não semeou sua Palavra na carne de hipócritas.

Falo-lhes à maneira humana, tendo em conta a fraqueza da vossa carne. Pois bem, assim como colocaram os vossos membros a serviço da impureza e da iniquidade, assim também entreguem os vossos membros a serviço da justiça, para a santificação e .

O chamado ao martírio e o anúncio da Hora da Verdade às portas não poderiam ser mais diretos. Não se diz sempre que o herói não se torna tal por falta de medo, mas por ser corajoso e superá-lo? Quem culpará aqueles filhos de Deus, da descendência de Abraão, por sentirem em carne própria o horror pelo qual teriam de passar! E com que glória Deus não recompensaria aqueles que conduziram seu Rebanho ao matadouro, erguendo, com seu sacrifício, a Imagem do Homem diante de toda a sua criação! Como duvidar que o Filho subisse à Cruz! Aquele que tinha o Poder de ressuscitar os mortos não tinha nada a temer da Morte. A dúvida que pesava sobre a criação era: mas e os homens, seriam capazes de superar o medo da Cruz, cuja visão era tanto mais horripilante e terrível quanto mais livres de todo delito fossem aqueles chamados a superar essa provação? São Paulo não duvida, não se deixa vencer e, além de não se intimidar, dá esperança, fortalece, anima e se coloca na primeira linha. Quando a Hora chegasse, o Homem enfrentaria a situação de frente. É a Esperança pela qual Jesus Cristo morreu. Esperança que, como anunciaria o rei sábio, “não seria frustrada”. E não foi.

Pois, quando éreis escravos do pecado, estais livres em relação à justiça.

A doutrina, o evangelho cristão de São Paulo, não é improvisada nem uma invenção de última hora. Suas verdades permanecem eternas em seu valor e em sua aplicação.

O mundo, independentemente da região, não condena quem segue sua lei, mas sim quem tem como objetivo criticá-la, aperfeiçoá-la, considerá-la morta e fazer com que seu espírito renasça das cinzas. Enquanto se seguem as regras do seu jogo, nada acontece; é quando o valor dessas regras é visto com olhos livres da venda com que se quer nos cegar que começa o verdadeiro espetáculo. É então que se vê a verdadeira natureza das obras que são frutos da justiça humana. Muitos foram aqueles que viveram os efeitos dessa oposição. O cristão, mais do que qualquer outro, e enquanto o mundo existir, seu espírito será a força que manterá a justiça humana em crescimento contínuo.

E que fruto obtivestes, então? Aqueles dos quais agora vos envergonhais, pois seu fruto é a morte.

Ou seja, o benefício próprio e não o da Vida de todos os homens. Com a morte do homem, acabou-se o fruto de suas obras realizadas no espírito da lei do mundo.

Mas agora, livres do pecado e servos de Deus, tendes como fruto a santificação e, por fim, a vida eterna.

Duas realidades em uma. O bem de todos, eu com todos, eu para todos; e a

vida eterna como meta das aspirações existenciais do Vivente.

Pois o salário do pecado é a morte; mas o dom de Deus é a vida eterna em nosso Senhor Jesus Cristo.

Os cristãos, livres da Lei

Até o momento, não encontramos nenhuma razão que justifique a legalidade da interpretação de ruptura entre cristãos que Lutero encontrou na Carta. O que estamos vendo, sim, é que essa doutrina da ruptura se refere ao judaísmo e ao cristianismo. Na época de Lutero, a ignorância e o analfabetismo dos povos europeus eram imensos. Graças a esse analfabetismo ignorante das classes baixas, as classes cultas, em aliança perversa com as classes altas, entretinham o povo com maquinações grotescas cujos efeitos recaíam sobre suas cabeças, impedindo-os de erguer a cabeça. No caso específico de Lutero, este ergueu a cabeça da classe pobre alemã para que a rica pudesse servir-se à vontade e, na Rebelião dos Camponeses, saciar-se de carne. Na última e maravilhosa versão da vida de Lutero — a versão de baixa qualidade que continua sendo oferecida ao protestantismo, um protestantismo intimamente traumatizado pela escassa ou nula qualidade cristã de seus fundadores —, o historiador omite o famoso massacre dos camponeses, abençoado por Lutero, o Magnífico — um Lutero que convocou uma cruzada terrorista contra os nobres, incitando-os a estrangulá-los como se fossem cães, a esfaqueá-los como se fossem porcos. É natural que alguns discípulos, ao descobrirem a maldade de seu mestre e a pouca semelhança com o Modelo Divino, horrorizados por tais palavras próprias de um demônio, seguindo a lei do inferno em vez de “mea culpa”, juram, em sua ignorância, permanecer cegos até o Juízo Final e, pela imensa quantidade de cegos que os seguem, impor misericórdia para com eles no Tribunal. Eu não sou juiz, então cada um lide com suas cataratas. No Dia do Juízo Final, todos nos encontraremos cara a cara.

Ou será que ignoram, irmãos — falo àqueles que entendem de leis —, que a Lei domina o homem durante toda a sua vida?

A ignorância é um mal terrível porque transforma verdadeiros monstros em sábios e verdadeiros cretinos em santos. Ignorância é quando te arrancam o contexto histórico de um texto e você fica tão tranquilo. Imagino que, no presente, o ignorante seja o tolo. A liberdade de acesso ao conhecimento da História Universal, mesmo em sua versão amadora, a Internet, acusa o ignorante de hoje de ser assassino de seu próprio intelecto. Não se podia exigir do povo do século XVI a inteligência necessária para compreender o contexto histórico sobre o qual esta Carta espalhou seu espírito. Do homem deste século, sim. E ele pode ser julgado como rebelde à natureza intelectual do ser humano. O Conhecimento é nossa Herança, nosso Poder, nossa Força, nossa Alegria. Não está claro a quem

São Paulo se dirige, o contexto histórico de luta entre o cristianismo e o judaísmo, a delicada tensão interna provocada pela corrente judaico-cristã contra a qual São Paulo se levantou, chegando até mesmo a silenciar — ao descobrir a falácia da infalibilidade da Cátedra de São Pedro — São Pedro? Quando fala da Lei, o homem está se referindo à Lei de Moisés. Ou será que, para o judeu, havia outra? Não foi em relação à Lei de Moisés que ocorreu a libertação redentora da humanidade? Sabemos que o judaísmo, incapaz de destruir o cristianismo, aplicou a famosa regra de “se não podes vencê-lo, une-te a ele”. Nos dias dos Apóstolos e desde o Primeiro Concílio, em 49, até 64-66, quando a ruptura se tornou formal, o judaico-cristianismo procurou absorver o cristianismo como forma de integrá-lo definitivamente ao judaísmo. Até mesmo São Pedro permaneceu sob a Lei. Foi São Paulo quem, colocando Deus acima do Chefe dos Apóstolos, operou a ruptura do cristianismo em relação ao judaísmo. E será essa Lei que será deixada para trás pela Fé. Serão os delitos cometidos sob essa Lei, pelos quais o homem se tornou merecedor da morte, que a Fé estende sua Graça e purifica a alma, fazendo nascer uma nova criatura das cinzas da criatura enterrada pelo fruto dos pecados cometidos sob a Lei. Mas, quanto aos pecados cometidos na Fé, a Fé por si só não pode proceder à absolvição, pois, como disse São Paulo, seria como crucificar Cristo novamente, sendo, nesse caso, o pecador o crucificador de seu próprio salvador.

Portanto, a mulher casada está ligada ao homem enquanto este vive; mas, com a morte do marido, ela fica desligada da lei do marido.

E ligada à lei da liberdade. Ou seja, a nova criatura é livre para cometer aqueles atos pelos quais se tornaria abominável aos olhos de seu Criador. Cometidos na ignorância, foram absolvidos pelo sacrifício expiatório universal redentor. Com a nova criatura, desaparece a ignorância do pecado e ganha vida a liberdade que o Conhecimento proporciona. O cristão, independentemente de sua classe social, é livre para matar, cometer adultério, roubar, blasfemar, prestar falso testemunho, praticar feitiçaria, cometer todos os atos contra os quais a Lei se opõe. Ele pode porque tem a liberdade de fazê-lo. Mas, se o judeu é merecedor da Graça da Fé porque, em sua ignorância, não sabe o que fez, o cristão, que sim sabe o que Deus fez, ao cometer esses atos em sua liberdade, usa essa liberdade para se rebelar abertamente contra seu Criador; e contra essa lei da liberdade não há sangue que valha, nem mesmo o de Cristo, que foi derramado de uma vez por todas. O argumento luterano de que esse Sangue atua sobre os crimes cometidos após o Batismo foi uma doutrina suicida cujos efeitos — a divisão das igrejas — revelam sua verdadeira natureza. O fato de o Papado, contra o qual se levantou a rebelião luterana, ter feito dessa doutrina infernal seu *modus operandi et vivendi* não justifica sua legalidade, pois o que o Diabo gerou com o Diabo voltará.

Portanto, enquanto o marido estiver vivo, ela será considerada adúltera se se unir a outro marido; mas, se o marido morrer, ela fica livre da Lei e não será adúltera se se unir a outro marido.

Duas leis muito distintas, mas que decorrem uma da outra. A Lei da escravidão, à qual se submetia o mundo judaico, e a Lei da Liberdade, à qual está ligado o mundo cristão. Do ponto de vista da inteligência de São Paulo, desprezar a Liberdade e sua Justiça, pela qual o pecador é absolvido pelo Poder da Confissão Sacerdotal Cristã, e retornar à Lei de Moisés e à sua Justiça, pela qual o pecador podia cometer seu delito tendo em mente o preço com o qual teria de pagar sua condenação sempre presente, tal retorno ao passado era inegociável, impossível e anticristão. São Pedro não sabia o que dizia nem o que fazia ao continuar sujeito à Lei de Moisés, mesmo vivendo sob a Lei de Cristo. Tanto mais verdadeira é essa afirmação de sua impossível infalibilidade, quanto pelo fato de que, por meio de um servo, Deus teve que calar-lhe a boca e libertar suas mãos daquelas correntes patrióticas.

Portanto, meus irmãos, vocês também morreram para a Lei pelo corpo de Cristo, para pertencerem a outro que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que produzam frutos para Deus.

Mais claro, impossível. Aquela Justiça pela qual um homem podia premeditar seu crime contra Deus e contra os homens e antecipar para si mesmo a absolvição por meio do preço estipulado pela Lei, essa Justiça era história. Uma Nova Lei entrava em ação: a Lei da Liberdade. E para que essa Lei operasse em toda a sua espantosa plenitude, Deus quis que, unidos todos em um mesmo Corpo, todos estivéssemos vivos pelo Espírito daquele que se tornou uma só coisa com o Homem. E que, dessa forma, a Liberdade gerada se voltasse, pela sobrenaturalidade da Fé, para as coisas de Deus. Obra espantosa que julga as duas liberdades em conflito nos dias de que estamos falando. Tanto a liberdade da Igreja Romana de assassinar, roubar, praticar bruxaria e cometer todo tipo de crimes em nome da Igreja Católica, quanto a liberdade luterana de cometer todo tipo de pecados para a glória do Sangue de Cristo — tanto uma liberdade quanto a outra provinham do Demônio. Como se verá, a doutrina luterana do pecado pela fé e o evangelho de São Paulo são tão opostos quanto Cristo e o Diabo. Se é que vocês ainda não perceberam isso.

Pois, quando estávamos na carne, as paixões, estimuladas pela Lei, agiam em nossos membros e produziam frutos de morte;

É verdade. Abandonados ao poder de nossas forças naturais, filhos de uma natureza subjugada por milênios de luta contra as forças do inferno, era impossível, tanto para judeus quanto para gentios, que, sem a Graça do Juiz Eterno, encarnada na Fé, a humanidade pudesse se livrar do jugo de seu legado. Por inércia, seu comportamento era a Guerra, a Corrupção, o Homicídio, a escravidão e o Mal.

Mas agora, desligados da Lei, estamos mortos para o que nos prendia, de modo que sirvamos em espírito novo, e não na letra antiga.

Adotados novamente por Deus, pois fomos criados para sermos seus filhos, a Força invencível da Fé expulsa de nossa herança carnal o seu destino e, tornando-nos Seus, herdamos a Fortaleza do seu Espírito, que se manifestou n , Cristo Jesus, nosso Modelo eterno, Imagem viva de Deus Invisível, reflexo imaculado de sua Personalidade. O que o homem não conseguiu alcançar pelo temor a Deus, Deus alcançou pelo amor

A Lei e o Pecado

O que diremos, então? Que a Lei é pecado? De modo algum. Mas eu não conheci o pecado senão pela Lei. Pois eu não conheceria a cobiça se a Lei não dissesse: “Não cobiçarás”.

Aqui temos matéria para reflexão. E, ao mesmo tempo, uma luz esclarecedora sobre de que Lei e de que Fé São Paulo está falando. A deturpação manipuladora em relação à natureza contextual de ambas foi a causa e continua sendo a origem da interpretação anticristã praticada por grande parte das igrejas. O anticristianismo, nesse contexto, deve ser entendido como um processo destrutor da Unidade Universal, entre cujos laços foi tecido o Corpo de Cristo. Um tema cristológico, se assim se quiser, e um argumento ontológico inconfundível que abre nossa consciência para uma realidade moral baseada na atividade de formação da mente humana, de acordo com o padrão moral do próprio Criador. Não é a lei humana, que surge de uma experiência ou de um interesse, o instrumento que molda e dá forma à Consciência cristã em particular e à consciência humana em geral. É o próprio Criador do Homem quem molda a Moral de Sua Criação à imagem e semelhança da Sua. O que implica que é o Criador o primeiro a fazer seus os princípios da Lei com os quais Ele molda a Consciência Espiritual de sua criatura. De fato, só há Consciência onde há Espírito. Afirmação básica que observamos em toda a sua operacionalidade no mundo natural não humano. E ninguém duvida que definir a caça do leão ou do lobo a partir da Consciência seria um ato de demência. Não se pode aplicar o Bem e o Mal, dizemos, à vida não inteligente à imagem e semelhança da vida Divina. Nem podemos acreditar que essa Semelhança possa ser compreendida fora dos parâmetros da vida intelectual. Somos semelhantes a Deus no que diz respeito à Inteligência Viva. Não é o Poder nem a Força que nos torna semelhantes a Deus, mas o Espírito. E é nesse Espírito que formamos um universo de valores sociais eternos. Valores pelos quais o ato de caçar não se ajusta à Moral no mundo animal não intelectual e esse mesmo ato, aplicado ao ser humano, transforma-se imediatamente em crime. Caberá, portanto, ao Criador imbuir sua criatura — nascida para ser sua semelhante em Espírito —, formar, a partir dos Valores Naturais, na própria Inteligência, a Consciência da criatura. De modo que, se não fosse Ele quem dissesse “Não matarás”, a Consciência humana não alcançaria a

compreensão da natureza do ato como crime, e sua definição se ajustaria aos princípios racionais do interesse particular. Vemos, de fato, que a sociedade, uma vez privada da Consciência, transforma a Lei em um artigo impessoal cuja aplicação e transgressão não têm nenhum valor moral e só o possuem na medida em que servem de meio para alcançar um determinado fim concreto. Fim a partir do qual se avalia uma lei imposta pelo interesse arbitrário de um legislador sem Consciência, ou seja, privado de todo Espírito, sendo o Espírito aquele pelo qual a Moral é transfigurada em coluna do edifício da conduta humana, inviolável e indestrutível a partir de hoje e para sempre.

Certamente, entrando agora em outro terreno, essa Lei do Espírito pode ou não agradar ao Indivíduo. A criação à Imagem do Espírito Divino implica essa Liberdade Final de decisão pessoal. Como já disse em outra ocasião, Deus não pode criar à Sua Imagem e Semelhança e, ao mesmo tempo, privar a criação de todos os atributos naturais à sua Inteligência. Entre esses atributos, o da Livre Vontade é um dos pilares sobre os quais se baseia a Relação Eterna entre o Criador e a Criação.

Também não se pode aceitar, por princípio, que o Criador cometa um delito ao imbuir sua criação com seu Espírito, determinando, por meio de sua essência, a substância dessa vontade nascida para ser livre. Quero dizer que, embora a formação da Consciência seja um ato exclusivo do Criador, por esse mesmo Direito de Criação que todo Criador tem sobre sua Obra, condenar o Criador, neste caso, do Homem, por predispor sua Obra em relação a um Julgamento de Assimilação Natural, é uma crítica insana que não condiz com um espírito inteligente, mas sim com uma besta inimiga dos valores desse mesmo Criador que, por meio de seu Direito, predispõe a Liberdade da criatura, fazendo com que sua Vontade se incline para a de seu Criador.

Dois tipos de inteligências são capazes de negar esse Direito de Criação a um Criador: um idiota e um monstro.

Não sei até que ponto é inteligente argumentar a favor do direito sagrado natural de todo criador. Seria o mesmo que começar a conversar com uma fera. Sim, fica bonito: o homem conversando com o lobo ou com o cão. Mas somente alguém fora de si se atreveria a dialogar sobre metafísica com seu gato.

Portanto, tudo tem um limite. E tão bestial é quem caça por esporte quanto quem não caça para se alimentar quando se trata de caçar ou morrer. Assim, entre os filhos de Deus, é de direito que a Consciência seja moldada a partir da Consciência Universal que prevalece sobre toda a Criação. O contrário — que cada raça e sociedade tenha sua própria Lei — é abençoar a destruição como elemento natural da coerência existencial.

Mas, aproveitando-se da Lei, o pecado despertou em mim toda a concupiscência, pois, sem a Lei, o pecado está morto.

Observemos, no entanto, que essa formação da Consciência Humana ficou sujeita a uma perturbação histórica, pelas causas bíblicas conhecidas e registradas no episódio da Queda de Adão. E ali onde a Lei deveria ter sido instaurada sobre a civilização como um todo, a Lei e e foi repentinamente abandonada às forças humanas por si só e, conseqüentemente, exposta a ser pisoteada pelas forças desencadeadas. Pois a criação, por si só, não pode operar a revolução que a extensão da Consciência do Criador à Realidade Universal implica. Assim, privada do Espírito, era natural que a natureza humana mergulhasse em uma involução dantesca que, aplicada ao mundo natural, era conseqüente, mas, projetada para a Humanidade já formada, adquiria conotações demenciais, das quais seis milênios no inferno são prova suficiente. E, tal como diz São Paulo, na ausência de Consciência, as Sociedades e a Civilização não podiam lutar contra o crime, que não era percebido como tal por aqueles que o cometiam sem pleno conhecimento de sua natureza anti-humana. Assim, estando o pecado morto pela inexistência da Consciência que engendra a Lei, a multiplicação do ato homicida tornava-se a constante e a causa da perversão do comportamento das sociedades que, com o passar do tempo, acabariam por afundar a Civilização nas águas. Um aprofundamento que revelou o efeito contra o qual o Criador ergueu sua proibição, descobrindo-se na privação da Consciência a origem da extinção de todo mundo não formado nos princípios do Espírito de Deus e que, como efeito final, levaria à destruição das nações da Terra e à desaparecimento da raça humana da face do Universo. O que, sem a Lei, fica morto, portanto, é a Consciência, que podemos definir, sem mais, como a personificação do Direito da Criação que antes alegamos como Natural a Deus, na qualidade de Criador do Homem. E deduzir, por inferência, que todo ataque contra a Consciência Natural e sua existência é um ato homicida; e não porque seja a Ciência quem defenda a destruição dessa Consciência Natural por meio da negação de sua existência, o efeito final dessa anulação será menos fatal.

E eu vivi algum tempo sem Lei; mas, ao surgir o preceito, o pecado ressurgiu

De fato, a Consciência do Mal, do pecado, de um ato enquanto delito, provém de uma lei ou preceito que define esse ato e revela sua verdadeira natureza antisocial e anti-humana. Não é preciso ser um santo para ver essa realidade aplicada ao dia a dia. Mas o que se está discutindo aqui é a Consciência Divina, aquela pela qual se rege o comportamento social de todo o Universo. Pois, se a lei humana rege e ordena o comportamento entre as sociedades humanas, a Lei Divina ordena e governa o comportamento de sociedades com origens distintas no Universo e, ainda assim, todas chamadas a viver unidas dentro de um único Reino.

Deus, voltando ao assunto, quis revogar o preceito, a Lei, para que, ao ser todo o mundo condenado pelo pecado de um único homem — sem que esse mundo tivesse participado de seu delito —, os efeitos do Pecado de Adão não arrastassem a Humanidade para um Juízo Final, acusada de um delito cometido com

conhecimento da Lei e no pleno exercício de suas faculdades mentais e intelectuais.

Observamos, de fato, que o mundo de Adão, após a Queda, viveu sem outra Lei além de seus instintos. Livre para agir e sem uma Lei Universal pela qual medir seus atos, o mundo pós-Queda traçou seus próprios caminhos sem consciência do Fim para o qual tendiam seus atos sem lei. Com isso, Deus predisponia, por um lado, à absolvição de suas criaturas e, por outro, colocava em evidência a razão pela qual sua proibição em relação à Ciência do Bem e do Mal é eterna. O que Ele fazia por meio da visão de seus efeitos sobre as nações da Terra.

E eu fiquei morto, e descobri que o preceito que era para a vida se tornou para a morte.

E como poderia ter sido de outra forma!! Não nos esqueçamos de que a descendência de Adão foi igualmente abandonada sem lei em meio a um mundo privado de Lei. O fato de Deus ter relativizado o fratricídio de Caim ressalta que a Lei havia sido revogada no dia em que Deus abandonou o Homem à sua sorte. Caso contrário, Caim teria sucumbido à pena de morte que a Lei, em vigor, exige. Consequentemente, sujeita a descendência de Adão à mesma lei que as demais famílias do mundo; o antigo povo hebreu sofreu na própria pele os mesmos efeitos que os demais povos da Terra sofreram. Todos eles mortos em relação à Lei do Espírito, mas vivos para a carne, uma vez que esta não está sujeita à Lei. Quando, então, surge a Lei, o choque entre um comportamento herdado e outro a ser herdado torna-se tão profundo que provoca a morte daqueles em quem o confronto estava destinado a fracassar para o Espírito e a vencer para a carne. A história do povo hebreu e sua transformação no povo judeu é a memória daquele fracasso, de um lado, e da vitória de Cristo, ocorrida, como todos sabemos, em virtude do Direito da Criação acima mencionado, do outro. Os períodos de idolatria dos israelitas, o assassinato de seus profetas pelos reis judeus... toda a história de Israel se transforma na luta até a morte entre o Espírito de um comportamento natural a Deus e o comportamento herdado de um passado carnal que buscava sua perpetuação dentro da Lei, ou seja, sufocando-a em um mar de preceitos e tradições humanas.

Pois o pecado, por meio do preceito, me seduziu e, por meio dele, me matou.

É inútil enfatizar a importância do meio em relação ao indivíduo, quando esse é um ponto já exaustivamente abordado pelos sábios de todos os tempos. Seja pela etologia, pela filosofia, seja por qualquer ângulo e posição que se contemple essa relação, a interdependência entre o indivíduo e o meio é profunda e vasta. No caso que nos ocupa, e que podemos adaptar à relação entre o cristão e o mundo, o pecado atua porque existe uma Consciência diante de um mundo governado por uma consciência de natureza distinta. Se o cristão e o judeu não tivessem de enfrentar um mundo em que sua Consciência não é a lei natural, a sedução do

pecado — ou seja, a quebra dos princípios pelos quais seu espírito se rege — não existiria. Mas, na existência desse confronto, o fracasso do cristão, assim como do judeu, provoca a morte de sua consciência para o Espírito e, por fim, digamos, sua expulsão do paraíso de sua fé.

Em suma, a Lei é santa, e o preceito é santo, justo e bom.

E, apesar de tudo, o confronto permanece ativo, pois, sem o Espírito, o fim de toda sociedade é a ruína, sua extinção e desaparecimento do universo. Daí que, com São Paulo, digamos: a Lei é santa, e o preceito é santo, justo e bom. Daí fica claro que não é a nossa fé que deve se conformar à estrutura carnal da lei do mundo, mas o mundo que deve ser conformado à Imagem e Semelhança da Consciência do Espírito, que é a fé.

O poder maligno do pecado

Então, o bem me trouxe a morte? De modo algum; mas o pecado, para revelar toda a sua malícia, por meio do bem me trouxe a morte, tornando-se, por meio do preceito, extremamente pecaminoso.

O bem, indiscutivelmente, é a Lei. Não apenas porque, sem a Lei, a consciência natural não encontraria uma dimensão definitiva na qual encontrar sua força universal, válida em todos os tempos e lugares. Mas também porque, sem a Lei, a vontade de todo ser inteligente e livre, provocada pela visão de um estado ontológico alheio à convivência natural, não encontraria freio para buscar sua transformação em uma fera assassina, contra a qual o único recurso possível é a caça e a captura, da mesma forma que perseguimos uma fera selvagem que aterroriza a população; e toda a população, unida diante de algo não humano, lança-se à sua caça e destruição imediata: sem conceder à fera as leis da misericórdia naturais ao mundo dos humanos. O poder maligno do Mal reside, portanto, em transformar sua rebelião contra a Lei em um argumento de superioridade sobre aqueles que têm na Lei nosso Bem universal e eterno. Algo que, infelizmente, vemos acontecer ainda em nossos dias, quando ainda podemos nos deparar com uivos de rebelião contra Deus, o Estado e o Homem, com base no argumento de que a Rebelião é o estágio natural superior do ser humano. Tal discurso, quando propagado, empurra seus seguidores para além do humano, fazendo com que os atos criminosos dessa besta homicida sejam comparados aos da besta assassina à qual é impossível aplicar a Lei Humana e para a qual só cabe sua destruição imediata. É assim, segundo o Apóstolo e como todo cristão concorda, que o pecado, seduzindo com sua força, arrasta o homem para longe da condição que lhe é natural e, acreditando-se superior à Lei, evolui para um novo estado antinatural, próprio das feras selvagens contra as quais, por estarem desprovidas da Razão Humana, só cabe a caça, a captura e a destruição.

Consequentemente, nada nem ninguém pode se colocar acima da Lei. A Lei é o bem supremo, a rocha indestrutível contra cujos preceitos eternos se chocam os terremotos causados pelas razões selvagens de Partidos e Estados que têm, em uma teoria do Poder e da Raça “ ”, a ponte que os afasta da natureza humana e, mesmo sendo humanos em suas origens, ao darem o salto do Homem para a Besta, acabam se tornando uma raça de demônios. Daí percebemos que a necessidade de viver à luz da Lei, neste caso a Palavra de Deus, é a garantia eterna da convivência pacífica entre todas as nações da criação. E o contrário, desprezar a criatura por sua necessidade da Lei, é um ato criminoso que conduz o demente ao bestialismo e acaba invocando, contra sua demência voluntária e irrecuperável, a lei que se aplica às bestas assassinas.

Pois sabemos que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido como escravo ao pecado.

De fato, as leis da criação se dirigem a cada criatura, mas somente Deus pode estabelecer uma Lei Universal cuja Luz governe as Consciências de todas as Nações do Universo. Daí que a Lei divina seja a fonte das leis da criação. No nosso caso, considerando o estado de indefesa ao qual fomos expostos pela Rebelião de um setor dos filhos de Deus — acontecimento relatado no Gênesis e que se torna ponto de reflexão neste capítulo —, a transformação do ser humano em fera assassina não resultou de um ato voluntário, como se Adão tivesse se unido livremente a Satanás contra Deus. Nada disso. A menos que algum demente seja capaz de nos convencer de que a escravidão é um estado belo e natural, contra o qual nossa luta foi o verdadeiro ato de demência. A afirmação de São Paulo não poderia ser mais direta e nos fornece o argumento mais sólido a favor da Ignorância sobre a qual Deus baseou a Redenção do Gênero Humano. Se, portanto, fomos vendidos ao pecado, fomos um troféu para um conquistador que ergueu sua bandeira contra Deus e nos conquistou como escravos para seu império, sobre cuja natureza infernal basta abrirmos os olhos para descobrir a marca de sua maldade em cada polegada de nossa Terra. Realidade que implica — e que o Cristianismo demonstra em sua história como encarnação da Luta pela Liberdade contra tal Império do Mal — que a Batalha do Homem contra aquela parte da Casa de Deus que, por conta própria, quis pisotear a Lei e obrigar Deus, por meio da morte de seu Filho Adão, a revogar a Lei: Estabelecendo sobre ela a inviolabilidade da Câmara dos deuses diante da ação da Justiça Eterna... que essa batalha está viva e se aproxima de sua fase final.

Porque não sei o que faço; pois não faço o que quero, mas o que abomino, isso faço.

Tal é o estado da condição humana afastada da Lei de Cristo. São Paulo, portanto, expõe abertamente, submetendo seu passado ao julgamento da inteligência, qual é a verdadeira causa da impotência do ser humano para alcançar sua liberdade. A causa de nossa própria destruição não está mais fora, mas em nós

mesmos. E é lógico e natural que assim seja. Ninguém ignora que um comportamento, mesmo que imposto, estabelecido ao longo de séculos e milênios, acaba provocando no ser uma perversão hereditária e maligna, que afeta o próprio indivíduo e sua sociedade como um todo. Tendo o homem em geral passado quatro milênios e o judeu em particular dois milênios sujeitos à escravidão do Império do Mal — referindo-se à data em que esta Carta foi assinada —, acreditar que tal comportamento, ainda que imposto, não geraria uma herança é pedir demais. Obviamente, a liberdade cristã implica a libertação desse comportamento herdado, enraizado na carne dos pais ao longo — falando de hoje — de seis milênios intermináveis. Basta, para perceber a razão hereditária do comportamento, fixar o olhar no efeito que a história de um ramo genealógico exerce sobre a última geração, durante uma curta sucessão de gerações dedicadas a uma ação social específica. Essa predisposição genética que se manifesta dentro de um ramo humano é apenas uma prova de como um comportamento familiar herdado se transforma e dá origem a características genéticas específicas. Ainda mais forte deve ser a marca específica que centenas de gerações submetidas a um comportamento específico transmitem à última geração. Quando esse comportamento é bom, bendito seja Deus; mas, quando é exatamente o contrário, o ser humano se vê escravo de seus pais, e a liberdade lhe é tão necessária quanto a água à terra, pois a Natureza serve ao seu Criador e tende, por inércia — sem Lei Moral de sua parte —, a eliminar aquela parte da massa biológica que não se submete à Lei da Criação. Não se trata de ver na rebelião contra os pais uma lei universal, sobretudo quando são os próprios pais que viveram sob essa lei da escravidão e, como vemos ao nosso redor, ainda vivem escravos de um comportamento que tende a conduzi-los à sua destruição. Mas é evidente que, além da obediência, os progenitores não podem exigir a escravidão dos filhos com base no respeito às correntes paternas. O que convém é a libertação de pais e filhos, pois todos estão sujeitos à mesma lei da escravidão imposta por uma herança milenar cuja origem é alheia à própria lei da humanidade. Essa libertação total se realiza exclusivamente no âmbito do cristianismo. Pois a libertação não cristã conduz de correntes a correntes, de um campo de trabalhos forçados a outro campo de trabalhos forçados. É no Ser Cristão e somente no Cristão que o Homem se liberta de toda tutela e se realiza como Indivíduo Pleno, ou seja, filho de Deus, Plenitude na qual progenitores e filhos se olham de frente e se encontram unidos para sempre na Identidade eterna que implica a Paternidade de Deus sobre todos os homens.

Sim, pois, se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa.

Não poderia ser de outra forma. O contrário, acreditar que a Lei é má — entendendo a lei que brota como rio da fonte Divina — provém de uma mente maligna. Toda lei que provém da justiça é boa, e a rebelião contra sua declaração é um ato de selvageria que, como foi dito acima, conduz o rebelde à negação livre de sua humanidade. E, nesse sentido, o que valia ontem vale hoje e para sempre.

A Lei não é boa hoje e ruim amanhã. Ela o é em função daquele que deseja praticar o mal e precisa da conversão do Bem em Mal e do Mal “ ” em Bem para cometer seus crimes impunemente. A diferença, nesse sentido, vem da vontade. E, ao mesmo tempo, da liberdade. Um escravo tem vontade? Ora bem, devemos levar em conta que São Paulo viveu entre nós há dois milênios. Atualmente, o cristianismo e sua doutrina não são realidades desconhecidas pelas nações. Quem pratica o mal sabendo que Cristo existe não tem desculpa perante a Lei. Nacionalismos não servem, utopias não servem. A Lei é um caminho que conduz ao futuro pela trilha do bem. O atalho do mal, ou seja, o terror, o crime, é próprio dos demônios. E o que é próprio dos demônios é impor sua lei sobre a Lei Universal, Lei Universal à luz da qual, e somente sob sua Paz, uma civilização pode trilhar seu caminho pela eternidade. Daí resulta que, se a lei que tenho em meus membros é a lei do terror e do crime, a única saída é Cristo, em quem a Lei que rege seu Corpo e sua Mente é a Lei Universal, aos pés da qual todo mundo deve depor as armas de sua lei.

Mas, então, já não sou eu quem faz isso, e sim o pecado que habita em mim.

De fato, antes de Cristo e depois de Adão, o ser humano encontrava-se escravizado a um império de terror, contra cuja lei o homem não tinha nenhuma proteção nem defesa. O passar dos séculos transformou suas correntes em herança. Mas, com a vinda de Cristo pela fé, o homem é libertado dessa herança e chamado a combater esse império, sob cujas rodas a Humanidade é esmagada. Escravos, portanto, dessa herança, a Verdade é a Chave que pode libertar todos os homens das correntes que seus povos e sua história lançaram sobre suas mentes. Como cristãos, digamos que São Paulo está analisando a natureza de Saulo e, nela, reflete a natureza do mundo como um todo. Entende-se que, como filhos de Deus, nascidos de Cristo, estamos livres em relação à lei do pecado que o Apóstolo nos revela com tanta força. O pecado só poderia agir em nós fora da fé. E, se estivermos fora da fé, estaremos fora de Cristo. Em definitiva, todo cristão sujeito a essa lei deve ser expulso da Igreja: sem distinção entre padre e bispo.

Pois sei que não há em mim, isto é, na minha carne, nada de bom. Pois o querer fazer o bem está em mim, mas o fazê-lo, não.

A lei que imperava no homem antes da fé não pode continuar a governar a vontade do cristão, a não ser para o mal de todo o cristianismo. A lei que vemos se aplica àqueles que não desfrutaram do néctar divino da fé e, escravos de seus pais e de seus povos, vivem sob o domínio da morte, sem outra lei além do terror que sua vontade exerce sobre todos aqueles que não se submetem a tal lei de crime e terror. Mas o cristão, seja romano na medida em que sua Igreja o é, ou gaulês na medida em que a sua o é, ou americano na medida em que a sua o é, tem sua liberdade na medida em que deseja o bem e pode praticá-lo.

De fato, não faço o bem que quero, mas o mal que não quero.

O que não significa que eu esteja contrariando São Paulo. De forma alguma. Na Casa de Deus não há divisão. É uma única Inteligência que opera seu Pensamento em todos os filhos de Deus. São Paulo está revelando aos cristãos de Roma a lei que prevalecia entre seus concidadãos, razão pela qual eles deviam ser compreensivos com eles e, ao mesmo tempo, pelo conhecimento da condição da qual foram resgatados, conquistá-los para a Fé por meio do exemplo da Liberdade conquistada para todos por Jesus Cristo. Razão e exemplo que permanecem vivos entre nós em relação ao mundo que ainda vive sem a fé e, por causa das correntes de seus pais, permanece distante da Verdade.

Mas, se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim.

Saulo, portanto, estava acorrentado à lei de seus pais, em virtude da qual se tornara um criminoso. E a partir dessa escravidão eram cometidos seus crimes, sendo assim que o preceito: “Honrarás teus pais”, se tornava a causa da transformação dos filhos em infratores contra o outro preceito que diz: “Não matarás”. Mas não era a Lei que era ruim, e sim a interpretação humana da Lei. Pois a Lei não diz: “Honra teus pais matando teu próximo, teu irmão”. É o homem que diz: “Matando teu irmão, teu próximo, tu honras teu pai”. Com isso, sendo a interpretação humana o foco do crime, como se vê em Saulo, o pai torna-se criminoso e, conseqüentemente, ao ficar fora da Lei, o filho fica isento da obrigação do preceito que rege apenas aqueles que vivem sob sua bandeira. Mas, para o cristão, tal relação criminosa é impossível, pois a paternidade se refere a Deus, que, ao dizer: “Não matarás”, a honra que exige é a obediência ao seu preceito. Vou me explicar: por essa Lei, todo cristão fica livre de qualquer honra a qualquer ser humano, seja ele sacerdote ou bispo, que implique escravidão à sua vontade e acarrete um ato criminoso em razão da interpretação da Palavra de Deus, caso essa interpretação promova o crime. Tal ser humano, seja ele padre ou bispo, fica fora da Lei e, conseqüentemente, sua não expulsão da Igreja constitui uma violação da Fé de Cristo.

Portanto, tenho em mim esta lei: que, querendo fazer o bem, é o mal que se apeg a mim;

Lei que se herda de pais para filhos, como vimos, e decorre da História e da Ciência. De tal forma que a Liberdade do Homem, além de se realizar apenas por Cristo na Fé, implica, pelo conhecimento de sua origem, a luta constante do cristão diante de um Mundo sujeito a essa lei da Vontade Escrava. Luta positiva na medida em que se busca a liberdade de nossos semelhantes e leva à batalha frontal apenas em caso de rejeição livre à Lei do Bem Universal.

pois me deleito na Lei de Deus segundo o homem interior,

Conhecer a si mesmo — o que somos, quem somos, de onde viemos e para onde vamos — é a plenitude do ser. Esse Conhecimento, na medida em que é

plenitude e e ontológica da vida do EU, é a alegria suprema do Homem. Não há prazer maior que o ser humano possa experimentar. Todo prazer é nada comparado à alegria do verdadeiro Conhecimento do Homem que somos. Esse Homem, Imagem de seu Criador, deleita-se na Lei de Deus com toda a sua mente e sua alma, pois é essa Lei a fonte da Liberdade sem medida à qual o ser humano aspira desde o início de sua existência. É na Palavra de Deus que se sustentam a Paz, a Justiça, o Direito, a Igualdade e a Fraternidade entre todas as criaturas do Universo. É por meio de Sua Palavra que nos tornamos herdeiros da vida eterna. Como não adorar Seu Verbo e dançar ao som de seus ecos! Filhos de Deus de todas as nações e raças, Sua bandeira é bandeira de amor, Seu estandarte é estandarte de alegria. Batam palmas e elevem a alma, pois a Promessa é firme: “Teus filhos tomarão posse das portas de seus inimigos”. Aleluia.

mas sinto outra lei em meus membros que se opõe à lei da minha mente e meacorrenta à lei do pecado, que está em meus membros.

São, portanto, duas as frentes a partir das quais o Mal, na forma do pecado, busca a ruína do cristão, em primeiro lugar, e do mundo, por fim. A primeira foi vencida pela Fé. A segunda move-se no mundo e, a partir dele, procura nos submeter à lei da qual fomos libertados. Nosso objetivo é libertar nosso próximo das correntes da Morte, sob cujo peso viveram nossos pais e de cujo peso, pela Graça da Fé, nascemos livres. Quanto ao mundo:

Ai de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?

Sim, São Paulo, eis aqui sua santidade: ele se une ao mundo para, a partir de sua carne, implorar misericórdia e piedade ao Juiz de todos os homens. Aquele que, ao ouvir seu clamor, antes mesmo que as palavras saíssem de seus lábios, já havia levado em conta nossa escravidão e nos deu o Herói que deveria enfrentar aquele que fez do homem seu troféu de guerra.

Graças a Deus, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor... Assim, eu mesmo, que com a mente sirvo à Lei de Deus, sirvo com a carne à lei do pecado.

A Vida do Espírito

Certamente este capítulo e a clássica luta do catecismo cristão contra o mundo, o demônio e a carne estão intimamente relacionados. Não é preciso provar que o mundo se encontra em constante batalha contra o cristianismo; o número de vezes que o mundo se lançou contra o cristianismo, desde os tempos romanos até os comunistas e os momentos islâmicos que estamos vivendo, quando, por serem cristãos, milhões de pessoas são assassinadas — os últimos dois milhões no Sudão diante da impunidade internacional absoluta, da alegria do comunismo chinês, da cumplicidade do Islã e da passividade total da ONU; o número de vezes em que

o mundo se lançou contra o cristianismo para destruí-lo e erradicá-lo da face da Terra, começando pela destruição do próprio Cristo Jesus, é uma conta que se perde nas páginas da História. A causa por trás dessa tendência assassina por parte do mundo contra o Homem que Deus criou e resgatou das mãos do Inferno para fazer do Universo o seu, é bem conhecida. Como cristãos, todos nós, de uma forma ou de outra, conhecemos o episódio da Queda. O que nos diferencia uns dos outros é a posição que assumimos ao tentar determinar por que, sendo Deus onisciente e todo-poderoso — como se vê na Criação do Universo —, ocorreu o evento da traição de Judas. A resposta do homem carnal — e assim entramos no assunto — resume-se à visão do homem como um animal sem vontade própria, cujos movimentos ocorrem ao ritmo da Força Divina. É a posição do protestantismo original, especialmente forte no pensamento calvinista pró-nazista. O homem espiritual contempla o acontecimento a partir da Liberdade que, em Sua Sabedoria, Deus exerce sobre Sua Criação, na qual impor Sua Força contra a vontade da Criatura seria dar origem a uma Ditadura, um desfecho essencialmente oposto ao sentido íntimo da própria Liberdade Divina. É sobre esse homem espiritual, elevado em si mesmo, que o Apóstolo diz:

Não há, portanto, mais nenhuma condenação para aqueles que pertencem a Cristo Jesus,

E não há porque Cristo Jesus e a Liberdade se tornam uma única coisa, como se vê no episódio de Judas. Onde vimos como, sendo Jesus onisciente e todo-poderoso à imagem e semelhança de seu Deus, deixou à vontade de Judas a decisão final sobre o uso de sua Liberdade enquanto criatura desse mesmo Deus, à cuja imagem e semelhança todos fomos chamados. No uso dessa Liberdade, podemos tanto nos rebelar contra nosso Criador quanto participar de sua Vida. A resposta de Cristo Jesus diante dessa questão, que a própria Liberdade traz consigo, foi a participação sem limites na vida divina, à qual Deus respondeu com uma abertura sem medida de seu próprio Ser. A resposta de Judas foi o protótipo da resposta daqueles que rejeitaram livremente a Deus e, conseqüentemente, lhe declararam guerra. Protótipo, digo, porque a mesma ignorância que governou o comportamento do judeu e do gentio — ignorância que nos tornou a todos merecedores da justiça redentora da fé e que foi acolhida por Jesus na sua cruz, ao dizer: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem” —, essa mesma ignorância foi o núcleo duro a partir do qual Judas tomou sua decisão final. Longe estamos nós dessa ignorância, e mesmo que, como vimos, no próprio cristianismo a luta entre o homem carnal e o espiritual não tenha cessado completamente, levando a profundas divisões com efeitos de guerra civil, como se vê na história; livres dessa ignorância, nossa resposta à questão básica implícita no Fato da Criação é firme, sólida e inequívoca: Participação sem limites na Vida de Deus, segundo o Modelo que Ele colocou diante dos nossos olhos: Cristo Jesus.

pois a lei da vida no espírito de Cristo Jesus me libertou da lei do pecado e

da morte.

Pois a garantia da Liberdade é o Conhecimento, e o cavalo de batalha do Mal é a Ignorância, da qual somos libertados pelo espírito de Cristo Jesus, terra na qual nosso Pensamento lança suas raízes, se alimenta, torna-se árvore e cresce. Daí que possamos dizer com plena certeza: Temos o Pensamento de Cristo. E, se o seu Pensamento, o seu Espírito. E se o seu Espírito, a lei da herança à qual está sujeito o homem selvagem, abandonado às suas próprias forças, em quem o lado animal prevalece sobre a inteligência, não tem domínio sobre a nossa vontade, graças à qual, em liberdade, nossa vontade é mais forte do que as tendências temporárias do mundo e nosso pensamento mais profundo do que o dos sábios deste século.

Pois o que era impossível à Lei, por ser fraca devido à carne, Deus, enviando seu próprio Filho em carne semelhante à do pecado e por causa do pecado, condenou o pecado na carne,

Não poderia ser de outra forma. O homem animal, de acordo com a afirmação de seus sábios: “O homem é um animal político”, age movido por impulsos bestiais, nos quais predomina o instinto selvagem de sobrevivência e domínio do habitat, neste caso estendido à sua própria espécie; sua Razão é uma arma de domínio que, ao colidir com a vontade de seus semelhantes, transforma-se em um instrumento de terror. O Bem Universal torna-se a conquista do Poder Pessoal, e o meio para alcançá-lo não tem limites nem se submete a nenhuma lei, exceto à do próprio bem almejado: o Poder, e o Poder absoluto. Não é algo que tenha surgido hoje em dia, nem porque estejamos testemunhando uma espécie animal política cujas paixões estão destruindo o habitat terrestre — como não poderia ser de outra forma quando se fala do domínio das forças da natureza por uma fera racional; esse comportamento geocida e homicida vem de longe, e suas origens remontam, ou seja, à transformação involutiva da espécie humana da condição de filhos de Deus para a condição de uma fera racional selvagem, nos primeiros dias das Cidades-Estado mesopotâmicas, justamente onde ocorreu a Queda. Seguindo a mesma lei do comportamento herdado, com o passar dos séculos e milênios, na época do Nascimento de Cristo Jesus, o legado das nações à sua descendência foi um testamento de tradições religiosas e paixões nacionalistas totalmente opostas à vida do espírito da inteligência, razão pela qual o Homem foi criado. O ser humano, certamente, e dando razão aos sábios da época, não passava de um animal, se o aspecto político, em substância ou essência, não for levado em conta nas considerações que conduziram aquele mundo à sua Queda. Embora nós, a partir de nossa posição privilegiada de observadores do Passado, atores do Presente e criadores do Futuro, possamos corrigir o sábio e concordar que, mais do que político, o que convinha àquele homem-animal era a natureza filosófica, ou seja, pensante — algo, o pensamento —, que está muito longe de ser a essência e a substância do animal político. Contra aquela Queda do Homem na selva da natureza animal, que não lhe convinha — assim como, os Direitos Humanos não convêm ao animal —, ergueu-se Jesus Cristo, em quem Deus nos revelou a Ideia

do Homem que Ele concebeu em Sua Sabedoria no dia anterior ao Princípio e de acordo com a qual Ele deu início à Criação do Gênero Humano. Portanto, pretender continuar comparando o Homem a um animal, seja de forma política ou científica, é uma doutrina homicida, suicida e esquizoide que está muito longe de tornar dignos da Sabedoria aqueles que se dizem ou são chamados de sábios.

para que a justiça se cumprisse em nós, os que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito.

Justiça, então, aberta e sem medida para todos os homens, pois todos foram condenados pelo pecado de um único, como vimos anteriormente. Justiça sem aceção: voltamos às dissensões entre os próprios cristãos, que é negada às nações por aqueles que, a partir do protestantismo, limitam a Graça Todo-Poderosa e Onisciente de Deus aos eleitos da providência. Com isso, ao limitar a Graça Divina a esses eleitos, as vertentes protestantes caem no terrível erro de corrigir o que Deus e seu Filho escreveram. É possível demonstrar, com a Bíblia em mãos, que tal limitação foi uma armadilha do diabo para Lutero e Calvino. É de se acreditar que o catolicismo jamais manipulou o Texto a ponto de, onde o evangelista afirmou que “Deus amou tanto o mundo que enviou seu próprio Filho para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna”, esse Amor não abranja todos os homens, mas sim, e somente, e exclusivamente, a raça humana de olhinhos azuis, cabelinhos dourados e altura mínima de seis pés. Basta o pensamento mais superficial para jogar no fogo tais escritos, produzidos por mentes presas nas redes de seu próprio orgulho carnal, demonstrando, nessa declaração fatal, a involução do homem espiritual para o animal que o protestantismo, no fim das contas, colocou em marcha. E não exatamente porque o catolicismo, com exceção de alguns nomes, tivesse realizado em si mesmo o homem espiritual. A meta no horizonte era a realização desse Homem, em direção à qual Deus colocou em movimento o cristianismo e o cristianismo como caminho para esse Futuro Perfeito. Foi nesse caminho que, pela obra e graça de Calvino, o protestantismo caiu no terrível erro de corrigir Deus e seu Filho, limitando extensivamente a Redenção e sua Graça ao círculo seletivo dos eleitos. Com Calvino, de fato, o protestantismo tornou-se uma seita.

Aqueles que são segundo a carne percebem as coisas carnis; aqueles que são segundo o espírito percebem as coisas espirituais.

Para saber o que são as coisas carnis, basta dar uma olhada na História — para não condenar o Presente — e ver o que são as coisas da carne. O Poder, as Riquezas e o Prazer são as três grandes tendências típicas do animal racional. Nada nem ninguém detém esses instintos quando estão à solta. O crime, a infração e a guerra são meros instrumentos para sua realização. E o impulso de satisfação desses instintos revela-se uma força superior à própria besta humana, que escapa ao seu controle e à qual sua vontade se submete, sendo sua liberdade escrava desse impulso e, na medida em que é escrava, é colocada a serviço da satisfação dessas

tendências patológicas. É claro que não são de forma alguma delituosas nem criminosas, na medida em que o bem supremo do animal transformado em fera se justifica na consecução do próprio fim alcançado ou a ser alcançado. Seja, portanto, o Poder, as Riquezas ou o simples Prazer referido ao uso do semelhante como mero meio de satisfação sexual, ou dos bens naturais e sociais como meios de elevação do orgulho individual e grupal, privando o ser humano manipulado de toda a sua componente natural humana e os bens naturais e sociais de sua essência benéfica, essas três tendências representam uma involução do ser humano na direção contrária àquela para a qual, por sua Natureza, o Homem tende desde suas Origens. As doutrinas que, em sua representação, postulam e se revestem de ciência, religião ou ideologia não passam de instrumentos de crime e delito.

Pois o apetite da carne é morte, mas o apetite do espírito é vida e paz.

Vida eterna e Paz Universal, eis as duas grandes aspirações motrizes próprias do Homem. Aspirações porque estão implícitas em sua Inteligência, e motrizes porque, sendo metas, são pontos de partida e caminho para sua realização. Aspirações compartilhadas pela ciência, por exemplo, mas das quais nos separa a Fé, ao usar o animal científico a guerra como instrumento e a manipulação da Natureza, incluindo o homem, como caminho. Caminho esse que leva, como estamos vendo, à destruição do mundo. Ponto que não o incomoda, ao que se observa, mas que, em vez de deter o animal científico, o arrasta cada vez mais na direção empreendida.

Por isso, o apetite da carne é inimizade contra Deus e não se submete, nem pode se submeter, à Lei de Deus.

É evidente, pois se a Ciência conduz à destruição do Homem e da Natureza ao proclamar a animalidade da Inteligência, reduzindo-a à simples Razão das bestas, e a Vontade de Deus é que o domínio da Natureza pelo Homem não seja utilizado para o domínio sobre e contra o Homem, ao fazer com que a Ciência transforme esse domínio natural em propriedade de um grupo de animais humanos — sejam eles políticos ou de qualquer outra classe — e ao aplicar a esses grupos as leis da Natureza para impor essa Força sobre os demais grupos humanos, a Ciência não pode aceitar nem submeter-se à Lei de Deus, a quem ela precisa repudiar e banir da consciência por meio da dissolução de toda Moral genética, a fim de alcançar o objetivo patológico que é natural à ciência das bestas, a saber, a transformação dos escolhidos da evolução, os Fortes, no super-homem, e das massas, todos nós, em simples bestas sem outros direitos além daqueles concedidos para seu controle pelo grupo dominante, com o qual a classe científica se torna um único homem. Impossível, portanto, que da mente animal da ciência possa surgir a Paz Universal — pois a Paz Universal repugna às leis da própria mentalidade animal científica —, e muito menos a Vida Eterna

Aqueles que caminham segundo a carne

Complementamos neste capítulo a barreira entre a carne e o espírito que a própria Fé ergue entre o Céu e o Inferno, entre a esperança e o vazio do futuro. Tenhamos em conta que a grande diferença entre o cristão e o homem sem Fé reside, se tece e se articula em torno e a partir da vida eterna que Deus comunicou a toda a sua criação. Embora a ideia de um juízo final e de uma vida futura paradisíaca seja um legado do mundo de Adão às nações antigas, esse legado encontrou em Cristo Jesus seu desdobramento definitivo, pelo qual soubemos que a esperança da vida eterna se cumpre no Reino de Deus. Na Terra, existem outras sociedades religiosas que reivindicam para si essa ideia do cristianismo, embora não aceitem a fé do próprio cristianismo. O fato é que Cristo Jesus foi a encarnação dessa Ideia, e não aceitar seu Evangelho é querer anular sua Doutrina de Fé e Esperança, seguindo a tática de se unir ao inimigo para vencê-lo. São Paulo, portanto, não mente ao afirmar que:

Aqueles que vivem segundo a carne não podem agradecer a Deus;

É impossível que o homem que olha para a morte e, a partir da morte, encara sua existência, possa agir de acordo com aquele que caminha a partir dos pressupostos de uma vida eterna, que se realiza em espírito em nós e em relação à qual a morte não passa de uma lei imposta por circunstâncias externas a nós, assim como ao próprio Deus que aspergiu as águas do universo com a energia de seu próprio ser, a fim de fazer com que a semente da vida emergisse da Natureza assim revolucionada. A diferença que a Fé estabelece entre os homens opera neste terreno e tem em suas dimensões seus horizontes. Pois quem vive contando seus dias desfruta de seu tempo de acordo com suas limitações e concentra suas ações no presente, buscando o máximo prazer dentro dessas quatro paredes erguidas pela morte. Falando sobre esse comportamento antinatural — uma vez que a própria Natureza foi revestida de eternidade —, Jesus disse: “Deixai que os mortos enterrem seus mortos”. Pois quem vive entre as quatro paredes da morte, ainda que respire, está morto. Ora, o que é natural é a respiração na consciência da vida eterna, a partir da qual o futuro abre seus horizontes para a ação ao longo dos séculos e orienta o caminho do ser de acordo com a realidade interna na qual a consciência da Fé vive. É o que vemos em Cristo Jesus, um homem cuja respiração não tem lugar entre as dimensões da morte, mas que pensa e age como quem é imortal. E é esse homem que vive no cristão.

Mas vocês não vivem segundo a carne, mas segundo o Espírito, se é que o Espírito de Deus realmente habita em vocês. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse não é de Cristo.

Não poderia ser de outra forma. Seria incrível se não fosse assim. Ser cristão e viver de acordo com os princípios de uma vida mortal, ajustando as ações e os

pensamentos à vida de uma criatura sem futuro eterno, é a negação do próprio Cristo no cristianismo. O próprio Paulo afirma isso e, mesmo quando se dirige aos cristãos, ele se permite deixar claro que o mal do cristianismo provém precisamente daqueles que, de dentro, agem e vivem como criaturas sem consciência da vida eterna para a qual nascemos e na qual se move o Ser cristão — o que equivale a ser cristão sem Deus, algo muito raro. Mas não é por ser muito raro que deixemos de ter as provas mais claras de sua existência, em todos os níveis do cristianismo, começando pelos bispos e terminando pelo povo.

Mas, se Cristo está em vós, o corpo está morto para o pecado, mas o espírito vive pela justiça.

O que caracteriza uma vida puramente mortal — e, se essa vida existisse, o contrário seria absolutamente antinatural — é a busca do próprio bem e da satisfação individual. Vemos sua encarnação material no ateísmo científico, pai do materialismo, no qual o homem, equiparado ao animal, limita-se a buscar seu próprio prazer, mesmo sobre o cadáver de seus semelhantes!! E isso porque, ao não ser o Outro o Eu, o Outro não pode ser seu semelhante; razão que se transforma em Ciência e proclama a necessária morte do Fraco aos pés do Forte, sob o pretexto de que, dentro da Espécie, operam duas raças: a do Forte e a do Fraco. Outra Lei Criminal seria impossível de ser concebida, é verdade, uma vez que a Ciência adotou o credo da Razão da Era Moderna. E será a partir dessa Lei que, por não ser escrupulosamente seguida, a Espécie mergulhará em crises contínuas... por culpa da fraqueza do Forte diante do esmagamento legítimo, previsto pela Lei, por parte do Forte. A Morte, portanto, concentra suas obras e governa o pensamento daqueles que vivem entre suas abordagens patológicas, distantes da verdadeira estrutura da Natureza Universal, que, investida de Eternidade, faz brotar a Semente da Árvore da Vida sobre um oceano fecundado pelo Espírito Criador: para, precisamente, fazer com que o Ser da Criação desfrute da vida eterna natural a Deus, o Único e Verdadeiro Causador dessa Revolução, cujo fruto e melhor prova somos nós, aqueles em quem o Espírito de Cristo é a Raiz do Eu, ou seja, do Ser.

E, se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos também dará vida aos vossos corpos mortais em virtude do seu Espírito, que habita em vós.

Nisso reside a Fé. E, mais uma vez, observamos a abordagem de São Paulo, que sempre inclui em seu julgamento a necessidade de não perder o senso da realidade com base na adoção do nome de “cristão”. Um julgamento vigilante e defensivo que se mostra necessário para a vida do Eu, e isso inclui nesse julgamento os próprios bispos, independentemente de seu lugar na hierarquia das igrejas. Pois São Paulo não dirigiu esta Epístola exclusivamente ao cristão comum, mas dirigiu suas palavras a todos os cristãos em conjunto, tanto sacerdotes quanto fiéis. E o contrário, ou seja, que o sacerdote e o pastor, sendo

cristãos, em hipótese alguma fossem destinatários das palavras do Espírito Santo, seria uma aberração diabólica do tipo posto em prática por Satanás no Éden, que, sendo filho de Deus, utilizou essa Vestimenta Divina para nos enviar a todos para o Inferno. Acreditar que o hábito faz o monge é um suicídio. E acreditar que, ao colocar uma mitra, a cabeça fica santificada é um crime contra Deus e contra o Homem. Ora, o Julgamento leva em conta as palavras e as obras, permanecendo perante o Tribunal dos filhos de Deus todo homem como se estivesse nu em relação às suas palavras e obras. O contrário, acreditar que o hábito faz o monge e que, pelo simples fato de alguém ser elevado a determinado cargo, fica automaticamente livre — caso não o estivesse antes — do pecado e do crime, é um suicídio contra a Fé do próprio Cristo Jesus, que, sendo o Rei do Universo, se despiu diante de Deus para nos revelar que não são as vestes, mas o Ser que se apresentará, seja para o bem ou para o mal, perante o Juiz de toda a Criação.

Portanto, irmãos, não somos devedores da carne para vivermos segundo a carne,

Nunca. Não foi pelas obras da Morte que se cumpre em nosso Ser o milagre de Nascer para a vida do Espírito da vida eterna. Foi o Braço de Deus o Autor desta Obra, pela qual os horizontes entre os quais a Morte aprisionava a Consciência do Homem ruíram e a Mente Humana foi restaurada na Liberdade dos filhos de Deus, Liberdade para a qual o Homem foi criado. Não é, portanto, obra da reprodução e multiplicação do humano que a Fé conseguiu articular sua Doutrina entre nós, pois, nesse caso, a Encarnação não teria sido necessária. Pelo contrário, a Encarnação colocou em evidência a impossibilidade factual que, desde a eternidade, existe para a realização do Mistério da Criação da vida à Imagem e Semelhança de Deus. Impossibilidade essa que foi vencida por Deus; e cujo melhor hino é a Encarnação. Se, portanto, somos devedores de alguém, somos devedores daquele que ressuscitou Jesus Cristo, em cuja Ressurreição Deus veio a consolidar, por meio de um fato histórico, sua vitória sobre a morte, que se tornou um fato consumado. Fato pelo qual Deus quis nos revelar que a Vida, não por evolução, mas por Seu Poder, vem à luz para desfrutar de dias que nunca terminam, à imagem e semelhança de Sua própria Vida. E, tendo nascido para desfrutar da vida à Sua imagem e semelhança, o que convém a todo homem é viver de acordo com essa Nova Realidade Universal. Por uma lei alheia à Vontade de Deus, temos que morrer; mas, pela Lei do Poder de Deus, esse momento é apenas um ponto na linha de nossa vida eterna. Fechamos os olhos para a Terra para abri-los para o Céu... sim, como diz Paulo, vivemos na Terra como se já estivéssemos no Céu.

Se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis.

Outra coisa não seria natural. Nem do ponto de vista da inteligência humana, nem do da misericórdia divina. Ou seja, que, caminhando neste mundo à imagem

e semelhança de verdadeiros demônios, as portas do Céu se abrissem para nós pelo simples fato de termos cometido esses crimes... em nome de Cristo... Daí se vê que, quanto mais alto o homem sobe, mais dura é a queda. E como todos estamos sujeitos à estrutura de um mundo em constante luta contra Deus, ou seja, contra si mesmo, a paz é apenas para aqueles que estão mortos. Pois a paz implica que não há mais problemas. Mas quem está vivo caminha de problema em problema. E enquanto existir esse confronto, a batalha começa dentro de nós mesmos. Deixemos, pois, que os mortos enterrem seus mortos, e nós nos dediquemos ao que nos cabe: contemplar o futuro dos séculos e harmonizar nossas ações — em pensamento, palavra e obra — com o comportamento natural daqueles que nascem para desfrutar da vida eterna. Pois, como dissemos antes: a Morte já não tem poder sobre nós, nem antes, nem durante, nem depois. Vivemos como imortais em um corpo mortal, é verdade, mas a vitória do Homem sobre a Morte está no fato de que, sendo mortais, nos comportamos, em pensamento, palavra e obra, como imortais, à imagem e semelhança de Cristo Jesus!!

A este mistério da vida se resume a fé.

O cristão, filho de Deus

Eis que o que foi escrito no Princípio, “Adão, filho de Deus”, volta a ser escrito no Fim: Jesus, filho de Deus. Escrito com o qual Deus demonstrou diante de todas as nações do universo que Ele jamais condenou o homem ao exílio eterno de Seu Reino. Mas, tendo ele violado Seu Mandamento, a própria força da Lei julgou o delito e, de acordo com suas causas, Ele administrou o julgamento. A sentença contra a raça humana era definitiva, mas apenas por um tempo, conforme correspondia à natureza do próprio delito. Chegaria o Dia da Liberdade; o Dia em que, uma vez punido o crime — pelo qual a Mente do Homem foi aprisionada entre os muros da Ignorância — e cumprida a condenação, a Porta se abriria e o Homem entraria em posse de sua Herança, o Espírito de Deus, o Espírito de Yavé: “Espírito de Sabedoria e Inteligência, espírito de Entendimento e Força, espírito de Conselho e Temor de Deus”. Em suma, o espírito de Cristo. Mas Deus, em sua maravilhosa onisciência e tendo sofrido, contra a sua Vontade, a perda de seu filho, o Homem, nós mesmos, quis celebrar a Festa da Liberdade, enquanto ainda nos encontrávamos no Exílio de seu Espírito, por meio da visão da Verdadeira Natureza de sua Paternidade Universal, que se manifestou em Cristo Jesus e em seus Discípulos: para que não tivéssemos medo da Liberdade da glória dos filhos de Deus, em virtude da qual a Humanidade foi criada e, consequentemente, sua luz nos é tão natural quanto o sol, o ar e a água. A espiritualidade não é, portanto, uma dimensão estranha à nossa natureza. Ao contrário, é justamente a sua ausência que causa a impossibilidade factual que impede nossa inteligência de alcançar uma evolução onisciente e sem limites: dentro do âmbito da Lei Divina,

é claro.

Pois aqueles que são movidos pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.

Essa é a razão redentora cristã sob cujo crescimento a Civilização deu um salto da Filosofia para a Ciência, salto que, por si só — como se vê em sua morte sob os pés dos bárbaros e em sua ressurreição pelas mãos do Cristianismo —, a Civilização não poderia realizar e que, graças a Jesus Cristo e seus discípulos, ocorreu. A declaração de São Paulo não é, portanto, gratuita. O reconhecimento da Filiação Divina do Movimento Cristão provém da glorificação daquele que estendeu sua Paternidade sobre todos, por cuja Vontade esse salto da Civilização foi possível e sem cujo Poder e sabedoria a Civilização jamais teria saído do túmulo em que foi enterrada pelos Átilas daqueles séculos. Ao cristianismo e somente ao cristianismo, falando entre homens, cabe a glória imperecível de ter produzido o milagre do renascimento da civilização. O contrário, sustentar que, sem o cristianismo, a civilização teria sobrevivido ao peso da invasão e da destruição do mundo antigo, é pura loucura. Os efeitos daquela façanha saltam aos olhos. Que agora alguns queiram deslegitimar esses efeitos a partir dos limites estabelecidos é um discurso da mesma raiz insana anterior, e que se enquadra no discurso natural da operação de lavagem cerebral que costumam colocar em ação os inimigos da Revolução Cristã, para quem, antes deles, havia o inferno e, com eles, o paraíso começa a florescer aos pés de seus líderes, nascidos para a eternidade. Lavagem cerebral cujos efeitos esquizoides e violentos temos em carne e osso no Cemitério do Século XX, onde quiseram enterrar o Cristianismo em nome de causas revolucionárias universais que, curiosamente, contrariando a bondade de suas origens, mergulharam o mundo no inferno das guerras mundiais.

Pois não recebestes o espírito de servos para recair no medo, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Abba! Pai!

Diante de nada nem de ninguém, portanto, precisamos nos desculpar, justificar ou simplesmente fazer compreender nosso direito de viver e governar nossa Civilização de acordo com o reino da Lei Universal Divina, que, com sua sabedoria, mantém vivas e em constante crescimento todas as Nações da Criação. Ter que justificar o que conquistamos com nosso sangue é uma exigência impossível de ser atendida, pois tal discurso implica nossa renúncia ao Governo de nossa Civilização. Nosso direito ao governo universal da civilização não pode ser contestado nem submetido a julgamento.

O Espírito testifica ao nosso espírito que somos filhos de Deus,

e o contrário, ou seja, que, sendo nós, os cristãos, os fundadores deste Mundo, e, por sermos cristãos, filhos de Deus, fôssemos governados em nossa própria Casa e Reino por um Poder estranho àquele que é o Rei do nosso Universo, vivendo assim sob uma lei alheia à Justiça eterna, sobre cujos Mandamentos se articula toda a Criação — essa opção, não importa o discurso que a defenda, é um

suicídio que afeta toda a humanidade. Sendo nosso Pai o Rei e Senhor dos Céus e da Terra, seria um suicídio coletivo viver sob a lei não de nosso Deus e Pai, mas de um inimigo de sua Casa e Reino. O fato de sermos o que somos está além da esfera do diálogo com aqueles que, uma vez oferecido o diálogo, o utilizaram para conduzir o mundo à destruição total, em todos os níveis, da qual saímos ilesos graças e exclusivamente à Sabedoria de nosso Criador. Não há mais diálogo possível sobre nosso direito e nossa Identidade.

E, se somos filhos, também somos herdeiros; herdeiros de Deus, co-herdeiros de Cristo, desde que soframos com Ele para sermos glorificados com Ele.

A timidez e a caridade a ponto de nos deixarmos esmagar por quem usa nosso entendimento e nosso desejo de paz para aniquilar a Civilização que nossos pais fundaram com seu sangue e, sobre o tesouro de seu sacrifício imperecível, aniquila nosso Direito ao Governo da Civilização, que nos pertence, pelo sangue e pelo Espírito; a timidez é, hoje, uma confissão de renúncia à Fé na qual nascemos, fomos criados e vivemos. Filhos de Deus, como diz São Paulo em outro trecho, família de Cristo Jesus pela obra e graça do Espírito de Deus, tudo nos pertence, tanto as coisas dos Céus quanto as da Terra. Ora, se entre nós existe divisão por questões puramente teológicas decorrentes de causas já desaparecidas, como faremos valer nosso Direito!? Será que Deus Pai pode admitir tal discórdia entre seus filhos e servos por muito tempo!? Não chegaria o Dia de pôr fim a tal divisão em sua Casa e Reino por meio do Anúncio de sua Vontade Unificadora!? Veremos no próximo capítulo que sim

Os sofrimentos presentes comparados à glória futura

Tenho certeza de que os sofrimentos do tempo presente não são nada em comparação com a glória que se manifestará em nós;

Ninguém em seu perfeito juízo coloca sua vida a serviço de uma causa se essa causa não abrigar em seu seio um objetivo cuja realização transforme tal renúncia à vida terrena em um ato de beleza indescritível. Entende-se que se trata de uma renúncia à maneira de Jesus Cristo, da qual São Paulo é o exemplo: renúncia à vida sem nenhum ato de terror, como quem leva para o inferno quantos mais, melhor. Devemos diferenciar entre a renúncia do sábio e a do louco. A do louco é a renúncia que o Islã exige; a do sábio é a renúncia que se manifestou em Cristo. Mas não apenas nós; os judeus também devem aprender essa diferença por meio do exemplo que vive em seu próprio território. Basta-lhes comparar a renúncia islâmica, que exige o terror, com a renúncia cristã, divina por natureza, na qual o judeu teve um papel tão importante durante a execução dos sábios fundadores e construtores do cristianismo. Pensar que a Renúncia de Jesus Cristo foi um ato de loucura é, em si mesmo, um exercício de loucura quando se tem diante dos olhos

a Diferença entre a renúncia Divina, representada por Cristo, e a Infernal, representada pelos Mártires do Islã. Os judeus, na medida em que são descendentes carnis e espirituais daqueles carrascos de inocentes, devem, por meio da diferença que o próprio Deus lhes apresenta, abrir os olhos e ver seu papel no Holocausto do cristianismo, ao perseguirem os primeiros cristãos, a fim de se curarem da loucura que ainda os afeta ao pensar em Cristo. Loucura que leva a parte mais exaltada entre os judeus do mundo a negar o Holocausto cristão que seus pais cometeram, por um lado, e à crença insana na ascensão messiânica do povo judeu ao Trono da Terra, algo que ocorrerá algum dia... talvez sobre os cadáveres de 2 bilhões de cristãos, 1 bilhão de muçulmanos, 1 bilhão de comunistas e 1 bilhão de hindus? Basta comparar os números para que o povo judeu reaja e compreenda que esse membro messiânico de sua sociedade é um dos elementos vitais que mantêm vivo o ódio do mundo — e especialmente de seus vizinhos árabes — contra o judaísmo, confundindo, por sua culpa, o Estado de Israel com o sionismo delirante daqueles que realmente acreditam que Jerusalém está destinada a ser a capital do futuro império da Terra. Só da boca de um louco pode sair tal discurso. Não é dessa natureza a Expectativa que tem mantido toda a criação em suspense.

pois a ansiosa expectativa da criação aguarda a manifestação dos filhos de Deus,

antes do nascimento do cristianismo, a expectativa dos judeus tinha como visão a chegada do Rei Universal, aquele que ainda é esperado pelos descendentes daqueles que crucificaram Jesus e decretaram a Solução Final contra seus discípulos: homens, mulheres, idosos e crianças. Do ponto de vista da biohistória, torna-se muito difícil acreditar, para não dizer impossível, após três perseguições anticristãs em solo judeu, ver uma absoluta falta de relação entre a atividade anticristã judaica na capital do Império e a perseguição de Nero após o incêndio de Roma. Que Flávio Josefo tenha sido elevado à amizade de César, depois de ter agido como um Judas entre os seus, entregando Jerusalém após queimar seus arquivos, e que, a partir dessa posição, tenha reinventado a história dos judeus, empregando os mecanismos do poder para apagar da memória de seu povo o holocausto cristão protagonizado por Jerusalém e seu papel nas perseguições anticristãs romanas; essa elevação do “Judas dos judeus” à glória do historiador, com liberdade absoluta para reinventar o passado, é uma prisão biohistórica entre cujas paredes a consciência do povo judeu atual vive seu exílio da comunidade internacional em plenas condições de igualdade e respeito. A expectativa messiânica se cumpriu. Deus aboliu toda coroa no Universo e colocou seu Império aos pés de seu Filho Primogênito e Unigênito, tornando-O, assim, o Único Rei Eterno de sua Criação. O que ocorreu no Céu deveria ocorrer na Terra. Ora, um Rei Universal no Céu e outro na Terra contradiz o Princípio da Universalidade na Criação. Daí que a esperança messiânica fundamentalista judaica seja pura loucura e que a Expectativa da Criação, da qual São Paulo fala, não tenha nada a

ver com o ato de destruição da Humanidade que o fundamentalismo sionista representa — embora não o implique — como condição prévia para que seu messias infernal reine em um mundo transformado em um cemitério nuclear. A expectativa de que fala o sábio autor desta Epístola diz respeito à restauração do projeto de formação do gênero humano à imagem e semelhança do Espírito que disse: “Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança”. Projeto Divino que foi abandonado universalmente em virtude da Queda do pai carnal do povo judeu, Queda que arrastou todo o seu mundo para o inferno e, por consequência, o restante da Humanidade ainda por nascer. Mas, sendo Deus Todo-Poderoso e sendo Sua Palavra Lei Eterna, é impensável que um contratempo em Seu Projeto pudesse ocasionar a destruição total de sua execução. Foi aí que a Serpente se enganou. Seu raciocínio homicida e suicida se manifestou nos promotores do Holocausto Cristão, quando se disseram que, se conseguiram derrotar o Chefe, cujos poderes eram inimagináveis, teriam facilidade com “os Onze covardes” que saíram correndo e o deixaram sozinho diante de seus juízes. Um projeto Divino pode sofrer um contratempo que o obrigue — como diríamos artisticamente — a improvisar, mas, certamente, o que não pode acontecer é que um Projeto Divino seja destruído, por nada nem por ninguém. A vitória dos “Onze Covardes” é o melhor exemplo e prova de Deus aos olhos do Israel de nossos dias. Prova a partir da qual o mundo judaico deve articular seu pensamento na hora de reinterpretar a rebelião da Serpente. Ou seja, Deus não se referia a um homem em particular nem a um povo específico quando disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”, mas, tendo criado toda a humanidade, Deus incluía nesse projeto de formação todos os povos e homens da Terra. Olhando para a realização desse Projeto Universal, interrompido no Éden, nunca revogado, retomado por Abraão e Moisés, e que reencontrou seu princípio em Jesus Cristo, sem vê-lo consumado — como se podia constatar pelos fatos —, São Paulo faz eco à Expectativa da Criação e declara a Vigência da Vontade Divina. O judaísmo, em geral, fecha os olhos à realidade e se recusa a ver que esse Projeto em andamento se chama cristianismo. O fundamentalismo judaico, em especial, manipula o estado de ódio perpétuo entre o Islã e o judaísmo para manter o Estado de Israel cego e impedir que perceba que a doutrina do atual fundamentalismo sionista representa uma agressão contra a região ao declarar que as fronteiras do Estado messiânico se estendem do Mediterrâneo até os grandes rios da Mesopotâmia. O inimigo da paz, nesse aspecto, está entre as fronteiras do Estado.

pois as criaturas estão sujeitas à vaidade, não por vontade própria, mas por causa daquele que as subjuga

Outra coisa seria impossível. A Queda foi um delito e seu preço foi aquele devido à gravidade e à natureza do mesmo. Será que o preso está na prisão por vontade própria? Se pudesse continuar livre, o criminoso se colocaria voluntariamente atrás das grades? Sendo as consequências do crime de Adão de proporções universais em razão do Cúmplice no caso, toda a Humanidade foi

lançada entre os muros da Ignorância, cujas correntes o mundo não poderia quebrar até que chegasse o Dia de sua Liberdade. Foi nessas condições e para manter viva a Esperança de Liberdade que Deus enviou seu Messias e o fez nascer na própria prisão para ressuscitar no peito do Homem a Esperança já morta sobre a Temporalidade da Pena Imposta. É a partir do Conhecimento dessa Temporalidade que São Paulo escreve para o Futuro. Pois, se Jesus Cristo não tivesse nascido, a temporalidade da pena teria se revelado infinita; mas, ao vir, Deus nos revelou a temporalidade da mesma, proclamando em seu Messias a existência de um dia, ainda por vir, em que se abriria a porta da liberdade, já que a pena devida ao delito teria sido considerada consumada a título universal. Com relação a esse Dia, “toda a criação permanecia em expectativa”

com a esperança de que também ela fosse libertada da servidão da corrupção para participar da liberdade da glória dos filhos de Deus.

De fato, esse é o Fim implícito no Princípio do Projeto Divino de Formação do Gênero Humano à Imagem e Semelhança do Espírito que disse: “Façamos o Homem à nossa Imagem e Semelhança”, ou seja, filho de Deus. E como cada filho de Deus é Cabeça de seu Mundo, foi assim que Adão nasceu para ser a Cabeça do Homem, cujo Corpo, a Plenitude das Nações, o teria como Rei e Senhor. Tendo o Escolhido de Deus sido atingido e abatido, Deus restaurou o Projeto e o tornou o Núcleo da Revolução Universal que a Traição e a Rebelião de Satanás implicaram na estrutura da futura relação entre Deus e seus filhos. Foi a partir dessa revolução que Deus aboliu o Império e suscitou a Coroa do Grande Rei, seu Filho, Senhor Universal de toda a sua Criação. E a partir daí restaurou seu projeto de Adoção do Homem, transformando toda a sua Natureza ao dar ao Homem, como Cabeça espiritual, seu próprio Filho. Pois todos os Povos têm como Cabeça um filho de seu Povo, carne de sua carne e sangue de seu sangue, mas o Homem recebeu como Cabeça o próprio Unigênito de Deus. Daí que, comovido, nosso amado Paulo diga: Tenho certeza de que os sofrimentos do tempo presente não são nada em comparação com a glória que se manifestará em nós. Pois, certamente, toda a carne é pó, mas o Homem, por Vontade Divina, tornou-se o Corpo do Filho de Deus.

pois sabemos que toda a criação, até agora, geme e sofre dores de parto,

Como não? Estando a Sabedoria no governo de todas as coisas, como não sentiria toda a criação a demora que a Marcha do Messias adiava para um Dia, tanto mais distante quanto o tempo mal começava a contar os séculos que separavam Deus dos filhos, fruto do Matrimônio entre Deus, em Cristo, e a Igreja, que a criação viria a trazer à luz! Desespero, portanto, para o povo judeu, pois, acreditando que havia chegado a Hora do Messias, viu-se perdido nas trevas daquele que se abandonou à sua sorte, e sua sorte é a destruição de sua nação. Glória para o Mundo, pois os filhos de Abraão haviam-se unido em Fraternidade eterna a todos os homens e, a partir do Amor Divino, anunciavam à Plenitude das

Nações a Temporalidade da Condenação devida à Queda. Deus estava ao lado do Homem, e não apenas estava ao nosso lado, mas Ele mesmo se havia erigido como Cabeça do nosso Mundo. Como esquecer-se de si mesmo! Como não gemer o próprio Deus, enquanto Pai, pelo Dia da Liberdade que, enquanto Juiz, não podia revogar sem causar na estrutura da Criação um buraco negro infernal!

E não apenas ela, mas também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos por nós mesmos, suspirando pela adoção, pela redenção do nosso corpo.

Pois o fim da criação é a vida eterna, a imortalidade para a qual o ser humano foi criado, conforme se vê nas Escrituras, e que a humanidade perdeu em virtude da Pena. Mas, sendo temporária, ela deveria ser restaurada, para que a manifestação da onisciência e do todo-poder divinos se manifestasse pelos atos e não apenas pelas palavras. Salvação de uma pena de morte, à qual fomos condenados e entre cujas grades nascemos, pena de morte que contradiz o Princípio da Formação Divina do Homem, que somente alcançará sua perfeição na redenção do Corpo, do qual Deus se tornou a Cabeça, por sua Natureza Indestrutível, revestindo seu Corpo de Imortalidade. Salvação que esperamos como manifestação da própria Glória de nosso Criador em nosso próprio corpo, ainda não redimido na carne.

Pois na esperança estamos salvos; pois a esperança que se vê já não é esperança. Pois o que se vê, como esperá-lo?;

Nisso, como em tudo o mais, reina a sabedoria. O Fim está ali, no Princípio, mas o como e o quando são assuntos que somente Deus conhece. O que nos cabe é cumprir a Vontade Presente de Deus, pois o Amanhã já terá sua própria preocupação

mas, se esperamos o que não vemos, esperamos com paciência

O Espírito ora em nós

Duas dimensões e uma única realidade convergem no Nascimento do Cristianismo para a Edificação do Projeto de Formação do Homem à imagem e semelhança de Deus. De um lado, temos que a criatura, por si só, não pode romper a fronteira da Morte e pisar no terreno da Imortalidade. Do outro, temos um Ser Criador que derrubou essa Barreira. Mas não apenas pelo mero prazer da conquista de um horizonte impossível de ser alcançado pela matéria por si só. Pois, uma vez alcançada essa meta, transformou a própria estrutura da vida, elevando sua evolução da matéria ao Espírito, fazendo com que a criatura sinta e viva em seu ser a força avassaladora da própria vida Divina, não como algo alheio, mas como realidade própria. De fato, basta concentrar o pensamento nos tempos

imediatamente posteriores à Queda da Primeira Civilização para descobrir, na perda dessa Conquista, a origem da esquizofrenia violenta daqueles Heróis da Antiguidade, inventores do sacrifício humano ritual como meio de alcançar, pela graça dos deuses, o que lhes era impossível apenas pelo sangue. Na doença, descobrimos a marca consumada da revolução cósmica realizada por Deus, a partir do qual, desde o Princípio, o Gênero Humano foi criado para desfrutar, à Imagem e Semelhança dos deuses, da Imortalidade. Mas seria supérfluo confinar a dimensão do Projeto Divino exclusivamente ao fato ontológico da ruptura dos limites da evolução natural. O Projeto trazia em seu seio um ser, o Homem, concebido na Mente Criadora para ser seu Semelhança no Espírito. Tendo a vida eterna como algo dado, a questão era o que a criatura faria com essa vida. E a Resposta de Deus foi dar, por Razão Natural, ao Espírito do Homem o EU de quem Ele disse: *“EU sou aquele que sou”*. Esse “Eu”, reflexo puro do “EU” de seu Criador, abandonado às suas forças naturais pela Queda, privado de sua sobrenaturalidade, será aquele que entrará naquela esquizofrenia aguda e violenta, origem do fratricídio, que, espalhando-se pelo corpo da Humanidade, afundaria as nações na irracionalidade da qual somos testemunhas atualmente e se levantou contra seu próprio Salvador ao ritmo dos impulsos malignos que já se haviam instalado nos estratos da estrutura subconsciente e inconsciente do ser humano. Doença da qual o Homem é curado por meio da promessa de Vida Eterna que o Espírito Cristão mantém viva contra os ventos dos séculos, como se vê pelos fatos de um extremo ao outro da Terra.

E, da mesma forma, o Espírito também vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos pedir o que nos convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos indizíveis,

Dito isso, São Paulo, assim como os demais apóstolos, dá um passo à frente e coloca o cristão diante de Deus com um desejo, a saber: “Pedi e vos será dado”. Ora, pedir o quê? A própria estrutura do EU daquele que disse *“Eu sou o que sou”* coloca sobre a mesa uma Personalidade consumada em sua Consciência, diante da qual devemos colocar o desejo de nosso coração. E, sendo seu EU uma realidade perfeita, o Desejo do Homem se depara com duas portas. Uma se chama o Bem e a outra, o Mal. E Deus, enquanto EU ontologicamente perfeito, não pode ir contra si mesmo com base no amor. Usar, manipular, aproveitar o amor para usar, manipular e aproveitar a pessoa que ama é o calcanhar de Aquiles contra o qual a flecha do mal, desde a forma mais simples até a mais complexa, dirige seu dardo. Vemos no Caso de Adão como esse dardo foi utilizado por Satanás contra Deus, a fim de, por meio do amor, obter Dele o que não se podia obter de Seu EU pela Razão. Superado esse trauma e totalmente voltados para a Fé, nosso dilema reside no confronto entre nossos desejos e um Ser Divino, cujas leis da Mente são invioláveis e incorruptíveis, e nada nem ninguém pode fazer com que Ele vá contra Seu EU. É impossível, portanto, saber quais são as leis de Sua Mente sem que Ele primeiro nos tenha revelado Seu Espírito. Isso o encontramos em palavras

que preenchem o livro mais volumoso da história da humanidade, por sua profundidade e extensão: a Bíblia. Lá, as raízes desse EU, à cuja Imagem e Semelhança o Homem foi criado e restaurado em Cristo, nos são reveladas quando está escrito: “O Espírito de Yavé, o Espírito de Deus, é espírito de sabedoria e inteligência, de entendimento e fortaleza, de conselho e temor de Deus”. Nada pode agradar mais ao nosso Criador do que, carentes dessas qualidades naturais do Seu Ser, nosso coração se entregar em Suas mãos, pedindo-Lhe inteligência sem medida para penetrar no mistério de todas as coisas, descobrindo, à luz Dele, as respostas para todos os problemas que assolam nosso mundo. A implicação é a fé, mas, como estamos falando entre cristãos, colocar isso em discussão é desnecessário. O mesmo vale para a impossibilidade ou possibilidade do poder de Deus de nos abrir a porta de Sua onisciência. Não há nada que possa derreter o Ser desse EU Divino com mais garantia de sucesso do que pedir-Lhe aquilo para o qual Ele criou o homem.

E aquela que sonda os corações sabe qual é o desejo do Espírito, pois intercede pelos santos conforme a vontade de Deus

Ou seja, se é próprio do Homem pedir o que não possui e pelo que seu ser anseia, é próprio de Deus dar, porque Ele possui, aquilo a que Sua criatura aspira; e, como o Homem pede o que deseja, Deus concede, descobrindo naquele que pede o fim para o qual seu desejo tende. Ora, cristãos, da descendência espiritual de Cristo, a raiz imaculada daquele que nos faz nascer para a sua glória diante de todas as nações, essa raiz incorruptível imprime seu selo em nosso desejo e, com sua marca, obtém daquele que tem o poder aquilo que, no desejo, com a sua glória, o próprio Cristo assina. Para o inferno, portanto, com a dúvida. Aquele mesmo que suscita é quem concede. Aquele que pede e aquele que dá são ambos o mesmo, uma única coisa: Deus em Cristo, Cristo em Deus, o mesmo Espírito da eternidade que se derrama sobre toda a criação para revestir todas as coisas de imortalidade sempiterna. “Inteligência sem medida”, nada há na Terra que o Homem possa pedir e que mais rapidamente obtenha de Deus sua resposta, e sua resposta é um Sim, um Sim belo como o olhar de um pai para o filho, alucinante como o beijo do amanhecer à aurora, um Sim todo-poderoso e onisciente que molda mentes e escreve a História dos Séculos a partir da ponta dos dedos do homem. O Espírito que sustenta é aquele que sussurra palavras de sabedoria. Avante, então. Ou será que, mesmo sendo maus, se pedirem pão aos seus pais, eles lhes darão uma pedra? Se ontem a dúvida era coisa de “valentes”, hoje a dúvida é motivo de covardes. Em Deus está todo o Poder, sim, mas também toda a Ciência. Sua Onisciência estende suas fronteiras até as margens do Cosmos e penetra nos abismos fundamentais da matéria. Não há nada que a Inteligência do Criador não conheça. Não há problema cuja resposta Ele já não tenha descoberto. Nem lei universal que exista sem o seu conhecimento. O homem, como uma criança prodígio que abre os olhos para o universo e, a partir de sua genialidade precoce, confundido pela visão do inferno, desenhou na areia da praia sua ideia

do mundo. Mas hoje a infância do homem já é uma lembrança e sua adolescência, um passado remoto. E, em sua crise de adulto, ele está devorando seu próprio mundo. Assim como ontem somente Cristo podia impedir que a Civilização afundasse para nunca mais renascer; hoje é o cristianismo a força histórica em cujas mãos repousa o Futuro da Plenitude das Nações. Mas não na força das armas, e sim pela Liberdade de uma Inteligência sem medida que faz da Onisciência Criadora sua Fonte de ação; é nisso que esse Futuro tem seu Amanhã. “Pedi ao Espírito de Yahweh, ao Espírito de Cristo, ao Espírito de Deus: sabedoria e inteligência, entendimento e fortaleza, conselho e temor de Deus, e Deus lhes dará o que, desde o início da Criação, legou ao ser humano — herança da qual fomos privados pela traição — e que seu Filho recolheu em testamento para sua descendência, aquela que viria a nascer e cuja vinda toda a criação tem aguardado ansiosamente, descendência nascida para desfrutar da liberdade da glória dos filhos de Deus”

O plano de Deus para os escolhidos

É difícil dizer até que ponto o óbvio precisa ser explicado, tornar-se compreensível, abrir o peito de um lado ao outro e ficar nu, para que as inteligências sem consciência de sua essencialidade cheguem pelo menos a perceber — se não a compreender a natureza da verdadeira realidade de todas as coisas — a conexão entre essa natureza e sua inteligência, que dorme sob as pesadas correntes das necessidades diárias. Aqueles que vigiavam, mas se moviam nas trevas, em vez de defender a fragilidade humana, aproveitaram o estado de inconsciência geral para se erguerem como uma espécie de deuses sobre-humanos, aos pés dos quais tanto o poder quanto a glória deveriam se submeter. Elevar o pensamento e ver a verdadeira natureza do universo na mente daquele que lhe deu origem e forma tornou-se irrelevante, principalmente porque a satisfação do próprio ego se coadunava melhor com a escravidão do que com a liberdade dos povos e das nações, às custas do suor dos quais, contra a lei, eles se enriqueciam. O caso tornou-se ainda mais criminoso na medida em que o suor deu lugar ao sangue. A situação, por , em que, devido à Queda, Deus teve de restaurar seu Plano Universal de Formação do Homem à Imagem e Semelhança de seu Filho, forjou realidades concretas, específicas, ora devastadoras, ora cheias de graça, em cujo caminho a Vontade Divina teve de marcar uma época.

Ora bem: sabemos que Deus faz com que todas as coisas contribuam para o bem daqueles que O amam, daqueles que, segundo os Seus desígnios, são chamados.

A Queda não transformou apenas o comportamento e as relações humanas. A conexão entre o núcleo divino e a periferia humana também se rompeu. O efeito

a longo prazo da ruptura entre o Criador e a criatura traduziu-se na necessidade de que, doravante, o primeiro tivesse de realizar sua obra de Formação do Homem contra a Ignorância do segundo. A esperança dos autores da Desobediência do Homem era que essa ruptura nunca mais fosse restabelecida. O Plano de Deus: restabelecer sua relação com o Homem, conduzi-lo para fora das profundezas do inferno em que seu mundo se transformou e elevá-lo à altura de seu Filho, consolando, por meio dessa Liberdade sem limites, o Homem que, contra sua Vontade, fora decapitado pela Morte com a mandíbula de um jumento chamado Satanás. A oposição do mundo à sua própria Libertação estava, portanto, garantida. A Lei tinha que ser cumprida porque o Delito havia sido cometido. Nada nem ninguém poderia anular a Sentença, a não ser o próprio Tempo. Mas quando chegasse o Dia da Restauração, simplesmente por inércia milenar, a luta aberta contra seus Escolhidos — isto é, contra os libertadores do ser humano — seria terrível. Um por um, todos cairiam no campo de batalha. Onde está o louco que se lança a uma guerra sabendo que jazeria como cadáver sob as botas do inimigo? A escolha daqueles que restaurariam, por meio de seu sacrifício, o Plano Universal de Formação da Plenitude das Nações à imagem e semelhança dos Povos do Céu — essa escolha não poderia ser aleatória. O destino de seus Escolhidos seria a cruz.

Pois aqueles que Ele conheceu de antemão, a esses Ele predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho, a fim de que este fosse o primogênito entre muitos irmãos;

Por muitos séculos, Deus, todo-poderoso, manteve sob controle seus nervos em chamas. Temos a imagem do estado de seus nervos na sarça que ardia sem se consumir. Nem o fogo se apagava, nem a sarça se consumia. Um controle perfeito de seus nervos. Tão perfeito que o próprio inimigo de sua Criatura e de sua Criação ousava apresentar-se diante de seu trono, pois lhe era impossível detectar no Ser do Criador o Fogo que, contra seu Crime, devorava sua Mente. A espera havia sido longa. A Restauração do Plano Divino de Formação do Homem à Imagem e Semelhança de Seu Filho vinha sendo forjada em Sua Onisciência por milênios inteiros. Vemos isso na Bíblia, no detalhismo perfeccionista de seu Autor. Assim, quando o Dia chegou, Ele mesmo escolheu no seio de seus pais aqueles que, na Hora certa, responderiam ao Seu chamado.

E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

Deus não enganou os irmãos de Seu Filho. Nesse aspecto, Descartes não passou de um pobre idiota. Deus nunca mentiu ao homem. Desde o início, Ele tinha a Verdade em Sua boca. “Se você comer, morrerá”. E assim foi. E para que, desta vez, as Palavras não fossem tomadas como brincadeira, Sua Palavra se fez carne, a fim de que Seus Eleitos não dissessem: “Não sabíamos que a Cruz era o fim do nosso Caminho”.

O que diremos, então, a isso? Se Deus está conosco, quem estará contra nós?

E, no entanto, o Fim era o Princípio de uma Nova Realidade, para os Escolhidos, porque das profundezas da morte eram elevados às alturas do trono do Filho de Deus. E para a humanidade, porque, ao preço do Seu sangue, os filhos de Deus, da descendência de Abraão, restabeleceram para a eternidade o vínculo sagrado entre o homem e Deus, selando com Sua cruz uma aliança eterna, pela qual a humanidade em Cristo jamais será destruída.

Aquele que não poupou o próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará, juntamente com Ele, todas as coisas?

Essa foi a Recompensa, a meta em direção à qual correram os Escolhidos e diante da qual, sabendo pela Palavra e pela Carne que o preço era a Cruz, não se intimidaram nem tremeram, mas, olhando para nós, fruto de Seu Sangue no Espírito, despiram-se e lançaram sua carne e seus ossos aos leões e ao fogo. Ao cristão, portanto, pertence o mundo e tudo o que nele há. Como se tem

observado nos dois milênios passados e se tornará realidade histórica no que já se passou deste século.

Quem acusará os escolhidos de Deus? Sendo Deus quem justifica, quem condenará?

Isso estava implícito na Criação do Homem: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre tudo o que se move sobre a face da terra”. Mas fomos despojados de nossa herança e obrigados a viver em nosso mundo como quem caiu de outro planeta, e o mundo se levantou contra filhos não nascidos de sua carne. Mas isso durou apenas um tempo, o período em que vigorou a Sentença contra a desobediência cometida. Passado esse tempo, o Homem seria restaurado em sua herança. O Homem em Cristo, nunca mais fora Dele — entende-se. Justificados, portanto, pelo Sangue e pelo Espírito, o Futuro pertence ao cristão.

Cristo Jesus, aquele que morreu, e mais ainda, aquele que ressuscitou, aquele que está à direita de Deus, é quem intercede por nós.

E sendo Ele nosso Salvador, o Braço de Deus, Aquele por meio de quem o Todo-Poderoso realiza Suas Obras, quem nos impedirá de tomar posse de nossa herança? Ou seja, quem fará com que Deus desista de Seu Plano de Salvação Universal, cortará Seu caminho e O impedirá de consumir a Restauração de Sua criatura à Sua Imagem e semelhança?

Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?

O comunismo, o islamismo, o socialismo, o ateísmo, o materialismo científico? Todos são movimentos das trevas sob a luz do dia que amanhece e que,

como a serpente que ainda se contorce após ser decapitada, se agitam violentamente antes de expirar para sempre. Ninguém pode mudar o passado nem apagar do Livro do Tempo o futuro que Deus tem em mente.

Conforme está escrito: Por tua causa somos entregues à morte o dia inteiro, somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro.

E se nem mesmo a dor daqueles a quem Ele tanto amou fez tremer Sua mão, muito menos o fará o ódio daqueles que se levantaram contra Sua Onisciência e acreditaram que, na Guerra contra o Cristianismo, estava a Vitória de suas forças contra o Mal que ainda mantém aprisionada entre suas muralhas uma grande parte do nosso mundo.

Mas, em todas essas coisas, vencemos por meio daquele que nos amou.

Quanto mais nós, descendentes de Cristo, para quem a Cruz não é o fim, uma vez que a Necessidade deu lugar à “liberdade da glória dos filhos de Deus”.

Pois estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades,

Todo o mérito é do nosso Apóstolo. E quem tiver que dizer o contrário, que não se contenha.

nem as alturas, nem as profundezas, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor.

E se nada nem ninguém pôde impedir os servos de alcançarem a glória, quem impedirá os filhos desse mesmo Senhor de entrarem na herança reservada para eles por testamento, assinado com sangue diante de todas as nações da Terra e do Céu?

Sentimentos do Apóstolo pelos judeus

Digo-lhes a verdade em Cristo, não minto, e minha consciência dá testemunho com , no Espírito Santo,

Verdade... Cristo... testemunho... consciência...Espírito Santo! Há palavras

que são inventadas para satisfazer a vaidade intelectual, palavras que brotam das profundezas do cérebro com a dureza e a frieza de correntes, palavras que explodem no corpo da humanidade como um chicote assassino faminto de carne, devorando pele e sangue; há palavras doces como beijos de crianças dizendo “eu te amo” ao pai sem tecer uma única letra, há palavras libertadoras e palavras genocidas, palavras que são abismos em cujos precipícios afundam as mentes alucinadas, imaturas, ignorantes e enfadonhas, palavras que são portas da

sabedoria e da ciência, abrindo novos horizontes para o homem, palavras de amor e ódio, palavras de amor e tristeza. Palavras que, conforme se unem, formam um castelo nas trevas ou um sol de vitória, despertando em nós a consciência daquele ser humano primordial, por amor ao qual o universo inteiro se transformou em pássaro, percorrendo a floresta das galáxias em busca de galinhos com os quais construir, nos braços de seu Criador, um ninho e um berço. Quão belo era Adão! Caminhando nu entre as feras, Tarzan divino, com sua palavra reinando na selva, lavrando a terra como um herói do céu, tendo como espada a Verdade e como armamento a Consciência do Espírito Santo, a cujos pés toda a Criação colocou seu corpo. Deus o concebeu no seio de uma Palavra, a mais bela, a mais amada por sua alma: Verdade! A Verdade era sua coroa, seu cetro, seu manto de glória, sua alma, seu ser, seu destino, seu riso e sua consciência. Tudo nele era belo: seu jeito de olhar, de pensar, de dormir, de esticar o braço e comer o fruto da árvore da vida; sua corrida, golpe a golpe, com o leão e a pantera; seus pensamentos no infinito e seus sonhos na eternidade. Tudo nele era inocente e puro. Enfim, ele era como um tolo. Não sabia o que era o mal; era um homem de palavra, para quem a palavra era lei, à imagem e semelhança da de Deus, seu Pai. Não tinha medo de ninguém e ninguém tinha motivos para ter medo dele. Não possuía nada próprio; tudo pertencia ao seu Deus e nada pertencia ao homem, pois tudo havia sido criado para o prazer e a alegria de todos. Era um romântico nato e idealista. Nunca matava, nem para se alimentar nem para impor sua força. Ele era o Homem, a revolução após a grande revolução do Neolítico, orgulho de seu Criador e glória da Terra, em cujo seio o Universo cultivaria a Semente da Vida Inteligente. Com uma mandíbula, Caim matou seu irmão porque na mente humana não cabia a ideia de que, a partir de um instrumento para labrar a terra, pudesse ser forjada uma espada, uma lança, um míssil. O Homem não sabia o que era a Guerra. A Paz era seu Patrimônio. Assim, quando Adão e seu Mundo caíram, o Universo inteiro ficou perplexo, a Terra atônita, o Céu pasmo; somente no Inferno os demônios amaldiçoados, outrora filhos de Deus, dançaram ao som dos tambores da destruição total da Raça Humana. Pobre Adão! De joelhos na poeira, sofrendo visões de terror, sobre sua consciência caindo a lembrança do futuro com a força do chicote nas costas de Cristo; de joelhos, gritando de dor com lágrimas envoltas em sangue — o sangue de seus filhos e o dos filhos de seu Mundo —, sob os cascos das forças do inferno, desencadeadas por sua Queda, enterrados em uma dor mais forte do que o pulso da Criação no núcleo duro do espírito que, no Princípio, Deus derramou sobre o povo da Terra. Onde antes se escrevia glória, escrever-se-ia destruição; onde antes se escrevia honra, escrever-se-ia: devastação; onde antes se escrevia o nome da cidade de Deus, escrever-se-ia: extermínio. E ele, Adão, fora o causador da destruição universal da Raça Humana, de sua Queda das portas da Imortalidade até a extinção total de seu mundo no pó da Morte.

Sinto uma grande tristeza e uma dor contínua em meu coração

Essa herança foi o legado de Adão a Sete, que passou de Sete para Noé, de Noé para Abraão, concebeu em Davi a Coroa, derramou sua consciência nos profetas e foi recolhida por Cristo Jesus, filho de Maria, israelita de nascimento, para a manifestação do Amor Imortal e Universal de Deus para com sua Criatura Humana e consolo das nações mortas e por nascer. Em seu coração vivia a dor que Adão sentira em seu tempo e sob cujo peso ele acreditava que morreria de sofrimento e angústia; e foi a partir dessa Consciência que Paulo se dirigiu aos romanos. Pois, se Adão caiu de joelhos contemplando em visão o fim de seu Mundo, o Apóstolo, embora sustentado pelo Espírito Santo, chorava em visão a destruição do povo israelita, que se aproximava, e que seria tão real quanto real se tornou a visão que Adão vivenciou após sua Queda.

pois eu mesmo desejaria ser anátema de Cristo por meus irmãos, meus parentes segundo a carne,

Mas, assim como foi impossível deter o curso da Justiça no Caso de Adão, também era impossível, no Caso de Israel, deter o curso do Julgamento de Deus, profetizado há muito tempo, na verdade, quando foi escrito: “Está decretada a destruição que a Justiça trará”. Impotente para deter o curso dos tempos, o Apóstolo — e por ser Santo — chorava por essa impossibilidade que lhe dilacerava a alma, em razão do amor natural que sentia por aqueles que eram seus irmãos segundo a carne e o sangue.

os israelitas, a quem pertencem a adoção, a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas;

Por quem ele nutria, como não poderia ser de outra forma, os sentimentos mais profundos. Não nos esqueçamos de que aquele mesmo que, em sua paixão cristã, agora derrama suas palavras como chuva sobre a terra dos crentes, esse mesmo Paulo foi o Saulo que, com a mesma veemência, lançou fogo contra esses mesmos cristãos em nome dessa adoção, daquela glória, daquelas alianças, daquela legislação, daquele culto e daquelas promessas das quais o israelita se orgulhava, que eram sua glória e motivo de desprezo para com as demais nações.

cujos são os patriarcas e de quem, segundo a carne, provém Cristo, que está acima de todas as coisas, Deus bendito pelos séculos. Amém.

Glória e honra imperecíveis àqueles a quem o Deus de Adão, pai de Israel e de sua descendência, acrescentou o Nascimento de Cristo Jesus, a quem o Deus de Abraão elevou tão alto quanto seu pai, Adão, fora lançado ao abismo. E que glória mais elevada e poderosa pode alcançar a Criatura senão sentar-se à altura de seu Criador!! Pois assim como Adão caiu tão baixo, tocando as profundezas do Inferno, de cujo fundo vislumbrou a destruição do mundo inteiro, assim Deus elevou tão alto seu Filho e Herdeiro no sangue e no Espírito, conforme está escrito: “Porei inimizade perpétua entre a tua descendência e a dele; tu ferirás o calcanhar dele, e Ele esmagará a tua cabeça”. Assim, das profundezas mais

desconhecidas do Inferno às alturas mais inacessíveis do Céu, Deus revelou a todos os seus filhos o lugar para onde o Traidor voltou seus olhos: este mesmo Trono no qual Deus agora fazia sentar o Filho do Homem, filho de Adão, filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Rei e Salvador, nosso Herói e Senhor, nosso Pai e Criador. Aleluia. Glória ao israelita, mas maior ainda é a glória do Apóstolo, pois ele somou à glória da carne a do Espírito.

E não é que a palavra de Deus tenha caído em vão, pois nem todos os de Israel são de Israel,

Com o nascimento do Filho do Homem e sua glorificação pela Ressurreição, a ruptura entre o Antigo e o Novo se consolidou sem volta. Aquele que deveria nascer com a Maza havia nascido e sua Vitória se consumou. Cristo Jesus era o Filho do Homem, o herdeiro da Promessa de Vingança contra a Serpente. A partir Dele e em virtude de Sua Vitória, produziu-se uma imensa fissura no seio do mundo israelita, que podemos definir dizendo: “Adaptar-se ou morrer”. Ou seja, avançar em direção ao Futuro ou ficar preso ao Passado, esperando que o trem sem volta que partisse da estação do Presente voltasse a passar. A primeira postura foi a do Apóstolo e de seus semelhantes no Espírito; a última, a dos judeus, que, mesmo dois milênios depois, continuam sentados na estação esperando que o Filho do Homem nasça e lhes conceda o Poder Absoluto sobre todas as nações da Terra.

nem todos os descendentes de Abraão são filhos de Abraão, mas é por meio de Isaque que a tua descendência será chamada.

A ruptura cristã no seio da comunidade israelita, conseqüentemente, decorre da razão pela qual Abraão foi abençoado por Deus. E isso se insere na consciência que Adão legou à sua descendência, pela qual, e por sua culpa, o gênero humano foi privado do futuro que Deus legou a todas as nações da Terra. Culpa que, em Sua Justiça, Deus nos revelou como limitada à ignorância de Adão sobre a ciência do bem e do mal, em virtude da qual se impunha o Sacrifício Expiatório, em cujo Sangue a Redenção reivindicada se consumaria e, por meio de cuja Consumação, se abririam para a Humanidade, em sua Plenitude, as Portas da liberdade e da glória dos filhos de Deus — glória que nos foi subtraída pela Queda do pai deste mesmo Abraão. Assim, em virtude do Sacrifício Expiatório Universal, do qual o sacrifício simbólico de Isa e serviu de modelo, os filhos de Abraão seriam contados em razão dessa Consciência Patriarcal e não simplesmente pelo fato de serem descendentes sanguíneos.

Ou seja, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa que são considerados descendentes.

Digamos, em defesa do judeu e em busca de sua salvação, que era impossível para qualquer homem — já que o próprio assassino de Adão e de seu Mundo não conseguiu — conceber a forma e o modo como o Filho do Homem, filho de Adão,

esmagaria a cabeça do Chefe da Rebelião contra o Império de Deus. Nem mesmo o próprio Satanás, tendo acesso à Presença de Deus, como se vê no livro de Jó, foi capaz de penetrar na Mente do Pai Onisciente de todos os príncipes de seu Império. O fato é que o duelo à morte entre Satanás e o Filho do Homem, ou seja, Cristo, estava anunciado desde o próprio Dia da Queda. E que, querendo ser o Campeão escolhido para medir suas forças com o Assassino de seu pai, incapaz de compreender a Razão Divina, Caim matou Abel na tentativa de obrigar Deus — já que seu pai não tinha mais filhos — a proclamá-lo seu Campeão. O julgamento misericordioso de Deus contra o fraticida expõe à vista esse jogo de sentimentos na causa da morte de Abel. Quero dizer, o próprio Unigênito de Deus encarnou-se na Virgem com o espírito voltado para a Ideia do Messias, no estilo que o judaísmo pós-dávidico colocou em circulação e que custou ao reino dos hebreus sua destruição. O episódio do Menino no Templo é o acontecimento histórico que marcou o que chamamos de Renascimento de Jesus, que se tornou Cristo ao descobrir em seu Pai a Verdadeira Imagem que fervilhava na Mente de Deus. A Maza do Vingador do Sangue de Adão era a Cruz. Mistério insondável e inefável para seus irmãos de sangue em Abraão, a Cruz seria a Arma com a qual o Filho do Homem esmagaria a Cabeça da Serpente. Presos na mesma ignorância sob cuja realidade o Inimigo cravou o punhal da traição no peito de Adão, agora eram seus descendentes que, oprimidos pelo peso dessa mesma ignorância, cravavam o punhal da rebelião contra o Reino de Deus no peito de Cristo Jesus, o Filho do Homem. Assim, ambos o aguardavam: tanto os filhos de Deus, aliados na rebelião da Serpente, quanto os filhos de Abraão sob a coroa dos Césares; ambos ignorantes quanto à natureza da arma com a qual Deus vestiria seu Campeão, cumprindo por meio de seu Braço a Promessa: “Ele esmagará a tua cabeça”; ambos se uniram para cometer o mesmo ato: a crucificação do Messias. Ato consumado que, embora executado na ignorância, segundo a Palavra do próprio Messias: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”, assim como o de Adão, embora igualmente cometido na ignorância, tinha de acarretar e acarretou o cumprimento da Justiça que decretou a destruição do reino de Israel. Da qual se salvaria um remanescente, segundo as profecias, e a partir da qual somente os filhos da Promessa seriam considerados descendentes espirituais de Abraão.

Os termos da promessa são estes: “Por volta desta época voltarei, e Sara terá um filho”.

Promessa na qual é óbvio ver a Onipresença Divina ao longo dos milênios, com o pensamento voltado para o Duelo Final entre o Filho do Homem e a Cabeça da Serpente. Onipresença que se manifesta onisciente até o menor detalhe, transformando toda autoria humana em consequência da ação Divina. Ação que, no riso de Sara e na incredulidade de Abraão, nos revela a impossibilidade da inteligência humana de, por suas próprias forças, penetrar na Mente do Criador de todas as coisas. Impossibilidade que se tornaria a causa da ruína do Inimigo e, por

consequência, da destruição do reino e da nação dos israelitas.

E não é só isso: também Rebeca concebeu de um único homem, nosso pai Isaque. Pois bem

Onipresença onisciente — se me permite o aforismo — que esculpe no tempo a morfologia dos acontecimentos hebraicos e os transforma em uma Obra Universal assinada pelo Senhor de Abraão e dos Profetas: a Bíblia. E isso

quando ele ainda não havia nascido nem havia feito o bem nem o mal, para que o propósito de Deus, conforme a eleição, não pelas obras, mas por aquele que chama, permanecesse,

Ou seja, a Batalha Final é entre o Céu e o Inferno, entre Deus e a Morte, entre o Reino de Deus e o Império do Maligno. A Queda de Adão ultrapassou os limites da Terra e envolveu a concepção de toda a Criação. Daí que, em resposta, Deus tenha dito: “eis que faço novos céus e uma nova terra”. Deus refaz a estrutura de sua Criação. A Queda marcou um Antes e um Depois não apenas na História da Humanidade, mas também e sobretudo na própria Biohistória Divina. É Deus quem clama por Vingança sobre o cadáver de Adão, é Deus quem clama por Misericórdia para a Descendência do Homem. É Deus quem escolhe seus servos e profetas, quem retira e coloca, quem faz da vida de seus personagens bíblicos a sua Obra. A Bíblia se transforma, desde o seu Início, em um Livro escrito com Sangue e encenado no palco da Carne. Seu ápice, seu clímax, será o duelo final entre o Filho do Homem, filho de Adão, e a Cabeça da Serpente, Satanás, filho de Deus. Esse duelo entre filhos de Deus será seu último ato. É verdade que a Lei obrigava Deus a escolher um filho do falecido, conforme está escrito: “Da vida do homem, pela mão de outro homem, exigirei vingança”; mas, sendo o falecido um filho de Deus, a Lei se abria para a Casa do próprio Deus; por isso, sendo o falecido um filho de Deus, nosso Adão, a escolha de Deus recaiu sobre aquele que, dentre seus filhos, era o maior, seu Primogênito: “Príncipe da Paz, Deus Forte, Pai Eterno”. Essa escolha foi a que se manifestou no Sacrifício de Isaque e que, conhecida de antemão por revelação, esteve na origem da Obediência de Abraão, ao sacrificar seu próprio filho único aos pés da Esperança Universal de um a Salvação que a redenção do Pecado de Adão derramaria sobre todas as nações do Gênero Humano. E isso, como diz o Apóstolo, antes mesmo que alguém tivesse apresentado qualquer resposta ao Drama da Humanidade.

Foi-lhe dito: o maior servirá ao menor

A Batalha era de Deus, Sua era a Escolha e Sua era a Lei pela qual essa Escolha se abriu à sua própria Casa. Pois, se Adão não fosse filho de Deus, a Escolha do Primogênito para vingar a morte de seu irmão mais novo, nosso Adão, teria sido contra a Lei; ora, se Adão não fosse filho de Deus, a extensão de seu Delito a toda a Humanidade teria sido um ato contra a Justiça, tornando-se Deus, então, parte do Delito. É Cristo Jesus quem, a partir de sua Cruz expiatória, justifica tanto a

Deus quanto a Adão e faz justiça ao assassino, selando com seu Sangue o banimento deste da Criação de Deus.

conforme está escrito: “Amei Jacó e odiei Esaú”.

O que pode ser traduzido da seguinte forma: “Amei Adão e odiei Satanás”. Amor e ódio dos quais devem ser extraídas as consequências adequadas em relação à nossa própria escolha entre o Bem e o Mal, entre o Passado e o Futuro. Pois a Liberdade implica que o predeterminismo da presciência onisciente divina — necessária enquanto a Ignorância se manteve por Lei — dá lugar à inteligência independente que, a partir de seu pensamento, determina seu próprio caminho no tempo e no espaço. Conhecer a Deus, Aquele que disse de Si mesmo: “Eu sou o que sou”, é, nessa ordem, infinitamente mais necessário do que conhecer a estrutura do universo, a constituição dos tempos ou a natureza dos elementos. O Espírito de Deus derramou Sua Lei sobre toda a Sua Criação e nada pode existir na eternidade e no infinito a não ser aquilo que caminha à luz dessa Lei. Toda a Bíblia, em definitiva, nada mais é do que a expressão por meio de letras desse Espírito, a partir do qual São Paulo escreve aos Romanos horas antes da Grande Perseguição Romana, que não seria a última, mas sim a primeira.

A justiça de Deus para com os gentios e os judeus

Estamos vendo como a palavra é o retrato para a posteridade de um homem... quando falamos de um homem de verdade — entende-se. Tentar captar o ser, a mente de um homem para quem a palavra é uma arma de manipulação e um meio de alcançar poder e riqueza, é um exercício que nós, os sábios, reservamos para os idiotas. Infelizmente, o mundo está cheio de idiotas dançando ao som das palavras de tais seres, cuja imagem no espelho deve ser formada a partir do oposto do que sai de suas bocas; e quando dizem “pão”, é preciso entender “fome”; e onde falam de “paz”, é preciso entender “guerra”; e onde dizem “ ” e “prosperidade”, é preciso dar as boas-vindas à miséria. Certamente quem está lendo estas linhas sabe do que estou falando, pois confio em não estar derramando minhas palavras aos pés desse tipo de tolos sobre os quais a outra classe fundamenta e constrói sua glória. Como alguém disse certa vez: para que haja um inteligente, é preciso haver um imbecil.

Mas, para que haja um sábio, não é necessário que haja um tolo; a sabedoria basta a si mesma.

Pelo que estamos vendo, nada é mais contrário a São Paulo do que essa imagem destinada ao consumo de idiotas, criada por uma raça de tolos — que, felizmente, está em vias de extinção — e da qual nos livraremos sem precisar colar nela o cartaz “em perigo de extinção”. Deixemos que ela se extinga, e quanto

antes, melhor. Essa imagem insana, delirante e bastarda, reflexo da mente de seus autores — o que não deixa margem para dúvidas, pois da água vem a umidade e do calor a secura, e assim da idiotice vem a idiotice, e assim como da terra vem a chuva, o tolo e o ignorante se alimentam em harmonia. Especialmente quando, em sua paranóia subumana, doutrina sua prole no espírito da glória mundana, afirmando que São Paulo — e não Jesus Cristo — foi o Autor do Cristianismo, ou seja, da ideia que o cristão tem de Jesus e da Igreja. Dedicar uma palavra a mais a cérebros dotados de nível intelectual abaixo de zero é equiparar-se ao louco ou à criança no tema da disputa; com uma criança, raciocina-se, não se discute; e a um louco, dá-se razão, não se entra em discórdia. Mas é claro que, por natureza, o tolo tende a se passar por sábio e o ignorante por intelectual, e quem sofre as consequências é um mundo sujeito à lei do poder; ou seja, a palavra não é o reflexo puro da essência do ser humano, mas sim a presa e a garra com que a besta política destrói aqueles que nasceram para saciar a sede e a fome de poder e riqueza de suas majestades e suas eminências. Nada, portanto, é mais contrário a tal classe sub-humana do que a veracidade imortal e imaculada de um homem que assina sua palavra com seu próprio sangue — não com o do próximo, mas com o seu próprio — e, por sua palavra, coloca não apenas a mão no fogo, mas o corpo inteiro. É por isso que a Igreja vem afirmando há muito tempo que a veracidade do Evangelho se fundamenta no sangue de seus protagonistas, sangue que se torna o melhor documento histórico que qualquer pesquisador possa analisar ao se aprofundar no mistério da Conceição e da Ressurreição de Cristo e, por consequência, do Nascimento do Cristianismo. Para contestar o que é evidente, no entanto, basta um tolo, um espertinho e um louco, juramentados em alguma organização dedicada ao satanismo mais utópico, do tipo que, mesmo proclamando sua santidade, tem muitos exemplos. Entrar na análise, portanto, da palavra de um homem para quem sua palavra é lei é abrir a porta para sua mente, independentemente da distância no espaço e no tempo, e nem mesmo da própria morte. É a virtude, o dom, o poder da palavra: transmitir, comunicar, encarnar o pensamento, a substância e a essência mais profunda do ser. Compreende-se por que os profissionais a utilizam como um escudo de trevas, por trás das quais, com seus artifícios mágicos, escondem do olhar do próximo a verdadeira face de seus interesses. A palavra, por si só, é pura e tende a cumprir sua função: pintar na inteligência o quadro da verdadeira personalidade do Ser.

Ora, se são necessários dois para que haja bem e mal, também é necessário que, onde haja um esperto, haja um tolo. Quero dizer, o enigma da palavra vem com o poder que desperta na inteligência de quem ouve, em virtude do qual move a inteligência do leitor sobre o quadro que a palavra carrega em seu seio, do ponto de partida ao ponto de chegada. Mas, para que esse mistério se cumpra, devem estar presentes duas condições: que os dois extremos sejam da mesma natureza. É levando em conta essa verdade apaixonante que São Pedro diria sobre São Paulo que eram muitos os ignorantes que pervertem sua palavra diante da impossibilidade de seus cérebros manejarem o pincel com a precisão e a perfeição

que a inteligência do autor exigia; impotência que ocultavam sob o manto mágico de uma interpretação antitética. O que é, na realidade e em última instância, o resumo do problema da inteligência humana diante da Palavra do próprio Deus. Querendo o homem se fazer passar por sábio e não admitindo que seu nível intelectual possa, por si só, estar à altura da Inteligência Divina, ele se recusa a acreditar que sua incapacidade de compreender Deus se deva à falta de inteligência, e conclui dizendo a si mesmo que a falha se deve ao fato de que, afinal, Deus não existe. Como já disse antes, para que exista um espertinho, é preciso haver um idiota. Bem, que eles se virem sozinhos e se virem com isso. Nós continuemos traçando a verdadeira Imagem da Mente e do Ser de São Paulo a partir de sua palavra.

O que diremos, então? Existe injustiça em Deus? Não,

E neste capítulo, vamos agora realizar uma primeira incursão na terra dos predestinacionistas da nação calvinista. Pois veremos que, ao se desviar do caminho da verdade, chega-se à interpretação maligna que o protestantismo, em sua versão fundamentalista, representada pelo eminente Calvino, encenou, celebrando sua coroação em uma orgia de assassinatos incontáveis; afinal, que injustiça pode haver em matar quem Deus já condenou ao inferno? Calvino respondeu a si mesmo: nenhuma; a injustiça é permitir que vivam. Nietzsche, partindo da loucura para acabar completamente enlouquecido, disse isso à sua maneira: a justiça se cumpre ajudando-os a morrer. E bem, Hitler não fez outra coisa senão colocar a mão na massa, dar corpo a esse hit parade, uma mistura entre o fundamentalismo protestante e o darwinismo integralista imperial britânico. (Aqui vale um aplauso para os dois pais putativos do nazismo ideológico em sua versão evolucionista. Não é obrigatório, mas fica simpático). Vamos, então, ao que interessa.

Deus foi injusto ao condenar um mundo inteiro pelo crime de um único homem?

Em que código de justiça lemos que, pelo crime de um indivíduo, todo o seu povo deva ser condenado?

Para chegar à resposta, precisamos tirar a trave do nosso próprio olho. O judaísmo pecou pela estupidez absoluta, que se tornou seu legado nacional, e foi a causa de sua ignorância, ao interpretar a Bíblia exatamente como a letra aparece no papel. Deus não é homem. E, embora a palavra possa ser a mesma, a mensagem é totalmente diferente, mais rica em extensão e profundidade. Pois a mensagem de uma palavra cresce com o tempo e se transforma à medida que a inteligência do ser se desenvolve. Assim, uma palavra que, em sua origem, nasceu com uma mensagem nua e crua, ao longo dos milênios acaba adquirindo um conteúdo profundo e extenso, o que é um reflexo da própria evolução e desenvolvimento, desde o berço até a maturidade da inteligência.

A ignorância do judaísmo sobre a verdadeira identidade de Adão e seu mundo, a serpente e sua causa, e a verdadeira natureza da árvore do conhecimento do bem e do mal, passou para o cristianismo, na medida em que os primeiros cristãos eram, em sua imensa maioria, judeus de nascimento e foram formados intelectualmente nessa cultura de ignorância, cujo ápice seria a crucificação de Cristo. Podemos dizer que essa ignorância se resume a Adão, enquanto o Primeiro Homem segundo a carne, e ao sexo, enquanto fruto da árvore proibida. Partindo dessa Ignorância, os judeus chegaram ao Gólgota e os cristãos à insensatez fundamentalista e anticientífica que nega o evidente e afirma o irracional; fruto dessa Ignorância seria a divisão das igrejas e sua ramificação ad infinitum, cuja consequência máxima, se Deus não remediar, será a destruição do cristianismo.

Existe, existiu ou existirá injustiça em Deus? Pensemos que, para um observador sem conhecimento das causas motrizes a partir das quais foi desencadeada a reação em cadeia precursora das circunstâncias do nosso mundo, estender a condenação pelo crime de um indivíduo a todo o seu povo — neste caso, o povo da Terra — não é apenas uma injustiça, mas também um ato de despotismo. Tomando essa ignorância como modelo de sabedoria, a raça dos tolos há muito tempo colocou em circulação sua doutrina insana de que o Deus da Bíblia seria um déspota cuja existência, enquanto Deus, é impossível, pois Deus é o ápice do Amor e da Bondade; ou, o que dá no mesmo, se Deus existe, Deus só pode ser o Tolo Perfeito. Ou será que ser bom neste mundo não é ser um tolo de verdade?

Ao fazer São Paulo a pergunta em voz alta se Deus é justo ou injusto, a primeira coisa a se levar em conta é que a questão se dirige à inteligência natural de um filho de Deus, que é a que o cristianismo herdou; ou será que o Corpo não participa das propriedades e qualidades de sua Cabeça? E, na medida em que são filhos de Deus, tanto aquele que escrevia quanto aquele que lia, haviam superado a ignorância, cuja força irracional levou os judeus a se rebelarem contra Jesus Cristo.

A resposta, Ontem, Hoje e Sempre, é “Não”. Mais ainda, Deus teria cometido uma injustiça aberrante e maligna se não tivesse aplicado a Lei em razão do parentesco que o unia aos criminosos, dando assim origem à corrupção — ao anular o Julgamento prescrito para o Crime de Desobediência e Rebelião contra o Seu Reino. O tolo não entende isso e, por mais que o sábio lhe explique, já que falar com um burro é o mesmo que se exercitar na loucura, a explicação é sempre como um euro caindo em um bolso furado.

É desnecessário dizer que a Ciência do Bem e do Mal implica uma evolução no conhecimento de ambas as dimensões, e que, ao ver muitos praticando o Mal, aprende-se mais rapidamente as profundezas e a extensão do que é o Mal; e, se além disso você o sofre na própria pele, cumpre-se a lei científica por excelência que diz que a experiência é a mãe da ciência. E, na medida em que a ciência tem

suas leis, a partir das quais Deus se permitiu dizer que, ao abrir a Caixa de Pandora e trilhar o caminho da Guerra, chegava-se à morte. É preciso ser um verdadeiro tolo para negar isso. E, no entanto, sendo o Primeiro Homem uma criatura sem qualquer conhecimento do Bem e do Mal, por que deveria morrer por comer do fruto proibido da Ciência do Bem e do Mal? Isso tinha que ser um mistério para ele. Nem Deus mentia, nem o Homem compreendia. Seis milênios depois, quem não compreende é porque não quer compreender; mais ainda, não compreende porque tem na Guerra seu negócio.

O fato é que, se a Justiça de Deus demonstrou sua incorruptibilidade ao não limitar sua Lei à relação entre o juiz e o infrator, nós, sábios, damos um passo adiante e entramos na própria Mente Divina, que é, em última análise, o ponto a que conduz a Palavra da Bíblia.

No Julgamento do Primeiro Homem, a Lei se manifestou em sua natureza de expressão onipotente de uma Realidade Universal que existe por si e em si mesma, que transcende a Deus e, em Deus, se torna transcendente. É o próprio Deus quem vivenciou o Bem e o Mal e, a partir dessa experiência eterna, criou a Ciência, descobrindo suas Leis sempiternas, que existem por si mesmas e são transcendentais à própria Vontade Divina, mas uma Lei com a qual Deus se identifica e em relação à qual se torna seu Juiz para, ao fazer Justiça, impedir que seus efeitos provoquem o Movimento de Destruição para o qual, por sua natureza, a Ciência do Bem e do Mal tende. Não é, portanto, uma imposição arbitrária que dá origem ao Mandato de Proibição. E não foi um julgamento despótico que esteve na base da condenação do povo da Terra pelo crime de um único homem, pois esse homem era a Cabeça de seu Mundo, e, ao morrer a cabeça, o corpo tem que morrer, a menos que alguém encontre a fórmula contrária e um corpo possa viver sem sua cabeça. Isso falando de forma simplista. Entre os filhos de Deus agora, o silêncio do Juiz por ordem de Deus, com base em Seu parentesco com os criminosos, teria estabelecido um precedente eterno, em virtude do qual todos os filhos de Deus ficaríamos acima da Lei e teríamos Poder Absoluto para cometer aquele crime que é proibido ao Povo sob pena de morte. Deus, sendo um Pai maravilhoso, não poderia estabelecer tal precedente. O Pai em Deus não se levantou contra o Juiz em Deus, nem o Juiz invocou a Lei contra o Pai.

Assim sendo, Deus foi justo?

Afinal, a Moisés Ele disse: “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e terei compaixão de quem eu tiver compaixão”.

Mais justo, impossível. Pois a Lei tem por missão estabelecer, aos olhos de todos, a verdadeira expressão de uma Realidade Universal, sob cuja luz se movem todas as forças que tornam a Vida possível. Mas, em um mundo em que a lei não é expressão dessa Realidade, e sim dos interesses particulares de certos grupos específicos, essa lei é germe de crime e corrupção, as duas pernas cujos ossos e músculos sustentam a Guerra. Nesse tipo de sistema, tanto pessoal quanto

nacionalizado, a justiça sucumbe à delinquência e estabelece uma distinção antinatural entre cabeça e corpo, absolvendo o autor intelectual do crime e condenando o braço executor — ordem destrutora que se reveste de sacralidade ao estender sobre os artífices desse crime o estado que os próprios demônios exigiram para si no Éden, a saber, a imunidade e a inviolabilidade de suas pessoas. Deus, na qualidade de Pai e de Juiz, deu seu “NÃO” absoluto e eterno a esse estado de inviolabilidade e imunidade que seus filhos rebeldes quiseram obter por meio do assassinato de seu irmão mais novo. Afinal, tendo o Poder de ressuscitar o homem, a Lei se reduzia a um mero jogo. Não estavam pedindo a Deus nada que Ele não pudesse conceder. A transformação de Seu Reino em um Império governado por uma casta de criaturas fora do alcance da Lei não significaria para Sua criação uma ruptura constitucional tal que, por esse buraco negro, entrasse o fantasma da destruição total.

Deveria Deus, por amor aos seus filhos, permitir que o Mal e o Bem coexistissem, que o terror e a liberdade, que a Paz e a Guerra fossem as duas faces de seu Rosto? De modo algum. Quem deseja o Mal, encontra o Mal; quem ama o Bem e o pratica, recebe o Bem daquele que fez do Bem, já diante do Dilema, seu Norte e sua Bandeira.

Portanto, não depende de quem quer nem de quem foge, mas de Deus, de quem tem misericórdia.

De fato, além da dor pela Queda, a própria Criação voltou seus olhos para Deus, e foi o próprio Deus quem foi condenado por sua Casa, por ser cruel e despótico contra uns filhos a quem não permitiu o prazer de brincar de ser deuses, invioláveis e imunes às consequências de seus atos. Erguê-se a Bandeira e a Estrela de Deus nas trevas da Confusão que a Ignorância — na qual a Queda mergulhou nosso Povo — trouxe, tornou-se uma Prioridade. Tanto para que seus filhos, que não são de nosso Povo, fizessem sua escolha final, quanto para que nós procedêssemos da mesma forma.

Pois a Escritura diz ao Faraó: “Foi precisamente para isso que eu te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para dar a conhecer o meu nome em toda a terra”.

As circunstâncias impostas pela necessidade levaram Deus a pôr em cena um projeto e e de formação do homem, no âmbito de um plano de salvação universal que, no início, não constava em lugar algum. Se, no início, a Natureza e o Universo serviam ao seu Criador para despertar na inteligência humana o lampejo de seu poder, uma vez rompido o Projeto original, a ação divina teve de abrir caminho pelas águas de um mundo que, a cada século e milênio, se aproximava mais do abismo de sua destruição. Forçada a concentrar sua ação em uma parte em detrimento do todo, sua encenação deveria dar origem aos efeitos mais contundentes. Como se viu, segundo nos diz o Autor, no desenrolar dos acontecimentos dos quais Moisés e o Faraó foram protagonistas. A parte do

homem enquanto indivíduo ficou relegada à Formação do homem enquanto Gênero, razão pela qual diz São Paulo:

“Assim, Ele tem misericórdia de quem quer e endurece a quem quer”.

Não poderia ser de outra forma. Uma vez declarada a Terra como campo de batalha entre duas formas de conceber a Vida e o Universo, e sendo os inimigos em estado de guerra o próprio Deus e uma parte de sua própria Casa, com o Homem preso no fogo cruzado sobre uma terra de ninguém que, no entanto, era a sua, a complexidade da Onisciência Salvadora não podia se deter nas propriedades do indivíduo enquanto indivíduo e, por força e lógica, devia olhar para o Todo em vez da Parte. O fato de escrever a História do Futuro implicava a direção do cenário como um todo, a Mente sempre voltada para a Esperança da Salvação Universal, a partir da qual o Roteiro começaria a ser escrito.

Mas você me dirá: Então, por que repreende? Pois quem pode resistir à sua vontade?

Certamente ninguém. Mas, na verdade, todo aquele que quiser resiste a ela. Por causa da Ignorância, é claro. E esse entendimento se refere ao nosso Povo. É evidente que a Casa Rebelde se opôs à sua Vontade com pleno conhecimento de causa, razão pela qual o Juízo Final contra os filhos rebeldes é o Exílio eterno da Criação de Deus. O que não impede que, uma vez conhecida toda a verdade, a raça humana esteja apta a resistir à Sua vontade e seguir o exemplo dos demônios, desprezando o de Cristo. Resistir, no entanto, não significa vencer; significa simplesmente escolher ser perdedor junto com os perdedores. A mera ideia de enfrentar Deus é demência. E a mera esperança de impedir o caminho de Sua Vontade é loucura ao quadrado. A questão centra-se em conhecer essa Vontade para não se encontrar na ignorância diante e aos pés Dele, o que incumbe a quem se interessa pelo assunto e às Igrejas, sem qualquer tipo de desculpa. Pois o mesmo que disse: “Se você comer, morrerá”, disse mais tarde: “Todo reino e casa divididos em si mesmos serão destruídos”, e sendo o cristianismo e as Igrejas o reino e a casa de Deus na Terra, somente a um demente ocorreria pensar e acreditar que, por ser a Casa e o Reino de Deus, a Lei deixaria de seguir seu curso. O demonismo consistiu e consiste em acreditar que a Lei não seguirá seu curso em razão do parentesco entre o Juiz e o Delincente. Não convém ao cristão seguir esse exemplo, como se vê pelos fatos.

Ó homem! Quem és tu para pedir contas a Deus? Acaso o oleiro diz: “Por que me fizeste assim?”

E, ainda assim, vemos que a Desobediência na Ignorância estava escrita. Não uma, mas duas vezes. Primeiro na carne e depois no Espírito, o mesmo que disse que o Inimigo semearia sua semente amaldiçoada em seu Reino, insistiu nisso ao profetizar uma data para o início dessa atividade maligna. No final do Primeiro Milênio, conforme consta no Livro.

Por que, então, sabendo Deus que, ao libertar o Diabo, se produziria essa Semeadura — libertando o Inimigo de seu Reino e de sua Casa? Não teria sido infinitamente mais sábio, sabendo de antemão que a Libertação do Diabo produziria a divisão das igrejas, manter acorrentado o Inimigo do Cristianismo até o Dia do Juízo Final? Que contradição é essa?

Por que, sabendo da natureza falível do homem, já demonstrada no Éden, e não tendo sido eliminada a ignorância da Fé, Ele voltou a libertar a Serpente? Sabendo que, existindo um Mandamento de Unidade Cristã Universal, o Diabo se lançaria diretamente, por meio da Desobediência, para destruir a Obra de Jesus Cristo: por que libertar o Semeador Maligno?

Não é um terrível mistério o fato de que, ao derrotar o Inimigo e afastá-lo de cena, ele seja depois deixado livre para descarregar sua impotência contra a Casa construída pelo Vencedor entre as nações da Terra? Deve-se inferir daí — como fizeram Calvino e sua seita — que Deus mantém essa injustiça pela qual, antes mesmo de fazer o bem ou o mal, o homem é condenado e, consequentemente, a morte do condenado é legítima nas mãos dos abençoados por uma escolha onipotente, não sujeita à justiça?

Que tipo de sabedoria, senão a de um demônio, pode se erguer para imputar a Deus a morte de suas criaturas e, em nome dessa injustiça que provém do Poder e não da Lei, erguer-se como braço executor de um povo abandonado à própria sorte? Que doutrina, senão a de um inimigo de Cristo, pode ousar condenar uma parte da Casa de Deus para justificar sua desobediência ao Mandamento Divino, na conduta corrupta que provém da ignorância dessa parte causadora — cuja conduta imprópria constitui o delito de desobediência da parte que condena?

Um Deus que condena e salva quando a criatura não fez nem o bem nem o mal não é um demônio? E, no entanto, é verdade que Deus amou Jacó e odiou Esaú quando este ainda não havia feito nem o bem nem o mal, como diz nosso Apóstolo. Ora bem:

Ou será que o oleiro não pode fazer, do mesmo barro, um vaso para usos honrosos e outros para usos vis?

Existem dois mundos, há um Antes e um Depois. De uma ignorância absoluta e total, passamos, como gênero humano, para uma ignorância relativa e parcial. De modo que aplicar a Lei Antiga ao Novo Mundo surgido da Ressurreição de Jesus é abominar o que Deus fez e transformar a ignorância absoluta anterior a Cristo na Sabedoria suprema, máxima, a partir de cujos axiomas anticristãos — por serem antigos — refundar o Cristianismo. Obviamente, a fé fica sujeita à ignorância; por isso, São Pedro, ao falar da fé, disse: “Vossa fê, que se corrompe”, o Plano de Salvação Universal da Humanidade continuava sujeito a circunstâncias não implícitas no Projeto Original, e daí que a criação do futuro implicasse uma orientação constante supra-humana, ou seja, passando pelo ser humano, em

direção ao Dia da Liberdade, quando todas as nações seriam libertadas da servidão da corrupção e, portanto, da ignorância. Mas o homem, enquanto homem, a parte que vive é a do cristão, ou seja, a compreensão na incompreensão. Pois onde está aquele que seja capaz de abranger a profundidade e a extensão da Atividade Divina?

Pois, se, para mostrar sua ira e dar a conhecer seu poder, Deus suportou com grande longanimidade os vasos da ira, maduros para a perdição,

A história do cristianismo é, portanto, a descoberta do Deus que disse: “Eu sou aquele que sou”. E, para isso, Deus move toda a sua criação a fim de conduzir sua criatura ao verdadeiro conhecimento de seu Ser. Não basta conhecer seus atributos, sua onipotência, seu poder absoluto, sua onisciência... que podem ser deduzidos de sua obra material. Deus não é apenas Poder e Inteligência. Deus é Ser. E o ser implica o “Eu sou”. O “Eu” que conduz à Personalidade, ou seja, à afirmação do Sujeito enquanto Personalidade consumada. Em suma: “Eu sou o que sou”. E será a descoberta “daquele que é” o Norte para o qual a Civilização Cristã traçará seu caminho. E fará “daquele que é” a Glória do Homem.

E, ao contrário, Ele quis ostentar a riqueza de Sua Glória nos vasos de Sua misericórdia, que Ele preparou para a Glória,

Descobrir por que “aquele que é” é a Glória do homem, pode-se dizer, é a meta final na essência do ser cristão. Não nos esqueçamos de que aquele que é Glória para Cristo é Inferno para o Diabo. Nem fechemos os olhos à Realidade, de que os próprios Apóstolos, assim como seu Mestre, foram servos daquele que revelou seu Lado Forte e Duro no povo judeu e, portanto, na qualidade de servos, são para nós uma lição viva sobre esse EU Divino contra o qual se chocariam as forças da Morte. E se no povo judeu Ele revelou Seu Lado Duro e Forte, no povo cristão Ele veio mostrar Seu Rosto Paterno e amoroso para com Seus filhos e Seus povos, por amor aos quais Ele não reprime Seu Braço e Sua Vontade quando o Bem de todos assim o exige. Demonstrando em Cristo e em seus irmãos no espírito que, se o Mal encontra em seu EU uma Muralha intransponível, uma Rocha indestrutível contra cuja solidez o Inferno se choca; para o Bem, o Seu Eu é um sol que se derrama em água viva, fazendo renascer os desertos e elevando os condenados a mente perecer nas garras das trevas ao esplendor daqueles que nasceram para serem mais do que imortais: eternos!

Ou seja, sobre nós, aqueles a quem Ele chamou não apenas dentre os judeus, mas também dentre os gentios...

Duro foi o caminho da Queda até a Redenção. A descendência daquele Primeiro Homem, segundo o espírito de Deus, assim como o mundo do qual ele era Cabeça, na qualidade de Alma Viva de seu Corpo, a Raça Humana viveu quatro milênios de pesadelo ininterrupto. Depois de ter sido negada, a Memória Perdida daquele Mundo foi parcialmente redescoberta em nossos dias. Assim

como uma coluna vertebral para uma História Universal, a História do Povo Hebraico tornou-se para todos nós a Marca Imortal da Atividade Divina ao longo desses milênios. Sua consumação na abertura do Novo Plano de Formação da Humanidade é o que chamamos de Origem do Cristianismo, cuja Semente é Jesus Cristo, Rocha Invencível e Indestrutível a partir da qual Deus refundou sua Casa entre as nações da Terra.

Como diz em Oséias: “Ao que não é meu povo, chamarei meu povo, e à que não é minha amada, minha amada”.

Não era algo que Deus escondesse em algum recanto de sua Mente, mas sim algo que Ele anunciou continuamente ao longo dos séculos. Deus não renunciou à Sua Criatura Humana. Ela Lhe foi arrancada das mãos em um ato de rebelião, com uma declaração formal de guerra assinada com o sangue de seu filho Adão. Mas, sendo Sua palavra a Lei e tendo ficado paralisado Seu Projeto Histórico Universal, nada nem ninguém poderia impedir que se consumasse o Fim para o qual a Raça Humana fora criada no Princípio. A ignorância impunha isso, e os filhos do transgressor, temporariamente a salvo do peso do crime de seu pai carnal, teriam que sofrer igualmente o peso da condenação que o pai original de Abraão atraiu sobre todas as nações do gênero humano com sua desobediência. Mas, para que houvesse condenação, havendo Lei, deveria ocorrer um crime a partir do qual a palavra se tornaria carne.

E onde foi dito: “Não sois o meu povo”, ali serão chamados filhos do Deus vivo.

Foi ou não foi um crime crucificar Jesus Cristo? E perseguir até a morte esse Saulo de Tarso — que na eternidade se tornaria São Paulo, a testemunha mais firme das três soluções finais que os judeus decretaram contra os primeiros cristãos —, não foi um crime contra o Céu e a Terra? E não foi esse um crime anunciado em voz alta por seus próprios profetas?

E Isaías clama a respeito de Israel: “Mesmo que o número dos filhos de Israel fosse como as areias do mar, apenas um remanescente será salvo,

Crime contra o qual a condenação já havia sido anunciada. Ou será que muitos se salvaram da destruição de Israel pelo Império Romano?

Pois o Senhor cumprirá plenamente e em breve a sua palavra sobre a terra”.

Assim que o crime fosse cometido, entende-se. Rapidez da qual voltamos a deduzir que a Lei é eterna e sua transgressão é julgada segundo a Justiça. Justiça incorruptível da qual o cristianismo deve extrair a lição pertinente, a saber: que, caso ocorra, com pleno conhecimento de causa, a desobediência contra a Unidade Universal exigida pelo Mandamento, o cristianismo, enquanto Reino e casa de Deus na Terra, será destruído.

E conforme predisse Isaías: “Se o Senhor dos Exércitos não nos deixasse um

rebento, teríamos nos tornado como Sodoma e nos assemelharíamos a Gomorra”

E, nesse caso, sem a intervenção da profecia, essa destruição seria absoluta.

LIVRO TERCEIRO

OS JUDEUS E A FÉ CRISTÃ

Retomo o desafio na origem desta análise do pensamento de Cristo em Paulo a respeito da relação entre a fé e as obras, terreno no qual Lutero e a Reforma encontraram um argumento decisivo para desobedecer a Deus e romper a unidade exigida das igrejas sob o Mandato. Em *“Lutero, o Papa e o Diabo”*, tentei retratar o homem em sua natureza carnal e coloquei em evidência as circunstâncias que deram origem à reação do homem, diante das quais qualquer um de nós teria reagido de acordo com a fúria que os acontecimentos mereciam. A conclusão após a leitura de ambas as realidades é que não podemos chegar a um julgamento definitivo da nossa parte, dada a complexidade a que a humanidade foi submetida em consequência da Queda. As forças que atuavam em torno dos atores da História Universal superaram suas capacidades de compreensão e, ao serem dominados por elas, sua consciência quanto à verdadeira natureza de suas ações nunca se concretizou a partir de um pleno conhecimento da causa. Foi o que disse Deus Filho Unigênito da sua Cruz: *“Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”*.

Lutero também não sabia o que fazia quando impôs sua verdade à Igreja e buscou seu império, mesmo que isso significasse incendiar o mundo inteiro. Ora, isso não significa que a verdade de Lutero estivesse desprovida de sentido divino, como se deduz da conquista, pelo catolicismo, da reforma eclesiástica que esteve na origem “da Reforma”. É uma pena que o Papado só tenha agido à custa da divisão do reino de Deus. O Senhor é quem julga seus servos, mas se, pelo simples fato de ser seu servo, alguém se acredita ter permissão para cuspir na face do Espírito Santo e jogar a Glória de Deus Pai na lama das imundícies a que a Igreja Romana acostumou a cristandade, que se prepare para a surpresa quando aquele mesmo que disse que viriam do Oriente e do Ocidente e se sentariam à mesa do Senhor, enquanto os próprios filhos do reino seriam expulsos, que se prepare para a surpresa, pois se os próprios filhos de Deus são lançados nas trevas, com quanto

mais terror deve um servo se comportar aqui na Terra!

No entanto, o jogo demoníaco de utilizar o Amor contra o Temor devidos a Deus tem sido a arma letal que servos de todas as condições e estratos eclesiásticos vêm utilizando para perverter a Fé e se alimentar das próprias ovelhas, às quais têm, por contrato, o dever de pastorear em pastos tenros de saúde e vida. O exemplo do destino dos judeus do Século de Cristo deveria ser suficiente para que os pastores da cristandade nadassem no mar de um terror contínuo, em virtude do delito que todos cometeram contra a Unidade Eterna, à cuja Ordem Sagrada Deus submeteu o Corpo de seu Filho, nosso amadíssimo Rei e Pai, Jesus Cristo. Pois se Deus não perdoou o crime dos filhos de seu amadíssimo Amigo Abraão, com base em que a descendência carnal de bárbaros deveria se considerar superior e, mesmo imitando o Diabo, ser capaz de escapar do destino do Maligno!

Deus tem apenas uma Regra. Sua Justiça é uma só para todos os seus servos, filhos e nações. Todos os povos de seu Reino Universal estão sujeitos à mesma Lei Eterna. Não há exceção. Quando o sol nasce, nasce para todos, sem exceção. E quando as trevas se abatem, abatem-se sobre todos, sem exceção. O furacão não faz distinção entre cristão e judeu, nem entre ateu e muçulmano. Assim é a Justiça do Pai de todas as criaturas. O mesmo que não poupou seu Unigênito e Primogênito por ter violado a Lei de Moisés — que obrigava toda a descendência carnal de Abraão, delito punido com a Cruz desde os dias de Moisés —, esse mesmo Deus Eterno fez valer a Justiça contra aqueles que não deram ouvidos ao Messias, cuja vinda aquele mesmo Moisés lhes havia profetizado.

A complexidade da Mente Divina, portanto, será o fator a ser levado em conta na hora de qualquer análise do Livro que, em Sua Mente — independentemente do nome dos escribas a Seu serviço, sejam eles Paulo ou João —, Deus Pai concebeu, com o coração voltado para a Salvação Universal de todos os povos da Terra. Não é à toa, portanto, que, de sua Cruz, seu Unigênito tenha dito: *“Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”*. Pois qualquer um de nós, nas circunstâncias e na situação em que Cristo Jesus viveu, qualquer um de nós teria sido um ator passivo no Drama da Batalha Final entre os filhos de Deus e, como atores passivos, também teríamos gritado com aqueles: *“Crucifica-o, crucifica-o”*.

Então, o que diremos? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça, ou seja, a justiça pela fé

pela fé em Cristo Jesus, pela fé de Abraão, pela fé de Moisés, pela fé de Adão, os quais, apesar dos fatos que os cercavam, mantiveram viva ao longo dos milênios a esperança da salvação universal, em virtude da qual a humanidade, uma vez redimida, ergueria a cabeça e, tendo de escolher entre o Céu e o Inferno, entre o Bem e o Mal, entre Deus e o Diabo: sem hesitar, voltaria sua alma para o Criador e, tornando-se uma só coisa com Seu Salvador, baniria de sua carne a Obra que a Morte havia construído nela em consequência da Queda. Essa Justiça Divina, na qual o Amor infinito de Deus por Sua Criação se encarnava em Sete e

em sua descendência, fluindo no sangue dos Profetas desde Moisés até Cristo, atingiu ambos os lados sem poder deter o curso de Sua lei, que, para todos os homens, tanto judeus quanto gentios, transformou em brinquedos e coadjuvantes de uma Batalha Final, cujo desfecho colocava em jogo o Futuro de toda essa mesma Criação. Não foi à toa que Deus escolheu como Campeão de Sua Causa o Filho de Suas entranhas não criadas. Pois todos nós não passamos de barro, Pinóquios devido à sobrenaturalidade de nosso Criador, vivendo o sonho de nos tornarmos seres vivos à imagem e semelhança de seu pai e criador, nosso Rei eterno, Jesus Cristo. Que filho de mulher teria sido capaz de segurar em seus braços a Maza com a qual Deus jurou esmagar a cabeça do inimigo que se levantara contra o Seu Reino! A própria Bíblia não confessa que, desde Adão, jamais nasceu homem algum capaz de desatar a tira da sandália desse mesmo Adão? Quatro milênios depois, os filhos daquela geração e daquele mundo, vagando pelo pó da ignorância infinita a que os conduziu a Queda — que implica nada menos do que a do próprio Deus Eterno —, teriam sido capazes de dar à luz o Herói por quem nossa alma suspirava, o Campeão todo-poderoso e Invencível que, correndo em tropa, se lançaria contra o assassino de nossos pais sem oferecer outra misericórdia senão a punição por tal crime infernal! Que filho do homem, senão aquele que o próprio Deus nos suscitou de suas entranhas, teria sido capaz de encarar o Diabo face a face e, sem se abalar nem mesmo diante da presença do Príncipe das Trevas, dar-lhe como única resposta: “Vai-te, Satanás, pois teus dias já se contam por horas”. Quem, seja entre os judeus ou entre os gentios, poderia imaginar que Jesus caminhava em direção à Cruz? Por acaso os próprios discípulos não fugiram como ratos fugindo do fogo quando os dois campeões, o do Céu e o do Inferno, se lançaram um contra o outro? A Glória da Vitória pertence somente a Deus; Ele deu o Herói e a Maza, o Braço e o Machado. E a Ele somente devemos toda a honra e toda a glória; e sobre qualquer um — filho ou servo, pastor ou fiel — que reivindique para si gratidão e fidelidade, recairá sobre sua cabeça a culpa. Alcançamos a fé não por nossos méritos, mas pela glória do Deus da Eternidade. Se era a isso que Lutero se referia ao colocar a fé acima das obras, abençoada seja sua boca e abençoados os ouvidos que lhe deram ouvidos.

Enquanto isso, Israel, seguindo a lei da justiça, não alcançou a Lei

Nem Israel nem ninguém teria sido capaz de alcançá-la, como se depreende do que foi dito e se vê no Fato da Necessidade da Encarnação. Pois se a Vitória tivesse sido possível por meio da Eleição não de seu Unigênito, nesse caso São Paulo não poderia endossar o que escreveu, e estariam certos aqueles que afirmam que o homem pode, por si só, alcançar a glória que foi negada aos heróis da antiguidade. Era impossível que Israel, Roma ou ambos ao mesmo tempo, apoiando-se um no outro, tivessem conseguido esmagar a cabeça do Maligno e fundar o Reino de Deus no espírito e no verdadeiro conhecimento de Deus, ou seja, na fé. Pois a lei da justiça revelada em Moisés apontava para a justiça pela

fê encarnada em Cristo e Jesus; daí que, ao vir o Messias, seu Profeta, o filho de Isabel e Zacarias, se retirasse de cena — figura do fim do contrato que Abraão assinou em nome de sua descendência —, dando assim lugar a uma nova lei, infinitamente mais sublime e gloriosa, pois “aquele que vem do alto está acima de todos”.

E por quê? Porque não foi pelo caminho da fê, mas pelo das obras. Eles tropeçaram na pedra de tropeço

As obras da lei estavam pré-estabelecidas e, por esse caminho, era impossível que a Humanidade recebesse outra coisa senão o desprezo por parte daqueles que nasciam sob sua justiça. Desprezo esse que, com o passar dos séculos, tornou-se parte da mentalidade do judeu e ergueu entre judeus e gentios o muro de inimizade que ainda hoje perdura. Mas a Queda envolveu toda a Humanidade e, quando Deus disse: “*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*”, Ele estava olhando para todo o Gênero Humano. Sendo assim, como a Lei de Moisés se voltava exclusivamente para o indivíduo, Israel, e não se preocupava com a humanidade, enquanto existisse essa justiça da salvação pelas obras da lei, era impossível que o muro entre o Criador e sua criatura caísse. Razão pela qual essa Queda deveria ser motivo de escândalo para aqueles em quem o desprezo pela humanidade havia se tornado parte natural de seu comportamento. Cegos, portanto, pelo que acreditavam ser o fracasso de Deus em cumprir Sua Palavra — a formação da humanidade à imagem e semelhança de Seus filhos, os judeus —, sem saber, cometiam um terrível delito ao negar o Todo-Poder daquele que os salvara do Egito. Pois não é possível que, tendo criado o Universo e sendo a Sagrada Escritura a História da Humanidade, sobre cujas famílias Deus estendeu Sua Mão, um acontecimento alheio à Vontade Divina pudesse impedir que Sua Palavra se cumprisse. A loucura dos rebeldes, a quem Satanás deu voz, tornando-se ele próprio a Cabeça da Serpente, consistiu em acreditar que a Vontade Universal de Deus pudesse ser restringida. Com suas inteligências arruinadas pelas paixões infernais contra as quais Deus criou Adão, suas mentes eram incapazes de compreender que o Todo-Poder Divino não pode ser limitado por nada nem por ninguém. Consumada a loucura maligna, a reformulação do Projeto Universal impunha algumas necessidades históricas vitais impossíveis de serem deixadas de lado. Israel, uma vez arraigado em seu individualismo nacional, cegado pela lei das obras, foi mergulhando a cada século mais profundamente no abismo, no fundo do qual os demônios amaldiçoados que causaram a Queda de Adão colocaram a pedra de sua ruína. De modo que, quando Cristo chegou, a ruptura entre Israel e a Humanidade havia se tornado tão profunda e vasta que, inevitavelmente, os judeus tiveram que se chocar com a Fé na redenção do Gênero Humano e na Fundação do reino de Deus sobre a Pedra do cristianismo.

Conforme está escrito: “Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço, uma pedra de escândalo; e quem n’Ele crer não será confundido”.

Escândalo para os judeus seria, certamente, que Deus derrubasse o Muro entre Ele e Sua Criação e, dando por consumada a Aliança com Moisés, estendesse outra diante da Humanidade, a ser assinada por Cristo Jesus em nome de todas as famílias da Terra. Cujos termos salvíficos universais acabamos de ler: “Quem n’Ele crer não será confundido”. Ou seja: “Quem crê no Filho tem a vida eterna”. Por qual lei? Pela das obras? Sim, é claro. Mas pelas Obras de Deus, não pelas humanas. Deus é quem disse e fez; e Sua Vontade era e é “que todo aquele que vê o Filho e crê Nele tenha a vida eterna”. A Lei foi dada para anunciar a Fé, para preparar-Lhe o Caminho, mas, uma vez feita carne, a Lei seguiu João, filho de Zacarias, filho de Abias, filho de Aarão, até a prisão onde Israel viria a sofrer o destino de seus profetas.

Irmãos, a eles vai o carinho do meu coração e a eles se dirigem minhas súplicas, para que sejam salvos.

Ora bem, a condenação pelo crime de crucificação e perseguição ficou sujeita a pena e não ao exílio eterno; algo que o próprio Deus já havia anunciado em muitas ocasiões, profetizando o destino de Israel e sua restauração no Espírito no fim dos tempos. Não porque o apóstolo, hebreu de nascimento e judeu de criação, o diga, mas porque isso se deduz da própria justiça da fé.

Declaro a seu favor que têm zelo por Deus, mas não segundo o conhecimento;

É verdade. Foi a ignorância, à qual o mundo inteiro ficou sujeito após a Queda, a força que levou os judeus a se rebelarem contra o Plano de Salvação de Deus. Pois a Lei de Moisés garantia a salvação da alma àquele que vivesse sob suas normas, mas em nenhum caso prometia o conhecimento que provém do verdadeiro conhecimento da Divindade aos filhos de Abraão. Não tendo outra justiça salvadora além daquela que lhes provinha das obras da Lei, seu zelo por Deus era animal, puro instinto de sobrevivência, em nenhum caso fruto do espírito de sabedoria e inteligência, do espírito de entendimento e fortaleza, de conselho e temor de Yavé, árvore que, pela fé, produz o fruto da verdadeira ciência do conhecimento de Deus. E, não tendo mais conhecimento do que aquele que a Lei lhes proporcionava, era impossível que pudessem conhecer a Justiça Universal que, em sua mente, Ele havia predeterminado oferecer à Humanidade quando chegasse o Dia da liberdade de seus filhos.

Pois, ignorando a justiça de Deus e buscando afirmar a própria, eles não se submeteram à justiça de Deus,

Eles não podiam. O incrível teria sido o contrário: que o Maligno tivesse triunfado sobre Jesus e os filhos rebeldes de Deus sobre Seu Reino, impondo ao Todo-Poderoso sua ideia infernal da Criação; ou que os Discípulos não tivessem fugido; ou que o Mar Vermelho não tivesse se aberto; ou que João não tivesse sido levado para a prisão para que lhe cortassem a cabeça. Determinado desde o Princípio o duelo até a morte entre o herdeiro de Eva e o Campeão dos Rebeldes,

Cabeça da Serpente, Satanás, o Maligno, todos os homens — tanto judeus quanto gentios — foram condenados a ser meros coadjuvantes ao redor do ringue onde o filho de Davi e o príncipe das trevas se enfrentariam até a morte.

pois o fim da Lei é Cristo, para a justificação de todo aquele que crê

Mais claro, impossível

As duas justiças

Pois Moisés escreve que o homem que cumprir a justiça da Lei viverá por ela.

Não é de se admirar que Lutero tenha encontrado nessa doutrina do Direito Universal à vida eterna em nome de Jesus a alavanca com a qual abalar o universo cristão e dividir a cristandade ocidental europeia em duas partes irreconciliáveis. Paulo passa a dar expressão humana à Revelação de Cristo ao afirmar que todo aquele que crê no Filho conhecerá a vida eterna. Ponto final. Acabou. Não há mais nada, não se pede menos. Depois, podem vir as ordenanças, os mandamentos da Santa Madre Igreja, o pedágio que cada um quiser cobrar para acessar essa rodovia livre para o Céu. Cada um por si. Uns impõem dízimos, outros mandamentos, outros ódios condicionantes; cada um impõe àquele a quem aproxima de Deus seu próprio pedágio — uns invisíveis, outros tão visíveis quanto correntes que transformam o livre em escravo daquele que o libertou. Digamos, em defesa de Deus, que tão tolo é aquele que liberta para escravizar quanto aquele que, nascendo livre, se deixa transformar em escravo depois de ter sido libertado. A liberdade não é fruto de um homem, nem de uma igreja, seja ela qual for, mas dom de Deus sobre toda a sua criação. Os homens e as igrejas são meros instrumentos para a realização desse dom, que, como uma espada sobrenatural, vai cortando as correntes das nações acorrentadas pelo Inferno à parede de sua autodestruição. Que a espada exija graças, submetendo à sua sobrenaturalidade aquele que liberta, é uma nova idolatria, tanto mais sutil quanto se adora o instrumento por ser de Deus, seguindo o raciocínio animal daqueles que, ao adorarem a Lua ou o Sol, consideram que estão adorando seu Criador. Quero dizer que o Poder e a Glória pertencem a Deus, e os homens, assim como as igrejas, são apenas instrumentos de libertação; conseqüentemente, qualquer um que exija tributo — na forma de dízimos, mandamentos ou qualquer outro sistema de servidão do liberado em relação ao seu “libertador” — constitui uma rebelião contra o Deus que concedeu gratuitamente a todo o universo o direito à vida eterna. O cristão, de fato, deve exclusivamente ao seu Deus e Senhor, nosso Rei Jesus Cristo, a Graça de seu Nascimento em Liberdade para desfrutar da glória dos filhos de Deus. Aquele que liberta em Seu Nome não é nada. Nem igreja, nem pastor. A glória da Libertação não é do servo, mas de seu Senhor, e a Ele, e somente a Ele, todo homem, nascido na Fé, deve seu direito inalienável à vida

eterna no Paraíso de Deus, seu Pai. O que não implica, muito menos, qu , como Lutero concluiu em sua disputa com o Papa, tenhamos que pegar o servo e mandá-lo para o inferno, tanto mais quanto o Servo e o Senhor formam uma única realidade, um único Corpo, divino e eterno. Que a espada libertadora sofra o golpe contínuo contra as correntes e, por esse desgaste, seja condenada ao fogo é um exercício de ignorância supina, tremenda e categórica, que põe em evidência o esquecimento da Sobrenaturalidade do Braço de Deus. Não porque a fé se corrompa, conforme disse Pedro “aos eleitos estrangeiros da diáspora: Por isso exultai, embora agora tendes que entristecer-vos um pouco, nas diversas tentações, para que vossa fé, mais preciosa que o ouro, que se corrompe mesmo quando refinado pelo fogo...”. Não é porque a fé se corrompe que temos o dever — que Lutero impôs a si mesmo — de pegar a fé e expulsá-la de nossa alma, pois nossa alma merece algo mais do que uma fé “que se corrompe”. Esse sistema de pensamento, que provém do orgulho, é destrutivo, esquizoide e acarreta, a longo prazo, uma perversão do pensamento de Cristo, cujo fruto não pode ser, como já se viu no século XX, senão um comportamento caínico daquele que pensa assim e se separa dos demais cristãos com base no argumento de que sua fé se corrompe e que a fé à qual ele aspira é uma fé incorruptível. Basta abrir as páginas da História para constatar a insanidade desse tipo de discurso. E, como veremos em outra ocasião e como o Apóstolo reconheceu em outra Carta, para viver tal fé, teríamos que não estar neste mundo. Mas, tendo nascido neste mundo e vivendo neste mundo, evitar que a influência deste mundo afete nossa fé — ou seja, a nós mesmos — é pretender uma loucura. Loucura tão grande quanto usar a realidade como desculpa e transformar nossa falha em justificativa para todos os crimes que nos ocorram, como se, enquanto conservássemos a fé, nos fosse permitido aquilo que custou ao Diabo o Exílio Eterno da Criação de Deus. Nunca! Como todos sabemos, a Obra de Deus é que creiamos no Filho. No entanto, tudo no mundo está configurado para que essa Obra não alcance seu objetivo mais precioso: que sejamos a sua Imagem e Semelhança. A História do Cristianismo, em cujos volumes figura a Era da Reforma, é um dos efeitos dessa batalha milenar entre a Fé e a Ignorância do mundo. Acreditar que Lutero marcou um Antes e um Depois é um erro terrível. Tão terrível quanto acreditar que o Concílio de Trento fez o mesmo. A Fé de Cristo tem apenas uma palavra e uma justiça:

Mas a justiça que vem da fé diz o seguinte: Não digas em teu coração: “Quem subirá ao céu?”, isto é, para trazer Cristo;

Ninguém, nem na Terra nem no Céu, poderia fazer com que a Imagem e Semelhança para a qual fomos chamados desde o início da Criação do nosso Mundo renascesse em nosso ser. Somente Aquele que Deus nos deu como Modelo eterno poderia impregnar nossa consciência de sua Realidade por meio da Contemplação viva de sua Pessoa. A Igreja, e o sacerdote na qualidade de Servo, tem como Dever, por Contrato de vida, aproximar-nos daquele que é nosso Modelo; mas é nos filhos de Deus que esse Modelo se torna vida em nossa vida,

ou, como diria mais adiante o Apóstolo, e : “Cristo, que é a vossa vida”. Assim como recebemos gratuitamente a vida de nossos pais, da mesma forma recebemos gratuitamente nosso direito à vida eterna, que nos é concedida em Cristo, nossa Fé feita carne, para que não sejamos filhos de Deus apenas em palavras, mas em Poder e Glória. Ou será que o cristão não estende sua bandeira sobre o mundo inteiro?

Ou: “Quem descera ao abismo?”, isto é, para fazer Cristo ressuscitar dentre os mortos.

Para onde foi lançado, em consequência da Queda, o verdadeiro ser do Homem. Tendo sido criados para conhecer a liberdade da glória dos filhos de Deus, em que lugar acabamos e por que nos encontramos, no dia seguinte, presos na selva das paixões infernais que nos devoraram durante estes últimos seis milênios? Que homem poderia nos recuperar para Deus, que criatura no Céu ou na Terra poderia resgatar nosso Ser do túmulo em que fora lançado? É verdade que Deus bem poderia ter-nos dado como Modelo outro de seus filhos. Pois ao dizer: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”, Ele implicava, na Formação do Gênero Humano, toda a sua Casa. Nossa glória está no fato de que, tendo misericórdia de nós, Ele quis nos dar como modelo o próprio seu Unigênito, para que nosso Ser renascesse tanto mais belo quanto mais monstruoso havia se tornado por causa da Queda. Somente Ele poderia resgatar nosso Ser, tornando assim a Sua Vida a nossa Vida. E vice-versa: afinal, a Imagem e seu reflexo não estão eternamente unidos? Foi assim, sem dúvida, que Cristo e as Igrejas se tornaram uma só coisa, embora, como dissemos acima, essa união continuasse sujeita à lei da corrupção natural do mundo. Em suma, nosso Ser não deve sua vida a ninguém senão ao Filho de Deus e, consequentemente, todo tributo, todo díizimo, todo mandamento que transforme nossos defeitos em atos pecaminosos é um ato criminoso contra a justiça da fé.

Mas o que diz? “A palavra está perto de ti, na tua boca, no teu coração”, isto é, a palavra da fé que pregamos.

A saber: Jesus Cristo é Deus, Filho Unigênito, nascido da Virgem Maria, nosso Rei Eterno, Senhor de todas as igrejas, às quais Ele se uniu para gerar filhos a Deus, sua Descendência no Espírito, nós, Descendência Divina, em virtude do cujo nascimento futuro toda a Criação permaneceu expectante até poder ver com sua alma o Homem liberto e tornado participante da glória dos filhos de Deus. Essa era a Vontade de Deus ao enviar seu Filho do Céu para descer aos abismos, resgatar nosso Ser e restaurar sua Obra, tornando-a tanto mais bela quanto se tornava Imagem e Semelhança daquele por quem Deus Pai renuncia a tudo e sem quem Deus não pode conceber sua Vida: seu Filho Jesus, nosso Herói, Rei e Salvador. Esta é a fé que os apóstolos pregaram. E esta é a confissão que lhes custou a vida.

Pois, se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor e creres em teu

coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.

Nada mais fácil. Nada mais simples. A dois milênios de distância do autor, devemos levar em conta que, hoje em dia, até os papagaios repetem essa Confissão. Ao ler as Escrituras, nossa inteligência não deve separar História e Vida. A História sem vida não é nada. E a Vida é, por si só, História. Poderíamos dizer que o texto está inserido em seu contexto, e qualquer dissociação entre ambas as partes exige uma atitude de sabedoria que, caso não exista, implica na manipulação do sentido original da Escritura, levando à perversão da Doutrina. Nesse caso, a Fé é a mesma. Não se pode ser cristão e não acreditar na ressurreição do Filho. E é-se cristão porque se acredita que Deus ressuscitou Jesus. Esse é o Texto. O contexto é que hoje você pode gritar isso na rua e ninguém vai colocar uma espada no seu pescoço nem jogá-lo aos leões. O fruto da fé é o mesmo em todo homem: a vida eterna. Só que se considerar superior a todos por repetir na rua mil vezes por dia essa confissão, quando não existe o contexto — ou seja, a pena de morte por fazê-la —, implica um certo grau de demência.

Pois com o coração se crê para a justiça, e com a boca se confessa para a salvação.

Infelizmente, ainda existem em nosso mundo nações que empunham a espada contra a fé. É um fato, não uma denúncia. São milhões os cristãos que são submetidos a humilhações e torturas por confessarem em particular o que, em público entre nós, já nem sequer provoca risos. Então, se somos herdeiros de Deus e tudo nos pertence, como é que, sendo participantes da glória dos filhos de Deus, podemos permitir que nossos irmãos sofram humilhações e torturas por confessarem o que nós vivemos livremente? E o que é mais dramático e terrível: como podemos permitir que nossos governos e os governos que perseguem e torturam nossos irmãos na fé mantenham relações diplomáticas sem que nossos governos coloquem sobre a mesa a denúncia contra tal conduta criminosa e assassina? Pois, certamente, a morte de Cristo era uma necessidade; mas nós recebemos como dever: viver. E com o dever vem o direito à defesa dessa vida; e, estando todos em Cristo, a tortura contra um cristão é uma humilhação contra todos nós. Mas alguém dirá: será que os cristãos correram para defender os outros cristãos do sacrifício, sendo que tinham o martírio como coroamento de sua fé? E eu lhe digo: havia necessidade da morte de Cristo. Mas, consumada a necessidade, é anticristão, vindo de um cristão, ignorar o sagrado direito à vida de todos os cidadãos do Reino de Deus.

Pois a Escritura diz: “Todo aquele que nele crer não será confundido”.

Como poderia ser de outra forma! Ou será que Deus nos criou para sermos esmagados pelas feras do campo e não “para dominarmos todas as criaturas”? O Testamento é firme: “Tua descendência se apoderará da porta de seus inimigos”. Não há, portanto, confusão para nós que vivemos na Luz da Verdade. E a verdade é, nas palavras de São Paulo:

Não há distinção entre judeu e gentio. O mesmo é o Senhor de todos, e é “ ” para todos os que O invocam,

O que, para os judeus, deve continuar parecendo heresia; e, em sua heresia, eles são incapazes de compreender que Deus é Livre para fazer e desfazer de acordo com Sua Onisciência, e essa Onisciência, evidentemente, não está sujeita ao Talmude nem à Torá, pois Aquele que cria está acima de Sua Obra e pode destruir o que faz com Suas mãos, de acordo com Seu Conhecimento e Seu Poder. O contrário, limitar a Vontade de Deus ao interesse de um povo, chama-se judaísmo.

Pois todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

Ou será que Deus teria que pedir permissão à Sua criatura para elevar, sobre a Obra de Suas mãos, quem Ele quisesse? Ou teria que estruturar Seus Planos levando em conta os planos de Suas criaturas? Ou submeter Seus projetos e decisões aos pensamentos de Seus servos e filhos? E daí? O que alguém tem a dizer se Ele quis que a Porta do Seu Reino fosse Seu Filho, e quem não aceitar Sua Coroa e Seu Senhorio não conheça as delícias da vida eterna em Seu Paraíso? Os judeus não viveram em carne e osso, ao longo desses dois milênios, o que significa rejeitar essa Vontade manifestada no Evangelho? Será que Deus levou em conta que eles são descendentes de Abraão ao aplicar aos judeus a Pena devida pela rejeição à Sua Vontade Eterna? Será que Ele levou isso em conta quando Adão, pai dos judeus, quis impor sua vontade a Deus? A fé se corrompe, mas será que Deus se corrompe por amor às suas criaturas? Onde ontem Deus disse NÃO, Ele diz HOJE SIM? É evidente que não. A mesma Lei continua em vigor, e o Direito à Vida eterna passa por uma Porta eterna, que todos conhecemos: Jesus Cristo, tanto para os judeus quanto para os demais homens da Terra.

O Evangelho, pregado aos judeus e rejeitado por eles

Voltamos ao ponto onde espaço e tempo se encontram e do qual, ao nos afastarmos, surge a dispersão interpretativa à qual o protestantismo nos acostumou desde seu nascimento até os dias de hoje. Já dissemos que retirar um texto de seu contexto é um ato de lavagem cerebral por parte de quem o pratica em relação àquele que aceita como válida essa corrupção do ato intelectual. Duas são as forças que convergem no movimento histórico: a mente do indivíduo e o comportamento do povo, em cujo espaço se move, neste caso, o pensador. Não nos esqueçamos de que o Evangelho não apenas não anulou o Pensamento, mas o resgatou do túmulo em que a queda do Mundo onde ele nasceu o havia enterrado. Será que o Pensamento não existia antes da Academia de Atenas? Bem, certamente sim, e certamente não. Antes da Filosofia existia o Mito, e somente com o Cristianismo a Filosofia se torna Ciência no cadinho da Teologia; e é,

graças ao espírito cristão, que ressuscita a Lógica, agora integrada ao corpo cristão, onde, alimentada pela sabedoria dos santos agostinianos, se fortalece e se torna independente em seu tempo, dando origem ao Renascimento. Antes de Sócrates, o pensamento já existia, mas, por estar voltado para o mito, seu fruto não podia gerar a Filosofia, em cujo seio surgiria a Ciência como realidade independente. Foi essa realidade que foi devorada pelo fogo dos acontecimentos, muito antes do nascimento de Cristo, e seria por obra da escola de Alexandria que o pensador científico passou a se transformar em mito, espécie rara a ser admirada, mas em nenhum caso a ser levada a sério. É o cristianismo, como se vê em São Paulo, que resgata a Filosofia do fato diferencial pagão e transforma o Pensamento Filosófico em instrumento a serviço do Evangelho, fusão que deveria permanecer íntegra e demonstraria sua versatilidade em Orígenes, avançando por cujo caminho se chegou a Santo Agostinho, daí a São Tomás de Aquino e, por fim, a Galileu Galilei, ponto em que o Pensamento e a Fé se separam e cada um segue seu caminho, contra a vontade da Fé, é preciso dizer, mas sem que a Fé possa evitar que sua criatura, o pensamento científico ocidental, se torne lenta, porém inevitavelmente, seu pior e mais terrível inimigo, cumprindo-se assim o ditado: “Crie corvos e eles te arrancarão os olhos”. Mas se alguém puder demonstrar que a Ciência teria sobrevivido à Queda do Mundo Antigo caso não tivesse encontrado refúgio no Cristianismo, a partir desse momento declaramos Cristo proscrito.

Mas como invocarão aquele em quem não creram? E como crerão sem ter ouvido?

O Apóstolo vive, conseqüentemente, uma realidade própria e pessoal, que acaba por identificar sua personalidade no complexo mundo das memórias da Humanidade, destacando sua atuação e tornando sua figura um eixo central do dinamismo histórico, sem cuja existência o futuro não teria alcançado a essência que adquiriu a partir de São Paulo. Ou seja, é tão irracional acreditar que São Paulo reinventou Cristo quanto ignorar que, sem São Paulo, a fusão entre ambos os espíritos — o do Evangelho e o da Filosofia — teria ocorrido na mesma velocidade em que ocorreu, mesmo sem a mediação de seu cristianismo. São Paulo foi a encarnação de um cristianismo sui generis, em cuja particularidade o pensamento com tendência à anulação da individualidade no âmbito da universalidade da Fé encontrou seu caminho e, sem excluir essa universalidade, abriu as portas para a individualidade cristã, à maneira de Cristo Jesus, onde o “Eu” e o “Nós” coexistiram sem qualquer conflito interno. Contra a tendência perturbadora judaica, que levaria Israel à destruição, cujo eixo supremo era a heretização do anômalo enquanto individualidade — profética no caso hebraico —, consistindo em transformar todo filho de Abraão em um clone miserável do modelo corrupto que os sacerdotes e rabinos haviam forjado sobre o que é o Ser, Cristo Jesus colocou em ação um novo Modelo, o Filho do Homem, o EU como base e limite da realização da vida, o Nós como corpo integrador perene, indestrutível, em cuja dimensão coexistem essas duas forças sublimes em um todo

divino, indissociável, harmonizado por um Espírito Universal que faz do Indivíduo sua Rocha de Fundação eterna e do reino de Deus seu Templo, seu Edifício, seu Palácio, sua Cidade, seu Mundo. Era impossível, portanto, que Jesus Cristo pudesse ser admitido pelos judeus como o Homem no Verbo da Vida: o Homem à Imagem e Semelhança de Deus, uma Pessoa perfeita, completa, existente por si e em si, inteligente, criadora, ativa, livre. Oposição essa que encontraria nos Apóstolos, por sua origem judaica, um forte defensor na hora de manter o crescimento do cristianismo dentro dos limites do pensamento hebraico. A famosa disputa entre Paulo e Pedro, vencida pelo Senhor de ambos para o bem de todos, colocou em evidência aquele terrível confronto que, caso Paulo tivesse perdido, teria significado a impossível ressurreição da Filosofia no seio do cristianismo. Aqui, nessa vitória, não de Paulo ou de Pedro, mas do Senhor de ambos, embora assinada por Paulo, é onde o cristianismo começou a caminhar sem olhar para trás e, ao longo do caminho, sem querer nem pensar nisso, quando o Filósofo já acreditava que o impossível era seu destino, o Pensamento alcançou a Sabedoria, tornaram-se uma só coisa e, juntos, proporcionaram à Humanidade o que, de outra forma, teria sido impossível. A saber: a vitória da Civilização sobre a anunciada Queda do Mundo, entre cujas paredes se forjou sua estrutura. O judaísmo, assim sendo, já não fazia mais parte do jogo dos séculos.

E como pregarão se não forem enviados? Conforme está escrito: “Quão belos são os pés dos que anunciam o bem!”.

Qualquer interpretação do texto paulino deve ser feita levando em conta esse pensamento do próprio Paulo sobre sua realidade concreta, pois a singularidade pessoal não anula, em hipótese alguma, a concepção do quadro geral dentro do qual cada um se move. E vice-versa. A integração do homem no universo de circunstâncias do qual faz parte não oprime sua individualidade ontológica. Eu diria exatamente o contrário: que a enriquece. Nesse contexto, é justo dizer: que bem maior poderia ser feito ao Homem do que presentear-lhe o encontro com sua Identidade Ontológica, ver o Modelo Vivo do Ser à imagem do qual sua existência foi concebida! Foi essa Identidade que foi lançada ao pó pela Queda de Adão e de seu mundo; foi essa Personalidade que, sob um cosmos de prescrições e ritos sangrentos, o judaísmo mantinha em seu túmulo. Nenhum bem maior Deus poderia fazer ao homem do que ressuscitar seu EU da morte e dar-lhe nova vida. Antes de Cristo, éramos animais arrastando o peito pelo pó, bestas assassinas devorando-nos uns aos outros, sem esperança de solução nem de ruptura da continuidade; tanto judeus quanto romanos, gregos quanto persas, chineses quanto astecas, todos os povos tinham como modelo de Ser um tipo criminoso e homicida cujos pensamentos tinham apenas um fim: justificar esse comportamento. Depois de Cristo, o Ser do Homem tem em seu Pensamento o Modelo à cuja Imagem foi criado e vê no tipo antigo um monstro, imposto ao Gênero Humano pela Queda, uma besta assassina tanto mais poderosa quanto mais usava a Razão Divina para tornar mais onipotente seu império homicida.

Pois a Queda não destruiu a Criação de Deus, mas o Mal residiu em transformar o Pensamen e em uma arma de domínio do homem sobre o Homem. Ou seja, a Queda abriu para a Humanidade a porta da esquizofrenia mais violenta que se possa conceber, dentro da qual a Humanidade caiu e atrás da qual a porta se fechou... até que chegasse o Filho de Eva, o Filho do homem, conforme está escrito. A diferença letal entre o judaísmo e o cristianismo é que o judaísmo limitou a saída dessa situação à sua posição predominante no Novo Mundo como Raça Superior, escolhida, chamada a governar todas as nações da Terra. O Messias, segundo os rabinos do Templo, era um Hitler Divino cujo Império se estenderia até os confins do mundo, e todo aquele que não se submetesse ao seu Trono seria aniquilado, exterminado... em nome de Deus. O cristianismo de Jesus assumiu a loucura de tal concepção messiânica e a expôs à luz do mundo inteiro ao se deixar crucificar por aqueles que viram em seus olhos a loucura que, aos olhos de Deus, era a concepção judaica sobre o Filho de Eva. Infelizmente, tal loucura ainda persiste, sendo causa de profunda inimizade entre judeus e muçulmanos e um muro de separação letal entre o cristianismo e o judaísmo. Pois se há um homem com um mínimo de bom senso que não veja loucura na pregação rabínica atual sobre a superioridade racial do judeu por escolha divina e seu futuro como Nação Guia da Plenitude das Nações da Terra, devemos concordar entre nós que, certamente, a luz de alguns é verdadeira escuridão. Compreende-se, então, que os judeus aos quais São Paulo se refere encontrassem no Bem de todos um presente do Diabo e, no Mal de todos, o princípio de sua hegemonia universal. O destino de tal povo, enlouquecido por seus rabinos, não poderia ser outro senão aquele que a História selou.

Mas nem todos obedecem ao Evangelho. Pois Isaías diz: “Senhor, quem creu na nossa mensagem?”

A verdade não precisa de ninguém nem de provas que definam sua essência. Mas, devido à nossa ignorância, ela se deixa dissecar e estudar, na esperança de que, ao verem a substância da qual seu corpo é composto, aqueles a quem ela se dirige tenham a gentileza de se olhar no espelho. E é que a complexidade da estrutura dos Fatos foi determinada pelas Causas e Efeitos da Queda. Como já dissemos em outra ocasião, a Queda ocorreu em nosso Mundo e se serviu de nossa carne para declarar guerra a um Espírito Eterno que, por suas Propriedades, era odiado — em razão dessas Propriedades Pessoais — pelos autores das palavras que mataram Adão. Da vitória do cristianismo ou de seu fracasso dependia que os inimigos do Espírito de Deus proclamassem sua vitória sobre a destruição total do nosso mundo. Era impossível que os judeus, escravos da Lei de seus rabinos, pudessem sequer compreender a natureza das causas que determinaram a escolha de seus pais como portadores da esperança messiânica da vitória de Deus sobre seus inimigos. E, não podendo compreender as causas, dificilmente poderiam entender seus efeitos. Nem mesmo se ouvissem o próprio Cristo.

Portanto, a fé vem do ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo.

Deus, por Sua experiência em lidar com situações extremas — digamos tudo —, tinha uma vantagem quando se tratava de profecias. Quem já percorreu um longo caminho e viveu muitas situações diferentes, com o passar do tempo, é capaz de prever, pelo que vê, a natureza da paisagem que encontrará após a próxima curva. É inútil perder tempo refletindo sobre a real magnitude da experiência divina. Como a situação histórica criada pela rebelião de uma parte de seus filhos contra o Seu Espírito — isto é, contra o Seu EU — o EU daquele que diz: “EU sou o que sou”? Os efeitos dessa situação universal sobre a humanidade não lhe eram desconhecidos, tanto mais quanto Ele conduzia a linha do tempo desde Adão até o Filho do Homem, seu herdeiro e Vingador de seu sangue. Os judeus, um povo da humanidade, não escapavam a essa lei da lógica. Não saber qual era seu papel nos Acontecimentos Universais seria o início da destruição de sua nação. O que viria a acontecer, e aconteceu, embora tenham colocado toda a força de que eram capazes a serviço da sobrevivência de seu Templo. A lei é universal e não faz exceções. Quem mata com a espada, pela espada morre.

Mas eu pergunto: será que eles não ouviram? Certamente que sim. “Pela toda a terra se espalhou a sua voz, e até aos confins do mundo habitado as suas palavras”.

A loucura de todo inimigo de Deus, que mais tarde se transformaria em loucura contra o cristianismo, reside em acreditar que é possível destruir o que Deus é e faz. Ainda em nossos dias e apesar da experiência milenar, grupos de insensatos lutam contra o cristianismo, personificado na Igreja, e, como feras enlouquecidas que não aprendem com as lições vividas, retomam o fracasso de tantos outros, como se Deus deixasse hoje de ser quem foi ontem. Antes mesmo que as perseguições anticristãs dessem o primeiro passo, Deus já previa o triunfo do cristianismo e a difusão de sua Salvação até os confins do mundo. O que não implicava na anulação da liberdade humana de decidir entre Deus e o Diabo, entre seu Reino e o Império da Morte, entre o Céu e o Inferno. No fim das contas, criados à Sua imagem e semelhança, a Liberdade é o dom supremo e eterno que nos foi legado como Bem Humano Imperecível. Por essa mesma Lei, aqueles que nos queriam escravos deveriam matar o Libertador. Daí se entende que quem quiser escravizar a Humanidade, a primeira coisa que deve fazer é eliminar a Igreja, ou seja, Cristo.

Mas será que Israel não sabia disso? É Moisés o primeiro a dizer: “Eu vos provocarei ciúmes por um povo que não é povo, provocarei vossa ira por um povo insensato”.

Na verdade, e como já disse acima, uma empreitada abandonada por ser considerada impossível — que o pensador alcançasse a Sabedoria, para segui-la, entenda-se, não para subjugar-la às suas paixões e interesses — consumou-se quando nasceu Jesus Cristo. Vimos como a Ciência se colocou a serviço dos

interesses de clãs de poder e grupos de riqueza, vendendo-nos a todos em nome de uma ideologia seletiva, pró-nazista, homicida e geocida . Foi essa insensatez que provocou a desgraça dos judeus quando quiseram colocar Deus a trabalhar, criando para si um reino universal cuja aristocracia e trono fossem inteiramente compostos pelo povo judeu. Contra essa insensatez, Deus infligiu o castigo que eles mereciam por assassinares seus filhos, nascidos de nossas mulheres, por meio da encarnação do Messias que eles haviam pedido, para sua ruína, Adolf Hitler. O Messias que eles pediam a Deus não era senão um Hitler judeu, sob cujas “soluções finais” seriam exterminados todos os povos que não se submetessem à sua coroa universal; ou seja, todos nós, os povos da Terra?

E Isaías ousa dizer: “Fui encontrado por aqueles que não me buscavam, me deixei ver por aqueles que não perguntavam por mim”.

Uma vez predeterminado o momento em que os judeus não desceriam da carruagem talmúdica e a versão do Messias que se apresentariam seria a de um imperador hitleriano, o destino de sua nação ficou decidido. E o fato de profetizá-lo não diminuía em nada o efeito que estava por vir. Conforme está escrito: “Está decretada a ruína que trará a destruição a este povo”. Por trás do horizonte dessa destruição vinha o nascimento de um novo panorama histórico, como podemos ver pelos fatos todos nós que temos inteligência para perceber a sucessão dos acontecimentos universais e o Fim para o qual tende a História em sua Plenitude.

Mas a Israel Ele diz: “Durante todo o dia estendi minhas mãos para o povo incrédulo e rebelde”.

O que nos leva a outra pergunta: o que teria acontecido se os judeus não tivessem crucificado Jesus Cristo, ou seja, se tivessem estendido as mãos para Aquele que lhes estendeu as Suas durante tantos séculos? Embora, é claro, pensar no que poderia ter sido ou deixado de ser não seja pensar, mas sim perder tempo

A reprovação dos judeus não é total

Diante disso, pergunto: será que Deus rejeitou o seu povo? Não, certamente não. Pois eu sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim.

A estrutura dos acontecimentos volta a exigir atenção. A Justiça Divina, segundo cujos princípios os filhos de Adão — que, com sua Queda, arrastaram os filhos dos demais pais das demais nações para o inferno da ruptura entre o Homem e seu Criador —, e a consequente transferência de poder de Deus para o Diabo, deixando o mundo sujeito ao império da Morte — essa Justiça só pode ser reprovada em função do sofrimento que impõe o fato inevitável de nascer dentro da descendência e da geração sujeita, pela Justiça Divina, aos seus princípios. São os judeus que devem parar para refletir se Deus foi justo ou injusto ao fazer com

que, pela condenação dos filhos de Abraão, chegasse a nós , aos filhos dos pais condenados por Adão: a Salvação, ou seja, a queda do muro de inimizade que o pai carnal de Abraão ergueu entre o Criador, Deus, e a criação, nós, o Homem. Fechar a mente ao pensamento, dogmatizando sobre a condição animal de todos os homens, acima dos quais se ergue o povo escolhido, o único povo, o judeu, que deve ser chamado de humano; fechar a porta à verdade dessa maneira, por meio do demonismo causador da Queda, agora elevado à condição de escritura sagrada, foi a sabedoria determinante que causou a destruição do reino de Israel e o desaparecimento do Estado judeu do mapa das nações. Pois, como se depreende da psicose explosiva que fez o mundo de Adão voar pelos ares, o desprezo pelo Homem — cuja origem animal todos os filhos de Deus haviam contemplado ao vivo, acompanhando passo a passo sua evolução desde o barro primordial até o reino arbóreo e, de lá, até o Éden —, o desprezo por aquele macaco nu esteve entre as causas motrizes geradoras da última Guerra do Céu. Quando o judeu impôs como norma sagrada o desprezo por todos os filhos dos pais condenados pelo pecado do pai de Abraão, atraindo sobre um mundo inocente o castigo devido à sua culpa, sendo que deveriam ter andado, como seus profetas, vestidos de saco e cinza, oprimidos pela consciência de serem filhos do criminoso que atraiu a ruína sobre nosso mundo, cujo pecado seria carregado sobre os ombros de seu Filho, o Cristo, o Filho do homem; quando o judeu respondeu à verdade divina com sua ignorância supina, a saber, que todos os gentios são bestas, naquele dia, muito antes do Nascimento, selou-se a destruição do Estado que estava por nascer. Pois lembremos que Isaías viveu antes da destruição do reino de Judá. Assim, infinitamente antes do retorno do Cativo babilônico, o mistério da queda dos filhos do pecador, Adão, no demonismo implícito no desprezo pela humanidade — essa Queda do Judeu — já havia sido visualizado por Deus e predito por Ele, para que a lição resultante servisse a todos nós de sabedoria. Quero dizer que, assim que Adão caiu, a visão que Deus tem se transforma em julgamento; Ele vê o futuro do mundo abandonado às forças destrutivas da Morte e, a partir dessa sabedoria de quem já viu o fenômeno muitas vezes, Deus profetiza, ou seja, revela o Fim ao qual conduz a aliança infernal entre o mundo, o demônio e a carne: “Tu és pó e ao pó retornarás”. Deus não está falando de Adão como indivíduo, mas de Adão como Cabeça do Gênero Humano. O mundo, e por extensão todo mundo, abandonado às suas próprias forças, direciona seu futuro para o cemitério de sua extinção total. Deus limita-se a revelar a Adão a consequência de seu delito. É uma consequência que se torna o destino final de todo povo e nação e, por implicação apocalíptica, o destino da Humanidade. Deus viu inúmeros mundos seguirem esse caminho e chegarem a esse ponto. E viu como o resultado final da luta entre o Bem e o Mal é, sempre, o desaparecimento do mundo no qual brotou o fruto da ciência amaldiçoada: a violência como meio de conquista do Poder, a morte do outro como ponte de acesso ao Império. O fim de todo mundo preso nessa dinâmica suicida, esquizoide, psicótica e agressiva é a extinção, que, pela multiplicação dessa força ao longo do tempo, torna-se apocalíptica. Adão também

vê esse destino, compreende-o e foge da presença de Deus. Sua retirada é a retirada para a frente do assassino enlouquecido que vê que só pode escapar da lei matando mais. Deus o encontra nesse estado e sua mente vislumbra o restante do caminho pelo qual a Humanidade chegaria à sua destruição. “Do pó tu és e ao pó voltarás”.

Deus não rejeitou o seu povo, a quem conheceu de antemão. Ou será que não sabeis o que diz a Escritura em Elias, como ele acusa Israel diante de Deus?

Mas... Se a visão foi segundo a Sabedoria, e o Julgamento segundo a Lei, a Sentença foi segundo a Justiça. Contra o protestantismo calvinista e os pseudo-cristãos que defendem o predeterminacionismo, é preciso dizer que Deus levou em conta duas coisas ao dar uma mulher ao seu filho Adão. A primeira: que, deixados sozinhos, eles superariam a Prova de Obediência à qual ele havia sido submetido; a segunda: que nenhum dos filhos de Deus ousaria intervir no Éden. A liberdade, de qualquer forma, é suprema e, criados à imagem de Deus, a vontade do Ser é a herança escatológica que determina a personalidade do “*Eu Sou*”, que, na qualidade de filhos de Deus, toda a criação recebe como vestimenta de adoção eterna. A Lei era para todos. Qualquer um que comesse daquela Árvore morreria. Ninguém, sob nenhuma circunstância, deveria alterar o curso dos fatos dispostos pelo Criador, e cujo resultado dependia exclusivamente da Liberdade daquele homem submetido à Prova de Fidelidade. A terrível sentença da Lei: “Tu morrerás, se comeres”, tinha, por extensão, o poder de erguer ao redor do Homem uma muralha todo-poderosa, de defesa, contra cuja solidez nenhum filho de Deus deveria empreender ação de qualquer tipo: sob pena de morte. A confiança de Deus quanto à obediência de toda a sua Casa baseava-se em um ponto ontológico decisivo, a saber, que, sendo todos os seus filhos imortais à imagem da indestrutibilidade divina, a Lei só poderia ser cumprida por meio do exílio do transgressor para fora dos limites da Criação. Com a confiança depositada no temor de seus filhos à sua Lei e sua esperança na vitória da liberdade humana, Deus deixou o curso dos acontecimentos nas mãos da própria natureza. Contra Sua Confiança e sem frustrar Sua Esperança, na medida em que a Liberdade humana foi forçada a agir contra sua vontade — pois sua Inteligência foi violada por meio de uma Mentira —, Deus se viu preso em uma Armadilha Apocalíptica. Se não aplicasse a Lei, dar-se-ia por certo que esse precedente colocaria os filhos de Deus acima da Lei. Por amor aos Seus filhos e em razão do precedente que a absolvição de Adão traria, Deus transformava Seu reino em um Olimpo de deuses cujos atos passavam a ser invioláveis e cujas pessoas ficavam absoluta e eternamente fora do alcance do braço da Lei. E se aplicasse a Lei a Adão, Deus se encontraria na posição daquele que, em razão da complexidade de sua Obra, teria de condenar um mundo inteiro pelo pecado de um único homem. Como já havia dito o Apóstolo anteriormente, ao falar sobre o protótipo de Cristo, Adão nasceu para ser a Cabeça do Mundo dos homens. Quero dizer, Deus disse: “Façamos o Homem...”. Ele não se referia a um indivíduo enquanto indivíduo,

mas ao Gênero Humano enquanto um Único Corpo cuja Cabeça era Adão. Com a queda da Cabeça, Adão arrastou em sua Queda todas as nações da Terra. Queda de seu Mundo da qual Deus excluiu Abraão e sua Descendência.

Por quê? Por que exclui os filhos do criminoso e abandona os filhos dos inocentes? A resposta do judaísmo, que seria herdada pelo islamismo e adotada desde o início por alguns círculos cristãos, seria uma versão do demonismo causador da rebelião contra a Lei que os filhos de Deus protagonizaram em sua busca pela transformação do reino de Deus em um

Olimpo de deuses assassinos. Ou, o que dá no mesmo: Deus é Todo-Poderoso e não tem por que explicar a absolutamente ninguém o motivo do que faz. Por ser Onipotente, Ele pode fazer o que bem entender, sem basear Sua ação e Seu comportamento em qualquer justiça. A única postura do homem é ajoelhar-se e gritar: Deus é e é Grande, Deus é Grande.

Esse foi o grito de adoração que os chamados anjos rebeldes quiseram impor a Deus, esperando que Deus retribuísse sua adoração por meio do paraíso dos deuses invioláveis até mesmo à própria Lei Divina. Grito contra o qual Deus se rebelou, aplicando a Lei conforme os termos escritos e que abrangia, em sua extensão, todos os seus filhos. Pois, certamente, Deus não poderia absolver seu filho mais novo, Adão, com base na falta de livre arbítrio durante o processo de desobediência sem proceder à anulação da Lei; e sua aplicação colocava em causa a Glória de Deus ao condenar toda a Humanidade pelo pecado de um único homem. Mas, ao não absolver Adão, Sua Justiça elevava-se à Glória eterna, razão pela qual a Morte exigida pela Lei era aplicada à parte rebelde em toda a sua extensão, ou seja, o exílio dos limites da Criação dos Dois, e abrangendo esta em suas fronteiras o Infinito e a Eternidade, na medida em que são uma única coisa com Deus Criador, para onde iria a parte rebelde?

Na estrutura dessas consequências, a parte do povo descendente daquele Adão ficou selada quando Deus aceitou sua defesa, tendo em vista a coação imposta à sua livre vontade. A Razão Sagrada que individualizava a descendência de Adão ficou contida na Promessa do Nascimento do Redentor. Mas sobre como e quando esse Nascimento e sua Redenção ocorreriam, Deus nada disse, e, portanto, nada o judeu podia saber. Daí que, ciente dessa ignorância, o Profeta tenha dito:

“Senhor, mataram os teus profetas, destruíram os teus altares; fiquei sozinho, e ainda tentam tirar-me a vida”.

Estamos vendo que não apenas o povo judeu, mas qualquer povo que tivesse sido submetido à lei de seus pais teria agido seguindo o mesmo padrão de comportamento. A guerra que se travava na Terra envolvia o Céu, e em suas batalhas a Humanidade era carne de canhão, atores coadjuvantes destinados a perecer durante a cena, sem outra glória além daquela passageira atribuída a s suas vidas pelo diretor da História. O papel do povo judeu, embora principal e de

destaque por ser pessoal e próprio, se encaixava no roteiro universal; e dentro desse roteiro básico — desconhecido para o judeu e reinterpretado à sua maneira pelo judaísmo, que, com suas prescrições, quis apagar o original, não escrito, mas na Mente Divina, e colocar em cena o seu próprio, interpretando a História Universal de acordo com sua própria inteligência natural —; a parte do povo judeu era a do assassino dos profetas e, finalmente, do próprio Redentor. Nada nem ninguém poderia impedir que o Crime contra Cristo se ajustasse ao Roteiro. Afinal de contas, isso é a Bíblia: um Roteiro. Um Roteiro cuja História era o confronto mortal entre o Filho de Eva e o assassino de Adão. Todo o resto, o restante do mundo inteiro, incluindo os judeus, eram atores coadjuvantes cujo papel estava definido em torno desse Duelo Final, de cujo resultado dependia o Futuro de toda a criação. Como revelou São João: a morte de Cristo era uma necessidade. E Deus, observando o duelo a partir de sua força, prediz o fim antes mesmo da vitória de seu campeão, como diz o profeta: para que ninguém acreditasse que Ele não o tivesse anunciado muito antes de acontecer. A confiança em Sua Vitória era o segredo mais bem guardado do universo. E, no entanto, estava escrito: Deus enviaria, para que a Lei se cumprisse, seu Unigênito, que, encarnado em uma filha de Eva, nasceria de Eva e, sendo filho de Deus, poderia ser escolhido para pedir Vingança pelo sangue de seu Irmão Mais Novo, Adão, pai de Abraão, pai de Jesus. Como, então, os filhos de Abraão poderiam saber o que era um mistério até mesmo para o próprio Satanás, que se apresentava diante de Deus como alguém que acreditava poder vencer em duelo legal qualquer filho do homem, pois a Lei era clara: o Vingador tinha que ser filho de Eva. Era loucura pedir a um homem mortal que estivesse a par do segredo cujo enigma nem mesmo um Imortal, tendo-o diante de si, conseguia desvendar. Daí a resposta do Profeta:

Mas o que o oráculo responde: “Reservei para mim sete mil homens que não se ajoelharam diante de Baal”

Deus não repudiou o judeu enquanto homem, mas repudiou sua religião, na medida em que foi a dogmática bestial do judaísmo que arrastou os filhos de Abraão a se colocarem do lado do Diabo e, como forças do inferno, se entregaram às perseguições contra os cristãos. Mas, tanto o judeu quanto o gentio, ambos haviam sido e continuavam sendo parte de uma guerra entre o Céu e o Inferno que, por fim, se tornava humana em Cristo e abria suas fileiras ao universo das nações humanas para que, unidas em sua Plenitude, dessem a Deus o “Sim” à sua Lei que o Primeiro Homem havia negado.

Pois assim também, no tempo presente, restou um remanescente em virtude de uma eleição pela graça.

O Enredo Bíblico encerrava uma Era e dava início a outra. E, no entanto, se todos fomos condenados por um homem, tanto o gentio quanto o judeu, era natural que Deus não exterminasse os filhos de Abraão, mas que, submetendo-os à justiça, preservasse sua descendência para que seu corpo conhecesse igualmente a Graça

da Redenção. Se Adão não tivesse caído, a humanidade nunca teria conhecido o inferno. O contrário, isentar-se de toda culpa por meio do artifício de fazer descender de Adão, segundo a carne, todas as nações, chama-se judaísmo. Foi esse judaísmo que Deus apagou do mapa da História e determinou que surgisse no futuro, a fim de que, pelo conhecimento de sua dogmática, todos os judeus compreendessem a loucura de sua absolvição com base em uma eleição “não pela graça”, mas pelo Poder arbitrário de um Deus que, por esse Poder, pode fazer o que bem entender, condenar um mundo inteiro pelo pecado de um único homem, salvar a descendência desse pecador e condenar a dos inocentes arrastados para o inferno pelo pecado do pai dessa descendência escolhida pela arbitrariedade desse Deus para conhecer as delícias do Paraíso, na vida após a morte, e, no futuro desta, o fruto proibido do Imperador Universal Judeu que um dia nascerá para dominar todas as nações da Terra. Ou seja:

Mas se é pela graça, e não pelas obras, então a graça já não seria graça.

Não é que São Paulo fosse um brincalhão e levasse na brincadeira as perseguições de seus irmãos de sangue contra os cristãos, das quais ele próprio participou tão alegremente. A Graça de que ele fala não é essa graça. Tem mais a ver com aquela graça que se aplica a um condenado à morte em cujo crime se encontra uma causa atenuante, originada por uma força maior externa contra a qual era impossível, por sua natureza, que o condenado vencesse sozinho. Constatada essa força maior, o juiz aplica a graça, sem anular a pena devida pelo crime cometido. O que é evidente. Aquele que derrama sangue humano deve cumprir a sentença prevista para o crime, que é a morte. Mas é o próprio Deus quem reconhece a existência de forças maiores, em virtude das quais se pode conceder a graça, ou seja, não a isenção da pena, mas sim a execução da sentença em sua totalidade. É assim que, ao preservar Deus uma parte do povo judeu, responsável pela morte de Jesus e de seus irmãos no espírito de Cristo, a sentença não é anulada e a destruição de seu Estado e nação deveria ocorrer de acordo com a lei. Mas a própria causa redentora colocava sobre a mesa do tribunal dos filhos de Deus um motivo de força maior, reconhecido na Necessidade da Morte de Cristo, em virtude da qual a Graça era concedida ao povo carnal de Abraão e, a partir dela, era ordenada a preservação de sua vida, que, de outra forma, teria ficado sujeita à lei da extinção que se segue ao delito. Graças a essa Graça, o povo judeu possui, no momento presente: Vida, Estado e Nação.

O que, então? Que Israel não alcançou o que buscava, mas os escolhidos o alcançaram. Quanto aos demais, endureceram-se.

É óbvio, pois era impossível que Deus concedesse a um homem o que negaria a um filho de Deus, a saber, sentar-se no Trono de Deus como rei universal e eterno. Mas vocês me dirão: será que os irmãos de Cristo não eram homens? Ao que eu respondo: De fato, pois, sendo co-herdeiros do Herdeiro de Adão, o Reino lhes pertencia. O que Deus concretizou ao fazer com que esse Herdeiro fosse o

legítimo Senhor desse Trono, Jesus, que, unindo-se por meio de sua Encarnação à Descendência de Eva, tornava seus Irmãos — os escolhidos dentre os filhos dos homens — participantes de sua Coroa. Participantes, mas não donos. Co-herdeiros, mas não proprietários. Filhos, mas adotivos. Houve apenas um Herdeiro Universal Eterno: Jesus, Deus Filho Unigênito, a quem, por direito divino, cabe o Reino de Deus e, por direito de Encarnação, a Coroa de Adão, que em Davi se tornou universal, antecipando assim Deus, Pai de Jesus, a revolução sem precedentes que se produziria na Criação a partir da Ressurreição. Mas, para que houvesse Ressurreição, era necessário que ocorresse a Morte.

Conforme está escrito: “Deus lhes deu um espírito de estupor, olhos para não ver e ouvidos para não ouvir, até o dia de hoje”

A mesma lei que aprisionou os gentios nas masmorras da Morte, pagando pelo pecado que apenas Adão cometeu, teria de estender sua ação aos filhos do pecador. Embora, por um tempo, os judeus tenham sido mantidos à parte — ainda que dentro daquele mundo lançado ao inferno por seu pai carnal —, a barreira que Moisés ergueu ao seu redor manteve as chamas daquele fogo afastadas de Israel, que sempre teve Deus em sua história. Mas a Necessidade já havia imposto sua Lei muito antes do nascimento de Moisés, e chegaria o dia em que os judeus provariam o que significava viver sem Deus, abandonados às forças do inferno, sem outros meios de defesa além da própria lei humana. Tal é o estado para o qual os gentios foram lançados pelo pecado do pai carnal dos judeus. Vendo a Necessidade, disse o rei dos profetas:

E Davi diz: “Que a mesa deles se torne um laço, uma armadilha e um tropeço, como justa retribuição

Nada nem ninguém poderia deter a força dos elementos desencadeados pela Queda. Os profetas sabiam disso e a História lhes deu razão: a Bíblia é um Roteiro a serviço da Glorificação do Filho Unigênito de Deus, em cujas Mãos seu Pai deixou o Futuro de seu Reino e de toda a sua Criação. Os judeus não poderiam vencer o poder das trevas que seu pai carnal havia desencadeado sobre a humanidade no dia em que Deus retirou a proteção sob cujo selo eles haviam vivido por milênios. Ora, a Lei é universal, e é o próprio Davi, glória dos judeus, quem começa a dançar nu para escândalo de seu povo em honra de sua incorruptibilidade. “Quem derramar sangue humano por mão humana, terá o seu próprio sangue derramado”. A Lei não faz distinção entre judeus e gentios. E em honra dessa universalidade, celebrando Davi o Julgamento de Deus, o Herói dançou nu; dança que, ao contemplar a Morte de Cristo, acabaria por se consumir sobre o túmulo de seu próprio povo. Por isso ele insiste, dizendo:

Que seus olhos se escureçam para que não vejam e que seu pescoço se curve para sempre

Nem tudo são más notícias, porém. E embora se fale assim para fazer refletir

o judeu que vive preso ao seu dogmatismo fora de tempo e de lugar, somente um ignorante pode esquecer que Davi estava dançando sobre o túmulo do Diabo e celebrando a Vitória do Filho de Eva, e com sua pena intercedia perante Deus pelo Julgamento desde a antiguidade escrito: “Se comeres, morrerás”.

Que se cumpra, pois, o exílio eterno dos confins da Criação para aqueles que um dia foram filhos de Deus, e que Deus distribua entre eles os povos da Terra.

A reprovação de Israel

Raramente se tem a oportunidade de ler, resumida em poucas linhas, a história de toda a Humanidade. Toda sabedoria humana, seja científica, teológica ou simplesmente ideológica, no fim das contas não passa de um substituto feito sob medida para a racionalidade dos séculos, um substituto bestial com o qual a necessidade de conhecimento que o Homem possui por natureza pretende suprir a carência da verdadeira Sabedoria, aquela em cujo seio se teceu a Ideia do Homem que Deus concebeu na carne quando, com sua Palavra onipotente, lhe deu vida. Desde o dia seguinte à Queda até a Primeira Hora deste Novo Dia, a história da Civilização humana é um calvário sangrento e estremecedor, de Caim em Caim. Como se fosse um terreno fértil para o pensamento, o golpe na cabeça abalou a estrutura da inteligência do Homem, e o fruto de sua jornada nas trevas resultou em mais motivos para matar Abel, novamente, mais uma vez. A essa realidade se reduziu a tragédia do homem: repetir, século após século e em escala cada vez maior, o fratricídio que deu o tiro de partida para aqueles seis milênios de guerra civil mundial que, hoje, chegam ao fim. Ninguém duvida de que, mesmo vendo surgir o Fim da Tragédia, o último trecho do caminho traz em sua frente a marca acumulada das forças destrutivas que fizeram do nosso mundo um espetáculo triste e assustador. O destino, no entanto, está escrito. Não a partir de agora, mas há muito tempo. Conhecendo o Autor, São Paulo se permite escrever este capítulo de esperança profética e visão de um futuro em que a nação ainda não destruída, após ter sido dispersa e perseguida, retornaria à sua origem para ser objeto da mesma Graça que o Deus de Israel derramou com tanta generosidade sobre nossas casas, nós, os filhos daqueles pais que, pelo pecado do pai de Israel, foram expulsos da Presença de nosso Criador e entregues ao império do Inferno, sem outra ajuda para vencer seus desígnios anti-humanos a não ser as forças naturais em torno das quais, em suas colunas mestras, nossa criação foi tecida. A glória, portanto, não pertence a ninguém, e a ninguém devemos nossa vitória, a não ser Àquele que teceu nosso Ser no berço de Sua Onisciência e, antes mesmo de nascermos, nos viu na plenitude de nossa Idade, para Alegria de Seu Espírito e Bem de todos os Povos de Seu Reino. Como aquele que vive nessa Onisciência e, como filho da Sabedoria, habita em seu Palácio, deleitando-se na estrutura de seu Pensamento, São Paulo derrama seu conhecimento para a edificação da

Esperança Universal de Salvação que se revelaria no fim do caminho, ao amanhecer do Dia pelo qual toda a criação, expectante, aguardava impacientemente o nascimento da Descendência de Cristo. Assim, entramos no assunto.

Mas eu pergunto: será que eles tropeçaram para que caíssem? Certamente que não. Pois, graças à transgressão deles, os gentios obtiveram a salvação, a fim de estimulá-los à emulação.

Como já dissemos, sabemos e podemos imaginar que a Queda do pai dos judeus, nosso Adão, foi o epicentro do maior terremoto que Deus em pessoa vivera desde tempos imemoriais. A declaração de guerra que uma parte de seus filhos lançou na cara do Espírito Santo foi o detonador explosivo final que abriu os olhos de Deus e o colocou cara a cara com seu verdadeiro inimigo: a Morte. A loucura de uma criatura alimentar a esperança de desafiar seu Criador e sair vitoriosa não admitia exceções nem discussões. A Morte, força não criada, sem princípio, assim como a Vida, a Matéria e o próprio Deus, era a inimiga da Criação, na medida em que sua Fundação e Edificação implicavam seu banimento dos limites do Infinito e da Eternidade. A Vida e a Morte, como disse na História Divina, existiam desde a Eternidade como partes internas da estrutura da Realidade. No dia em que Deus concebeu a Imortalidade, a declaração de guerra de Deus contra a Morte tornou-se um fato. O fato é que Deus vivia a Morte e a Vida enquanto processos mecânicos internos à própria Força Criadora na Origem dos Mundos. A partir de Sua Inteligência Criadora, a única coisa a fazer era intervir nesses processos, redirecioná-los e proceder à imortalização. Durante todo o Período de Formação de Sua Inteligência Criadora, Seu pensamento esteve trabalhando sobre essa base material. Quando finalmente descobriu a chave da Imortalidade, Ele acreditou que Sua vitória sobre a Morte havia se consumado e procedeu à criação da vida imortal. À medida que avançava na materialização de seu projeto universal, os fatos conhecidos como as Guerras do Império do Céu foram indícios da existência de um fator desconhecido, imprevisível e que não se submetia ao seu controle. Ele encontrou justificativa para esses fatos na estrutura das circunstâncias e deu início à Revolução, em cujo seio seria concebida a Ideia do Homem. E procedeu à sua Criação. Deus criou os Céus e a Terra e tudo o que existe em nosso mundo, e chegou ao Homem. A Ideia Mãe, em cujas entranhas nosso Criador teceu as fibras de nosso Ser eterno, ninguém a conhecia. Era algo que seria descoberto no devido tempo. O que estava claro é que Deus queria marcar um Antes e um Depois e estava disposto a pôr um Fim à Ciência do Bem e do Mal, cujo fruto era a Guerra. Por essa razão, usando o símbolo como objeto de compreensão universal, dizendo: “No dia em que comeres, morrerás”, Ele proibiu toda a Sua Casa, do Céu e da Terra, sob pena de banimento eterno de Seu Reino, de comer do fruto que, aos Seus olhos, era am . O que a Proibição significava para Adão estava claro para ele. A saber, que a Civilização, da qual ele era a Cabeça, se estenderia no tempo e no espaço, preenchendo o mundo da

Terra de um extremo ao outro, não pela força e pela violência, mas como fruto da Paz que provém da Sabedoria. A Queda consistiu em fazer com que a impaciência de Eva levasse Adão a brincar com a ideia da conquista do mundo pela força da superioridade que lhe era inata, na qualidade de filho de Deus. Todo o processo se aceleraria no tempo, e a velocidade da conquista do mundo dobraria nessa proporção. A armadilha era genial. Mas tinha um calcanhar de Aquiles. O homicida não precisava se passar por filho de Deus, pois ele o era, mas precisava manipular a inteligência de Eva ao declarar, sob falso juramento, que falava em nome de Deus, pai comum de ambos, Adão e Satanás. Essa necessidade implicava a transgressão do Mandamento Divino e, conseqüentemente, acarretava uma declaração de guerra contra o Espírito que deu vida à Proibição. A loucura era, portanto, total. E, por ser total, Deus não podia deixar de sentir a morte de seu filho mais novo, Adão, senão como um terremoto ontológico que deveria abrir-lhe os olhos e colocar diante dele o rosto de seu Verdadeiro Inimigo, a Morte.

E se a queda dele é a riqueza do mundo, e o seu enfraquecimento a riqueza dos gentios, quanto mais o será a sua plenitude!

Aconteceu exatamente o contrário do que Deus havia planejado. Deus havia determinado que, ao Seu retorno, Seu filho Adão voltasse à sua terra natal, a Suméria, e fosse escolhido como rei por todas as famílias da Mesopotâmia; a partir dessa base-mãe, a Civilização se espalharia pacificamente por todos os pontos cardeais. Preso no dilema entre absolver Adão por ignorância da verdadeira razão criminosa sob cuja influência ele cometeu seu pecado ou aplicar a punição devida ao crime, aceitando a declaração de guerra contra Sua Criação e Seu Reino, e diante da descoberta que havia feito, Deus agiu como todos sabemos. A Batalha Final entre Deus e a Morte, finalmente, estava ocorrendo. A Eternidade e o Infinito vinham aguardando essa Batalha desde o próprio dia em que, sem conhecimento da causa final, Deus declarou guerra à Morte. Homens e filhos de Deus, todas as criaturas haviam sido envolvidas na Batalha e, uma vez revelada a verdadeira estrutura da realidade, cada um deveria decidir-se por um lado ou pelo outro.

Para quem escolhesse o Império da Morte, ou seja, um universo governado por deuses além do Bem e do Mal, invioláveis e imunes à Lei, o destino seria o Exílio Eterno da Criação de Deus.

Para aqueles que escolheram o Reino de Deus, ou seja, um Universo governado por um Corpo Divino, desde sua Cabeça até o membro mais humilde sujeito à Lei, como se viu na Cruz, onde o próprio Primogênito de Deus, Cabeça de seu Reino, se submeteu à Lei vigente, segundo a qual qualquer judeu de nascimento que violasse o Pacto de Moisés com os filhos de Israel deveria ser pendurado na cruz; daqueles que escolheram esse Reino, esse Reino.

E se o Símbolo do Princípio foi real, Deus quis demonstrar sua Realidade na Cruz do herdeiro de Adão, para que, pelos Fatos, ficasse claro que a Justiça e a

Lei não se baseiam no capricho de um Ser onipotente e todo-poderoso que impõe sua vontade em virtude dessa mesma força, mas no Amor pela Vida e pela Criação que, enquanto Ser e Pessoa, o Criador nutre por seu Reino e sua Obra. Seu Filho, sendo o primeiro a escolher de que lado desejava se posicionar: se do lado daqueles que se decidiram por um universo de deuses criminosos e assassinos que, a partir da inviolabilidade de seu governo, transformariam a Criação de Deus em um campo de jogos para demônios infernais e amaldiçoados, alheios à dor e à liberdade das criaturas; ou no de um Reino fundado na Paz, governado pela Justiça e alimentado pela Liberdade. Feita Sua escolha, cabia ao restante da Casa de Deus proceder à sua própria escolha e, a partir daí, avançar em direção ao Dia em que a Humanidade, finalmente libertada de sua ignorância, pudesse exercer esse Poder de Escolha, livremente e sem coação, decidindo em liberdade cada povo e nação seu destino. Este é o resumo do Pensamento de Cristo. Agora, continuemos.

E a vós, gentios, digo que, enquanto for apóstolo dos gentios, honrarei meu ministério

O destino de Israel foi decidido, então, na forja de uma série de acontecimentos dos quais nenhum ser humano estava a par. E, não estando a par disso, e visto que a Guerra entre Deus e a Morte não só era imparável, dada a aversão do próprio Deus Pai a tal transformação de seu reino em um Olimpo de deuses assassinos, cuja glória pretendia basear-se na filiação divina, fazendo assim de seu Pai a fonte de seus crimes monstruosos e horrendos... Não tendo conhecimento da verdadeira estrutura interna dos Acontecimentos pelos quais toda a Criação estava passando, era impossível que judeus e gentios não se levantassem contra Cristo e sua Casa. Tanto uns quanto outros, todos eram escravos das consequências de uma Batalha Final que se gestara na eternidade, antes que a Não-Criação se tornasse Criação, e, tendo atingido o ponto culminante do confronto, passava, em primeiro lugar e acima de tudo, pelo Filho de Deus, cuja decisão deveria se concretizar diante dos olhos de todo o Universo: Ele era o Único que conhecia essa realidade e o Único que podia decidir por si mesmo de que lado se colocaria: da Morte ou da Vida. Por isso, sua declaração: “*Eu sou a Vida*”, afirmava seu Caminho rumo à ressurreição, sobre cuja Vitória toda a Criação, como Davi pelas ruas, dançou nua diante de seu Senhor e Criador.

Filho de Deus, embora ausente na carne, em espírito uno-me às galáxias de seres que entoaram cânticos e, nus, dançaram em torno da fogueira da Vitória, glorificando Aquele que, enchendo de glória o Coração do Pai das estrelas do cosmos infinito, fez com que de nossos lábios saísse a Palavra da vida eterna que, percorrendo as terras, enche o mundo inteiro e clama incansavelmente sua mensagem de esperança: Jesus é o Rei, Jesus é o Senhor; em ninguém, Israel, tens teu Messias, a não ser naquele que se levantou contra a Morte e diante dos olhos de quem o terrível Maligno de nossos pesadelos não passa de um pateta com vocação de louco que ousou sonhar em se colocar à altura da planta do pé do teu Deus. Escuta, Israel, a voz da própria Sabedoria que escolheu a tua carne para

levar a cabo a consumação da revolução cósmica cuja origem remonta à Eternidade. Assim como não fomos rejeitados eternamente da Luz do nosso Criador, tampouco tu, como podes ver pelos fatos, o foste.

para ver se desperto a emulação dos da minha linhagem e salvo algum deles.

Você pagou o preço de um crime ditado pela estrutura de uma Batalha alheia ao nosso mundo, entre cujos limites todos fomos aprisionados com a esperança maligna de acabarmos todos destruídos, para desonra de Deus. Seu destino estava escrito desde o dia em que seu pai, Adão, foi conduzido ao matadouro por criaturas imundas, rebeldes sem outra causa além de sua loucura, inimigas de toda verdade, paz e justiça. Todos nós fomos coadjuvantes no Duelo entre o filho de Eva e o filho da Morte. A decisão final, porém, é sua.

Pois se a reprovação dele é a reconciliação do mundo, o que será a sua reintegração senão uma ressurreição dentre os mortos?

Pois se tivessem conhecido a estrutura dos acontecimentos, tanto judeus quanto gentios, quem teria ousado colocar um dedo sequer sobre o Unigênito de Deus? No entanto, aquilo não era um jogo, e a decisão não seria um “Sim” por enquanto e um “Não” para depois; de modo que, como o sangue é o que há de mais sagrado para o homem, pelo sangue — o que há de mais sagrado —, o universo inteiro compreendesse que a decisão final daquele que, para Deus, é tudo, seu Primogênito, foi eterna. Teria que haver, portanto, um novo “antes” e um novo “depois”. Da morte de um homem surgiria a ressurreição de todos. Era necessário que assim fosse; e assim se fez.

Pois, se as primícias são santas, também o é a massa; se a raiz é santa, também o são os ramos.

O que nos leva, ao chegar ao fim da jornada e diante do novo horizonte, à necessidade de construir uma nova estrutura de fraternidade entre cristãos e judeus: Abandono das acusações, dos traumas sofridos por uns e outros, e renascimento de todos em todos à luz de um novo dia que exige de todos a unidade indivisível e indestrutível daqueles que, além da carne e de suas origens, tomam sua decisão pessoal diante do Deus de todos. O mais forte, neste caso, o cristão, é quem deve derrubar o muro da inimizade histórica que, na ignorância à qual todos — cristãos e judeus — ficamos sujeitos, foi erguido e esteve na origem do holocausto que, vivendo do outro lado, sofreram os pais daqueles que hoje têm o poder de escolher livremente entre a Morte e a Vida, entre a verdade e a Mentira, entre o Ódio que nasce de uma memória ferida e nunca curada ou o amor de um espírito renascido à luz de uma Esperança universal que se derrama imparável como um sol de justiça pelos quatro cantos da Terra.

E se alguns dos ramos foram arrancados, e você, sendo um broto selvagem, foi enxertado nela e tornou-se participante da raiz, ou seja, da riqueza da oliveira, não se ensoberbeça contra os ramos.

Não há lugar para acusações, pois todos fomos vítimas de forças contra cujo poder nenhum homem pôde agir com pleno conhecimento de causa. O que foi feito, foi feito por ignorância. Uns e outros, e todos nós fomos atores sem protagonismo em uma história na qual deuses e demônios arriscaram sua existência. A dor de Israel é a dor do mundo, mas Israel deve fazer sua a dor do mundo. Foi seu pai, Adão, quem arrastou nossos pais para o inferno. Se o mundo judeu viveu um holocausto, nossos pais viveram um holocausto individualmente. O Passado morreu. O Futuro é quem vive. Jesus Cristo é o Messias; Ontem, Hoje e Amanhã.

E se você se orgulhar, lembre-se de que não é você que sustenta a raiz, mas a raiz que sustenta você.

Não temos do que nos vangloriar, nem uns nem outros. Até agora, temos sido coadjuvantes sem importância em uma História Divina que abraça todas as nações da Terra. Não há no roteiro escrito uma seção dedicada à supremacia de uma nação sobre outra. A Terra é de Deus e tudo o que nela há, e Ele concedeu a Coroa de Seu reino ao Seu Primogênito. A plenitude das nações, tanto do nosso mundo quanto de toda a Criação, vive à Luz de Seu Cetro pela eternidade das eternidades. Não há outro Rei além daquele que Deus escolheu, da descendência de Adão, judeu segundo a carne, diante do trono do qual todos os filhos de Deus colocaram suas coroas. E se assim foi feito no Céu, como alguém pode esperar que Deus tire a glória de seu Unigênito! Ou será que Deus tira e coloca à maneira do “deus dos deuses” pelo qual os demônios intercederam?

Mas você dirá: “Os ramos foram arrancados para que eu fosse enxertado”.

A resposta de Deus foi Cristo Jesus. Desde então, a Igreja repete essa resposta para a salvação de toda a vida, em reação à qual cada um pode agir conforme lhe ditar sua liberdade. A Lei ou o Terror. A Verdade ou a Mentira. A Justiça ou a Corrupção. A Guerra é fruto do terror, da mentira e da corrupção. A Paz é fruto da Verdade, da Lei e da Justiça. Todas as nações fomos levadas diante deste dilema: Sim ou Não, aceitar Jesus Cristo como Único Rei Universal, eterno, ou viver no exílio dos rebeldes que preferiram o terror à Lei, a mentira à Verdade, a corrupção à Justiça. O que cada um decidir, isso terá.

Pois bem, por causa de sua incredulidade, eles foram arrancados; e você, pela fé, permanece firme. Não se ensoberbeça, mas tema.

É a decisão final diante da qual todas as nações tiveram que ser colocadas, na liberdade que provém do conhecimento de todas as coisas, conforme já havia dito Paulo anteriormente, ao falar sobre a expectativa de toda a criação. A fé de uns e de outros não isenta da responsabilidade final.

Pois, se Deus não perdoou aos ramos naturais, tampouco a você perdoará.

Seja cristão ou judeu, todo aquele que não dobrar os joelhos diante do Rei que

Deus designou para o Seu Reino, seja cristão ou judeu, não entrará em Seu Mundo. E todo aquele que os dobrar diante de outro rei que não seja Jesus Cristo, na Terra como no Céu, torna-se objeto de banimento da Criação de Deus.

Considere, pois, a bondade e a severidade de Deus; a severidade para com os caídos, a bondade para com você, se permanecer na bondade; caso contrário, também você será arrancado.

Não há salvação para quem se ajoelhar diante de outro Rei que não seja Aquele que Deus deu ao seu Reino. Nem a fé, nem a esperança, nem a caridade; nada nem ninguém pode abrir a Porta do Reino de Deus para quem não renunciar a toda coroa. Colocar-se aos pés do Rei que Deus deu a todas as nações do seu Reino, eis a Porta da Salvação.

Mas eles, se não perseverarem em sua incredulidade, serão enxertados, pois Deus é poderoso para enxertá-los novamente.

E essa Porta está aberta a todas as nações, independentemente de seu credo e religião. E não há fé no Céu ou na Terra que dê acesso a nação ou homem que não dobre os joelhos diante do Rei Messias que Deus concedeu à sua Criação.

Pois se você foi cortado de uma oliveira silvestre e, contra a natureza, enxertado em uma oliveira legítima, quanto mais estes, os naturais, poderão ser enxertados na própria oliveira!

E não há nenhuma outra condição, no Céu ou na Terra, à qual se deva prestar obediência eterna, pois nessa obediência se resume e se sintetiza o mistério de toda a Divindade. Que, como diria nosso Paulo, está em Cristo, e esse Cristo é o próprio Jesus, nascido de Maria, sobre cuja cabeça Deus colocou a coroa universal de seu Reino. Quem quer que preste obediência a outra coroa se rebela contra Deus, e sua recompensa é o exílio eterno da Criação; seu destino é o dos demônios, seja ele cristão ou judeu.

Pois não quero, irmãos, que ignoreis este mistério, para que não vos glorieis de vós mesmos: que o endurecimento sobreveio a uma parte de Israel até que entrasse a plenitude das nações;

É o que foi dito. A Necessidade da Morte de Cristo impôs leis estruturais diante das quais, diante de sua avalanche desenfreada, nenhum homem ou nação podia fazer absolutamente nada, a não ser assistir impotente ao desenrolar dos acontecimentos que estavam revolucionando toda a Estrutura do Reino de Deus. Romanos e judeus, ao falar daqueles dias, ao escolherem entre um Olimpo de deuses à imagem e semelhança de Satanás e um Reino à imagem e semelhança de Deus, todos estavam destinados a crucificar o Filho de Deus no momento em que sua escolha foi a que foi. A partir dessa base, a revolução universal seguiria seu curso, fixando seu horizonte no Dia da Liberdade, ou seja, quando Deus rompesse seu silêncio e sua sabedoria se derramasse sobre todas as nações para levá-las ao

conhecimento de todas as coisas, sem o qual não pode haver verdadeira livre escolha.

E então todo o Israel será salvo, conforme está escrito: “De Sião virá o libertador para afastar de Jacó as impiedades. E esta será a minha aliança com eles quando eu apagar os seus pecados”.

O que, como se entende, depende exclusivamente de Israel, que, em fraternidade e igualdade com todas as nações já cristãs, deve dobrar os joelhos diante do Rei que o Deus de Abraão deu ao seu Reino. Paulo fala a partir da esperança e, em virtude de sua fé, repete o que Deus profetizou desde antes mesmo do nascimento de Cristo, a saber, que teria misericórdia dos filhos de seu servo Abraão e, assim como teve dos filhos dos gentios, assim teria dos filhos daqueles judeus, autores da crucificação, presos na tragédia da humanidade.

No que diz respeito ao Evangelho, eles são inimigos por causa de vocês; mas, segundo a eleição, são amados por causa dos pais,

Daí se vê que o amor de Deus pelos judeus não foi apagado, muito menos, assim como Deus também não deixou de amar seu filho Adão por causa de seu pecado. Ora, sendo Ele Juiz, e sendo Sua Lei incorruptível, o dilema do diabo não poderia afetá-Lo e Ele tinha que aplicar a Lei de acordo com o julgamento. Julgamento esse que, insisto, não poderia apagar o amor de Deus pelos filhos de Seu servo Abraão, assim como não o fez pelo filho de Adão.

Pois os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis.

Mais claro, impossível. Deus não ama em vão. Nem fala em vão. Nem fala nem ama em vão. Ou será que, por causa das faltas dos cristãos, Deus deixou de amar seus filhos, nós, inocentes de seus crimes e pecados? Sob que premissas, então, Deus deixaria de amar os filhos de Israel pelo pecado de seus pais? E da mesma forma, Deus não poderia deixar de aplicar aos judeus o julgamento pelo crime cometido contra os cristãos em nome do amor. Pois se o amor corrompe a justiça, seu destino é tornar-se a porta do inferno.

Pois, assim como vocês outrora foram desobedientes a Deus, mas agora alcançaram misericórdia por causa da desobediência deles,

A imensa santidade de Deus, Juiz e Pai, observamos, portanto, na plenitude de sua força, tal como sai vitoriosa do dilema do diabo. Primeiro, faz com que o pecado de um único homem seja pago por um mundo inteiro; e depois faz com que, pelo pecado de um único povo, o mundo inteiro seja libertado da punição que lhe foi imposta pelo pecado daquele único homem, curiosamente pai carnal desse outro povo único. As deduções são vitais. E sua conclusão é transcendente. A saber: Deus jamais quis — ao contrário do que alguns pensaram, escreveram e confessaram — que a Queda de Adão fosse registrada nos anais de Sua Criação. Mas, uma vez registrado o episódio, o importante prevaleceu e, por essa lei, o ser

humano — judeu e gentio — passou a ser um coadjuvante. Pela mesma Lei pela qual todos os pais do mundo foram condenados, por essa mesma lei foram condenados os filhos do homem cujo pecado deu origem a tal situação.

Assim também eles, que agora se recusam a obedecer para dar lugar à misericórdia concedida a vocês, alcançarão, por sua vez, a misericórdia.

De modo que, se Deus reservou sua justiça para os filhos daqueles pais, era justo que reservasse sua misericórdia, igual e da mesma natureza superabundante, para os filhos do povo cuja queda foi determinada pela Queda de seu pai.

Pois Deus nos encerrou a todos na desobediência para ter misericórdia de todos.

Depende de Israel sua obediência à Vontade do Deus de seu pai Abraão e a obediência à Coroa do Rei Messias, na justiça que consumou o castigo e determina a Liberdade em toda a sua plenitude, liberdade à imagem e semelhança da glória dos filhos de Deus, ou seja, todos nós.

Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos! Pois “quem conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe deu, para ter direito a retribuição?”

Chegamos ao fim da Tragédia da Humanidade. Criados à imagem e semelhança de Deus, para desfrutar da Liberdade que provém do Conhecimento de todas as coisas, todos os nossos delitos se inserem no buraco negro da ignorância ao qual fomos condenados no dia em que, sem saber o que fazia, Adão ergueu entre o Criador e sua Criatura o muro da inimizade que o Espírito de Deus nutria pela Ciência do Bem e do Mal. Este foi o Muro que vimos nu até sua Rocha Fundamental na Encarnação e Ressurreição de Jesus Cristo. E aquele outro, que nos separava de nosso Criador, o Muro que nosso Criador, ao tornar-se homem, derrubou com suas mãos onipotentes e todo-poderosas. Esse ponto levantou, entre judeus e cristãos, e entre cristãos e outros povos, um muro de inimizade baseado na ignorância de uns e de outros sobre a Relação entre Deus e seu Filho. Relação essa que, tendo sido criados à imagem e semelhança de Deus para que, em nossa paternidade, possamos compreender a do Pai, se resolve dizendo que, da mesma forma que um pai planeja uma obra e dá ao filho o poder de executá-la, da mesma forma Deus Pai mostra ao Filho tudo o que Ele faz, para que este faça tudo o que Lhe é mostrado, sendo assim Seu Braço, o Verbo todo-poderoso, por cuja Palavra Deus faz todas as coisas.

Porque dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele a glória pelos séculos. Amém.

LIVRO QUARTO

MORAL

A Vida Nova

Rogo-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, que ofereçais vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o vosso culto racional.

Nada é mais simples do que adotar o pensamento de Cristo, que vê o Ser como um Templo, para compreender que todo filho de Deus está moralmente vinculado ao dever de se ver a si mesmo como tal e, como tal, viver aqui o que se traduzirá em um ato perfeito na vida eterna. Ato de perfeição que contemplamos em carne e osso, para nossa fortaleza e perseverança no caminho da Perfeição Moral, no sacerdote de Cristo. Ele, São Paulo, é um discípulo desse Mestre que ergueu a cabeça do Ser Humano do pó e o fez ver a si mesmo na contemplação de sua Pessoa Divina, Modelo à cuja Imagem e Semelhança foi gerado entre nós o Sacerdócio Católico. Pois, se o Templo judaico tinha como imagem um edifício de pedra, o Novo Templo é um Edifício Vivo, que existirá para toda a eternidade diante de Deus para manter vivo, entre todos os povos de sua Criação, o Verdadeiro Conhecimento da Divindade, não em palavras, mas na Sabedoria feita carne, em cujo rosto se vê o reflexo da Verdadeira Imagem Divina. Pois, se o Filho se fez carne e n'Ele contemplamos o Pai, a Sabedoria também se fez carne na Igreja para conceber, pelo Espírito Santo, filhos de Deus.

Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da mente, para que possais discernir qual é a vontade de Deus: boa, agradável e perfeita.

Tanto ao sacerdote quanto ao povo, ao pastor quanto à ovelha, cabe o inconformismo cristão diante de um mundo sujeito a uma lei homicida, imposta contra a vontade divina e humana, mas vigente até a vitória do cristianismo sobre

a História do Mundo nascido da Queda. Ontem e hoje, o Deus que determinou a criação do Homem à sua imagem e semelhança dá a conhecer sua Vontade para o Bem de todas as nações. Eu, Cristo Raúl, como Aquele a quem foi concedido o Conhecimento da Vontade Presente de Deus e que é enviado para proclamá-la aos quatro ventos para o conhecimento de todas as igrejas, assim como aqueles que, por sua vocação, são chamados a fazê-lo, todos temos o dever de renovar nossa mente à luz da Verdade que inunda com seu conhecimento o firmamento do Novo Dia, aquele Dia da Plenitude das Nações anunciado antes mesmo de que a Noite da Plenitude dos Tempos inundasse o mundo com sua escuridão e, sob suas trevas, fossem cometidos os crimes mais hediondos de que possamos nos lembrar. Inconformismo e renovação, portanto, que estabelecem a necessidade da perfeição para todos os cristãos, tanto servos quanto filhos, tanto pastores quanto ovelhas, tanto povo quanto líderes. Perfeição à imagem e semelhança da Perfeição que vimos encarnada em Cristo Jesus, Mestre de todos, tanto de filhos quanto de servos, de cidadãos quanto de líderes de seu Reino. Ele era o Filho do homem e, n'Ele, o Homem vive eternamente, renovado espiritualmente pelo Poder de Deus para desfrutar da vida eterna em seu Paraíso. Todos os modelos que os homens colocaram em pauta são modelos animais, feras selvagens que têm o direito como arma do Poder e o dever como lei opressiva, contra a qual a violação por parte do Poder é o que convém. Fora de Cristo, a Ideia do Homem feita carne, não há homem, mas animais devorando-se mutuamente por uma parcela de poder e riqueza. O conformismo diante de um mundo surgido de uma Queda é anticristianismo quando quem se conforma é um cristão, e a recusa em renovar a mente, uma vez passada a Noite, é uma rebelião contra o Cristianismo quando quem se recusa à renovação é a igreja, seja uma, todas ou em seu conjunto. É certo que quem não tem que temer os leões e vive na opulência deve se sentir agredido pela verdade de Cristo; tão certo quanto o fato de que a renovação da Mente Cristã, assim como o dia vem com a luz e é inseparável dela, assim deve espalhar sua Perfeição pelo mundo, apesar e contra qualquer força que pretenda impedir que o sol do novo dia brilhe sobre a Plenitude das nações.

Sentimentos de modéstia

Pela graça que me foi concedida, digo a todos e a cada um de vocês: não se superestimem mais do que convém, mas estimem-se com moderação, cada um segundo a medida da fé que Deus lhe distribuiu.

É inútil adotar atitudes próprias da “Noite dos Bispos”, quando acreditar-se ser mais do que ninguém em virtude do hábito, tanto no mundo eclesial quanto no leigo, despertou nas trevas monstros cujo nome nem sequer quero lembrar. Onde está a estima do homem senão em Deus, e todos Nele, sendo todos o mesmo e único Ser, que está em Cristo, o Homem que Ele criou e que amou tanto que, por

esse amor, nos entregou ao seu próprio Filho? O hábito não é nada, e tudo é o espírito dos filhos de Deus que pulsa em nosso ser para alegria de todos e gozo de cada um.

Pois, assim como em um único corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função

O Homem é o conjunto resultante formado por todos os povos do Gênero Humano; daí que, ao dizer “ façamos o Homem à nossa Imagem e Semelhança”, o título da História desse Projeto de Formação fosse: História do Gênero Humano. É com esse Homem Universal que o Filho se tornou uma só coisa, de modo que, ao se unir a nós e atrair o Pai para nós, fez da nossa História a sua própria, Cabeça do nosso Corpo, por meio dessa Unidade Espiritual, garantindo-nos a vida eterna na participação da Indestrutibilidade de Deus.

Assim, nós, sendo muitos, somos um único corpo em Cristo, mas cada membro está a serviço dos outros membros.

Eis a Renovação da Mente que, neste Novo Dia, se abre com todo o esplendor de uma luz invencível e deve se estender, primeiro sobre os cristãos, pois são as primícias do mundo nascidas da Fé, e, finalmente, sobre as nações, para alegria de todas as almas da Humanidade, passadas, presentes e futuras. Há apenas um Homem, Cristo, de quem todos somos o Corpo, e, sendo nossa Cabeça de Origem Divina em sua Natureza, Deus nos torna participantes da imensurável Riqueza de seu Espírito.

Assim, todos temos dons diferentes, segundo a graça que nos foi concedida; seja a profecia, segundo a medida da fé;

E assim como um corpo é composto de infinitas células e as células se reúnem em órgãos e membros, mas todos têm e compartilham uma mesma vida, assim todos os homens, a começar pelos cristãos e pelas igrejas, somos uma única vida, que no Espírito de Deus se articula e, a partir de Sua Vontade, move-se na direção estabelecida desde o Princípio da Criação do nosso Mundo.

seja o ministério para servir; no qual se ensina por meio do ensino;

Somos muitos e, no entanto, cada um é único, singular, especial, indivisível, cheio de força e existência, que se manifestam em atividades próprias e que Deus faz convergir para o bem de todos. A frágil borboleta poliniza o campo e a delicada flor rega com seu orvalho o campo das árvores das quais o homem se alimenta. Nenhum de nós é pequeno nem nenhum de nós é grande; somos uma única coisa, um único corpo no qual cada um de nós, semelhante a uma célula, trabalha em sua parte, sabendo que a soma do trabalho de todos produz o bem de todos.

Aquele que exorta, que o faça para exortar; aquele que dá, que o faça com simplicidade; aquele que preside, que o faça com solicitude; aquele que pratica

a misericórdia, que o faça com alegria.

O pé reclama por não ser mão? Ou o glóbulo branco por não ser vermelho? O figado por não ser orelha? Somente o ser humano se queixa do que é, e sua queixa provém da desnaturalização infernal a que nossa Natureza foi submetida em consequência da guerra que um dos filhos de Deus declarou ao nosso Criador, sobre o que não há necessidade de dizer mais do que todos sabemos. Basta dizer “a Queda” para saber do que estamos falando.

Que a vossa caridade seja sincera, abominando o mal e aderindo ao bem,

Cabe a nós agora, uma vez livres da ignorância, renovar nossa mente para unir as mãos e nos tornarmos um único ser, Corpo de uma única Cabeça, Jesus Cristo, nosso Rei, Senhor, Pai, Mestre, Salvador, Herói, Sumo Pontífice, Criador e Deus. Ele é tudo para nós e, sem Ele, não somos nada. Conforme está escrito: “Nele está a vida do homem, e sem Ele nada do que foi feito se fez”.

Amai-vos uns aos outros com amor fraterno, honrando-vos mutuamente.

Ainda mais porque nossa fraternidade é eterna e nossa vida em comum está chamada a ser tão longa quanto o próprio infinito; cabe a nós derrubar todos os muros que as trevas ergueram durante os tempos determinados para a libertação do Diabo, sem recriminações nem desafios, sem condições prévias nem posteriores, mas simplesmente como aqueles que, adormecidos, caíram em um pesadelo e, ao acordarem, sacodem o suor e o medo e, olhando nos olhos uns dos outros, riem dos tempos passados enquanto caminham unidos rumo à vida eterna.

Sejam diligentes, sem preguiça, fervorosos de espírito, como aqueles que servem ao Senhor.

O que mais se pode fazer? Será que quem acorda de um pesadelo fica na cama para ver se volta a dormir, ou não é verdade que se levanta e foge da noite como se fosse o diabo? Como do diabo devem fugir todos aqueles que se dividiram na fé e, sendo um único corpo, agem como se cada um tivesse uma cabeça diferente daquela que Deus nos deu a todos: Jesus Cristo. Pois quem serve a outro desperta sem preguiça e com diligência; com quanta mais diligência, então, deverá fazê-lo quem serve a Deus. O fervor neste campo, para ver quem chega primeiro aos pés de seu Senhor, é o único fervor sagrado e santo que convém a todo cristão; se é filho, porque é filho, e se é servo, porque é servo. Pois, como está escrito: Quando a Porta se fechar, quem for encontrado fora, lá fora ficará.

Vivam alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração;

Uma vez dentro, a Esperança da Salvação Universal é o alimento que mantém fortes nossas almas e corajosos nossos espíritos. As tribulações com paciência são vencidas, e as tentações com orações, não é verdade? Pois ninguém deve acreditar que, estando na brecha, a corrupção a que a Natureza Humana está sujeita há

milênios deixe, da noite para o dia, de fazer o que lhe é natural. E, no entanto, a dor compartilhada é menos dor, e o apoio de muitos fortalece o indivíduo. Divididos, somos presas fáceis das forças destrutivas que buscam a aniquilação da humanidade. Unidos, somos o brilho da luz que afasta as trevas e desperta todos os que dormem.

Atendam às necessidades dos santos; sejam solícitos na hospitalidade.

Quem é santo, senão apenas Cristo? Ou seja, aquele e aqueles que, deixando tudo para trás, foram para uma terra onde o mal se alastrou, em todas as suas formas, para pregar a Salvação com o exemplo de sua renúncia. O santo não é aquele que se coroa com uma mitra, mas a freira, o frade, o homem e a mulher que se lançam entre os deserdados e os abandonados do mundo para compartilhar suas dores e aliviar seus sofrimentos. É a esses santos e aos pés desses santos que devemos dedicar nossa solicitude e compartilhar nossas riquezas, para que, por suas mãos, o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes se repita todos os dias. Os outros santos, o que são senão papagaios e loriços a servir aos próprios desígnios, buscando a santidade nos Pai-Nossos, nas Ave-Marias e nos conselhos que pesam em seus bolsos como o ouro que roubam dos fracos de espírito? Pois, tendo a Cristo como Mestre, para que preciso de algum homem na Terra para me dizer que Ele é o Salvador do mundo? Três são as testemunhas que todo homem possui: a Bíblia, a Igreja e os filhos de Deus. Os demais, aqueles que aspiram à santidade, são impostores que desviam para seus bolsos a devoção devida aos santos segundo Cristo. Sobre eles recairá o julgamento daquele a quem dizem ser seu Senhor.

Abençoi aqueles que vos perseguem; abençoi e não amaldiçoi.

Assim disse o Mestre, assim disse o Discípulo. De árvore tal, tal galho.

Alegrem-se com os que se alegram, chorem com os que choram.

A perversão da natureza humana atinge sua degradação mais abominável quando a dor alheia se transforma em riso do público e a alegria do outro em inveja de alguém. O dever moral de todo filho de Deus é dar as costas a qualquer meio que tenha como política o cultivo de tal moral para bestas. A perfeição da moral cristã está acima de toda ética social e de toda lei comunitária. As leis são referência para quem vive segundo normas animais. O filho de Deus não precisa de nenhuma lei como referência, pois ele próprio é lei, e uma lei com raízes na eternidade, ou seja, a Mente do próprio Deus. Cultivar os frutos do espírito é tão importante quanto cultivar a terra; se você abandonar o trabalho, acabará se tornando um arbusto selvagem, mesmo que plantado na vinha do Senhor. E se você for adubado com fertilizantes não espirituais, acabará se assemelhando àquele que precisa da lei, pois, por si só, tende a se submeter à lei da corrupção: querer fazer o bem e acabar fazendo o mal. Para que serve um homem assim?

Procurem ter unanimidade de sentimentos uns para com os outros; não sejam

altivos, mas se humilhem diante dos humildes. Não sejam prudentes em sua avaliação.

Sendo todos parte do mesmo corpo, a teoria de que a individualidade se encontra na diferença é uma filosofia criada exclusivamente para a escravização mental das massas. A Unidade de Pensamento e de Sentimento não anula a Personalidade, mas a fortalece; não extingue o Pensamento do Eu, mas o enriquece. Mas quem busca dividir os homens para dominá-los e transformá-los em escravos é obrigado a ver na Unidade Universal de Pensamento e Sentimento o inimigo de sua política e filosofia escravocrata. Ou será que o edifício vê na Igualdade entre seus tijolos um crime contra a Individualidade de suas partes? Ou não é o pensamento e o sentimento de todas as células de um corpo o mesmo diante de uma ferida, diante de um fato? Será que o fato de o pensamento e o sentimento de infinitas células serem os mesmos faz com que esse corpo perca a personalidade? Ou será que a loucura já não é o efeito da divisão dentro do próprio corpo, neste caso centrada na mente? Ou será que o fato da felicidade universal rompe a felicidade individual?

Não retribuam o mal com o mal; busquem o bem aos olhos de todos os homens.

Nossa Força é nossa Esperança e é a partir dela que devemos articular nossas ações. Sabendo que ninguém é mau por natureza e que a ignorância é a mãe de todos os erros, retribuir o mal com o bem é nosso Poder, tanto mais benéfico quanto mais terríveis forem as circunstâncias para seu exercício. Pois a fé provém das obras daquele que crê, realizadas por Deus naquele que crê para a salvação daquele que não crê. E que obra mais grandiosa, em nossos tempos de terror e corrupção, do que retribuir o mal com o bem! As oportunidades pertencem a cada um.

Na medida do possível e na medida em que depender de vocês, mantenham a paz com todos.

Sempre estabelecendo os limites que o direito à Vida e o Dever de preservá-la impõem contra aquele que, ao matar-te, mata a si mesmo e causa a morte de quem poderia viver graças à defesa de sua vida por ti. Pois, considerando que a Necessidade da Morte de Cristo se consumou, e como houve Necessidade, houve Morte, nós, filhos de Deus, uma vez consumado o Sacrifício Expiatório, não estamos obrigados a nenhuma outra Necessidade além de levar a Salvação até os confins do mundo, sem recorrer à Violência, crime que custou a Adão a Queda e aos nossos pais carnis o Castigo pelo pecado cometido por aquele filho de Deus. A Paz, e não a Guerra, é o instrumento de sopro pelo qual nossa Mensagem de Salvação Universal percorre as nações. Ora, essa Paz não anula o direito à Defesa.

Não façam justiça por conta própria, amados, mas deixem espaço para a ira de Deus; pois está escrito: “A mim pertence a vingança; eu farei justiça, diz o

Senhor”.

Nem mesmo ser filho de Deus nos leva a fazer justiça por conta própria ou por meio de outrem, dirigida por nossa vontade em nome de Deus. À Justiça cabe o julgamento. E se ela falhar, com mais frequência do que se imagina, que se dane o louco que quis zombar de todos, acreditando escapar ao Poder da Justiça Divina. Sofrer o mal com paciência é a glória do forte no espírito, e ajudar quem é mais fraco a permanecer firme nessa força, a glória de Deus.

Pelo contrário, “se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; pois, fazendo isso, acumulas brasas acesas sobre a cabeça dele”.

É nosso dever, no entanto, impedir que o mal se espalhe e jogue brasas no fogo da ira divina. Por isso:

Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem.

E que bem maior pode o homem fazer para vencer o Mal do que cumprir a Vontade de Deus?

Obediência às autoridades públicas

Todos devem estar sujeitos às autoridades superiores, pois não há autoridade senão sob Deus; e as que existem foram estabelecidas por Deus,

Aqui entra o que entra por onde entra, e a verdade se impõe para que a oposição à autoridade injusta não entre em conflito algum com a justiça da autoridade que o Apóstolo apresenta em seu estado ideal. A manipulação do texto se presta, de forma desleal, a deturpar o sentido apostólico nessa postura de obediência incondicional à Lei que emana de uma Autoridade justa. Assim, precisamos analisar essa Obediência a partir de duas posições firmes, estratégicas e de valor universal, na medida em que falamos da Autoridade que provém de Deus e não da Morte. De um lado, temos a Doutrina da NÃO Violência que emana de Cristo, se materializa em sua Cruz e leva à renúncia a qualquer ato de violência, mesmo em legítima defesa, em razão da legalidade das leis do mundo ao qual Ele se aproxima para pregar a luz da Verdade Eterna. Por outro lado, temos que a obediência à autoridade é entendida como Justiça Divina, à cuja Lei toda criatura deve obediência eterna em razão da perfeição imperecível que a justifica e se estabelece como Direito sobre todas as nações da Criação. Ou seja, não podemos ir pregar o Evangelho a uma nação pagã empregando não apenas a Palavra, mas também a Força. A obediência devida às leis dessa sociedade — as melhores para seu estado, em razão de sua situação no tempo — impõe a necessidade da legalidade da ação dentro da ordem estabelecida para essa sociedade concreta. Mas isso, que vale para a pregação e se mantém como comportamento dentro da

sociedade cristã, não exclui a Legítima Defesa da Sociedade Cristã quando um poder, externo ou interno, a ataca com o intuito de destruí-la. Pois se a Legítima Defesa para proteger a Vida do cristão e de sua Sociedade fosse um ato contra Cristo, a existência do cristianismo ficaria desprotegida diante de forças não cristãs que, de dentro ou de fora, têm como objetivo a destruição do reino de Deus. E se o próprio Deus se levantou contra o inimigo de sua Casa, não sei como sua Casa poderia permanecer desprotegida diante daquele que busca a destruição de Deus. Daí se vê que a Não-Violência é inerente ao espírito de Cristo, que sua Obediência à Justiça se entende em relação a Deus e que a Desobediência se manifesta na Não-Violência contra a Autoridade imposta à Sociedade não por Deus, mas pela Morte. Pois, olhando para a História, a Revolução de Gandhi foi tão legítima quanto a Revolução Americana, apesar de ambas terem optado por caminhos aparentemente opostos. A desobediência dentro da não-violência contra quem pretende derrubar nossa sociedade torna-se uma resposta em legítima defesa quando aquele que pretende destruir nossa sociedade está disposto a nos destruir para perpetuar o estado de crime que está na origem da desobediência cristã à justiça humana. E isso que, aparentemente, poderia estar em contradição com as palavras do Apóstolo, é uma oposição, como digo, apenas aparente. Ou seja, dentro da sociedade moldada ao espírito cristão, a obediência à autoridade é sagrada, sem, por isso, anular a conduta contrária à perversão da lei por interesses privados não sujeitos à justiça divina; o que se traduz em uma desobediência NÃO violenta, mas sim ativa, com o objetivo de aperfeiçoar o humano em virtude da necessidade de assemelhar nossa sociedade à sociedade eterna. Por outro lado, permanecer passivo diante da perversão da sociedade cristã com base em uma obediência ilimitada às autoridades, isso sim é uma perversão do espírito cristão e uma submissão ao inferno dos interesses privados de setores que se colocam acima do interesse universal, na raiz da justiça divina. Qualquer um que desconsidere a complexidade da doutrina apostólica e pretenda sacralizar a obediência à autoridade, mesmo que estabelecida pelo diabo, seja a partir de um trono, de um púlpito ou de um senado, esse é um inimigo do reino de Deus, e não nos esqueçamos de que o primeiro a se levantar em desobediência contra a ideia da perversão da Justiça por meio da submissão do direito universal ao direito privado foi o próprio Deus.

De modo que quem resiste à autoridade, resiste à vontade de Deus, e aqueles que a resistem atraem sobre si a condenação.

Não é, portanto, uma rebelião levantar-se em desobediência contra a lei infernal de um grupo privado que impõe ou busca impor sua lei individual sobre e contra o direito universal — direito ao qual, de fato, toda lei e legalidade social devem se submeter. A intensidade da desobediência, no entanto, será uma reação proporcional à força daquele que a provoca, de acordo com a criminalidade de sua legalidade imposta. E se as revoluções indiana e americana foram tão legítimas, não menos legítimas foram a russa, a chinesa e a cubana, variando entre elas

apenas a necessidade de intensidade na luta pela liberdade. Ora, essa legalidade se transforma em crime quando é utilizada para levar a Violência revolucionária como motor de ação além das fronteiras. Conquistar o mundo com as armas da guerra e não da paz foi a desobediência que causou a ruína a Adão e ao seu mundo e condenou a humanidade a viver uma história escrita com o sangue de inúmeras gerações. Deus, contrariando Paulo, mas totalmente de acordo com ele, não dispôs todas as autoridades deste mundo, a menos que neguemos que, após Adão, Ele tenha entregado o mundo ao seu assassino. Mas, na verdade, Deus faz avançar as leis de toda sociedade para que o espírito da época e dos povos se aproxime o mais possível do Evangelho de seu Reino; graças a isso, o Império Romano estava perfeitamente preparado para assimilar o cristianismo, embora nada nem ninguém pudesse impedir o primeiro choque. Assim, legalizado o Império designado por Deus para abrigar seu Reino, e exposta a Necessidade da Morte de Cristo, a doutrina da Não-Violência, mas a atividade desobediente implícita na postura social do cristão diante de um direito limitado e, no entanto, estagnado no tempo, era a Obediência Cristã que, posta em prática, tornou possível a Vitória do Cristianismo, cujo Feito nunca foi igualado nem jamais o seria. Pois, se a revolução indiana de Gandhi custou sua própria vida, a revolução cristã de Jesus custou a de dezenas de milhares, demonstrando-se com essa diferença que Gandhi era possível na Índia, mas que sua revolução diante de um império como o romano — cuja lei distava muito da britânica — teria fracassado antes mesmo de nascer. A obediência à autoridade que vem de Deus, portanto, sempre; diante daquela que provém do homem e na qual o Inferno plantou: a revolução permanente.

Pois os magistrados não são de se temer para aqueles que praticam o bem, mas para aqueles que praticam o mal. Quer viver sem medo da autoridade? Faça o bem e terá a aprovação dela,

Palavras nas quais vemos que São Paulo tem em mente uma Sociedade Ideal, ou seja, o reino de Deus, regido por uma Lei Perfeita e Incorruptível, à luz cuja magnificência e bondade todas as nações da Criação caminham felizes, desfrutando eternamente da Liberdade e da Paz, das quais a própria Justiça é garante e as autoridades são seu reflexo para conter o crescimento do Mal assim que sua semente cai no campo da consciência. Em uma sociedade regida pela Justiça Divina, certamente, quem será aquele que temerá a Autoridade estabelecida por Deus para manter a Árvore da Paz sempre em flor, sempre viva! E, ao contrário, em uma sociedade fundamentada em uma lei bestial que tem como ciência o cultivo da Árvore da Guerra, quem será aquele que não se proclamará em desobediência perpétua! A aprovação de Deus não foi para aqueles que ficaram estagnados no tempo e deram as costas à Justiça Eterna, mas Ele aprovou a desobediência de Cristo e rejeitou aqueles que viviam com medo da autoridade, uma autoridade que Ele mesmo estabeleceu. Portanto, basear a obediência ilimitada do crente àquele que prega — ao nos submetemos aos nossos pastores — nessas palavras do Apóstolo é um erro tremendo, pois tira a Verdade do

contexto e deixa de lado o fato da necessidade da morte de Cristo, fato passado e que, consumado, inunda o ser de todos os filhos de Deus com a Luz que provém da liberdade. A obediência de todo homem é, portanto, a Deus e à Autoridade que Ele elevou sobre todo povo e nação: Seu Filho, nosso Rei eterno. Qualquer outra obediência de natureza ilimitada é um ato de rebelião contra a Vontade de Deus Eterno. Toda autoridade, mesmo que estabelecida por Deus no tempo, é apenas uma ponte que conduz a essa Autoridade Universal, aos pés da qual toda criatura deposita essa Obediência Ilimitada que alguns pretendem desviar para seus próprios pés. Deus, ao elevar Seu Filho ao Seu trono, anulou a obediência devida de toda criatura a qualquer outra autoridade que não seja a de Seu Filho. E é essa obediência a vara que mede o valor universal de toda autoridade humana. Se for de acordo com essa Lei, então certamente se dá o temor devido:

pois ele é ministro de Deus para o bem; mas, se praticares o mal, teme, pois não é em vão que ele empunha a espada. Ele é ministro de Deus, vingador para castigar quem pratica o mal.

E qualquer “mas” é uma incitação ao mal. Mas sempre entendendo que o espírito de Cristo é o Bem em si mesmo e que esse temor foi superado pelo Amor à própria Justiça Divina, de modo que, sem anular o Temor, sua existência se transfigura em Amor em virtude do conhecimento do verdadeiro Deus, Pai de Jesus Cristo, em quem vimos a Natureza de sua perfeição, que rejeita o interesse privado em detrimento do universal e submete tudo o que é individual ao geral, fazendo com que a Sociedade seja governada por uma Razão externa a todos, mas que, no entanto, está em todos, cujos fundamentos são a Verdade, a Justiça e a Paz; Árvore da Vida, cujo fruto é a Liberdade. Não se ajoelhar diante dessa Lei Eterna é rebelião contra a Autoridade de Deus. Foi a desobediência a essa Lei que causou a ruína de Adão e a condenação de seu mundo. E a Salvação chegou ao mundo quando se deu a desobediência à autoridade imposta pelos rebeldes a essa Lei, estabelecendo assim Deus e seu Filho, para sempre, a Revolução Não Violenta contra a Injustiça como caminho de Crescimento do ser. Todos aqueles que se rebelam contra essa Lei devem temê-la, como se viu em tantos casos em nossa História, pois o espírito cristão, levado ao extremo, se revolta invencível contra aqueles que, acreditando-se superiores a Cristo, tentam esmagar sua Sociedade em nome de conceitos falsos, entre os quais a autoridade que vem de Deus e a obediência ilimitada em função dessa razão são, sem serem os únicos, um deles.

É preciso submeter-se não apenas por medo do castigo, mas por consciência.

O cristão, portanto, não deve obediência ilimitada a ninguém, a absolutamente ninguém, nem no Céu nem na Terra, exceto à Autoridade que Deus elevou sobre todas as nações de Seu Reino. Ele é o rei, ele é o Filho de Deus, e não há criatura, no Céu ou na Terra, que possa reivindicar para si essa obediência sem se levantar em rebelião contra sua coroa e seu cetro. No mundo, cabe a nós formar a

Sociedade à imagem e semelhança da Sociedade eterna entre o Criador e suas criaturas, Sociedade fundada livremente por Deus e baseada no Direito que Lhe assiste sobre Sua Criação. E qualquer desvio da justiça que nasce da Verdade, com o intuito de impor um modelo de sociedade não sujeito à Paz que provém da Justiça Divina, é um ato de rebelião contra a Sociedade como um todo, que resulta em sua destruição ao minar os alicerces sobre os quais se erguem suas colunas. A Autoridade da Lei para impedir que isso aconteça não pode ser senão à semelhança daquela de quem provém toda a Autoridade, ou seja, onipotente. Se a consciência de ser apenas barro não detém o rebelde, a perpetuação da ação destrutiva só pode ser anulada por meio da punição que provém de um Poder sem limites, para que a punição recaia sobre o rebelde, seja quem for o indivíduo. Esse é o tipo de Autoridade Divina que tem sua antítese nos regimes que, sob o conceito infernal de obediência devida e ilimitada, fazem exatamente o contrário, ou seja, governar com uma lei subordinada ao interesse individual privado de uma família ou de um partido político — sem abranger todo o espectro de associações criminosas que se tornam lei para, a partir de sua própria justiça, impor seu regime de terror sobre um povo indefeso e abandonado à própria sorte pelo direito internacional não universal — pensando em Darfur.

Portanto, paguem-lhes os impostos, pois são ministros de Deus dedicados a isso.

Logicamente, o crescimento social implica novos problemas que exigem novas soluções e, independentemente dos conflitos de interesses, devem ser resolvidos a partir da legalidade desobediente da obediência natural às leis. O contrário — que a lei temporal exija uma legalidade estática — é um delito que transforma essa legalidade em crime organizado e arrasta as gerações para a guerra civil revolucionária como única saída para o desbloqueio da situação ilegal criada a partir da legalidade esmagada pela autoridade. A Carta Magna Americana incorpora essa Legalidade Revolucionária como parte integrante de um sistema social em contínuo crescimento. O contrário, como se vê no sistema czarista, não poderia levar senão a uma ampliação das consequências, em razão da continuidade no tempo com que o crime organizado se manteve no poder sob o horror conceitual execrável de uma Obediência Ilimitada Obrigatória, que a Igreja Ortodoxa estimulou contra a Lei de Deus, que derrubou todo o poder para glorificar seu Filho, elevando-o como Rei Universal, e, a partir dessa glorificação, Deus libertou toda a sua criação da obediência devida às autoridades estabelecidas sobre os povos antes da fundação do Reino de seu Filho. Uma vez fundado esse Reino, nenhuma coroa tem sua origem em Deus, mas, como já dissemos, a de seu Filho, nosso Rei para toda a eternidade.

Pagai a todos o que devais: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra.

O que nos leva a diferenciar entre Império e Coroa Divina. De tal forma que

o Poder passou de império em império a fim de preparar a Civilização e conduzi-la de Direito em Direito até as portas do Direito Divino. É inútil, portanto, olhar para trás e julgar as nações nas mãos das quais Deus colocou o Cetro do Império, que, ao final do processo, deveria retornar às mãos de seu Filho, de onde nunca mais sairá, pela eternidade das eternidades. Estabelecida, então, a sociedade cristã sobre o Princípio Universal do Bem Comum, o Dever une-se ao Direito para estabelecer o Bem de todos com base no bem do indivíduo. Se o Todo está bem e a parte está mal, há um erro de princípio. E vice-versa: se o indivíduo está bem e a humanidade está mal, ocorre um tremendo erro de fim. O fim da justiça é o bem de todos para enriquecer o bem do indivíduo, repercutindo o bem do indivíduo sobre o bem de todos, processo de enriquecimento que Deus alimenta por meio do governo das Nações de seu reino pelo Conselho de sua Sabedoria Infinita

A perfeição da caridade

Não fiquem em dívida com ninguém, a não ser no amor mútuo, pois quem ama o próximo cumpriu a lei.

A infinita superioridade da Moral sobre a Ética decorre desse preceito eterno. Enquanto a Ética é o recurso de seres que renunciaram a superar a si mesmos e se recusam a continuar evoluindo ao final do percurso em que a Natureza abre as portas ao Espírito e entrega nas mãos de seu Criador a Criatura que sua Criação lhe deu à luz, em função da renúncia desses seres a abandonar a lei da selva, a lei ética substitui a inteligência do Espírito por uma Razão Animal que estabelece decretos entre os membros da própria espécie, resultando dessa imposição à força de que a obediência à lei só se aplica em relação à inferioridade do sujeito, mas nunca precede aquele que ordena a lei e se situa acima dela, invertendo o valor da Ética, que a rebaixa à condição de Crime quando traduz seu preceito máximo e supremo naquela alta razão que subordina a Natureza dos Meios ao Fim. Assim, enquanto a Ética se ordena em função dos tempos e obedece à razão dos legisladores, a Moral é eterna e estabelece o caminho entre o Fim e o Princípio, sem alternância recursiva derivada da capacidade ou da incapacidade do sujeito. A Ética ordena matar quando o fim é superior ao meio pelo qual esse fim é alcançado, cujas repercussões transformam o indivíduo em um mero objeto abstrato aos pés do bem político, fazendo com que a Ética arraste a Humanidade para os tempos dourados do sacrifício humano, agora não ritual, mas jurídico. Uma vez realizado o sacrifício, de fato, a justiça legaliza o crime, tornando-se, em seu comportamento, um apêndice assassino do poder ético que, deslocando os valores eternos da inteligência, os substitui pelos interesses temporários de um grupo específico. Sob a lei da Ética, portanto, o amor ao próximo é volatilizado, destruído, e no âmago onde a identidade entre os seres humanos provém da própria Natureza, estabelece-se a convivência por decreto, e esse decreto

arbitrário paira sobre a cabeça do homem em função da perversão do direito Natural e Divino que o Poder Político estabelece contra a Sociedade como um todo. Daí se vê que a Ética é a moral do Poder, na medida em que é o Poder que destrói a Lei para impor, por decreto, à Natureza a sua própria lei. Não há espaço para o amor entre os seres humanos, mas sim, e apenas, a convivência que decorre do decreto. Ora, até hoje, o universo inteiro reconheceu, de mil maneiras e em mil ocasiões, que o amor não se gera por decreto e que ninguém pode amar o próximo em função da vontade de outrem. Verdade apaixonante e irrefutável que transforma em fracasso o sucesso passageiro daquele que legitima o sacrifício do indivíduo em prol do bem do universo, por trás da retórica do qual não se esconde senão a dialética criminoso do Poder Ético. Que cada um dê agora o nome que quiser àquele que, por decreto, destrói a Moral e coloca em seu lugar a lei das bestas, entre as quais, é verdade, a força é a mãe da razão social. E o que é o Governo por decreto senão a força do Poder à ponta da arma? Entende-se, portanto, que, não tendo valor moral seu império, o Poder deva inventar uma justificativa social que desculpe seu sacrifício; a essa justiça chama-se Ética.

Pois “não cometerás adultério, não matarás, não roubarás, não cobiçarás”, ou qualquer outro preceito, resume-se nesta sentença: “Amarás o próximo como a ti mesmo”

A lei da Verdade, a lei moral, ou seja, a lei do Amor, é mais forte e infinitamente mais poderosa para fundamentar a estabilidade da Sociedade no Espaço e no Tempo do que qualquer relação baseada no domínio do decreto. A partir da Ética, eu não roubo nem mato, a menos que se cruze em meu caminho uma causa superior de envergadura política e histórica infinitamente maior do que a vida do indivíduo, cuja realização torna o sacrifício do indivíduo não apenas aconselhável, mas um dever ético que o Grupo de interessados deve impor a si mesmo se quiser alcançar esse fim específico. Não há, portanto, nada que diferencie a Ética do Poder da Ideologia do Terrorismo, exceto que o Poder possui a legalidade para o sacrifício, enquanto o terror sacrifica fora da lei da Ética Política. Não se estabelecendo a relação entre o indivíduo, entre o homem e a Sociedade a partir de uma Força Natural que leva à identificação de todos com todos na Origem Universal de todos em um mesmo Núcleo, o remendo que o Poder, após destruir esse Núcleo, aplica sobre a História, retirando a Moral, fruto dessa Origem, e substituindo-a pela Lei Ética, ou seja, pelo Império da Força, nada mais é do que um remendo na parede, uma barragem circunstancial criada às pressas para conter as águas da destruição de uma sociedade atacada de dentro por forças aniquiladoras que, sob o disfarce do Direito, nada mais fazem senão causar a ruína da Sociedade sobre a qual imperam por meio de Decreto. Por amor à humanidade, cometem-se loucuras maravilhosas, mas, por lei, não há ninguém neste mundo que ofereça a outra face ou dê suas sobras ao pobre que morre de fome na esquina. A lei que provém da Ética prefere dar as sobras ao seu cachorro do que a esse vagabundo moribundo, rastejante, nojento, imundo e cheio de

piolhos. Somente a lei que provém da Moral desperta a consciência, , mesmo contra o próprio interesse, e abre mão do que é seu — como poderia ser a felicidade que vem do conforto — para compartilhar com o próximo o pão e, como já vimos muitas vezes, até mesmo a própria vida. O decreto ético é ineficaz para gerar esse comportamento e, por ser ineficaz, sua lei é desumana, pois mata uma das partes naturais mais importantes da inteligência: a Consciência. Não vamos condenar a Lei da Natureza, que é Moral, por causa do comportamento de alguns poucos. Nem todos os que existem são, como diz o provérbio popular

O amor não faz mal ao próximo, pois o amor é a plenitude da lei.

E não porque um apóstolo o diga. Basta abrir qualquer livro de Platão para ver Sócrates colocando o amor pelas coisas, incluindo o ser humano, como superior à simples manifestação das consequências a que essa força divina conduz a partir de uma postura interessada ou não fundamentada em uma razão ética. Sócrates é simplesmente *ero* e apenas isso: a superioridade do Pensamento que provém do Amor ao Homem sobre o Pensamento que provém da Paixão por alcançar uma posição cada vez mais elevada na Sociedade. Essa Ética do Poder não só não consegue cumprir a plenitude da Lei, pois, em seu desenvolvimento, sacrifica, em nome de seu fim, o homem que se cruza em seu caminho e transforma a própria Sociedade em um mero objeto sobre o qual se apoiar para alcançar seu objetivo. A Ética não só não consegue desamarrar o cadarço do sapato com o qual o corpo moral cristão — expressão eterna da moral natural — se move, como também, ao estabelecer o sacrifício humano como ato legal para alcançar o Poder, a Ética se torna uma ideologia criminosa que justifica os meios para atingir o fim. No entanto, parece que as verdades são menos verdadeiras dependendo de quem as diz; daí que, ao afirmá-la, São Paulo mostre que essa Verdade não é uma declaração filosófica originada da experiência mais desenvolvida adquirida pelos sentidos racionais do ser humano. Pelo contrário, parece que, dependendo de quem a afirma, uma mentira é mais verdadeira aos ouvidos de quem a ouve.

O dia da saúde está próximo

Entramos na reta final desta análise de um dos textos bíblicos mais polêmicos; e polêmico precisamente por duas razões fundamentais. A primeira, pela acusação sem fundamento que perverte a inteligência de São Paulo e a leva à suplantação da identidade do verdadeiro fundador do cristianismo. E a segunda, baseada na transformação desta Carta em um muro de divisão entre cristãos católicos e protestantes. Além do interesse daqueles que acreditam que a manutenção desse muro de separação entre irmãos na mesma fé — o que causa a paralisação do movimento dos braços de Cristo, impedindo-o de se mover livremente —, e acreditam que essa divisão seja motivo de um serviço muito grande à Causa do

Evangelho, conforme vimos ao longo desta análise do pensamento do Apóstolo a partir do pensamento de Cristo, estamos constatando que não há nenhuma fissura entre ambos os pensamentos, pois o pensamento de todo filho de Deus provém do mesmo Pai que nos gera para o bem da Esperança da Salvação Universal que nos alimenta a todos desde o início dos dias do cristianismo. São Paulo estava se dirigindo a cristãos nascidos de novo, crentes perfeitos que se preparavam para seguir seu Herói e Rei até o ápice da glória do Sacrifício. Quando fala da Justiça que provém da Fé, que nasce não da Lei, mas da Obediência à Vontade de Deus, São Paulo não está negando o Poder das Obras realizadas por Deus no cristão, conforme o próprio Jesus disse mil vezes: que a Palavra e as Obras, unidas, provêm de Deus para a Salvação de todos os homens. Palavra e Obras que, como se entende, se materializam no cristão e têm como objeto o homem que ainda não alcançou a Fé. Mas o fato de ter sido por meio das Obras e da Palavra que Deus gerou a Fé no homem é tão satânico negá-lo quanto, por absoluta ignorância, colocar obstáculos ou empecilhos a isso. É por meio das Obras do cristão e da Palavra do sacerdote que quem não crê descobre a Fé, ou seja, descobre Deus. A menos, é claro, que Seu Filho fosse um mentiroso e afirmasse que se deve fazer o que os sábios dizem, mas não o que fazem, afirmando, dessa forma, que o poder das obras é tão perverso quanto santo, dependendo de quem as realiza, e que a Palavra sem as Obras não só não gera a fé, como afasta de Deus aquele que ouve dizer que a fé salva, mas vê o que o orador faz: obras próprias de demônios amaldiçoados. Duas orientações claras emergem da questão, portanto. Primeiro, para quem tem fé, as obras, certamente, não podem acrescentar nada, pois já está salvo. Mas, como filho de Deus, o cristão tem o dever, em sua existência no mundo, de, por meio das obras, fazer com que o mundo descubra Deus. Sendo assim, o sacerdote, que prega a Palavra, e o cristão, que a põe em prática, não para sua própria salvação, mas para salvar o próximo, formam, por Deus em Cristo, um único Homem, com uma única Fé e uma única Obra, a saber, a Salvação de todo homem. E a segunda: que a manipulação de um texto bíblico em função de interesses e da mentalidade temporal é um crime contra Aquele que escreveu Seu Livro para, por meio das obras que Sua Palavra gera naquele que crê, atrair todos os homens de volta ao Seu Paraíso. Dito isso, com os pés na reta final, aceleramos o passo e corremos velozmente ao encontro da verdade, dizendo:

E já conheceis o tempo e que já é hora de vos levantardes do sono, pois nossa salvação está mais próxima do que quando acreditávamos.

Como já foi dito, a consciência do Apóstolo quanto à iminência da Primeira Perseguição Romana — que já pairava no ar sobre as cabeças daqueles a quem ele dirigia esta Carta — torna-se perceptível e nítida, revelando-nos o verdadeiro destinatário da mesma; sem conhecê-lo, o texto se presta à manipulação, que Lutero, em seu desespero, confinado entre as quatro paredes de uma cela, manipulou, sem consciência visível da perversão que estava cometendo ao esquecer que o Apóstolo estava se dirigindo a cristãos perfeitos, instruídos nos

mistérios da Salvação pelos próprios Discípulos de Cristo, o que equivale a dizer o próprio Espírito Santo da Sabedoria Divina, que se derramou sobre os Apóstolos, conforme está escrito em Pentecostes, para edificar nos primeiros cristãos o Rebanho Imaculado que testemunharia com seu Sangue, diante dos olhos do Tribunal da História Universal sobre a veracidade do testemunho dos discípulos, a saber: o Filho Unigênito e Primogênito de Deus se fez homem no seio da Virgem das Profecias, foi crucificado para a expiação do pecado de Adão e ressuscitou para a redenção dos pecados do mundo inteiro. E esse Filho chama-se Jesus Cristo. E, falando para mentes perfeitas, a dissociação luterana entre Fé e Obras, como já afirmei anteriormente, não cabia em seus corpos, nem na alma, nem no espírito. Muito menos, já que iriam coroar seu testemunho Imaculado com a imolação de suas próprias vidas. Pois se, entre os antigos, colocar a mão no fogo ou provações semelhantes pôs fim à discussão sobre o valor de um testemunho, os primeiros cristãos — a “primícia”, como diria o apóstolo — iriam colocar não apenas suas mãos, mas todo o seu corpo no fogo. Daí se vê que, sendo filhos perfeitos de Deus, essa obra não poderia acrescentar nada à salvação que, com sua fé, haviam conquistado pela obra e pela graça de Deus. Mas não realizá-la, no entanto, era uma negação da Esperança da Salvação Universal, em vista da qual o primeiro de todos, Jesus Cristo, colocou Ele mesmo Seu Corpo na Cruz. “A fé por si só”, na medida em que a alegria da Salvação já foi conquistada e a vida eterna é o presente do Criador às suas criaturas. Mas “a fé sem as obras de Cristo”, como diria o Espírito Santo no apóstolo Tiago, ou seja, o próprio Espírito Santo: a fé por si só, sem as obras, é fé morta. Obras cujo fruto não é a salvação pessoal — que se dá como certa —, mas a salvação do próximo. Pois, certamente, nem Cristo Jesus nem seus discípulos tinham necessidade de morrer para salvar a si mesmos ou enriquecer uma fé que era, em todos os aspectos, perfeita. Eles agiram, morrendo, pela salvação do próximo. Assim, nesse sentido, tão perfeito é o protestante que anula a obra como meio de salvação pessoal, quanto perfeito é o católico que age, a partir da fé, para o bem daquele que não crê. Daí se vê que a crítica de Lutero às indulgências não só foi legítima, mas provinha da consciência do Espírito Santo; pois não eram as obras das indulgências que salvavam, mas as obras da fé. E quanto a essas Obras, Divinas, Imaculadas e Perfeitas, tudo está escrito: dar de comer ao faminto, dar de beber ao sedento, vestir o nu, socorrer a viúva e o órfão... Ver Cristo Jesus é ver essas Obras em ação. Obras e Fé, os dois braços do mesmo corpo.

A noite já está bem avançada e o dia já se aproxima. Despojemo-nos, pois, das obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz.

Acaso não se percebe, no horizonte dessas palavras, a visão para a qual, por Predestinação, se dirigia aquela Geração Imaculada, perfeita, em todos os aspectos Santa e divina, corpo do Espírito Santo, que o Deus da Eternidade havia encarnado em Cristo Jesus para a salvação de toda a sua Criação, concedendo-lhe todo o Poder e toda a Glória para Reinar sobre todos os Povos e Nações do Reino

de Deus? E por acaso a noite de que fala o Espírito Santo em Paulo não é aquela parte do ser que, sendo carnal, em sua inconsciência adia esse Dia, essa Hora, arrastada pelo horror natural diante do espanto da própria execução? Paulo é direto e, com sua palavra, derrota essa inconsciência e levanta-se o primeiro para colocar-se à frente daqueles sob cuja Glória luminosa, sendo uma única coisa com Cristo Jesus, o Herdeiro eterno do Deus Eterno, governam pela eternidade das eternidades o Reino de Deus. São Paulo não profetiza, mas sacode esse horror inconsciente e anuncia o amanhecer do Dia e da Hora para os quais foram gerados no Espírito Santo da Glória. O Espírito Santo estava em Deus, e era Deus, e se fez homem para deixar de ser uma realidade invisível e, adquirindo Nome e Corpo, governar a Casa de Deus pela eternidade das eternidades. Se a fé era a única razão que tinham para lançar seus corpos no fogo como prova do testemunho dos discípulos, Deus, para fortalecer essa fé, lhes deu o seu Reino, fazendo com que, pelas obras da fé do Espírito Santo, feito homem, viesse sobre todo o seu Reino a salvação de Sua salvação.

Andemos decentemente e como à luz do dia, não vivendo em farras e bebedeiras, nem em união estável e libertinagem, nem em contendas e invejas,

A Glória no horizonte, como esperança que guia com sua luz os passos do ser; quem crê vive com os pés no chão, no dia a dia, e seu dever é para com seu Criador e Salvador. Não há lei que proíba pôr em prática o que a Fé considera indigno da criação de Deus, que nos criou para a eternidade e não para desfrutar de uma vida mortal entre os dois extremos de cuja linha tudo é permitido, desde que não seja proibido pelas leis. A Lei de Cristo é superior à lei humana porque toda lei humana atende aos interesses privados de grupos específicos, mas a Lei Divina visa o bem de todos para fazer com que o bem do indivíduo e o bem universal coincidam em um mesmo corpo, sem diferença nem divisão entre ambos os bens. As leis humanas, com a desculpa de colocar o bem universal acima do bem individual, no fim das contas não fazem senão esmagar o indivíduo sob sua violência. A Lei de Cristo eleva o indivíduo à natureza do bem universal, tornando ambos uma única realidade, um fato indivisível, abolindo assim a desculpa infernal pela qual, em nome do universo, alguns esmagam justamente aquele a quem pretendem fazer tanto bem. O Modelo eterno? Cristo Jesus!

Revesti-vos, antes, do Senhor Jesus Cristo, e não vos entregueis à carne para satisfazer suas concupiscências.

De fato, não poderia ser mais claro. Por causa da Queda, aquela Imagem e Semelhança com a qual nascemos se perdeu nas trevas da Ignorância que levantou o próprio Julgamento contra o Pecado de Adão. Mas Deus, que, sendo seu Verbo eterno, é impossível que não alcance seu Fim, quis materializar o que, no Princípio, o Homem conheceu como Ideia: a Ideia do Ser, para que víssemos com os olhos de nosso rosto essa Ideia feita carne. Daí que, em outra passagem, o próprio Apóstolo tenha dito: Cristo, em quem está a vossa vida. Aquela Imagem

não foi anulada, mas, pelo Amor de Deus para com sua Criação, veio a ser enriquecida quando seu próprio Filho se encarnou. Estando, pela Fé, em nós a Palavra do Espírito Santo aos filhos de Deus do Primeiro Dia, sua Palavra permanece em nossa Fé para formar nosso código de conduta diante dos homens e de Deus

Os fortes e os fracos na fé

A moral é uma dimensão do Ser e, como tal, gera na consciência do ente espiritual — isto é, do ser inteligente moldado à Imagem e Semelhança Divina — uma força, um valor, uma atitude de confiança no EU, comportamento ontológico do qual deriva a perfeição de todos os princípios intelectuais nos quais se baseia o comportamento do homem diante de si mesmo e de seus semelhantes. Por isso, costumamos dizer muitas vezes de alguém que tem uma moral tão grandiosa quanto uma catedral. Os fundamentos morais do espírito, nessa ordem, são a seiva que alimenta a árvore da consciência, dotando assim o ser das forças necessárias ao crescimento de seu EU no espírito do Bem, à cuja Imagem e Semelhança o Ser foi criado no Homem. Mas, como já se vê e se deduz da própria estrutura do Gênero Humano, a infinita complexidade da Inteligência se revela e a descobrimos na necessidade multifacetada que todos temos uns dos outros, e, embora em Deus o EU tenha tudo, não é menos verdade que, enquanto Indivíduo, cada um de nós está tão intimamente ligado a todos os demais que conceber nossa existência isolada da Humanidade é um pensamento sem futuro em qualquer consciência humana. Somente em Deus podemos conceber nossa existência como completa, perfeita e alheia a qualquer necessidade de alguém ou de alguma coisa. Ora, vemos que esse mesmo Deus e nosso Pai quis preservar a Ordem da Vida em sua manifestação mais profunda e abrangente, a fim de que a própria Necessidade Vital seja a argamassa que faz de todos os homens um único Homem, cuja Cabeça — e é aqui que reside a Graça — é Jesus Cristo, nosso Rei e Senhor, em cujas mãos seu Deus e Pai de toda a Vida colocou a existência de todos os seres inteligentes, amantes do Bem, filhos da Liberdade e da Verdade, discípulos da Justiça e de toda a Paz, aspirantes eternos à Onisciência que provém da Sabedoria Divina, em cujas mãos toda a ciência — as conhecidas e as ainda a serem conhecidas — cresce como uma Árvore cuja copa toca o infinito e cuja raiz se afunda na própria eternidade. Vã é, portanto, a onipotência daquela Razão que fez da Dúvida seu *sine qua non* e pretendia transformar a Ciência em uma ideologia antidivina, alheia à Moral inata que, fazendo parte da estrutura ontológica do Ser, é o solo no qual o EU lança suas raízes no espírito do Bem, que é o espírito da inteligência, que se manifestou em Cristo a fim de que direcionemos os passos de nosso pensamento para a fonte luminosa da qual provém toda evolução: a Onisciência Divina. Será, portanto, a partir dessa plataforma moral de valor

eterno, perfeita e imutável, da maneira que a necessidade assim o exige, na Rocha que deve sustentar com sua solidez o edifício a ser construído, que a Unidade de todos no Ser seja nosso Dever e nossa Força, com a qual, desprezando até o infinito a ideologia maligna e perversa que determinou que a Igualdade do Ser fosse uma farsa e fez do Forte seu escolhido, ó Darwin-Hitler, nos dividiu em duas classes de seres, fortes e fracos, quando o fato é que a Força do Ser não provém da Natureza, mas da confusão criada a partir do dilema dos séculos, e que os sábios da Guerra, ora vestidos de druidas, ora de magos, e ontem mesmo e até hoje de cientistas, quiseram usar como um machado assassino, a saber: se o Mal existe e Deus é o Bem, como é possível que o primeiro exista... A humildade que provém da Inteligência não retira a fortaleza que provém da contemplação do Mal e se ergue para derrubar a ciência do inferno. Nosso Dever Cristão não é, portanto, para com aqueles que, em sua Fortaleza, se assemelham a nós, mas para com aqueles que, em sua fraqueza intelectual e de espírito, se deixaram confundir pelo dilema do Diabo, agora deixado para trás. As palavras do Espírito Santo em Paulo expressam o que Deus em pessoa vive, pois, de outra forma, Ele não teria vindo em nosso socorro ao se tornar homem em Seu Filho; e, se tivesse seguido o conselho dos sábios do demônio, teria devido socorrer Satanás e nos ter abandonado ao Inferno. Nós somos a melhor testemunha da Verdade. Nossa força é para quem ainda acredita que existe um dilema.

Acolham aquele que é fraco na fé, sem entrar em disputas de opiniões.

Arremessados ao inferno do conhecimento da Ciência do Bem e do Mal, não como quem conhece hipoteticamente, mas como quem aprende à força, levando golpes e vendo sua alma ser devastada; se é verdade que o que não mata fortalece e que quem sobrevive aos golpes se torna mais forte, da mesma forma que um osso quebrado se recompõe para ficar duas vezes mais sólido, exatamente dessa maneira, pois era inevitável que o Julgamento Divino fracassasse no seio da Lei, causando com sua corrupção um buraco negro no reino da Justiça eterna; e já obrigados a frequentar a Universidade da Vida no meio do reino das trevas, governado pela Morte, Deus quis nos tornar mais fortes e redobrar a força moral do nosso Ser da maneira acima descrita. O conhecimento dessa verdade é a base da força que nos torna mais fortes, e não nos deixarmos esmagar pelo golpe que provém da Morte é a raiz do fortalecimento que vence e faz de todos nós sobreviventes do Inferno no qual fomos lançados porque, sem saber o que estávamos fazendo, acreditamos que, conhecendo o Mal e o Bem, seríamos como Deus. O que eu não daria, ó Deus, por nunca ter conhecido essa Ciência amaldiçoada. Mas deixemos de lado as lamentações e voltemos a olhar uns nos outros nos olhos. Somos os cristãos, somos o que há de melhor e mais belo que brilha ao sol diante dos olhos daquele que tem o Poder de fazer de todas as coisas o que melhor lhe aprouver. Somos o futuro de toda criatura inteligente, somos os filhos de Deus por quem a Terra e os Céus se uniram em um abraço perfeito desde o início dos tempos. A fraqueza de todo pensamento provém da Dúvida, e a

Dúvida é fruto da Morte. Deus é o pai de toda a Ciência, sob cujos princípios e leis se ordena a Criação e, seguindo cujos caminhos, cresce o Cosmos. E não há ciência no universo que não provenha dos princípios e leis aos quais Ele conformou todas as coisas. Então veio a Morte; sim, é verdade, mas para fazer o pensamento duvidar da verdadeira natureza do Espírito do Criador do Homem. E essa Dúvida, cuja máxima expressão de perversidade alcançou o status de Método, é a seiva maligna que alimentou o desvio do pensamento científico da Ciência da Criação para o reino da Ciência da Destruição. O século XX foi sua consequência, sua obra visível mais terrível. Sobrevivemos não por nossa força, mas pelo desígnio daquele que, em seu tempo, disse: “Façamos o Homem à nossa Imagem e à nossa Semelhança”, ou seja, indestrutíveis. E depois repetiu em sua Vontade, dizendo: “Tua descendência se apoderará das portas de seus inimigos”. Somos os cristãos e somos invencíveis pelo espírito que nos foi dado, espírito de inteligência e sabedoria, de entendimento e fortaleza, de conselho e temor de Yavé. Somos os filhos de Deus. Quem ousará enfrentar-nos sem cavar sua própria sepultura? O tempo, como diz o Apóstolo, está se esgotando. Não há mais tempo para a dúvida. O Universo é nosso por Direito Divino. Nossa batalha não é contra os homens, mas contra a Morte; deixemos que eles nos combatam enquanto avançamos em direção ao Século que está por vir e colocamos todas as coisas aos pés de nosso Rei, Pai e Senhor.

Há quem acredite poder comer de tudo; outro, magro, tem que se contentar com verduras.

A substância multiforme que derrama a essência da inteligência da Fé em nosso Povo implica a diversidade de caracteres, mas não de valores morais, que são eternos e têm no espírito do Bem sua fonte. Cada um de nós tem sua Origem naquele que disse “*Eu sou o que sou*”, de cujo caráter herdamos o poder de dizer: “*Eu sou o que sou*”, e sendo cada um um átomo de sua consistência, um ramo da árvore de sua existência, cada EU tem sua própria natureza; e conhecer qual é essa natureza, sem sombra de dúvida, é o epicentro fundamental a partir do qual revolucionar nossa própria consciência, a fim de podermos nos manter de pé diante de nosso Criador, que nos criou para correr de pé ao seu encontro e não para viver de joelhos, nem distantes, nem assustados, virando-lhe as costas. Não temos nada do que nos envergonhar e temos todas as razões do universo para nos alegrarmos por sermos quem somos. Independentemente do que comamos, todos somos um: o Homem, criado à Imagem e Semelhança de seu Criador, chama Deus de Pai, e Deus, olhando para ele, diz: “E tu és meu filho”.

Quem come não menospreze quem não come, e quem não come não julgue quem come, pois Deus o acolheu.

O que importa não é o momento, mas o fato. Assim como em uma corrida de revezamento, em que enquanto uns correm, outros aguardam seu momento e outros descansam, mas a vitória é de todos, a moral cristã implica uma

concentração do Ser no Eu, que tem sua parte no Plano Universal de Salvação e corre pela pista da História, escrevendo com sua Vida a linha que lhe cabe. Ninguém é insignificante. A insignificância é para quem duvida e não vê o Criador em sua Criação, e, atordoado pelas grandezas, cai no poço suicida e homicida da aniquilação do Ser. O espírito de filhos de Deus que nos foi dado e no qual fomos gerados pela Sobrenaturalidade de nosso Criador, que vimos em ação aqui embaixo na Terra, essa Sobrenaturalidade nos ergue a cabeça e nos mantém de pé quando o terremoto abala nossa consciência, e lá onde outros saem correndo e se entregam à Negação do Ser, justificando na NÃO Existência o comportamento geocida e homicida que representam, nós

caminhamos pela estrada do infinito como quem tem a eternidade diante de si. O Tempo e o Espaço não nos assustam; mais ainda, somos tempo e espaço encarnados, e sobre essa fusão Deus derramou seu Espírito. Nosso desprezo é o desprezo que pulsa em nosso sangue contra aqueles que, dizendo ser sábios, minam o futuro da Criação. Entre nós, os cristãos, não pode haver senão compreensão e entendimento, porque a Vontade de Deus assim o exige, e porque todos fomos mantidos na ignorância para que, pelos fatos, toda a criação veja por que Deus odeia com tanta força a Ciência do Bem e do Mal.

Quem és tu para julgar o servo alheio? Para seu senhor, ele permanece de pé ou cai, mas permanecerá de pé, pois poderoso é o Senhor para sustentá-lo.

Ser cristão implica a invencibilidade. Não pela força que provém das armas, como se viu em nossa vitória sobre nossos primeiros inimigos mortais, romanos e judeus, mas por legado divino. Somos descendentes de Deus. A confiança em nossa vitória é o elemento decisivo que nos faz sulcar o mar dos séculos e, embora, aparentemente, os maremotos e as tempestades apocalípticas que anunciam o desaparecimento de nossa linhagem da face da Terra tenham colocado nosso futuro em risco, a História, mãe de todos os acontecimentos registrados, nos abraça com suas páginas de sucesso e estende a nossos pés páginas em branco para que escrevamos nela mais conquistas. A borracha não funciona neste livro. Mais ainda, onde quer que o sangue cristão seja derramado, ali se enche o tinteiro da História para escrever em suas páginas a ruína de nossos inimigos. Basta abrir o livro da História Universal para ver o fracasso de todos os movimentos anticristãos que se levantaram para exterminar nossa Linhagem Divina da face do mundo, e basta olhar ao redor para ver quem serão os próximos a afundar no poço do esquecimento, e apenas sua memória suicida permanecerá registrada para servir de sabedoria aos nossos filhos, e que saibam e compreendam que o cristão tem, como raiz de sua linhagem, a Divindade, e que seu futuro não tem fim. O fim de todos os outros povos, por outro lado, está escrito, e, no tempo certo, se cumprirá o desígnio do Criador, que, em Cristo, chamou todas as nações a , e aquela que se recusar será apagada da face de toda a Criação. De Deus, de fato, é o Poder e o Julgamento.

Há quem distinga um dia do outro e há quem considere todos os dias iguais; que cada um proceda de acordo com o que sente.

Permitam-me agora falar por mim mesmo e dizer que faço parte dos primeiros. Cada dia é um milagre, cada dia é uma aventura, cada dia é um fragmento do caminho de uma vida, neste caso, a minha. Ora, cada um tem sua postura e seu coração para celebrar um dia mais do que outro, seja 24 de dezembro ou qualquer outro. A partir disso, que parece tão tolo, os bispos das primeiras igrejas ergueram um muro de inimizade, chegando até a excomungar uns aos outros por causa de ser este ou aquele dia quando se deveria celebrar a Paixão ou o Nascimento, por exemplo. Como se, em sua tolice, Jesus nascesse ou morresse tantas vezes quantas eles quisessem. Não há nada de errado em celebrar um dia em vez de outro, se for uma questão pessoal; o problema começa quando essa questão pessoal quer se impor, sob ameaça de excomunhão, a todos aqueles que vivem o dia de acordo com seus sentimentos. Daí se vê que, se se permite que um tolo chegue a ser bispo, as igrejas — como rebanhos conduzidos por um pastor sem cérebro que levaria as ovelhas para o território dos lobos — sucumbem ao pecado e desobedecem ao Mandamento Divino sobre a Unidade Cristã Universal. E vemos, ainda hoje, como as próprias igrejas continuam se enemistando por motivos tão infantis, para não dizer ridículos, como se o batismo devesse ser feito com um fio de água ou afogando a pessoa em um rio. Qualquer um diria que se tem mais ou menos espírito dependendo de se usar mais ou menos água; afirmação conclusiva que deveria causar vergonha alheia a todo aquele que se envolve em tal disputa.

Quem distingue os dias, pelo Senhor os distingue; e quem come, pelo Senhor come, dando graças a Deus; e quem não come, pelo Senhor não come, dando graças a Deus.

Isso decorre da transformação da fé em um poder pessoal, como se disséssemos que a submissão do cristão ao rito de um sacerdócio ou pastorado específico se tornasse uma prova do poder próprio sobre o cristão. Sabemos, no entanto, que o cristão não deve obediência a ninguém, a não ser a Jesus Cristo. Aqui na Terra, assim como lá no Céu, a Obediência Universal é ao Rei, e somente diante do Rei toda criatura se ajoelha. Assim, se alguém deseja comungar com pão e vinho, outro com pão e outro com o pensamento, a liberdade do cristão está acima da forma; pois Deus não julga seus filhos pelo número de ritos e suas manifestações, mas por suas obras, seus pensamentos e suas palavras. Se você quiser comungar com pão e vinho, faça-o; se você quiser com uma simples hóstia, faça-o; mas nem o pão, nem o vinho, nem a hóstia são algo em si, mas sim suas palavras, seus pensamentos e seus atos diante de Deus e dos homens. E quem discute sobre essas coisas não serve a Deus, mas ao Diabo.

Pois nenhum de nós vive para si mesmo, nem morre para si mesmo;

A vida do cristão, na verdade, não está voltada para si mesmo, mas para o próximo. É óbvio que Jesus Cristo não veio para salvar a si mesmo e, sendo nosso

Modelo, gerados em seu Espírito, não há nada mais grotesco do que fazer de nossa vida um caminho de salvação pessoal, quando, pelo fato de sermos sua descendência, temos a vida eterna, na qual, mesmo sendo mortais e estando sujeitos às coisas da carne, se move nosso pensamento.

Pois, se vivemos, vivemos para o Senhor; e, se morremos, morremos para o Senhor. Em suma, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor.

Sua Imagem e Semelhança. E, na medida em que somos filhos de Deus e seus discípulos, nossa existência é uma extensão da Sua, da mesma forma que o ramo é do tronco, e o fruto dos ramos, igualmente, do tronco. Daí se vê que nossos frutos são o fruto Dele em nós. Nossa vida no mundo, à semelhança da Sua, não tem outro objetivo senão o próximo. Da mesma forma que Ele não viveu para si mesmo, mas para nós, seu próximo, uma vez nascidos do Espírito, somos Ele em nós para o próximo. Vede, pois, qual é a grandeza de nossa Linhagem e por que Deus nos concedeu a Invencibilidade. Grandeza que amputamos e mutilamos com nossas disputas e Invencibilidade que acorrentamos com nossa divisão.

Foi por isso que Cristo morreu e ressuscitou, para reinar sobre os vivos e os mortos.

E o contrário, que Ele tenha morrido para salvar a si mesmo, vê-se que é um erro tremendo. Tão grande quanto aquele que limita esse Domínio ao se separar do tronco — na vontade, e não no corpo — e, desprezando os demais ramos, rompe com o espírito que move toda a árvore das igrejas em função de questões de primazia ou de ritos; por meio dessa ruptura, limitando o Movimento Divino de Cristo, o Herdeiro Vivo do Deus Verdadeiro e Senhor Universal de toda a sua Criação.

E você, como julga seu irmão? Ou por que despreza seu irmão? Pois todos nós teremos de comparecer perante o tribunal de Deus.

Todos, certamente, desobedecemos ao Mandamento da Unidade Universal. Uns rompendo com os outros por causa dos pecados destes, assim como estes, por seus pecados, fazendo com que aqueles rompam. Deus não disse “todo reino dividido em si mesmo não subsistirá”, como se excluísse desta Verdade aquele que, com seu comportamento, provoca a ruptura da Unidade; o Julgamento se estende a todo o seu Reino, por ter dividido o Corpo das igrejas, criando inimizade entre os cristãos, fazendo com que Cristo se encontrasse na situação do homem que está caído no chão e não pode fazer nada além de ver como o mundo segue seu curso. Chamados todos perante o tribunal de Deus, não é ali que devemos pôr fim às nossas diferenças, mas, sábios pela Inteligência recebida, conquistamos o Juiz perante o qual devemos nos apresentar com a Unidade que provém da Obediência à sua Vontade cumprida, justificando a sua Graça em nossa Ignorância e o seu Perdão em sua Sabedoria.

Pois está escrito: “Vivo eu, diz o Senhor, que todo joelho se dobrará diante

de mim, e toda língua prestará homenagem a Deus”.

É algo doce dobrar os joelhos diante daquele que tanto nos amou a ponto de não poupar seu Filho Unigênito, o Filho de suas entranhas, quando quis conquistar nossa vontade. Ele jamais nos abandonou, a não ser pelo tempo necessário devido à Necessidade Universal exposta pela Queda. Ora, como nosso próximo dobrará os joelhos se entre nós há quem não o faça, desobedecendo à Sua Vontade?

Portanto, cada um prestará contas a Deus por si mesmo.

Filhos e servos de Deus que somos, é à Sua Vontade que devemos obediência, e é por essa obediência ou desobediência que cada um de nós terá de responder perante o Senhor de todas as igrejas. Quem obedeceu à Sua Vontade Unificadora para prestar-Lhe homenagem com sua fidelidade; quem desobedeceu para ouvir contra si a sentença. Pois, como já dissemos e sabemos, sendo Imagem e Semelhança de Cristo, nosso dever é exclusivamente para com a Vontade Divina, e a partir dela, e de acordo com nosso comportamento, será medida nossa Fidelidade à Fé que nos tornou herdeiros da Invencibilidade dos filhos de Deus.

Não nos julguemos, portanto, mais uns aos outros e, acima de tudo, cuidem para não colocar tropeço ou escândalo ao irmão.

A fé é única, e a árvore da vida é igualmente uma só, e todos os ramos fazem parte de seu corpo, cada um com sua singularidade manifesta, na sabedoria presciente de que todos são alimentados pela mesma seiva. E seria absurdo e demoníaco, se já estivermos à beira do precipício de onde se avista o inferno, que uma, por não ver a seiva que alimenta a outra, dissesse à outra que elas não pertencem à mesma árvore. Sendo a fé uma só, o Senhor de todas as igrejas é o próprio Jesus, e o Pai de todos os cristãos é o próprio Cristo, em quem todos somos adotados por Deus para desfrutar da liberdade da glória de seus filhos; sendo assim, é absurdo, como disse antes, que, por um rito externo ou por uma celebração de acordo com o sentimento, a desobediência na ignorância se transforme em rebelião aberta contra a Vontade Unificadora. É responsabilidade mútua ajoelhar-se diante do Deus de todos, deixar de lado as disputas; e quem quiser se casar, que se case; quem quiser comungar com pão e vinho, que comungue; quem quiser celebrar o Pentecostes no verão, que o celebre. Tudo isso não é nada, e tudo é a Palavra Profética do Messias: “Tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, estive nu e não me vestistes, na prisão e não me visitastes, doente e não viestes me consolar”. Quanto ao resto, que cada um faça conforme lhe ditar a consciência; pois, sendo a consciência de todos alimentada pela Consciência daquele que é a Cabeça de todos, ninguém fará nada que seja repreensível diante de Deus.

Eu sei e confio no Senhor Jesus de que nada n’Ele é impuro; mas para o que julga que algo é impuro, para esse, é.

E como poderia o Corpo de Cristo ser impuro, sendo sua Cabeça pura?

Também é verdade: quem estiver livre de pecado que atire a primeira pedra. Daí se vê que, sendo todas as igrejas ramos da mesma Árvore da Vida, é impossível que um ramo não seja cristão e outro seja extremamente cristão. Se conquistar glória em um duelo medieval para ver quem tem mais fé é digno ou indigno de um filho de Deus, eu não sei; só sei o que me foi ensinado e, do que aprendi, deduzo que a Fé é a mesma em todos e se manifesta em cada um com uma força diferente, para o bem da salvação de todos aqueles que ainda não descobriram Cristo em nossa Fé. E que nossa divisão é a causa de que essa descoberta esteja distante daquele que já deveria viver na fé. Não havendo nada impuro na fé de Cristo, nossa fé, é impossível que tudo nela não seja puro, a menos que alguém venha do inferno, o que, como se vê, é impossível, tendo em conta que a semente do diabo não pode dar frutos cristãos.

Se, por causa da tua comida, teu irmão se entristece, já não andas na caridade. Que aquele por quem Cristo morreu não se perca por causa da tua comida.

A responsabilidade é universal e diz respeito a todos, mas principalmente ao forte. Pois se, no mundo, o forte deve esmagar o fraco, dominá-lo e sacrificá-lo aos seus interesses, no Reino de Cristo é o Forte quem deve ceder o passo, conceder para que aquele que, por sua natureza espiritual, é mais fraco se sinta à vontade, e não elevar a voz como quem pretende erguer-se como o trovão do Onipotente. Pois nem ritos, nem dogmas, nem tradições, nem igrejas, nem comunidades justificam a dominação de um cristão sobre outro. Aquele que recebe inteligência a cem por cento, assim como aquele que a recebe a trinta por cento, nenhum deles possui nada próprio; ambos são nada. Aquele que dá, Jesus Cristo, é Tudo. E o que Ele dá, dá para o bem de todos e não para a exaltação da glória de quem recebe. Se, portanto, Deus te concedeu ciência e a mim sabedoria, nada somos nós, a não ser o trabalho conjunto dessa ciência e dessa sabedoria na busca do Bem de todos. Assim, ao distribuir Seus dons e poderes entre todos, devemos nos submeter a todos, pois o padeiro não é inferior ao engenheiro; ao contrário, quando Deus escolheu Seu Herdeiro entre nós, no Princípio dos séculos, colocou-o para cultivar a terra — o mais humilde de todos os trabalhos que conhecemos, pois não requer nenhuma instrução em ciências e letras. Pois Deus queria ensinar a Seu filho que a glória é Sua e que quem a recebe não o faz por méritos próprios, mas por disposição de Sua Onisciência Salvífica; e, evidentemente, a última coisa que um filho de Deus deve fazer é usar o que recebe para oprimir o próximo. Essa foi a causa da Queda. Tolo, portanto, aquele que voltar a tropeçar na mesma pedra. Se um homem sozinho é sábio, dois o são ainda mais, e milhões formam um esboço da Onisciência de Deus. Essa Unidade de todos em um é o Fim Metafísico a partir do qual Deus criou o Princípio. E o contrário, que o orgulho daquele que recebe pelo que recebe se transforme em muro entre o homem e Deus, é um delito.

Que vossas boas obras, portanto, não sejam motivo de calúnia

Não busquem a glória própria como quem se deu a si mesmo ou se fez a si mesmo, negando com essa doutrina para gênios que Deus tenha disposto tudo ao mesmo tempo em que afirmam que foi ele, e não a Natureza, quem moldou suas células e músculos. Aquele que tem algo de gênio deve isso à Natureza, certamente; o que tem de tolo, na verdade, deve a si mesmo. É, portanto, um delito usar a fé para se glorificar diante daqueles que são ganhos para Cristo.

Pois o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo.

Por que o mundo que julga o cristão, embora tenha sobrevivido à sua morte no mundo cristão, prega a comida e a bebida para o povo e reserva para si a justiça e a paz, negando justiça e paz ao povo enquanto o embriaga e entorpece seus sentidos com banquetes prejudiciais à sua saúde? A bebida é um mal terrível e a comida, por excesso e vício, outro mal que causa infinitos males ao corpo. Aquele que se propõe a conquistar grandes metas, e até mesmo as mais humildes, não se afasta da bebida que leva ao delírio e da comida grosseira para preparar sua mente e seu corpo? Quanto mais todo filho e servo de Deus está sujeito a esse domínio sobre sua mente e seu corpo em razão da meta que nos propomos: a salvação da humanidade.

Pois aquele que, nisso, serve a Cristo é agradável a Deus e aceito pelos homens.

Mas alguns dizem: “Afinal, Cristo comia e bebia”. Ao que eu respondo: Sim, e Ele também fazia suas necessidades e, além disso, suava profusamente. Mas isso não justifica que nossos filhos tenham que continuar sujeitos às leis do trabalho às quais Ele esteve sujeito. Daí se entende que essa justificativa é perversa e própria apenas para tolos. O que convém a todo filho de Deus é afastar-se da bebida e consumir alimentos apenas na medida do necessário. A alegria do espírito eterno que vive em nós se deleita na justiça e na paz, e não na satisfação de instintos nascidos da exposição milenar de nossa carne e nosso sangue aos ardores dos ventos infernais. Enquanto um homem se embriaga, uma dúzia cai sob as rodas da injustiça. Enquanto um homem come sem moderação, dez morrem de fome. Se não for pela consciência divina, pelo menos pela humana.

Portanto, trabalhemos pela paz e pela nossa edificação mútua.

Não há neste mundo obra, fim ou empreendimento que supere essa meta: a Paz, a reconciliação na fraternidade universal entre todas as nações. Ora, sua realização é fruto da perfeição humana. Assim, da mesma forma que era impossível que um bárbaro compreendesse as ciências e um bruto, as leis, é totalmente impossível que uma sociedade alcance, por meio da corrupção, a meta da paz. A sociedade é formada por aqueles de quem depende sua perfeição: nós mesmos. Portanto, comecemos por nos aperfeiçoar para combater a corrupção. Pois a corrupção é o pior inimigo da convivência social. E onde quer que a

convivência social seja violenta, a corrupção será seu foco. Começando pela nossa própria perfeição, colocamos a primeira pedra sobre a qual o Edifício da Paz abrirá suas portas para as gerações que nos sucederão.

Não destruas, por amor à comida, a obra de Deus. Todas as coisas são puras, mas é ruim para o homem comer de forma a escandalizar.

Há duas razões que aconselham a perfeição dos costumes do nosso Eu social. A primeira foi apresentada por nossos filósofos há muito tempo: “Mente sã em corpo são”, lei que faz corresponder os hábitos de nossa vida cotidiana à saúde da mente, entendida como pensamento. E a segunda é de ordem divina: “Dá de comer ao faminto”. Mas como vou dar de comer se como até estourar, de tal forma que nem mesmo os porcos comeriam assim? É bom, portanto, que as festas fiquem para os mortos e, para os vivos, o passo a passo com o qual Cristo trilhou seu caminho.

É bom não comer carne, nem beber vinho, nem fazer nada que faça com que teu irmão tropece, se escandalize ou vacile.

A individualidade, de fato, é inimiga do EU na medida em que esse EU se afasta do Ser e forma uma aliança com a própria barriga. O que é uma forma de falar como qualquer outra. Somos filhos de Deus antes de tudo, mas seres sociais acima de tudo. Nosso EU não é um átomo perdido em um universo de moléculas soltas flutuando nos abismos da inconsistência do ser. De forma alguma. Quando eu jogo fora um pedaço de pão, uma criança morre em algum outro lugar do mundo. Cada vez que abro uma garrafa em algum outro lugar do mundo, ressoa um julgamento assassino contra um inocente. Não sou o mais forte por beber mais do que ninguém, nem sou o maior por comer melhor e mais do que todos. No fim das contas, não sou mais do que um bicho ruim. O vinho foi criado para abafar a voz da consciência contra os próprios crimes, mas a Fé é alegria; e a mesa, para transformar os homens em cães aos pés dos poderosos. O Alimento que Cristo possuía e dá aos seus não é pão nem vinho, mas Espírito e Vida eterna. Por isso dizia antes que quem quisesse celebrar a missa com vinho e pão ou com hóstias abençoadas, ou comê-las da mão do padre ou da própria, que cada um faça o que quiser, pois nem uma coisa nem outra é o Alimento com o qual Deus alimenta seus filhos.

Guarde para si e para Deus a convicção que você tem. Feliz aquele que não tenha de se repreender pelo que sente.

Deus é, em primeira e última instância, quem molda o perfil de seus servos e de seus filhos. Mas, ao contrário das coisas inanimadas e de todas as criaturas do universo, que obedecem ao conjunto de leis ou instintos aos quais seu comportamento está sujeito por decreto natural, nós temos o poder de nos olhar no espelho e remodelar essa figura segundo nosso capricho, seja por impulso, seja por ideologia. No âmbito da evolução de cada um de nós, a experiência sugere

pensamentos e razões que pertencem à esfera pessoal e são intransferíveis. O delito começa quando essa experiência se propõe como uma transferência e é universal obrigatória. Por um lado. E, por outro, quando se pretende divinizar essa experiência, chegando ao extremo de incendiar o mundo, se necessário, com o objetivo de provar a superioridade do próprio pensamento. A experiência e sua lição são assunto de cada um. E sendo Deus quem, no tempo certo, abre a flor e espalha sua semente, se a raiz é boa, por que o fruto seria ruim?

Aquele que, duvidando, come, condena-se, porque não age de acordo com a fé; e tudo o que não provém da fé é pecado.

Encerrando esta parte. Pergunto: alguém realmente acredita que São Paulo estava falando da comida que entra pela boca?

Nós, os fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, sem nos satisfazermos em nós mesmos.

Desde sempre, e ainda mais neste ponto do caminho da História da Salvação, quando as forças humanas se descontrolam e galopam rumo ao fim consequente à lei: “Ês pó e ao pó retornarás”, referindo-se ao mundo inteiro, visto que Adão era a Cabeça do Primeiro Homem; por isso diz São Paulo: o Primeiro Homem era alma vivente, o Último, espírito vivificante. E em outra passagem: Jesus, protótipo de Adão, revelando-nos, pelo visível, o invisível; pelo presente, o passado. De modo que, sendo inevitável a jornada, a unidade no Último Homem, em quem vive o Futuro, deve ser mais sólida do que nunca, pois o que temos de ver nunca foi visto antes e não voltará a ser visto depois de nós.

Que cada um se esforce por agradar ao próximo para o seu bem, buscando sua edificação;

O Mal e tudo o que ele representa estão prestes a ser banidos da face da Humanidade. Nós, os fortes na Fé, aqueles que enxergamos o futuro na Promessa da vida eterna, devemos sustentar o ânimo e o passo daqueles que não conseguem compreender o que há do outro lado deste século. Do outro lado existe um Mundo governado pela Sabedoria do Deus da eternidade. Todos os males que arrastam o homem à sua destruição e governam seu destino desde a Queda estão prestes a retornar para onde vieram: a boca da Morte. Todas as religiões e todas as sociedades secretas, todas as organizações cuja origem está na manutenção do crime e da delinquência, estão prestes a ser apagadas da face da Terra, para que o Homem enfrente seu destino cara a cara, sem pressão nem força externa que manipule sua Liberdade para tomar a Decisão Final: Justiça ou Corrupção, Paz ou Guerra com Deus, a Verdade ou a Mentira, em uma palavra: o Bem ou o Mal.

que Cristo não buscou sua própria satisfação, conforme está escrito: “Sobre mim recaíram os ultrajes daqueles que me ultrajavam”.

Conhecendo esse Fim, que estava implícito em sua ressurreição, o Filho de

Deus sofreu por nós o golpe maligno deste mundo destinado a desaparecer da face e do Universo. Ele abriu caminho para nós, a fim de que abramos caminho para as gerações que desfrutarão da Vitória da Esperança que Deus gerou no início dos Milênios. O golpe final do mundo que surgiu da Morte e entrou em nossa raça pela porta de Adão, como o golpe final da serpente antes de expirar para sempre, será duro, mas não é menos verdade que, pensando nesse encontro, Deus nos criou à Imagem de seu Filho. O que tiver que ser, será.

Pois tudo o que está escrito foi escrito para nosso ensino, a fim de que, pela paciência e pelo consolo das Escrituras, permaneçamos firmes na esperança.

E que esperança é essa, senão que a humanidade, livre das forças malignas que se levantaram contra o Reino de Deus e transformaram nosso mundo em seu campo de batalha, tenha a oportunidade de decidir em liberdade e com pleno conhecimento de causa entre o Bem e o Mal, entre o Deus da Criação e a Morte da Não-Criação? Nossa fé, a fé dos filhos de Deus, é que, livre dessas forças e conhecendo a verdade sobre todas as coisas, o ser humano dirá seu “sim” à Criação de Deus.

Que o Deus paciente e consolador vos conceda um sentimento de unidade uns para com os outros em Cristo Jesus,

A Vitória da Fé vive na Esperança, e a Esperança naquele que a concebeu em sua Onisciência, com os olhos voltados para a Bondade do ser humano, cuja maldade, fruto da Queda, é uma doença passageira diante daquele que tem o Poder de fazer com que seu Espírito triunfe sobre a herança carnal dos séculos.

para que, unidos, a uma só voz, glorifiquem a Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Aquele contra quem a Morte se levantou, concebendo em um filho de Deus o Império do Pecado e do Crime como estado perfeito de governo do Universo, Esse mesmo Deus, que a Noé e por meio de Abraão reiterou sua promessa de vida eterna para a Humanidade em Cristo, é a Origem da Esperança Universal de Salvação, em cujo seio foi concebido o Princípio após o Fim, que procede da Inteligência que diz “Sim” sem necessidade de sofrer o golpe. De forma abstrata, digamos que Adão precisava ver para acreditar que o Fim de todo Mundo e Civilização sujeitos à lei da Ciência do Bem e do Mal, ou seja, à lei da selva, era a autodestruição. Deus sabia disso por experiência própria, mas nenhum de seus filhos conseguia compreender por que, tendo Deus, as coisas teriam que ser assim. Essa necessidade impôs sua estrutura aos milênios, criando, à medida de seu progresso, dois grupos bem diferenciados: aqueles que, sem ver mais, compreendem que o Fim é o ditame, e aqueles que acreditam que podem escapar desse Fim sem precisar abolir a lei da ciência do Bem e do Mal. Dar glória a Deus é acreditar sem ver. Sua palavra é verdade e é vida. Deus não mente. Ele não mentiu para seus filhos: “Se comerdes, morreréis”. E, ao , ao comer: “És pó e ao

pó retornarás”. A encruzilhada em que nos coloca é clara: ver para acreditar ou, deduzindo a partir do que vivemos, tornar desnecessário o desfecho e ajoelhar-se diante de Deus e confessar a verdade. Ele é verdadeiro, não mentiu quando proibiu a seus filhos qualquer invocação a essa lei amaldiçoada como lei da civilização. Quem a faz sua lei, morre.

Por isso, acolhei-vos uns aos outros, assim como Cristo nos acolheu, para a glória de Deus.

O chamado é para todos os homens, sem exceção, e é responsabilidade de todos os cristãos e de suas igrejas garantir que sua conduta interna não seja motivo de rejeição. Pois, se, por causa da divisão das igrejas, se perderem as almas pelas quais Cristo e seus irmãos em Deus derramaram seu sangue, o sangue dessas almas será exigido das igrejas, pois Deus não revoga sua lei: “Pelo sangue do homem, eu vos pedirei contas”.

Digo-vos que Cristo foi ministro da circuncisão em honra da veracidade de Deus, para manter firmes as promessas feitas aos pais,

que tiveram como núcleo a Revolução que frutificou na Abolição do Império e de toda a Coroa, no Céu como na Terra, e o Nascimento do Dia da Plenitude das Nações, quando o Rei, na plenitude da glória de sua Liberdade Todo-Poderosa, à frente de sua Casa, deveria combater o Mal e dirigir as forças de seu Reino contra o último inimigo, a Morte, libertando o ser humano de toda doença e carência. Consciente de que essa Fé e Esperança perderam, nos filhos de Abraão, os braços que as sustentavam, o Deus Eterno não poupou seu Unigênito — para empregar a metáfora histórica encenada no Sacrifício de Isaque, Unigênito de Abraão — para que, por Aquele que é Deus de Deus, gerado e não criado, da mesma Natureza Todo-Poderosa e Eterna que o Pai, a Esperança dos Pais de Israel encontrasse a Força Invencível daquele que, com sua Palavra, fez brilhar a Luz nas Trevas, libertando a Terra da Confusão à qual sua Solidão e o Silêncio de Deus a haviam destinado. Desde então, essa Esperança tem pulsado no seio da Fé, que é a Igreja, na qual Cristo Jesus deveria conceber para Deus filhos de sua Descendência, herdeiros das Promessas dos Pais, para, nas asas da virtude do Espírito de Deus, seguirem o Rei até a Vitória de Deus sobre o Império da Morte. Que assim seja.

E enquanto os gentios glorificam a Deus por sua misericórdia, conforme está escrito: “Por isso te louvarei entre as nações e cantarei louvores ao teu nome”.

Filhos e servos de Deus, saiam para ver a Luz que este Novo Dia derrama sobre a Terra. O que tinha de acontecer, aconteceu; o que está por acontecer, já está acontecendo. A Hora e o Dia pelos quais toda a criação suspirou já se concretizaram, e ouve-se a Voz da Esperança revelando a todas as nações o Conhecimento Verdadeiro da Divindade e sua Vontade Presente. Deixem a timidez entre os lençóis da Noite dos milênios; com o violão, o piano, o oboé, o poeta e o lírico, com odes e cantos, que as letras e as vozes dancem ao som do

Novo Dia.

E mais uma vez diz: “Alegrai-vos, povos, com o seu povo”;

Há quanto tempo, irmãos, toda a criação vem esperando por este Dia! O Dia em que Deus se levantaria de seu trono e, já não sujeito a outra Lei senão a do Amor, desdobraria a plenitude de seu poder, seu Ser, sobre nós, o povo abandonado às trevas e exemplo para todo o universo do continente ao qual conduz a lei proibida pela eternidade: “Quem comer, morrerá”.

E novamente: “Louvai ao Senhor, todos os povos, e exaltai-O, todas as nações”.

Da distância dos milênios, em Sua Mente, neste Dia — pois não podia conter em Seu peito esta Hora, desejando compartilhar Sua Alegria —, Deus abriu Seu pensamento aos Seus servos, os profetas, para que se regozijassem ao ver o fim para o qual tendiam todos os movimentos do Altíssimo. Éramos uma visão ao longe. Depois, tornou-se Promessa no seio da Igreja. E hoje já é um Fato. Deus nunca abandonou Seus filhos, mas, olhando para o Fim de todas as coisas, pediu-lhes o que de outra forma jamais lhes pediria: abaixar a cabeça, calar a boca e lançar o corpo ao fogo. Glória aos heróis que conquistaram a Eternidade para nós. E toda a Glória e o Poder Àquele que teceu suas vidas em Seu seio, dando à luz a Israel, vencedores natos, conquistadores do Infinito.

E mais uma vez diz Isaías: “Aparecerá a raiz de Jessé e aquele que se levanta para governar as nações; nele as nações esperarão”.

A espera chegou ao fim. A ansiosa expectativa da criação foi satisfeita e a Aurora do Dia dos filhos de Deus surgiu no horizonte. À frente está seu Pai, Rei e Senhor. Este é um grande dia para a Humanidade, mas ainda mais para o Cristianismo.

Que o Deus da esperança vos encha de alegria plena e paz na fé, para que abundeis em esperança pela virtude do Espírito Santo.

EPÍLOGO BIOHISTÓRICO

Estou plenamente convencido, meus irmãos, de que vocês estão repletos de todo o conhecimento, a ponto de poderem exortar-se uns aos outros;

E chegamos ao ponto em que a carga dos vagões do trem desta análise biohistórica do Evangelho de São Paulo aos Romanos encontra seu destinatário, nós, a geração na mente de Cristo e transmitida aos seus Apóstolos para fortalecer a Esperança da Salvação Universal, em cujo horizonte repousavam seus olhos quando, ao cair sobre eles as trevas dos tempos, Deus os consolava, permitindo-lhes ver a paisagem dos Milênios; e, no fim, nós, os filhos de Deus, descendentes de Cristo, nascidos para vencer e enfrentar o verdadeiro inimigo de Deus e do Homem: a Morte!

A necessidade que deu origem a esta análise, como disse, partiu da manipulação do texto desta carta, por um lado, e da perversão maníaca — reflexo da nulidade intelectual de seus promotores —, segundo a qual São Paulo, e não Jesus Cristo, foi o verdadeiro fundador do cristianismo. Se a primeira falsidade, segundo a qual a manipulação da Salvação que vem pela Fé e a obviedade da impossibilidade de alcançá-la pela Lei, passou a se tornar pedra de tropeço e ponto de partida para a divisão do Reino de Deus na Terra, transformando os irmãos em inimigos mortais, e conseguindo o Diabo, dessa maneira sutil, amarrar os braços do Corpo de Cristo, a fim de saquear a riqueza das nações e conduzir sua história ao campo de Gog e Magog, ou seja, à ^{Segunda}Guerra Mundial — que teria sido, se Deus não tivesse previsto esse encontro desde o início do cristianismo, o fim do Homem enquanto Homem —; contra essa obviedade, a Salvação pela Fé sem a necessidade da Lei de Moisés, ou seja, da circuncisão, que é o ponto que São Paulo deixa bem claro e defendeu no próprio Concílio dos Apóstolos, contra a “infalibilidade” de Pedro, calando-lhe a boca diante de todos aqueles em quem repousava sua liderança; contra a Salvação pela Fé Somente, vimos que Fé e Obras — ou seja, a ação do cristão no mundo à imagem e semelhança da ação do próprio Cristo — são as duas colunas sobre as quais se baseia a Vida do Cristão. Que o cristianismo nascido da Reforma tenha entendido “a fé por si só” exatamente como o cristianismo imposto pela teologia da Igreja Romana aos católicos pretendia é uma acusação injusta, à luz dos fatos que por si só atestam a grandeza e a magnificência da obra evangélica das igrejas protestantes, tanto no

país quanto no exterior.

Em **Lutero, o Papa e o Diabo**, expus claramente a origem do confronto entre Lutero e o papado. Vimos como a natureza maligna da Igreja Romana medieval — que, longe de se corrigir, procurou impor seus defeitos criminosos como parte da razão de Cristo — deu origem à tempestade luterana, sem cuja força imposta o bispo romano jamais teria abandonado seu comportamento assassino e maligno, mais próprio de um diabo do que de um servo de Cristo. Nesse zelo de Lutero, independentemente agora do fator humano, teve origem a exaltação da “Fé Somente”, que, se São Paulo a dirigiu contra a Circuncisão, Lutero a dirigiu então contra a Circuncisão Papal, ou seja, contra a Lei Romana segundo a qual todo cristão deveria dobrar os joelhos diante do bispo de Roma, ou perecer nas chamas eternas do inferno amaldiçoado criado pelo Papado. Esse termo é o que Lutero buscou ao ressuscitar a nave emblemática de Paulo, que enfrentou Pedro no Concílio dos Apóstolos e venceu a circuncisão com sua frase para a eternidade: “A fé, sem as obras da Lei; que Lutero resumiu contra o papado de Alexandre VI, os Leões numerados e os Santos Satãs dos séculos passados, dizendo: “A fé por si só”. Verdade eterna que quisemos destacar em seu verdadeiro contexto, defendendo Lutero sem condenar — erro da Reforma — o pecado da Igreja Romana contra a Igreja Católica. Erro que decorre da identificação imoral que o bispo romano fez de si mesmo com Deus e Cristo, tornando-se ele, em suma, a Igreja Católica. Erro de magnitude, igual às negações de Pedro, do qual, pouco a pouco, a Igreja Católica e o próprio bispo romano vêm se livrando graças ao sucesso de Lutero. Ainda restam algumas pontas soltas, mas o grande trabalho de colocar o Sucessor de Pedro em seu devido lugar e diminuir sua arrogância teocrática já está concluído. A fé sem as obras da circuncisão, do membro viril ou da mente, é claro; mas a fé com as obras de Cristo, sempre.

No entanto, escrevi-lhes com mais ousadia, em parte para despertar sua memória, em virtude da graça que me foi concedida por Deus,

E o segundo ponto contra o qual dei início a essa campanha tinha a ver com a falsa acusação e o perjúrio manifesto de que esse Paulo, o nosso Paulo, seria o verdadeiro fundador do cristianismo. Uma honra imensa que qualquer um gostaria de ter para si, mas que, na boca daqueles que a proferem, é um manifesto de demonização do cristianismo — manifesto que pretende salvar Cristo e condenar Sua Obra com a desculpa de que a Igreja não é Sua, mas sim desse rabino maligno que, desertando das fileiras dos judeus perversos, passou para o lado do inimigo a fim de perverter por dentro o Evangelho de Deus... É preciso ter um nível de inteligência abaixo de zero para dar credibilidade a um slogan de destruição do cristianismo cuja bondade reside em salvar Cristo. Salvar Cristo, de quê? Cristo já morreu, e não houve ninguém para salvá-lo. A demagogia da filosofia do obscurantismo ridículo é evidente na trama paranóica anticristã dirigida contra o nosso Paulo, esse Paulo que vive com o coração despedaçado porque aqueles

mesmos que ele ama são os mesmos a quem, como Pastor, ele conduz ao martírio. Como poderá um adorador das forças do inferno compreender alguma vez o tremendo sentimento de dor que viveram aqueles Discípulos cuja Missão era tanto mais árdua quanto não eram apenas suas próprias vidas que deviam ser lançadas ao fogo e servidas como carne no banquete dos circos, mas também aqueles mesmos que salvavam, em corpo e espírito, esses mesmos que deveriam segui-lo até o Altar do Sacrifício! As forças obscuras das trevas do gnosticismo, transformadas em escolas teosóficas, rosacruz, maçônicas e igrejas de Satanás, sempre tiveram a ordem sagrada interna de dirigir seus exércitos contra a Igreja, sabendo que, ao matar o tronco, perecem os galhos. Mas, para não revelarem suas verdadeiras intenções, atacaram nosso Paulo com a voz doce daquela Serpente que, revestida da glória de um deus chamado Satanás, enganou Eva com sua luz imortal. Nada poderia estar mais distante do nosso Paulo do que pretender ser o fundador do cristianismo, pois, para que alguém reivindicasse para si essa glória, deveria primeiro ter gerado a Cristo, e isso, meus amigos, é obra do Deus da Eternidade e somente Dele. O que Paulo sabia de si mesmo é o que lemos quando ele escreve sobre sua missão:

de ser ministro de Jesus Cristo entre os gentios, encarregado de um ministério sagrado no evangelho de Deus, para zelar por que a oferta dos gentios seja aceita, santificada pelo Espírito Santo.

Nada mais e nada menos. Pois lembremos que os Apóstolos, no início — e por terem sido formados à Imagem e Semelhança de Cristo Jesus —, dedicaram-se aos filhos de Israel e, por si sós, devido ao Selo Visível que Deus lhes havia dado, não podiam, por si mesmos, ver o que havia além do horizonte de sua terra natal. Visão que Deus promoveu neles, gerando esse Paulo, encarregado do ministério sagrado de direcionar os olhos dos filhos de Deus, da Descendência de Abraão, nossos Apóstolos, para a Plenitude das Nações, onde, à distância, nós brilhávamos, a Descendência Invencível, cujo Nascimento toda a criação tem aguardado ansiosamente desde que Deus prometeu aos filhos da Fé a Invencibilidade como Norma.

Tenho, portanto, motivos para me gloriar em Cristo Jesus no que diz respeito a Deus;

Claro que sim! Foi ele, o perseguidor dos primíssimos cristãos, que, consciente do terrível dilema que a Fé colocava no cenário da História Universal, olhou para o Futuro e recebeu daquele que abriu os séculos ao seu olhar a missão de abrir esse horizonte para seus irmãos em Cristo. Marcados pela experiência que haviam vivido, os discípulos de Jesus viviam o futuro dentro dos limites dessa experiência, e o Fim do Mundo, segundo eles o entendiam, estava para acontecer imediatamente. Filhos de Deus, cabia ao Pai a formação de sua Sabedoria; e, na qualidade de Pai, Ele gerou nosso Paulo para estender seu Conhecimento até o horizonte da Plenitude das Nações, sob cuja luz nos encontramos hoje, dois mil

anos depois.

pois não ousei falar de nada que Cristo não tenha operado em mim para a obediência dos gentios, seja por obra ou por palavra, por meio do poder de milagres e prodígios e do poder do Espírito Santo.

A sinceridade nunca foi a melhor virtude do Diabo. Mas é a maior em Deus. Conforme ele mesmo reconhece, nada foi inventado por ele, Paulo, mas falava exatamente como lhe havia sido mostrado, e falava porque lhe havia sido mostrado, e lhe havia sido mostrado pelo designio onisciente do Deus de todos. E quem quiser saber se sua doutrina provém de Deus não precisa recorrer a um pastor ou a um bispo; basta aproximar-se do Deus que o escolheu para ser instrumento de Seu Conhecimento entre as nações, pois quem melhor do que aquele que formou sua mente para dar testemunho de Sua obra!

De modo que, de Jerusalém até a Ilíria e em todas as direções, enchi tudo com o Evangelho de Cristo.

O orgulho é ruim, mas é bom que o homem desfrute do fruto de suas obras e se deleite no trabalho que realiza. Se isso é assim entre aqueles que trabalham para os homens, quanto mais satisfatório é o fruto do trabalho de quem trabalha para Deus! Paulo não pecou em nada, nem em palavra, nem em pensamento, nem em obras; de nada pode ser acusado perante Deus; e se alguém distorceu seu pensamento e seu Evangelho, que esse responda por seus atos. Santa é a mão que escreveu esta Carta e não há nela uma única letra ou acento que tire ou acrescente algo ao Evangelho de Deus pregado pela primeira vez por Cristo.

Acima de tudo, impus a mim mesmo a honra de pregar o Evangelho onde Cristo não havia sido mencionado, para não edificar sobre fundamentos alheios,

O homem não apenas ensina, mas é o primeiro a pôr em prática seu ensinamento. Ele não prega para enviar outros ao inferno, como quem cria mártires para vê-los morrer de seu palácio. Fé e ação; pregação e obras. A bênção em nome da descendência de Abraão era para todas as famílias do mundo; portanto, mãos à obra. E para que ninguém duvide, ele mesmo se lança o primeiro. Ele não cria um novo cristianismo, mas abre-lhe fronteiras; não traz um novo evangelho, mas estende sua esfera à plenitude das nações. E embora, para os imperfeitos e novatos nas coisas da Sabedoria, ele dissesse que não queria pisar no terreno de ninguém — o que nos permite ver que, desde o início, a Fé teve de crescer entre espinhos e sarças —, o fato é que o título de Apóstolo dos Gentios, que a Eternidade, para sua Glória, inscreveu em seu peito, é a justa recompensa que o fruto de seu trabalho merecia. Pois não nos esqueçamos de que, sendo cidadão romano, se tivesse permanecido em casa — e visto que a onda de perseguição de Nero não atingiu a Ásia Menor —, São Paulo não teria morrido ao lado de São Pedro. Seu destino, no entanto, estava selado:

conforme está escrito: “Aqueles a quem não foi anunciado o verão, e os que

não ouviram compreenderão”.

Não porque ele tivesse escolhido a Gentilidade como área de atuação, mas porque essa era sua missão, o horizonte sob o qual foi concebido. Ele poderia ter virado as costas para ela, ou ter limitado sua missão aos círculos onde sua vida não correria perigo, ou agir como aqueles pregadores que, em vez de pregar em terras alheias, preferem agir como pastores, roubando as ovelhas de seus colegas; também poderia ter vivido confortavelmente da troca de bens espirituais por bens materiais e ter morrido entre lençóis de seda, cercado por doces anjos femininos regando seu leito com o incenso de suas lágrimas. O difícil era chegar até um heleno e dizer na cara dele: “Seu Zeus é um conto infantil e somente em Jesus Cristo está o Conhecimento da verdadeira Divindade”. Ou a um romano que seu Marte não era deus nem da guerra nem de nada, mas, no máximo, a desculpa perfeita para justificar a adoração do poder em nome das riquezas. Se a primeira afirmação soava como zombaria, esta última soava como insulto. Não foi à toa que Deus o escolheu para ser a outra face de sua Bochecha.

Por isso, muitas vezes me vi impedido de chegar até vocês;

E o terceiro ponto que coloquei como foco desta Análise diz respeito à data em que esta Carta foi redigida. Trata-se de um ponto importante, pois integra Texto e Contexto em um todo coeso e nos coloca na plataforma perfeita a partir da qual podemos nos aprofundar na mente do Autor e compreender exatamente o que ele tinha em mente ao falar sobre a Fé, a Lei e a Circuncisão. Paulo dirigia-se a cristãos consolidados, maduros, perfeitos — uma comunidade romana à beira da perseguição de Nero, cuja perfeição moral era motivo de louvor entre as demais comunidades cristãs do império. O Autor não precisava se alongar diante deles sobre os preâmbulos da doutrina que já havia semeado entre eles. Quem lia sua Carta sabia perfeitamente do que Paulo estava falando quando lhes falava da Justiça de Deus sem a Lei. E, o que é mais importante, sabiam perfeitamente qual era o destino para o qual eram conduzidos pela fé. Por isso, essa Carta não poderia servir a ninguém como pedra de tropeço entre os cristãos da Igreja Romana e os cristãos da Igreja de Corinto, para dar um exemplo. Quando Paulo lhes falava da “fé sozinha”, todos eles, sem exceção — tanto os de Corinto quanto os de Roma —, entendiam a fé sem a circuncisão. E jamais, como Lutero pretendia fazer com que todos interpretassem: sem as obras da fé. Sobre isso, já mencionei em “*Lutero, o Papa e o Diabo*” que, uma vez que a Igreja Romana quis praticar obras da fé — as obras das indulgências —, desde que Lutero rejeitou essa doutrina maléfica, sua interpretação era igualmente correta. Pois, como todos sabemos, as obras da fé são as de sempre: dar de comer ao faminto, dar de beber ao sedento, vestir o nu, visitar o preso e o doente, e acolher aqueles que são perseguidos pela justiça por causa da injustiça das leis dos homens. Sem essas obras da fé, como diria Tiago, a fé é uma fé morta. E, como diria Lutero com infinita razão, as obras da fé, quando essas obras provêm da Circuncisão da Mente, realizada por um bispo ou por um pastor, por um profeta, por um iluminado ou por um louco, é a

mesma coisa: é uma infâmia, uma negação de Cristo. Tememos, portanto, que aqueles bispos romanos que negaram a Cristo por meio de sua pornocracia institucionalizada e da transformação do Vaticano em , uma escola de criminosos em massa, a fim de não ceder em suas pretensões dogmáticas, tenham manipulado a tese da Reforma, salvando sua liderança às custas da divisão entre os irmãos na fé. Lutero jamais quis dizer a fé sem as obras da fé, mas sim a fé sem as obras da circuncisão, neste caso do Papa, cuja faca operava a perversão do decreto: “Todo joelho se dobrará diante de Deus”, para que ele se colocasse no lugar de Deus, conforme está escrito nos Mandamentos da Igreja Romana do século XVI, em vigor desde o século XII, e que vimos perpetuados até bem entrado o século XX, quando os filhos de Deus tinham que se ajoelhar em massa diante do bispo romano, ou seja, o filho de joelhos diante do servo de seu Pai por possuir as Chaves da Casa! Incrível, mas verdadeiro.

Mas agora, já sem espaço nessas regiões e desejando ir até vocês há muitos anos,

O que nos leva à relação entre aquele que prega e o crente. Pois, certamente, a relação entre o cristão e aquele por meio de quem lhe é transmitida a Fé sugere um vínculo especial, mas não de tal forma que a Ação do Senhor seja anulada pelo trabalho do servo e este transforme o homem em seu próprio campo de exploração, como se o Senhor lhe tivesse entregue o que é seu e, ao mesmo tempo, expropriado seus filhos daquilo que lhes pertence por herança sobrenatural: o espírito da liberdade. Aquele que prega gera para Deus, não para si mesmo; dá origem a homens livres, não a escravos a serviço de suas paixões materiais e ambições carnavais. A recompensa do servo cabe ao seu Senhor, jamais ao homem, cuja liberdade eterna, liberta de todo símbolo sacrificial — seja na forma de animais, de indulgências ou de dízimos —, deve sua Liberdade única e exclusivamente a Deus, Pai de Jesus Cristo. O que, voltando ao início, não anula o vínculo eterno que se estabelece entre a Mãe e os filhos, a saber, o Amor. É esse vínculo que vemos fluindo por estas linhas entre Paulo e os cristãos romanos.

Espero encontrá-los de passagem, quando for à Espanha, e ser guiado por vocês lá, depois de primeiro ter me enchido um pouco de vocês.

O amor se sacia? Não é um rio que precisa beber de sua fonte para continuar vivo? A interdependência do cristão com a Igreja é, portanto, indivisível e coeterna. Daí que Deus a tenha elevado à natureza do Matrimônio com Cristo, fruto do qual somos nós. O contrário, ponto extremo da escravidão contra a qual Lutero se levantou e que a Reforma trouxe à tona, é um manifesto contra esse Símbolo de coeternidade gerado pelo próprio Deus, e faz do cristão e da Igreja: Mãe e filho.

Mas agora parto para Jerusalém a serviço dos santos,

Este Símbolo será o que faz de todos, filhos e servos, uma única coisa, e de

todos, como vemos nesta memória do Autor, um único corpo no qual a necessidade de todos é coisa de todos. Enfim, vimos isso no próprio Cristo Jesus, que, sendo a Cabeça de todos, fez da necessidade de todos o seu Corpo.

pois a Macedônia e a Acaia tiveram a bondade de fazer uma coleta em benefício dos pobres dentre os santos de Jerusalém.

E hoje por você e amanhã por mim, todos devemos agir sempre como se a necessidade do outro fosse a nossa. Ontem, hoje e amanhã, e se hoje essa Verdade esfriou devido à descristianização das nações, nosso dever é elevar esse comportamento ao nível do Direito, mas não do direito dos homens, que é pura falácia, como vemos ao nosso redor, mas do Direito Divino. E alguém me dirá: E como se pode fazer isso? Ao que respondo: Fique tranquilo, Deus providenciará; abra os olhos e contemple.

E eles assim o desejaram, considerando-se seus devedores, pois, se os gentios participam dos bens espirituais deles, devem servi-los com os bens materiais.

Cada um contribui com o que tem; e ninguém espera que o céu dê outra coisa senão luz, nem que o ar dê algo diferente do vento. A Igreja vive do fruto da Palavra de Deus em nós, e nós da Palavra de Deus que a Igreja semeou em nós. Isso no que diz respeito à relação entre os bens materiais e espirituais, que alguns pretenderam perverter a ponto de tornar o cristão um escravo do dom espiritual; daí se vê que, ao fazer da fé um instrumento de enriquecimento por esse mesmo meio, eles perdem todo o direito, pois o que é material não é espiritual e, sendo a fé comparada a uma picareta e uma pá, a negação da fé espiritual se considera consumada. Quero dizer: Deus é quem provê e, estando todos em Suas mãos, usar essa mão para explorar os outros é um ato de maldade que anula o dever do cristão para com o sacerdote ou pastor que se dedica a viver da carne das ovelhas. Doutrina que não é minha, mas sim a expressão, em letras e sinais, da conduta dos Apóstolos e das igrejas.

Uma vez cumprido isso, quando eu lhes entregar este fruto, passando por vocês, seguirei para a Espanha,

E, mais uma vez, para reforçar o distanciamento da “Fé de Paulo” daquela proclamação de Lutero: “Quando eu lhes entregar este fruto”. Jesus Cristo já havia dito: “Quem ouve as minhas palavras e não as põe em prática...”. E uma questão: ele chegou à Espanha? Ou sua viagem nunca se concretizou porque foi detido em Jerusalém e enviado a Roma para ser julgado? Ou, após ser libertado, foi para a Espanha, de onde retornou para morrer sob o reinado de Nero? Enfim, essas são considerações não doutrinárias que dizem respeito às memórias de Paulo, sobre as quais creio que já tudo foi dito.

e sei que, ao ir até vocês, irei com a plenitude da bênção de Cristo.

Se ele foi para a Espanha, por que voltou a Roma sabendo que o fim o

aguardava? Seria justamente por isso que ele pediu aos romanos que orassem por ele, para que sua força não enfraquecesse?

Exorto-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pela caridade do Espírito, a que me ajudeis nesta luta por meio de vossas orações a Deus por mim,

Curioso, portanto, o homem, e mais do que curioso, eu diria maravilhoso, o Autor, que viveu seu drama com a consciência do próprio Menino que, aos doze anos de idade, no Templo, descobre a Cruz de Cristo, e tem de viver até então com esta Verdade: Eu sou Cristo.

para que eu me livre dos incrédulos na Judéia e que o serviço que me leva a Jerusalém seja bem recebido pelos santos,

E, como tal, toda a sua vida, vendo os acontecimentos se aproximarem, é uma batalha interior contínua entre a força natural que defende a Vida e a sobrenatural que pede o esquecimento desse Dever por um Fim Divino que exige a Morte. No caso de Paulo, primeiro com os judeus, que já há algum tempo o procuravam para matá-lo por desertor e traidor à sua causa.

para que, chegando com alegria até vós pela vontade de Deus, eu me regozije em vossa companhia.

E, em segundo lugar, contra a força terrível que aquele que conhecia o local de sua morte teria de superar: Roma.

Que o Deus da paz esteja com vocês. Amém

